This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 400722

d08x
B24.00

PROPERTY OF
The University of Michigan Libraries
1817
ARTES SCIENTIA VERITAS

CANDIDO COSTA

O Descobrimento

DA

AMERICA E DO BRAZIL

TRABALHO HISTORIC'O, DE ACCORDO COM
AS OBSERVAÇÕES MODERNAS, EM QUE TAMBEM SE DEMONSTRA A ORIGEM
DOS POVOS AMERICANOS

Primeira edição

PARÁ — BRAZIL
TYP. DA PAPELARIA AMERICANA
17—Travessa de S. Matheus—17

1896.

CANDIDO COSTA

O Descobrimento

DA

AMERICA E DO BRAZIL

TRABALHO HISTORICO, DE ACCORDO COM
AS OBSERVAÇÕES MODERNAS, EM QUE TAMBEM SE DEMONSTRA A ORIGEM
DOS POVOS AMERICANOS

Primeira edição

PARÁ—BRAZIL
TYP. DA PAPELARIA AMERICANA
17—Travessa de S. Matheus—17

1896.

Ao Exmo. Dr. João de Oliveira Lamp
como testemunho de elevado apreço
pela eminente pessoa, de reconhe
mento e affecto por actos prat
cados em prol do meu pai

Off.e
Paulo

A PORTUGAL

Como preito de homenagem e reconhecimento á sua alta magnanimidade e gentileza, identificando-se com a minha Patria na correspondencia de affectos que o nobilitam.

A'

MEMORIA VENERANDA

DE

Meus Paes

RESPEITO E GRATIDÃO.

A' MEMORIA

DE

José Marcellino Pereira de Vasconcellos

Espirito-santense operoso, que legou valiosos subsidios de inestimavel valor para a historia da sua terra.

PREITO DE JUSTIÇA.

Ao leitor

Em 6 de Junho do anno findo, querendo contestar um artigo anonymo, sob a epigraphe—Um erro official de historia—que julgava erronea a consagração do dia *3 de Maio* como data do descobrimento do Brazil, comecei sobre este assumpto, em um dos orgãos da imprensa do Maranhão, uma serie de artigos, e, entre outras cousas, disse:

—Não nutro a estulta vaidade de alcançar louros immerecidos, pois nenhuma gloria me cabe na execução deste trabalho, visto ser elle apenas uma consulta aos livros publicados por escriptores de merito, que se occuparam com interesse do inicio da nossa historia.

Para que o publico possa ter conhecimento perfeito e exacto de que não são concludentes as opiniões dos que contestam a veracidade do dia official da commemoração do descobrimento do opulento paiz em que habitamos, passo a demonstrar assertos de historiadores *emeritos*, que testificam ser a data de 3 de Maio a

que se deve adoptar como do dia em que esta parte do continente americano viu os primeiros arrebóes da civilisação. *(a)*

Assim, direi que de facto o Brazil foi descoberto no memoravel dia 22 Abril de 1500, consoante a auctoridade dos melhores historiadores, devendo-se, porém, hoje observar o reparo feito no calendario Juliano, em virtude da reforma do Papa Gregorio XIII.

Esta data é confirmada pelo abalisado historiographo brazileiro dr. Alexandre José de Mello Moraes em sua bem elaborada «Chorographia historica, chronologica & do Imperio do Brazil, havendo entretanto escriptores e historiadores que a contestam; como sejam: d. Jeronyno Osorio, bispo de Silves, Damião de Góes, Sebastião da Rocha Pitta, frei Gaspar da Madre de Deus e outros, dando-a no dia 24 de Abril.

Os bons historiadores, porém, não admittem-na, acceitando todos a opinião auctorisada de Pero Vaz Caminha, testemunha presencial e de vista, que era escrivão da armada de Cabral, e que, no dizer do douto sr. Ferdinand Denis, era dotado de raro talento de observação, tendo nelle o Brazil o historiador no proprio dia do seu descobrimento.

Além disso ha tambem a asserção confirmativa da referida data, constante da exposição do piloto, que escreveu a navegação do intrepido almirante portuguez,

---

(*a*) Antonio Gonçalves Gomide, em 1822, por insinuação de Diogo de Toledo Lara Ordonhes, deputado á Assembléa Constituinte, o qual não tomou assento, propoz que fosse destinado o dia 3 de Maio para abertura do parlamento brazileiro, em honra do descobrimento do Brazil.

Essa idéa foi acceita, e a Constituição Politica do Imperio consigna-a no *art. 18, bem assim* a Constituição da Republica no Decreto n.º 155 B.—de 14 *de Janeiro de 1890.*

cujo documento fôra traduzido em latim, e depois trasladado para a lingua italiana pelo geographo italiano João Baptista Ramusio, e, por versão deste idioma, publicado em 1814 pela Academia de Sciencias de Lisboa, visto ter-se perdido o original portuguez. *(a)*

Ha ainda outros que mencionam datas posteriores, como d. Antonio Caetano de Souza (25 de Abril), frei Bernardo de Brito (27), Damião Antonio de Lemos de Faria e Castro. (8 de Maio).

O que é sobremodo estranhavel é que depois do conhecimento dos valiosos documentos já referidos, haja escriptores que citem data differente em opposição á verdadeira; só sendo desculpaveis os que ignoravam em época anterior a sua publicação.

Os illustres padre Manoel Ayres de Casal, José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, Ferdinand Denis, d. Frei Francisco de S. Luiz, Abreu e Lima, Bellegard e Albuquerque, dr. Joaquim Manoel de Macedo, dr. Alfredo Moreira Pinto, dr. Silvio Romero, dr. João Maria da Gama Berquó, dr. Luiz de Queiroz Mattoso Maia, dr. Rodrigo Octavio, conselheiro Pereira da Silva; bem assim o distincto Oliveira Martins em sua «Historia de Portugal», os eruditos dr. Teixeira de Queiroz e A. X. Rodrigues Cordeiro, admittem como verdadeira a data de 22 de Abril.

O dr. Americo Braziliense, em suas apreciaveis —Lições de historia patria,— cita o dia 22 de Abril como data em que Cabral e sua frota tiveram á vista os primei-

---

(*a*) A carta de Caminha foi copiada por Munoz antes de 1790 no archivo da *Torre do Tombo*, em Lisboa, e foi publicada pela primeira vez em 1817 na *Chorographia Brazilica* do Padre Ayres de Casal, segundo a copia conservada no archivo da Marinha no Rio de Janeiro.

ros signaes de terra, confirmando assim a carta de Caminha e do piloto portuguez.

O illustre dr. Rodrigc Octavio, em seu livro—Festas Nacionaes—admitte 22 de Abril, como o dia em que pela primeira vez a gente de Cabral descobrira terra, então desconhecida na parte meridional deste continente, sendo hoje correspondente aquella data á de 3 de Maio.

O «Jornal do Brazil», em sua edição de Maio do anno findo, assim se exprime sobre esta data, mas de modo contrario ao acto do governo, e á affirmação de alguns escriptores:

«E o facto que ligeiramente relatamos é commemorado, porém, no dia de hoje por deliberação do governo provisorio; mas elle absolutamente não occorreu a 3 de Maio, porquanto corrigido, como se acha, o calendario por auctoridade do Summo Pontifice Gregorio XIII em 1582, verifica-se que não houve mudança de data, pois foram supprimidos 12 dias.

Parece-nos que o governo provisorio não desconhecia essa circumstancia e que tão sómente determinou elle a commemoração de 3 de Maio para não fazer seguir um a outro dous dias feriados, isto é 21 e 22 de Abril.

Que a correcção do calendario nada influiu é prova o feriado do dia 12 de Outubro, commemoração da descoberta da America, facto anterior á descoberta do Brazil.»

Penso que o topico do ultimo periodo é concludente, e a censura deve caber aos que deixam de observar a correcção do calendario.

Segundo a opinião dos astronomos, o anno so-

lar não tem exactamente 365 dias e um quarto, havendo uma differença de onze minutos e uma fracção:—«contava-se erradamente no anno solar 365 dias e 6 horas, quando effectivamente a sua duração é de 365 dias, 5 horas 48'47", 5, dando isso logar á differença de 11 minutos em cada anno, razão por que, a contar da época do concilio de Nicéa em 325, depois de Jesus Christo, até o pontificado de Gregorio XIII, reconheceu-se o erro de 10 dias em 1582; sendo, em vista desse facto, por bulla do mesmo Papa, ordenado que nesse anno o dia 5 de Outubro fosse considerado 15.

Essa reforma foi aconselhada por Lilio, sabio calabrez.

Com o fim de evitar no futuro novo desvio, devido á intercalação de dias em excesso em todos os 400 annos, foi decidido que os annos *seculares*, bissextos no calendario Juliano, só ficassem reconhecidos como taes quando o centesimo de seu millesimo fosse divisivel por 4.

Sejam supprimidos 3 dias por 4 seculos, porque, 4 annos seculares consecutivos, só ha um divisivel por 4.

Assim 1600 foi bissexto, 1700 e 1800 foram annos communs, e 1900, que terá só 365; mas será bissexto o anno 2000.

Diz o auctor desse calculo—que a reforma gregoriana não cortou absolutamente as difficuldades, por subsistir ainda um pequeno erro, que em 400 annos se eleva a quasi um dia! (0^d,944) Sobre este assumpto diz o dr. Teixeira de Mello, em suas *Ephemerides Nacionaes*, «para que o erro não tornasse a reproduzir-se, a mesma bulla ordenou que, no espa-

ço de 4 seculos, tres annos que deveriam ser bissextos não o fossem, a saber: os annnos de 1700, 1800 e 1900.»

Por este meio poz-se quasi completamente de accordo o anno civil com o anno astronomico. Serão necessarios muitos milhares de annos para produzirem a differença de um dia.

Assim, pois, 22 de Abril de 1500 corresponde perfeitamente hoje a 3 de Maio, a contar do anno de 1582, observando-se o augmento de 10 dias, e mais 2 nos annos seculares de 1700 e de 1800, que não foram considerados bissextos.

Esse modo de calcular é seguido pelo dr. Teixeira de Mello nas «Ephemerides Nacionaes», dr. Luiz de Queiroz Mattoso Maia em seu livro «Lições de historia do Brazil» e dr. Americo Braziliense em suas «Lições de Historia Patria.»

O que admira é que o erudito Visconde de Porto Seguro, dando o descobrimento do Brazil no dia 23 de Abril, embora mencione ter a frota de Cabral avistado a oeste no dia 22 terra desconhecida, não observasse a mesma regra de 12 dias, e sim a de 10, acceitando o dia *3 de Maio* com a correcção gregoriana, calculo que não é exacto, por não ser tomado o dia anterior.

Ha tambem o auctor de um livro sob o titulo —Lições de Historia do Brazil—que contesta ser o dia 3 de Maio a data da celebração do descobrimento do Brazil, podendo-se admitil-a (diz elle) como a da posse do nosso territorio pelos portuguezes; e acrescenta—que não se deve recorrer á correcção gregoriana para se invocar um facto muito posterior á introducção dessa reforma, mesmo porque

—partindo-se do dia 22 pela suppressão dos dez dias, não chegamos ao dia 3, mas ao dia 1.º ou, ao mais, ao dia 2 de Maio.»

Ha engano manifesto nesse calculo, visto o auctor não ter comprehendido no computo mais 2 dias dos annos de 1700 e de 1800, que não foram contados como bissextos.

O dr. Rodrigo Octavio commetteu erro mui semelhante, dando tambem dez dias, a partir de 4 de Outubro, contra a determinação da bulla, que manda contar 5 por 15.

A reforma do calendario, como se sabe, foi admittida em todos os paizes catholicos, adoptando-a a França em 1582, a Allemanha (catholica) em 1584, a Polonia em 1586, os paizes protestantes no começo do seculo XVII e só a Inglaterra é que acceitou-a em 1752.

A Russia é que ainda conserva o uso do calendario Juliano. *(a)*

(a) O calendario *Juliano* ou de Julio Cezar, dava ao anno solar, segundo o calculo de Sosigenes, 365 d. 6h. (amortisando-se a fracção de horas pela addição de 1 dia de 4 em 4 annos) ao passo que as observações dos astronomos do seculo XVI verificaram ser essa duração realmente de 365 d. 5 h. 48' 47", segundo os calculos de Lilio (365 d. 5 h. 48' 45", segundo Lalande.) Dahi veiu o ter-se accumulado uma differença (a razão de 1 dia em cada periodo de 128,5 annos) de 10 dias, contando-se antecipadamente pelo calendario as épocas solares: em 1582 o equinoxio, fixado para 10 de Março, só effectivamente se realisava a 21.

O cardeal Sirleto, o jesuita allemão Christovão Clavio e o medico italiano Luiz Lilio foram os auctores da reforma gregoriana. Consultado ainda o astronomo francez Foix de Candale, o Papa estabeleceu o novo calendario pela bulla de 24 de Fevereiro de 1582, dispondo: que a) para remediar o erro actual se tirassem 10 dias ao mez de Outubro de 1582, passando o dia 5 a contar-se por 15; b) para evitar de futuro a continuação do erro, se tirassem 3 dias, em cada 400 annos, de fórma que, dos annos seculares ou ultimos de cada seculo, que todos são bissextos, só um o fosse de 400 em 400 annos. Assim, ficando bissexto o anno de 1600, primeiro secular depois da reforma, deixariam de o

Além do que fica exposto, este livro contem elementos que comprovam o conhecimento que tinham da America antigos povos do Oriente e da Europa, antes que Colombo houvesse se aventurado á empreza de que resultou a sua maior gloria.

Em seu contexto não se revela a fórma elevada dos que se abalançam com a philosophia da historia a tornar sumptuoso e aprimorado o assumpto, que descrevo pela rama, sem fitar as altitudes a que os mais competentes possam attingir.

A parte relativa a Colombo não é um estudo critico de sua individualidade, nem tão pouco um exame detido dos successos da época em que o seu nome fulgurou na plana dos homens de coragem e de perseverança, dando-lhe o renome que occupou um grande espaço da historia.

Não entro tão pouco nos complicados meandros da lei geral da evolução para formar o conjuncto de apreciações philosophicas, até a época do grande acon-

---

ser os de 1700, 1800, 1900, tornando a sel-o o 2000, e assim successivamente.

A suppressão de 3 dias em cada 400 annos compensa a differença sem a egualar. 11' 13" X 400 annos dão 3 dias 2 h. 26': de modo que a correcção gregoriana mantem uma differença que de cyclo para cyclo cresce 1 h. 26'.

A correcção gregoriana foi acceite em Portugal no proprio anno em que foi promulgada e o mesmo succedeu em todos os paizes catholicos; os protestantes resistiram, acabando todavia pela acceitar sucessivamente, até á Inglaterra, no seculo XVIII. De toda a christandade, só a Russia e os paizes de religião grega contam ainda pelo *estylo velho*.

(V. Rohrbacher, *Hist Egl cath.* V.XII, 639—40

Contando pelo *estylo velho*, ou Juliano, os russos conservaram o erro de 10 dias, e como desde 1582 accresceram mais 2 dias de differença por não fazerem a suppressão dos annos bissextos em 1700 e 1800, conforme o *estylo novo* ou gregoriano, succede que as datas russas differem no seculo XIX de 12 dias das dos povos occidentaes.

Assim, e para obviar a este inconveniente, os russos usam das duas datas v.g. $\frac{16}{28}$ de março, sendo 16 a data *juliana* e 28 a *gregoriana*.

(V. J P. Ribeiro, Diss. Chron. II, diss. VI).

tecimento pelo qual tornou-se conhecido definitivamente o continente americano.

O meu trabalho assignala apenas a estructura dos factos colhidos pela leitura de algumas obras e de escriptos esparsos, alguns pouco vulgarisados, mas de grande valor para os que se dedicam ao estudo consciencioso da historia, tendo por alvo o conhecimento perfeito da verdade, que deve ser a constante preoccupação dos espiritos pensadores em seus vôos altivos pelas regiões do saber.

Não tenho a velleidade de considerar perfeita a minha obra, e portanto é justo que dos leitores indulgentes espere complacencia, e dos criticos bem intencionados discussão sincera.

A America antes do descobrimento de Colombo

NIHIL NOVI SUB SOLE

O sr. Carlos Christiano Rafn, em memoria apresentada á *Sociedade dos Antiquarios do Norte,* de Copenhague, tradusida em portuguez na *Revista do Instituto Historico,* vol. 2.º de 1840, diz que, em seculos anteriores, os scandinavos já tinham percorrido muitas paragens da America. Segundo as tradições dos seculos IX e XI, existiam antes relações da Islandia com a Groenlandia, e os maritimos scandinavos desembarcaram por vezes nas costas da terra do *Labrador.*

Madoc, do paiz de Galles, emprehendera differentes viagens de longo curso com o rumo do occidente; e em uma dessas expedições fizera o descobrimento de um magnifico e immenso paiz; voltára á terra natal, e, convocando os parentes e amigos, com elles partiu novamente para aquella região, afim de fundar uma colonia; e nunca mais houve noticia de taes aventureiros.

Conforme as *Antiquitates americanæ* e os *relatorios ethnographicos,* o «Gabinete de antiguidades americanas» tem a tarefa principal de tornar certo por provas ostensiveis, que, cinco seculos antes de Christovão Colombo, ilhas e costas septentrionaes da America haviam sido exploradas por normandos e scandinavos; sendo indubitavel que até a Dinamarca teve naquella região uma colonia, e mesmo bispos christãos.

O dinamarquez Gardar, descendente de uma familia suéca, foi o primeiro dos normandos que em 863 descobriu a Islandia.

O mais celebre desses exploradores foi *Torfinn Harbefeue,* islandez, que, segundo as chronicas antigas, contava, entre seus antepassados, dinamarquezes, suécos, noruégos, escocezes e irlandezes, alguns dos quaes de stirpe régia. Em 1006, visitando a Groenlandia, casou-se com *Gudrida,* viuva de *Thorstein,* filho de Erico.

Fizeram uma viagem á Vinlandia e deram-lhe esse nome, por ahi existir abundancia de parras silvestres sem a minima cultura. Tiveram em 1008 um filho, *Snorro,* do qual descenderam as principaes familias da Islandia. E um de seus netos foi o celebre bispo Thorlak Runolfson, que publicou o primeiro codigo ecclesiastico para a Islandia.

Dizem tambem que em 861 um pirata norueguez descobriu a Islandia, e denominou-a *Sneeland* (terra de neve), e mais tarde teve a denominação actual que lhe foi dada por Floko, pirata suéco ou norueguez.

Em 868 muitos fidalgos, descontentes com a tyrannia de Harald, deixaram a Noruega e fundaram na Islandia a primeira colonia européa sob a direcção de Ingolf.

Em 928 já florescia essa colonia e possuia uma especie de governo aristocrata.

Em 996 foi estabelecido nella o christianismo, vivendo tranquillos e felizes os seus habitantes até 1261, sendo depois por effeito de uma revolução submettida á Noruega.

Nasceu na Islandia no seculo X um menino, a quem se deu o nome de Erico, e por causa da côr dos cabellos, cognominaram-no—Rauda—que quer dizer —Ruivo, o qual entregando-se á vida do mar, procurou emprehender em 982 uma viagem que o levasse a paragens desconhecidas; e de facto, atirando-se á essa empreza foi jogado pela corrente das aguas até avistar uma terra estranha, de accesso inaccessivel, coberta de gelos, entre nuvens espessas, dando-lhe a semelhança de uma visão phantastica, que parecia erguer-se no meio de uma eterna solidão.

A essa terra collocada no oceano Glacial Arctico chamou-se Groenlandia (que quer dizer—terra verde) em razão da luz dessa côr, que se desprende das camadas de gêlo por effeito dos raios solares.

Parecendo ser uma peninsula, só mais tarde no presente seculo foi reconhecida como ilha, sendo a sua temperatura de 45.° cent.

Erico fundou depois ahi uma colonia.

Estava pois conhecida uma parte da America.

Na Geographia Universal de Malte-Brun, pag. 112, VI volume, em uma nota lê-se:

«O registro de Nilo, de Novembro de 1828, dá noticia das pesquizas do sr. Rafn, de Copenhague, sobre as viagens emprehendidas ao norte da America pelos habitantes do norte da Europa, antes da época de Colombo.

Foi em 985 que a costa do novo continente foi descoberta pela primeira vez por Bioern Heriolfson, porém elle não abordou-a. Quinze a vinte annos mais tarde teve logar a expedição de Leif.

Thorfinn Harbefeue succedeu a este ultimo: de seu filho Snorro, que *nasceu* na America, descendiam, da segunda e da terceira geração, os celebres bispos da Islandia, Thorlak, Bioern e Brand; e, na oitava geração, o juiz Hank, auctor de varias *sagas*, e que vivia no decimo segundo seculo e no principio do decimo terceiro». *(a)*

Bioern Heriolfson, de nacionalidade islandeza, em 985, indo em busca de seu pae, que se transportara para a Groenlandia (terra verde) devido a uma tempestade, que o afastou de sua derrota, descobriu a sudoeste terra plana, situada na America.

Depois desse successo, tendo abrandado a tempestade, voltou o islandez para a Groenlandia, fazendo sciente a Leif, filho de Erico, do descobrimento que tinha feito, e este, enthusiasmado com a narrativa de *Bioern*, apres-

---

(a) Penso que ha referencia a Snorro—Sturleson, historiador islandez, nascido em 1178 em Dale—Syssel, tendo occupado diversas funcções na sua patria, em que morreu assassinado por effeito de discordias civis, depois de ter percorrido a Noruega e a Suecia, onde compendiou as antigas tradições e *sagas*.

A sua obra o *Snorro—Edda* ou *Systema* da mythologia scandinava foi publicada em latim pelo escriptor Resenius, em Copenhague, no anno de 1665—depois por um outro de nome Rask em 1818, tendo tambem sido um resumo da mesma obra dado á luz em Stockolmo no anno de 1697.

No anno de 1443 o Papa Eugenio IV designou um bispo para a Groenlandia.

Em 1448 pela Bulla *Exinjuncto* do Papa Nicolau V, a qual figurou na exposição historico— europea de 1892, prova-se o conhecimento da Groenlandia e portanto da America muito antes de Colombo.

No Breve de Gregorio IV, eleito Papa em 827, dirigido a santo *Anscario*, Arcebispo de Hamburgo, faz-se tambem menção da Groenlandia.

sa-se em apparelhar um navio e partem ambos com destino á nova região

Descobrem a terra procurada e proseguem em busca de outras, levados pelo enthusiasmo da natureza, que deslumbrava-os com a pujança de suas magnificencias.

Descobrem por fim novas terras no anno 1001, dando aos logares as denominações de *Helleland,* (Terra Nova) *Markland, Vinland etc, etc. (a)*

O Snr. Rafn prova em seu trabalho—que a principal escola dos navegantes scandinavos era a foz do rio S. Lourenço, que a bahia de Gaspe era o ponto de reunião mais conhecido; mas que elles já tinham conhecimento da costa muito mais para o sul e mesmo até as Carolinas. Quanto ao mais, a realidade dos descobrimentos feitos pelos antigos scandinavos na America, é confirmada por um monumento do qual Rafn assignalou a existencia: é uma pedra runica achada por Pelinut em 1824 na costa occidental da Groenlandia, aos 73.º de latitude N., e tendo gravada uma inscripção cuja traducção é:— Erling Sigvalson e Bioern Hordeson e Endride Addon, sabbado antes de Gagnday (25 de Abril), levantaram este montão de pedras e limparam este logar no anno de 1135».

Segundo menção feita, em um privilegio outorgado á igreja de Hamburgo em 834, a Groenlandia já era conhecida, e em 1383 chegou á Noruega um na-

---

(*a*) E' hoje sabido que os piratas scandinavos visitavam já a Groenlandia desde o seculo VI, e que ahi fundaram diversas colonias.

Helleland—quer dizer terra pedregosa.

Markland—terra coberta de matto.

Vinland—terra do vinho.

(Vivien de Saint-Martin-*Histoire de la Geographie* pags. 387.)

vío, que dava noticia de ter fallecido, havia 6 annos, o bispo daquella parte da America.

Sabe-se que em 1418 a Groenlandia soffreu uma invasão inimiga, perecendo a ferro e fogo os colonos que a habitavam.

Julga-se ter sido o principe Zichmni o auctor dessa destruição.

Sustentam alguns historiadores que em 1121 um bispo Erico transportou-se da Groenlandia para a Vinlandia no intuito de converter ao christianismo seus compatriotas ainda pagãos.

Assegura-se tambem que João Scolnus ou Kolno, polaco, em 1476, viu a terra de Labrador.

Tambem no anno de 1380, os venezianos Antonio e Nicolau Zeno, emprehenderam uma viagem para o norte e estiveram ao serviço de um principe das ilhas de Feroé e Shetland, tornando-se celebres pelo arrojo de suas explorações e viagens arriscadas a diversas regiões, já anteriormente visitadas pelos scandinavos.

Mais tarde Catharino Zeno, neto de Antonio Zeno, publicou a carta e as relações de viagens dos dous destemidos navegadores, comprovando terem elles estado na America.

Na «Chronica Geral do Brazil» escreve o Dr. Mello Moraes: «As antigas crenças referem que os atlantes, antiquissimos povos do oriente da Africa, se passaram para a America, e fundaram o imperio Mexicano, e mais tarde o Peruano. Os indios do Brazil, sendo os mais ignorantes, não conheciam as suas tradições; e apenas diziam que escaparam do diluvio universal. No emtanto os Taboyaras se suppunham os primitivos habitadores do Brazil, e senhores de toda a região da America do Sul».

Mr. Ferdinand Denis diz que tendo o Conde de Nassau enviado ao centro de Pernambuco um seu compatriota, encontrou este duas pedras perfeitamente redondas e sobrepostas, e outras amontoadas pelas mãos dos homens e as comparou com alguns monumentos toscos, que vira em Drenthe, na Belgica.

Koster, viajando pela Parahyba, viu uma pedra, em que haviam sido delineadas figuras desconhecidas.

No Piauhy (*a*) e em Minas encontram-se muitas pedras com inscripções desse genero.

Ferdinand Denis é de opinião que o povoamento do Novo-Mundo surgiu de raças differentes que subjugaram um povo *autochtone*, cuja origem é desconhecida.

O Snr. José de Sá Bettencourt Accioli, (*b*) natural de Minas Geraes, e bacharel em sciencias naturaes pela universidade de Coimbra, fundando em 1799 um estabelecimento de plantações de algodão nas margens do Rio de Contas, na Bahia, em terras compradas ao Capitão-mór João Gonçalves da Costa Dias, por occasião das escavações para firmar os alicerces de uma casa

(*a*) Nesse Estado, nas abas de diversos rochedos têm-se encontrado hieroglyphicos, gravados em lingua desconhecida, que alguns escriptores attribuem aos *Guegués*, indios que outr'ora percorriam as margens do Parnahyba e Uruçury.

Identicas inscripções são encontradas na *Serra da Ribeira do Curumatá*.

Na serra de *Anastabia* ha inscripções que parecem descrever uma batalha, e nas margens do *Iapurá* existem tambem caracteres sobre rochedos, os quaes são dignos de estudo.

O principe Maximiliano de Wied-Neuwied, nas ruinas de uma villa no Estado do Espirito Santo, encontrou tambem algumas inscripções de identica natureza.

Em uma memoria publicada pelo Dr. Matheus vê-se que no alto da serra de *Itaquatiara*, em Minas Geraes, encontrou-se uma inscripção de tres cruzes, symbolicas e hieroglyphicas.

Itaquatiara, na lingua geral dos indios—quer dizer: *pedra lavrada ou riscada*.

(*b*) Falleceu com 76 annos de edade, depois de bons serviços prestados á Patria, em 28 de Fevereiro de 1828, na villa de Caeté, onde nasceu em 1752.

nesses terrenos, encontrou uma espada com copos de prata, estando porém a lamina já bastante carcomida pela acção do tempo, e proseguindo a escavação ainda foram encontrados pedaços de louça purissima da Asia, e diversos artefactos de vidro com bordados e douradura.

No logar em que foram achadas essas preciosidades, o matto indicava jamais ter sido derribado, representando as camadas de terra escavada a antiguidade de muitos seculos.

Li algures que a historia do Brazil data talvez de mais longe que a do Perú e a do Mexico. O descobrimento feito em 1845 no interior do paiz, das ruinas de uma grande cidade com *soberbos edificios* e *inscripções de lingua desconhecida* parece confirmar esta opinião (*a*).

Em uma memoria manuscripta, apresentada á academia dos Renascidos da cidade da Bahia, demonstra o seu auctor, que os habitantes da primitiva America foram oriundos da Asia; e a este respeito ha ainda uma conjectura que em tempos idos a America era unida ao continente asiatico, e que a separação dos dous continentes se deu por effeito talvez de um cataclysmo. (*b*)

Ha quem confirme a opinião de, em tempos immemoriaes, terem os siberios orientaes passado do estreito de Behring para a America, o que parece provavel,

---

(*a*) Não é tambem conhecido o descobrimento do dr. Ricardo Guttierrez nas proximidades do vulcão de Puracé de uma cidade antediluviana ?

(*b*) Muitos sabios acceitam a opinião que a Europa e a America eram unidas nos tempos prehistoricos, e que um grande cataclysmo separou-as.

pois a distancia de um ponto a outro não offerece difficuldade a esse emprehendimento (*a*).

Em Digthon, na distancia de trinta a cincoenta milhas ao Sul de Boston, existia gravada em um penedo, sobre a margem oriental do rio Jauston, uma inscripção que em 13 de Setembro de 1758 copiaram os srs. Estevão Serval e Thomaz Dauforth com assistencia dos srs. Williams Baylies e David Calb, a qual, combinada com outras inscripções, importava, no conceito do sr. Court de Gibelin, *um monumento phenicio*; outras tres inscripções punicas se acharam em Boston, cuja noticia se publicou na França, no anno de 1781; e, não ha muito, na villa das Dôres, em Montividéo, um fazendeiro descobriu uma lapida sepulcral com caracteres desconhecidos, cobrindo uma sepultura de tijolos, onde se achavam espadas antigas, um capacete, damnificados pela ferrugem, e uma jarra de barro de grande dimensão. Todos estes objectos foram apresentados ao douto padre Martins, o qual obteve lêr na lapida, em caracteres gregos:

—Alexandre, filho de Felippe, era rei de Macedonia na Olympiada 63: nestes logares Ptolomeu...—faltava o resto. Nos copos de uma das espadas se achava gravada certa effigie que parecia ser de Alexandre e no ca-

---

(a) O mais curto intervallo da America para a Asia é de 15 leguas que tantas dizem ter de largura o estreito de *Behring* ao nordeste da Asia, segundo o padre Ayres de Casal.

Admittindo a opinião auctorisada de Malte-Brun, o estreito de *Behring* tem mais de 600 kilometros de extensão sobre 80 em sua menor largura e 160 em sua maior. No meio delle as aguas têm cerca de 30 braças de profundidade. Os navegantes asseguram que as grandes marés não são ahi sensiveis. Sua maior extensão é de cerca de 2,200 kilometros de éste a oeste e sua largura de 1,600 kilometros do sul ao norte.

Carlos Newman, diz que os Chinezes, na 5.ª centuria, chegaram á America pelas ilhas Aleuticas.

pacete se viam esculpidas varias figuras representando Achilles arrastando o cadaver de Heitor em roda dos muros de Troya. Pode-se suppor que algum chefe das armadas de Alexandre, levado por alguma tormenta, surgisse ali, e marcasse com tal monumento a sua estada.

O historiador Manoel de Faria e Souza, assim como o chronista Britto dizem que 1628 annos antes de Christo, a America «fôra descoberta por navegador de sua nação»; e Seneca diz:—*(a)*

Tertilis in oceano jacere terra ultraque oceanum rursus alia littora, alium nasci orbem nec usquam naturam rerum desinere, sed semper inde ubi desisse videatur, novam exsurgere, que traduzido é:—uma fertil terra existe no oceano, além do qual outro mundo, outras praias despontam, pois em parte alguma desapparece a natureza e as cousas, mas onde se julga desapparecer, sempre uma nova se levanta.

Antonio Galvão, a pag. 8 do seu *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos,* impresso em Lisboa no anno de 1731, diz:«No anno 590, antes da encarnação de Christo partiu de Hespanha uma armada de mercadores carthaginezes feita á sua custa, e foi ao occidente por esse mar grande ver se achavam alguma terra. Diz que foram dar nella, e que é aquella que agora chamamos Antilhas e Nova Hespanha, que Gonçalo Fernandes de Oviedo quer que neste tempo fosse já descoberta. O mesmo Galvão affirma que os antigos não só conheciam a America, como que a sua primitiva população é oriunda da Asia».

Sobre tão importante assumpto transcrevo o que

(a) Seneca nasceu em Cordova, na Hespanha, no anno 2 ou 3 da era Christã, e morreu no anno de 65 da mesma era. Foi preceptor de Nero.

disse o sr. General Cunha Mattos: «ainda que a Biblia não explique de um m do positivo como se fez a emigração ou a passagem do antigo para o Novo Mundo, devemos entender que foi atravessando os mares e de ilha para ilha, ou de continente para continente, e que as familias vindas da Europa e da Africa eram da raça Caucasiana, e da de Chus e Misvaim, e este mesmo dos Cananeos por Josué corridos até ao Atlas; e talvez disso proceda a existencia de homens no Brazil, cujos nomes se assemelham inteiramente aos Hebraicos. Esta primitiva população occupou o litoral da America do Norte, e construiu os magestosos edificios que se encontram em diversos logares, com uma ordem de architectura, que se assemelha á dos Egypcios, e á mais antiga, do Hindostão.

As piramides, as pontes, as casas, as fortificações, são obra de uma raça muito mais industriosa do que a dominante no Mexico e no Perú, em o tempo da conquista dos Hespanhóes. Esta gente primititiva espalhou-se pelas duas Americas, e ilhas adjacentes, onde, por motivos que não são conhecidos, extinguiu-se, como se tambem extinguiram as Colonias de Hannou em Africa, e os Dinamarquezes de Groenlandia ,como se vão extinguindo os Portuguezes na Africa e Asia: barbarisou-se em uns logares, e conservou parte da antiga industria e civilisação em outros.

Pelo tempo adiante algumas colonias da Asia vieram á America pelos mares do Noróeste, e pelos do Norte ,o que era muito facil, visto a proximidade, ou talvez a antiga reunião dos dous continentes.

Os chins e os japonezes têm lembrança de haver um grande numero de Tartaros arribado á America, em os annos de 782 e 1281, na occasião em que

fortes tempestades acommetteram as suas armadas que iam conquistar o Japão. Os Mexicanos têm noticia da vinda dos seus antepassados das partes do Noróeste, os quaes estacionaram em differentes logares, antes de fundarem a capital dos seus Estados. Os peruanos na verdade apenas sabem que seu Manco Capac *(a)*, e a Mama Oello appareceram no lago da Titicaca; e se uns dizem terem vindo do Oriente, outros querem que viessem do Norte, e isto mesmo ha escriptores, que

---

(a) Manco Capac foi o fundador do imperio peruano e chefe dos Incas, e, segundo a tradição do paiz, era filho do sol.

Tendo reunido nas margens do lago do Cuzco as tribus selvagens, civilisou-as, fel-as conhecer Deus, venerado sob o nome *Patchakamak*, que quer dizer «aquelle que anima o mundo.»

O diabo era designado sob o nome de *Cupey*, e, quando pronunciavam este nome, cuspiam no chão em signal de desprezo; acreditavam na immortalidade da alma e no dogma da resurreição da carne.

As suas mais sumptuosas festas eram consagradas ao sol, sob o nome de *Rami*.

A cidade de Cuzco foi fundada por Manco Capac em 1043.

Presume-se ter chegado ao Perú em 1025 da era christã e que por espaço de 500 annos reinou a sua raça até a conquista de Pizarro.

Seus palacios, seus fortes, templos e estradas de grande extensão, canaes de irrigação; seus vasos, habitos, armas e armamentos, comprovam a antiga civilisação desse povo.

Em *Caxamarca* ainda se admiram as ruinas do palacio do Inca Atahualpa, e a pedra sobre a qual foi martyrisado pelos hespanhóes este ultimo imperador do Perú; e em *Guanuco* ainda se vêm as ruinas do palacio dos Incas e o templo do Sol.

Diz o conspicuo sr. J. Barboza Rodrigues no seu livro «Muyrakytan», em que sustenta com plausiveis reflexões o contacto da civilisação do Celeste Imperio com a dos povos americanos:

«Vemos, por exemplo, o nome Chile ser o mesmo de uma provincia do norte da China, que parece ter sido perpetuado na America pela semelhança que existe no clima dos dous paizes, e como recordação da mãi patria. No Chile, do Celeste Imperio, as montanhas pelo inverno se cobrem de gelo e os rios se tornam innavegaveis pela neve, o que se dá tambem no americano. Penso, por isso, que o nome dado ao paiz conquistado por Almagro e Valdivia, não se deriva de *Title*, nome de um passaro semelhante ao Tordo, como querem, e sim do mesmo Chi, que perpetua o nome dos antepassados.

—Em uma obra ha pouco lida por mim encontrei a seguinte significação; Chile, quer dizer —frio— em Indiáno.

presumem serem aquelles Patriarchas pertencentes á raça Malaia.

Os grandes trabalhos, e as sabias indagações de Robertson, Humboldt, e innumeraveis outros viajantes não bastam até agora para decidirem a grande questão da vinda da actual raça indigena da America, desde o Norte, e Groenlandia para o Sul: a comparação da linguagem de algumas nações americanas com as da China, Japão, Kuriles, Malaios e Berberes do Atlas é que nos poderá mostrar se existe affinidade mais ou menos proxima entre uns e outros povos.

Um philosopho, e viajante moderno, encontrou muita semelhança entre a grammatica dos Mexicanos e a dos Congueres; estes exames requerem immenso estudo, immensa fadiga e immensos conhecimentos. Se até agora a comparação do idioma dos Guanches de Tenerife apenas tem apresentado 150 vocabulos semelhantes aos dos povoadores do Atlas, como será possivel fazer a combinação de tantos diversos idiomas dos indios americanos, com os dos povos do littoral, ou do interior do antigo mundo? *(a)*.

Todos conhecem os grandes trabalhos de Mr. de Balbi acerca da orthographia, mas nós estamos persuadidos que antes de se fazer a combinação externa conviria conhecer mais detalhadamente a analogia interna.

Innumeraveis são os dialectos dos indios do Novo Mundo, e por isso deve-se praticar na classificação delles o mesmo systema que se observa na botanica.

(a) M. Vater encontrou trinta e uma analogias de palavras entre as linguas americanas e europeas, comprehendendo nesse numero treze proveniente da lingua finneza, as quaes se prendem, como as que vêm do scandinavo, á união dos idiomas do norte da Asia.

As continuadas emigrações de povos caçadores e pescadores levaram a logares remotissimos algumas tribus selvagens, onde se alliaram com outras diversas, e daqui resultam, ou modificações ou alterações em o idioma, que dantes falavam.

A respeito das *côres* dos aborigenes, e assim mesmo ácerca das suas feições, estamos persuadidos que o calor do sol, o artificio das pinturas, as misturas do sangue, e os habitos sociaes, são os elementos que concorrem para a diversidade que se encontra nas diversas tribus, e ainda mesmo nas identicas familias que habitam no mesmo territorio. Temos visto alguns indios com feições de Malaios, temo-os visto com feições de Chinezes e dos Tartaros, uns mais claros e mais membrudos do que os outros, altos e esbeltos como os Europeos, e baixos e disformes como Laponios. Algumas pessôas dizem que no Novo Mundo existe uma raça de homens, de muito maior estatura, e que se têm descoberto ossadas fosseis, que pertenceram a pessôas gigantescas, cujos craneos eram differentes dos da geração actual.

Nós pensamos que nestas descripções entra o gosto do maravilhoso, pois todos sabemos o que se dizia ácerca dos portuguezes, antes de serem medidos por Byron, por Cook, e por outros navegantes philosophos. A existencia das ossadas humanas, em estado de petrificação, era antigamente negada; ha poucos annos falava-se em duas, encontradas na ilha de Guadelupe, mas agora affirmam haver muitas, e que mesmo as temos no Brazil, em a ilha dos Mortos no rio Cubatão da provincia de S. Paulo.

Nas transacções philosophicas de Philadelphia appareceu a noticia destas ossadas. A natureza offerece

obras admiraveis; no sul da America o gigantesco Patagão, e no norte o pequeno Esquimau.

Tratando do poderoso imperio mexicano Lascasas, assim se expressa: «debaixo de qualquer aspecto que consideremos este paiz, testemunha maior antiquidade que a que nos offerecem seus annaes: a cidade do Mexico, Tlascala, Chulula, Tacuba, Zempoala, Tezeuco, eram comparadas pelos conquistadores ás da primeira ordem da Hespanha.

A separação de profissões, a distincção de classes, a distribuição de propriedades, o alto grau de perfeição das manufacturas, tudo vem em apoio destas conjecturas. O modo de dividir o tempo prova tambem o fructo de prolongadas observações: repartiam o anno em 18 mezes, cada um de vinte dias, que formavam trezentos e sessenta, e accrescentavam mais quatro, que chamavam sobrantes ou perdidos, e os consagravam a regosijos publicos.»

Platão refere no *Timêo*, que seu avô Critias, discipulo de Solon, soubera deste, instruido por um dos sacerdotes de Sais, cidade do Delta, por onde viajara a adquirir conhecimentos philosophicos, a existencia da grande ilha Atlantida, que, diz, se achava muito longe das columnas de Hercules, e era circulada pelo oceano Atlantico; que essa ilha era maior que a Europa e Asia juntas, e habitada de principes potentados, os quaes se apoderaram da Libia até o Egypto, e da Europa até a Tirenia, chegando a emprehender a conquista das provincias situadas dentro das columnas d'Hercules, donde os expellira a republica de Athenas, pelo valor de suas frotas, e soldados amestrados na arte da guerra.

Accrescenta o mesmo Platão, que nestes ultimos tempos, sobrevindo inundações e terremotos, desap-

parecera aquella ilha, submergindo-se em uma só noite. Strabão tambem se inclina á certeza dessa existencia, e muitos escriptores modernos são a tal respeito concordes, dando como restos do continente submerso as ilhas Canarias, Madeira, Açores e Cabo Verde, opinião que confirmam com a pouca profundidade das aguas nestas paragens e muitas ilhas que ali se encontram. *(a)*.

Aristoteles, igualmente trata da ilha Atlantida, que diz fôra descoberta pelos Carthaginezes, cujo senado, sob pena de morte, prohibira a navegação para ella, receoso de despovoar-se Carthago, por isso que muitos ali haviam ficado, attrahidos da sua abundancia e fertilidade; e Diodoro Siculo faz menção de outra gran-

---

(a) O celebre naturalista e botanico inglez Jopeh Hooker, que visitou a ilha da *Trindade*, nas costas do Brazil, e que foi companheiro do capitão James Ross na sua expedição antarctica de 1839—1843, defendeu a theoria de ser ligada em tempos remotos a ponta meridional da America do Sul com a Australia e a Nova Zelandia.

Na distribuição dos desdentados vê o paleontologo dr. Neumayer indicio de que a Africa média e meridional esteve em ligação directa com a America do Sul, ou esteve pelo menos tão proxima desta que tornou-se possivel a permuta de grandes animaes terrestres.

Na antiguidade preterciaria, no fim da época de greda (ultima secção de formação triassica ou periodo mesozoico), estavam ligados tanto o N. O. da Europa com a America do Norte, como o Brazil com a região ethiopica; a America do Norte e a America do Sul eram então interrompidas por vasto estreito d'agua no logar da actual America central. Aquella ligação por meio de um continente sul-atlantico, hoje desapparecido, entre a America do Sul e a Africa, deve ter durado até o periodo eoceno, portanto até o principio da época terciaria.

A formação do Oceano Atlantico—approximadamente com os seus contornos de hoje, podia estar concluida pelos meados da época miocena. (Dr. Emilio Augusto Goeldi.—Nota a pag. 19 do livro—Os Mammiferos do Brazil)

Do lado da Europa, a America está separada das terras européas por um espaço maritimo de 1500 kilometros, formando a parte mais estreita do Atlantico boreal; todavia á analogia das rochas entre o *Labrador*, a *Groenlandia*, os archipelagos do norte e a Noruega justifica a hypothese de uma antiga união das terras nessas paragens.

[Ed. Suess, Das Antlitz der Erdre].

Um isthmo occulto, não attingindo 700 metros de profundidade, uniu a Groenlandia á Escossia e o cabo Urath ao Lindesnaes.

[Elisée R. clus].

de ilha, que sem duvida será a mesma Atlantida, situada defronte da Libia, cortada de rios navegaveis, fertil, saudavel, abundante, e que mais parecia habitações de deoses, do que de homens, descoberta pelos Phenicios, quando costeando a Africa, a ella foram arrojados por um temporal, e cuja descoberta mencionaram na sua volta.

E' facto historico que, durante a occupação de Portugal pelos Sarracenos, oito arabes lisbonenses sahiram da barra de Lisbôa, com intento de se engolfarem no oceano occidental á descobertas, havendo visto e tomado o porto de duas ilhas, na ultima das quaes foram atalhados de proseguir adiante *(a)*.

Talvez que por aquelles arabes, ou por outros navegadores, fosse feito o monumento, collocado no alto cume de uma rocha elevada, que em grande distancia se divisa do mar, o qual se acha na ilha do Côrvo, e que é assim descripto por Damião de Goes, na *Chronica do principe D. João, capitulo IX :*

—Constrange tanto o testemunho das cousas antigas aos escriptores que por dellas darem fé, posto que não façam muito a proposito do que tratam, são ás vezes forçados sahirem algum tanto fora da ordem do que escrevem, para assim alumiarem o descuido, e esquecimento, em que a antiguidade dos tempos as poz. E porque eu a esta lei e obrigação tão honesta não posso fugir, necessario será dizer algumas particularidades das ilhas dos Açores, posto que fossem achadas antes do nascimento d'el-rei D. João, para no fim deste capitulo descobrir uma antigualha assás antiga, que em uma dellas em nossos dias se achou.

(a) Humboldt na *Historia da Geographia* e Edrisi dão a partida desses ventureiros no anno 1147 e Elisée Reclus em 1170.

Destas ilhas a que mais está ao norte é a do Côrvo, que terá uma legua de terra: os mareantes lhe chamam ilha do Marco, porque com ella (por ser uma serra alta) se demarcam, quando vêm demandar qualquer das outras. No cume desta serra da parte do noroeste se achou uma estatua de pedra, posta sobre uma lage, que era um homem em cima de um cavallo, em osso, e o homem vestido de uma capa como bedem, sem barrete, com uma mão na coma do cavallo, e o braço direito estendido, e os dedos da mão encolhidos, salvo o dedo grande, a que os latinos chamam index, com que apontava contra o poente. Esta imagem, que toda sahia macissa da mesma lage, mandou el-rei D. Manoel tirar pelo natural por um seu criado debuxador, que se chamava Duarte d'Armas; e depois que viu o debuxo, mandou um homem engenhoso, natural da cidade do Porto, que andara muito em França e Italia, que fosse a esta ilha, para com apparelhos, que levou, tirar aquella antigualha; o qual, quando della tornou, disse a el-rei que a achara desfeita de uma tormenta, que fizera o hynverno passado. Mas a verdade foi que a quebraram por máo azo, e trouxeram pedaços della, a saber: a cabeça do homem; e o braço direito, com a mão, e uma perna, e a cabeça do cavallo e uma mão que estava dobrada e levantada, e um pedaço de uma perna; o que tudo esteve na guarda-roupa d'el-rei alguns dias; mas o que se depois fez destas cousas; ou onde se puzeram, eu não o pude saber. Esta ilha do Côrvo, e Sancto Antão foram de João da Fonseca, escrivão da fazenda d'el-rei D. Manoel, e delle as herdou seu filho Pero da Fonseca, escrivão da chancellaria do mesmo rei, e d'el-rei D. João III, seu filho, o qual Pero da Fonseca no anno

de 1529 as foi vêr, e soube dos moradores, que na rocha abaixo: onde estivera a estatua, estavam entalhadas na mesma pedra da rocha umas lettras; e por o logar ser perigoso para se poder ir aonde o lettreiro está, fez abaixar alguns homens por cordas bem atadas, os quaes imprimiram as lettras, que ainda a antiguidade de todo não tinha cégas, em cêra, que para isso levaram: com tudo, as que trouxeram impressas na cêra eram já mui gastadas, e quasi sem forma; assim que por serem taes, ou por ventura por na companhia não haver pessôa que tivesse conhecimento mais que de lettras latinas, e este imperfeito, nenhum dos que ali se acharam presentes souberam dar a razão, nem do que as lettras diziam, nem ainda puderam conhecer que lettras fossem. Espanta-nos tanto esta antiguissima antigualha, por se achar no logar em que se achou, que se póde com razão dizer o que diz Salomão: Não haver cousa, que já não fosse, e que houve outros que já fizeram o que nós agora fazemos;—e se as opiniões de alguns philosophos se houveram de crêr, ou aos historicos gentios nesta parte se houvera de dar algum credito, facilmente se podera cahir em muitos erros, se delles nos não desenganára a sagrada escriptura. (Damião de Goes).

O poeta brazileiro frei José de Santa Rita Durão, no poema epico *Caramurú*, referindo-se a essa estatua, disse:

E quer na nuvem propria que te indico,
Que esse cadaver meu vá transportado,
E na ilha do Côrvo, de alto pico
O vejam n'uma ponta collocado,

.....

Onde acena o paiz do metal rico;
Que o ambicioso europeu vendo indicado,
Dará logar, que ouvida nella seja
A doutrina do Céo, e a voz da igreja

.....

Alí batido do nevado vento
De sol, de gêlo e chuva penetrado;
Effeito natural e não portento
E' o vel-o, qual se vê, petrificado.

.....

Voltado estava ás partes do occidente,
Donde o aureo Brazil mostrava a dedo,
Como ensinando á Luzitana gente,
Que ali devia navegar bem cedo.

—

O que é facto é que ha entre os Gregos, Egypcios, Romanos, Hebreos e Arabes uma tradição antiquissima da existencia da America, antes de ter sido descoberta por Colombo, e parece que nenhuma duvida ha a tal respeito, á vista das provas materiaes que attestam essa tradição.

Como é sabido, em 1850 entrou no porto de S. Francisco um junco chinez, que foi encontrado por um navio americano na distancia de 100 milhas daquelle porto, accrescendo que de 1782 a 1850 quarenta e uma embarcações dessa nacionalidade deram á costa da California.

Quem poderá contestar a possibilidade de, em tempos idos, terem-se dado os mesmos factos, estabelecendo-se assim a communicação do velho para o novo mundo?

Lescarbot refere que no fim do XV seculo, o marquez de la Roche procurava numa pequena embarcação um porto nas proximidades de uma ilha no Canadá, quando de repente foi arrebatado pelo vento d'éste e lançado ao fim de poucos dias ás praias de França.

.....

Ultimamente o principe Wiasemsky, que já viajou a cavallo ao redor da Asia, dirigindo-se ao *Figaro*, que se publica em Paris, fez sciente do seu novo emprehendimento, que consiste em passar da Europa para a America pelo mesmo meio de locomoção.

O ponto de partida será Paris; atravessará a Europa e a Siberia em direcção ao estreito de Behring, que transporá por cima do gêlo, dirigindo-se dahi ás duas Americas, de Alasca até a Patagonia.

No estreito de Behring não será difficil a passagem, por isso que durante dous mezes forma-se nelle o gêlo.

Essa tentativa é um arrojo do ousado itinerista, que vem comprovar a passagem que faziam em tempos immemoriaes os siberios orientaes do estreito de Behring para a America.

Parece sem duvida ser este o ponto de partida para o estudo ethnographico e ethnologico dos que se entregam ás investigações da raça primitiva do Brazil, até hoje ainda mal definida pelas variadas hypotheses de conhecidos escriptores, que cada vez mais se emmaranham no inextricavel labyrintho de suas affirmativas.

A opinião mais consentanea ácerca de tão difficil assumpto, é sem duvida a dos que acceitam a migração dos povos asiaticos para a America pela facilidade

da passagem no estreito de Behring. (*a*)

Em uma nota a pag. 104 das «Memorias da Academia Real de Lisbôa», tomo 5.º, encontra-se o seguinte:

«Póde tambem ver-se sobre a existencia da Atlantida o Conde Carli— *Cartas Americanas*—tomo II. (Cartas 36, 37, e 38). Não será desagradavel accrescentar aqui uma observação physica que não é vulgar, e póde servir de tornar mais verosimil a antiquissima existencia daquelle grande continente, e persuadir que é parte restante delle o Novo Mundo. Olhando nós desde a boca do Rio Grande do Brazil, até á ponta do Cabo de Tangrin, na Costa Africana de Malagueta, por uma linha que faça um angulo com o Equador de 30 a 35 gráos, vêm se nella, pela grande extensão do mar Atlantico, claros vestigios de haver quasi desapparecido, ou por inundações ou por outras causas semelhantes, um grande continente; porque nesta mesma linha se descobre uma continuação de ilhotas, picos, e baixos, demonstradores da antiga existencia de uma vastissima região; o que bem mostra Mr. Buache em os dous mappas que publicou, e depois reimprimiu o já citado Carli nas suas

---

(*a*) O illustrado maranhense dr. João Mendes de Almeida, á pagina 278 de suas *Notas Genealogicas*, assim se exprime, confirmando a minha opinião:

«Por isso, e pela *semelhança* de feições, (segundo as estampas de L. Figuier, *As raças humanas*), entendemos que a povoação da America, logo que a Asia, assás povoada começou suas expansões, foi feita pelo estreito de Behring por samoyedas, produzindo os esquimáos, ao norte da America, e estes, descendo do norte ao sul em ininterrompidas migrações, cruzaram-se com polynesios emigrados da Nova-Zelandia e de outras ilhas da Oceania. E, pois, os indigenas da America têm essas duas origens: os do norte, o ramo *hyperboreo* da raça *amarella*, e não o ramo *sinico* (chinez e japonez), como alguns querem fazer crer; os do sul, o ramo *polynesio* da raça *malaia*, Os chins têm encontrado nos Estados-Unidos e no Perú a repulsão dos indigenas. Além disso, falta nos indigenas da America a obliqua collocação dos olhos do ramo sinico; e tambem não apparecem alguns dos costumes dos povos da China e do Japão, *que representariam a tradição* nas gerações».

Cartas estampadas em Cremona, em 1785.

Ainda se póde ajuntar a esta auctoridade a de Bory de S. Vicente nos seus *Ensaios sobre as ilhas Fortunatas;* onde falando da subversão de um grande continente no mar Atlantico, não sómente traz o argumento da tradição da mais remota antiguidade, mas tambem o que se deduz do estado physico das ilhas Canarias, e das outras Atlanticas, que parecem ser restos do antigo continente, submergido pelos effeitos reunidos da violencia do Oceano, e das irrupções vulcanicas, sendo provas disto a pouca profundidade que ha naquelles mares, e as muitas ilhas e ilhotas que nelles se observam.

Já antes deste ultimo tinham inclinado para a mesma parte os tres tambem modernos escriptores, Mentelle, Voltaire, e Rainald. «Eu não vejo nada, disse o primeiro, que se possa oppor a ter existido noutro tempo, entre a Europa e a America, uma muito grande extensão de terras, de que a Madeira, as Canarias, os Açores, e talvez as mesmas ilhas do Cabo Verde são restos ainda subsistentes. O mesmo, com pouca differença, dizem os dous ultimos auctores que citámos».

A ignorancia dos tempos obscuros da humanidade, a falta de meios de communicação pela escripta das descobertas feitas pela ousadia de aventureiros heroicos, as trevas em que estava envolvida a rasão humana, que parecia ainda em estado de obscurantismo, tudo isso concorreu para o desconhecimento das investigações feitas por povos ignorados, que deveriam ter concorrido para a expansão da familia humana em novos continentes.

A imprensa, que tão assignalado concurso tem

prestado á civilisação dos povos hodiernos, se existisse nesses tempos, por certo que hoje não nadariamos em mar de duvidas, desconhecendo causas, que estão ao nosso alcance, mas que não a descobrimos por falta de segura orientação.

Templo prehistorico

Escreveram ao «Diario de Pernambuco» em 1893: que, em terras á margem do rio S. Francisco, no logar denominado *Rio Verde*, naquelle Estado, existe uma admiravel obra prima pela sua configuração e estructura.

Ali, precisamente no dorso de uma dilatada penha, que occupa approximadamente cerca de dous kilometros em circumferencia, ha um magestoso templo, que, á primeira vista, parece ser uma maravilhosa obra da natureza, mas com bom fundamento é-se induzido a crer que tivesse sido construido pelo homem em época muito remota, e que naturalmente pela acção destruidora de muitos seculos se tornou em ruinas.

Os naturaes o denominam—*Sanctuario da Lapa* pela sua configuração sombria e ascetica, e consta ter sido descoberto por Duarte Coelho, primeiro donatario da capitania de Pernambuco, por occasião das grandes explorações que fez desse rio e de suas terras visinhas.

A *penha* é de jaspe variado, e com o sol apresenta a melhor vista, tanto é assim que chamam-na *eleberada*, palavra indigena, que significa—pedra de fogo, pedra que luz.

A sua vista, ao longe, além de offerecer uma bella perspectiva pelas arvores que se entrelaçam, monticulos que se elevam, outeiros escarpados, em fórma de torres, pyramides, abobadas e habitações em ruinas, representa uma verdadeira cidade da idade antiga.

Entretanto, ao perto, divulga-se perfeitamente um grande templo com um respeitavel portico apoiado em columnas de pedra, e á sua frente um pequeno outeiro em fórma de cruzeiro, medindo approximadamente 40 pés de altura.

Da sua abobada pende um grande sino de *pedra* com o respectivo badalo, que pela acção do vento faz tocal-o e resoa como se fosse verdadeiro bronze.

A sua fórma exterior é de primoroso gosto, representando um céo azul matizado de estrellas e nuvens, revelando assim o trabalho artistico de habil architecto.

Nota-se ainda uma porta, que dá accesso ao templo, mas não ha vestigios nem signal de que por ali passasse pé humano, pelo menos a um bom numero de seculos.

Se se conseguir demonstrar que a construcção desse templo é obra humana, ficará provada assim a civilisação prehistorica do Brazil.

—

Em 1893, o dr. Antonio Cordeiro Fonseca de Medeiros, dirigindo uma noticia á imprensa de Pernambuco, affirmou que a pouco mais de 15 kilometros a oeste de Alagoinhas, no logar denominado Cacim-

bas, municipio de Pesqueira, no referido Estado, existe uma verdadeira obra prima da natureza, referindo-se a uma grande pedra em um dos contrafortes da cordilheira Bucu, a qual apresenta um furo consideravel de 3,100 pés de altura sobre a planicie, formando um tunnel de 3,500 pés de diametro, 1,750 de raio, medindo toda a circumferencia 10,500 pés de comprimento.

Diversos animaes, como sejam elephantes, kagados, etc. encontram-se nas fachadas lateraes dessa pedra, e tão bem trabalhados que demonstram ter sido cinzelados por habil artista.

Além dessas figuras notam-se tambem hieroglyphos, que parecem demonstrar vestigios de um povo civilisado, que habitou o Brazil em épocas antigas, ou Egypcios ou Phenicios.

Roberto Comtaeus é de opinião que a America foi povoada pelos Phenicios.

Nas *Memorias da marinha franceza* pelo padre George Fournier, lê-se que os normandos e os bretões já conheciam o Brazil muito antes de Pedro Alvares Cabral e de Americo Vespucio, e que de ha muito traficavam com os selvagens no rio de S. Francisco, donde conduziam o pau Brazil *(a)*.

(Warden, *Histoire de l'Empire du Brésil)*.

A historia tambem dá aos portuguezes João Vaz Cortereal, *(b)* fidalgo da casa do infante D. Fernan-

---

(a) Esta madeira era conhecida na Europa desde o seculo IX, e as vestimentas regias e as capas dos cavalleiros eram tingidas com a sua côr.

Os indios chamam-na *ibirapitangá*, que quer dizer—pau vermelho, e Linneu denominou-a *Cesalpina echinata*.

(*b*) E' pae de Gaspar Cortereal, que sahiu do Tejo com dous navios,

do, filho bastardo do fidalgo Vasco Annes da Costa, e Alvaro Martins Homem a precedencia do descobrimento da *Terra Nova* e *Labrador*, na America, em 1462; portanto 30 annos antes de Colombo.

Cortereal teve a donataria de parte da ilha Terceira em 1474, e da ilha de S. Jorge em 1483

Era homem arrojado e dado á navegação.

Foi casado com D. Maria Abarca, natural de Tuy, e falleceu em Angra a 2 de Julho de 1496, sendo sepultado na capella-mór do convento de S. Francisco.

Não ponho a menor duvida em acceitar a veracidade dessa data (1462), por isso que aos portuguezes cabe a gloria da navegação em *mares nunca dantes navegados*, e o infante D. Henrique, já fallecido então, tinha deixado aos seus continuadores a idéa de novas conquistas e de novos descobrimentos *(a)*.

---

auxiliado por el-rei D. Manoel, tendo tocado na ilha *Terceira* e em seguida explorou em 1500 a costa N. E. da America Sptentrional, visitando nessa occasião o *Labrador*, o porto das *Malvas*, a *Terra Verde* o rio *Nevado*, a ilha do *Caramello* ou dos *Demonios*, hoje *Canadá*, provando assim ter noticia do descobrimento feito em 1462 pelo citado seu pae.

Por um acto datado de Cintra em 12 de Março de 1500, o rei D. Manoel fez dadiva a Gaspar Cortereal das ilhas e terra firme que elle descobrisse, acrescentando que «jà em outras épocas elle as tinha procurado por sua conta e á sua custa».

Em 15 de Maio de 1501 o mesmo explorador fez uma segunda viagem, afim de procurar uma passagem ao norte da America, de que não logrou voltar, occasionando a que o fosse procurar em 10 de Maio de 1502 com 3 navios o seu irmão Miguel Cortereal.

Nunca mais se teve noticia de ambos, tentando depois em 1503 ir em busca delles o terceiro irmão Vasco Annes Cortereal, que era o mais velho de todos, governador da ilha «Terceira», mas isso não consentiu el-rei D. Manoel

Humboldt contesta a viagem de João Vaz Cortereal á America, e sobre este ponto faz alguns reparos na *Histoire de la Geographie*.

Considera-o auctor da *Historia insulana* do oceano occidental, segundo Cordeiro, e governador da ilha Terceira em 2 de Abril de 1464.

(a) Dizem alguns historiadores—que no anno 1431 o infante D. Henrique mandara mais de um navio ao occidente com o fim de descobrir terras ignoradas, mas de cuja existencia naturalmente desconfiava.

E' conhecido o facto de ter D. Affonso 5.º, rei de Portugal, ordenado ao conego da Sé de Lisboa, Fernão Martins, que consultasse a opinião do cosmographo florentino Paulo Toscanelli sobre o pedido de doação que lhe fazia Fernão Telles da *ilha das Sete Cidades*, e a resposta em 25 de Junho de 1474 foi dada nestes termos: «que já por vezes elle (Toscanelli) havia sustentado a doutrina de que, seguindo-se pelo Atlantico em direitura ao poente, se chegaria á India, por um caminho mais directo e mais curto: que esta asserção se podia fazer bem sensivel, tendo uma poma ou pequeno globo á vista; mas que, em todo o caso, lhe remettia um mappa ou carta, como as de marear, por elle desenhada, na qual havia marcado todo o *poente* (incluindo a Irlanda), designando nella o paiz da especiaria, e accrescenta: «nem vos admire que chame *poente* ao paiz da especiaria, que commumente se diz nascer no levante; porque os que navegarem sem cessar para o poente acharão por essa banda os referidos logares— a ilha das Sete Cidades ou Antilha *(a)*.

Tambem em 3 de Março de 1486, o povoador e capitão da ilha *Terceira* Fernão d'Ulmo obteve do rei D. João 2.º, a doação de uma grande ilha ou *terra firme*, o qual por sua propria conta se propunha descobrir. João Affonso do Estreito, morador no Funchal associou-se á essa empreza, e emprehenderam ambos a viagem no intuito de alcançarem a ilha ou terra que procu-

---

(a) No anno 734, depois do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo em que toda a Hespanha se sujeitou aos pagãos que vieram da Africa, a dita ilha chamada *Sete Cidades* foi habitada por um arcebispo do Porto, em Portugal, e mais 6 bispos, com um numero de christãos, homens e mulheres que haviam passado fugindo da Hespanha com os seus gados e bens. Em 1414 o que mais se lhe approxima foi um navio hespanhol.

(Centenario do descobrimento da America—Memorias da Comissão Portugueza).

ravam descobrir, mas faltando-lhes a perseverança, deixaram sem resultado os seus esforços.

Navios sahidos da Islandia cinco seculos antes de Colombo visitaram a America, o que é confirmado pelos vestigios das antiguidades que se encontram nos *Estados Unidos do Norte (a)*.

Em Newport ha uma torre sobre oito columnas, já encontrada ali pelos primeiros colonos, que ignoravam os seus constructores, assim como os indios, que não sabem quem a construiu.

Os archeologos, porém, attribuem-na aos scandinavos, que ali deixaram o reflexo de uma civilisação extincta.

Ha pouco tempo o sr. H. Yule Oldham, professor da Universidade de Cambridge, em artigo publicado no «Geographical Journal», affirmou que a America, muito antes de Colombo, fôra descoberta pelo Infante D. Henrique, baseando-se em uma carta publicada em 1448 por André Bianchio, que commandou uma das galeras da republica de Veneza, e ácerca desse assumpto faz considerações de alto valor historico.

As suas investigações provam que o caminho mais curto do velho ao Novo Mundo é de Cabo Verde ao Brazil, ponto este a que são arrastados os navios pelas correntes *pelagicas*, presumindo-se, portanto, que algum navio portuguez já houvesse sido levado ás plagas da America antes de 1500, como aconteceu a Cabral, que, por força das correntes do Atlantico, foi afastado da rota que devia trilhar em busca das Indias.

São conhecidos pela historia os motivos que actua-

(a) M. Brackenridge eleva a mais de 5,000 os monumentos da antiguidade deixados por povos desconhecidos no solo dos Estados Unidos do Norte.

ram no animo do Infante D. Henrique, aventurando-se aos emprehendimentos das navegações na costa africana, afim de alcançar os louros que previa para o pequeno reino de Portugal.

Sagres era então o ponto obrigado das palestras do Infante, que se deleitava no estudo da cosmographia e da arte de navegar, illustrando o espirito na leitura do manuscripto das peregrinações de Marco Polo, tendo deante de si os mappas de Valseca, as obras de João de Muller (de Kæningsberg), de Jorge Purbach, inspirando-se egualmente nas prelecções do illustre cosmographo Jayme de Mayorca, para assim um dia abrir as sanefas do oriente, que occultavam as ricas regiões, interceptadas pelas ondas cyclopicas do *mar tenebroso.*

A tradição que corria da celebre viagem de S. Brandão no seculo VI e da ilha de seu nome não estava bem firmada no espirito do povo *(a)* de sorte a determinar o plano que tinha em vista o principe portuguez, cujo espirito illustrado não se comprazia com as estreitezas do territorio de sua nação, para quem sonhava vastos dominios em continentes desconhecidos.

(a) «No anno de 565, depois do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo, chegou S. Brendam com o seu navio a esta ilha, onde viu muitas cousas maravilhosas, e passados sete annos voltou ao seu paiz», (Centenario do descobrimento da America—Memorias da Commissão Portugueza).

—Humboldt na *Histoire de la Geographie* considera-a como um *mytho geographico*, mas Behaim, em 1492, em seu globo celebre, faz della menção, dizendo que se a encontra quasi na latitude do Cabo Verde, e que em 565 S. Brandão esteve nella.

Um pouco ao norte da Madeira entre esta ilha e a dos Açores, lê-se na carta de Weimar: *Insulæ Sancti Brandani.* A carta de Pizzigani de 1367 colloca nesse logar as palavras: *Ysolæ dictæ Fortunatæ.*

Insula S. Brandani et regione Terræ Cortereali sive Novæ Franciæ Americæ septentrionalis sita, in oceano boreali. (Honor Fhiloponi, *Navig. Patrum Ord.* S. Bened. 1621, pag 14.)

Não lhe eram desconhecidas as antigas navegações do carthaginez Haunon, de Meneláo, de Satapes, de Necháo, de Polybio, de Eudoxo, a logares que a imaginação popular pintava com côres phantasticas; impressinando-o sobretudo a historia de ter sido costeado o continente africano por ousado aventureiro, que teve o arrojo de passar as columnas de Hercules, penetrando no mar Erythreo (*a*).

As viagens de Marco Polo no seculo XIII ao reino de Cathay, hoje China, bem assim o arrojo dos seus compatriotas, que no reinado de D. Affonso IV (1325-1357) navegaram até as ilhas Canarias, (*b*) influiram na mente

---

Os Bollandistas fixam o seu nascimento no anno 460. Foi educado por uma santa mulher de nome Ita, directora do mosteiro de Cluainschedriul, perto do monte Luachra, e falleceu em 16 de Maio de 578, segundo Moroni, no Dizionario Di Erudizione Storico—Ecclesiastica.

Paul Gaffarel é de opinião que o referido santo morreu com 98 annos de edade. Acredito que o espirito de religião o levasse ás aventuras do Atlantico de que reza a tradição, pois a fé dos tempos primitivos da egreja christã dava vigor aos mais ousados emprehendimentos, e ainda hoje testemunhamos as arriscadas missões dos padres catholicos na Asia, na Africa e na America, no empenho civilisador de chamarem ao gremio da egreja de Christo os povos idolatras.

Vincent de Beauvais considera apocrypha a lenda que corre sobre esse santo irlandez, mas o mappa-mundi de Jacques de Vitry e l'*Imago Mundi* de Robert d'Auxerre (1265) mencionam a ilha de S. Brandão, bem assim a carta de Pzzigani (1367) e outras de datas posteriores.

(*a*) Em 1291 os genovezes tinham arriscado uma primeira tentativa, mallograda embora, para circumnavegar a Africa e seguir linha recta até a India Oriental.

Um navegante catalão, dom Jayme Ferrer, alcançou no mez de Agosto de 1346, a embocadura do rio de Ouro, cinco gráos ao sul do famoso cabo *Nam*, que o infante D. Henrique pensava ter feito dobrar pela primeira vez por navios portuguezes, em 1412, 1415 ou 1419, conforme varias opiniões.

Navegantes de Dieppe tinham tambem attingido em 1364 a serra Leôa e o rio Sestos, e em 1365 a Costa do Ouro, segundo a narração de Villaut.

(Humboldt *Histoire de la Geographie*).

Rebello da Silva em sua *Historia de Portugal* diz que os arabes nunca navegaram o Atlantico além do Bojador.

(*b*) O illustre Snr. Luciano Cordeiro, em seu interessante livro—*De La*

do illustre Infante a idéa de promover a navegação por mares desconhecidos.

Tendo apenas a edade de 18 annos, na efflorescencia portanto da juventude, ordenou que de Lisboa partissem em 1412 os primeiros navios, que cortassem o continente africano, passando além do Cabo *Nam*.

Os Phenicios e os Carthaginezes tiveram outr'ora feitorias nas ilhas Canarias ou antigas «Fortunadas», mas depois da ruina de Carthago, as ditas ilhas ficaram esquecidas.

Achadas em 1330 pelos francezes, foram logo abandonadas.

Em 1402, as ilhas *Fortaventura*, *Gomera e de Ferro* foram submittidas por João de Béthencourt, fidalgo normando.

Portugal tinha conhecimento desses descobrimentos, e por isso habitantes do mesmo paiz arriscavam-se a emprezas aventurosas, taes como a de Bartholomeu Perestrello em 1418, que, levado para o sudoeste por uma tempestade, descobre a terra a que dá o nome de *Porto Santo;* trazendo depois a bôa nova desse acontecimento ao principe D. Henrique, que se exalta ante tão memoravel successo.

Em seguida outras terras são descobertas e ao principe se deve o apoio dos emprehendimentos que deram a Portugal os merecidos titulos de honra e de valor com que se enalteceu pela abnegação e valentia de seus filhos denodados.

Sagres, onde se reunem os varões mais doutos da

Découverte de L' Amérique, diz que em 1336 os portuguezes já tinham aberto o caminho até as Canarias.

Em 1341 esteve nestas ilhas uma expedição portugueza, que no *Roteiro* escreveu sobre uma madeira semelhante ao *pau brazil* ali encontrada.

Numa das ilhas Canarias esteve em 1393 o hespanhol Almonaster.

época, e onde se funda a primeira escóla nautica e o primeiro observatorio, para o estudo da sciencia, que tinha deante de si vasto campo de exploração, é o logar em que combinam-se as expedições, que têm por palinuros Antão Gonçalves, Diniz Fernandes, Nuno Tristão, Luiz Cadamosto, Antonio de Noli, Gil Eannes, Baldaya, Gonsalo de Cintra e outros, que encheram de orgulho o pequeno reino de Portugal, a quem a humanidade deve os maiores beneficios, descobrindo-lhe parte dos thesouros da creação, até então sepultos nas densas trevas do ignoto; e por isso façamos-lhe a justiça de reconhecer as suas glorias passadas.

—

Está averiguado por André Bianchio em 1448, que a America foi descoberta pelos portuguezes entre os annos de 1445 a 1448, tempo em que o famoso infante D. Henrique estava todo entregue ao estudo da navegação, e preoccupado com os descobrimentos já feitos na costa africana.

O já citado sr. Yule Oldham assevera que na carta de Bianchio estão indicadas as descobertas feitas pelos portuguezes, além das ilhas de Cabo Verde, havendo um topico que diz: esta ilha está a 1500 milhas ao Oeste, referindo-se a America, sobre a qual em 1447 foi arrojado um navio portuguez, como se vê nos—Descobrimentos do Mundo—publicado por Galeano.

Pelo que fica exposto, facil é de explicar a existencia de João Ramalho, portuguez, natural de Vianna, (*a*)

[*a*] Dizem tambem ser natural de Barcellos ou de Vouzella.

na capitania de S. Vicente (Brazil) desde 1490, dous annos antes de ter Colombo *descoberto a America!*

Está tambem assim explicado o facto do conhecimento que já tinha do Novo-Mundo o portuguez João Vaz Cortereal, quando em 1462 se dirigiu á Terra Nova e a outras partes do continente americano.

São conhecidas tambem as narrações de Affonso Sanches a Colombo, o qual «andando em uma caravela de Lisboa para a ilha da Madeira transportando generos, acossado em uma dessas viagens em 1486 por forte temporal, chegou depois de 22 dias a descobrir um novo paiz pelo occidente, paiz esse que mais não investigou, pelo estado de quasi inanição em que se achava, tornando por isso a recolher-se á Madeira, onde communicou em segredo a Christovão Colombo a sua descoberta, fallecendo pouco depois!!

A prova do conhecimento da America por povos de outros continentes, está na fundação da cidade de Tenochtitlan, (*a*) a Veneza do Novo Mundo, ou Mexico, no anno de 1325 pelos Aztécas (*b*).

Quando Fernando Cortez descobriu o Mexico em 1519 encontrou nessa cidade uma população de 300 mil almas pelo menos e 60 mil casas.

(a) O nome indiano é Mexitli ou Huitzlipochtli, que significa—habitação do Deus da Guerra-(Malte-Brun—na Geographia Universal).

(b) Os civilisadores do Mexico foram os Toltécas, originarios de Quetzalcohualt, que appareceu em 648 na America Central, vindo da Asia, e foi o fundador do imperio dos Nahuas.

No fim do seculo 12 perderam o seu dominio, depois de lutas desastrosas com os Aztécas, sendo forçados a se dispersarem para o Sul, onde formaram novas nações, que se subdividiram em logares differentes.

Eis o que diz o illustrado dr. Ladislau Netto a respeito dos Mundurucús, indigenas do Amazonas:

«Um exame rigoroso do caracter dos Mundurucús, de sua lingua, de seus habitos e de suas lendas, como de sua industria, collocar-nos-hia na possibi-

Os aztécas conheciam a architectura, a pintura, a sculptura, a astronomia, e usavam a escripta hieroglyphica.

O imperador Montézuma ostentava grande opulencia em sua côrte e o seu vasto palacio, que se abria por vinte portas, era de um luxo admiravel. Só a sala de recepção podia conter trez mil pessoas.

Os seus aquarios, viveiros e jardins, onde se cultivavam as plantas mais raras e as flores mais variadas, eram dignos de ver-se e causaram pasmo aos europeos.

O paiz era dividido em trez reinos ligados por uma especie de federação, sendo o primeiro o dos Aztécas, o segundo o dos Tézcucans, o terceiro o dos Placopans.

---

lidade, senão na probabilidade de reconhecermos naquelle resto de estranha nação uma colonia toltéca ou aztéca, deixada á margem do Amazonas pela nação transmigadora, mas tão solidamente constituida sobre as leis da antiga patria, que nem a modificaram os indigenas circumvisinhos, nem a perverteram os europeus em tres seculos de destruidor dominio». (Dr. Ladislau Netto-Archivos do Museu Nacional, tomo 2.º, pag. 163).

Os Toltécas appareceram no Mexico no anno 648, os Chichimécas em 1170, os Nahultecas em 1178 e os Aztécas em 1196. Os Toltécos introduziram a cultura do milho e do algodão, o modo de lavrar a pedra, trabalhar o ouro e a prata.

Conforme frei Gregorio Garcia, na seguinte ordem desceram estes povos: primeiro os *Suchilmecas* (gente das sementeiras de flores) segundo, os *Chalcas* (gente das boccas) terceiro, os *Tepanecas* (gente da ponte) quarto, os *Colnas* (gente das serpentes) quinto, os *Tlathuicas* (montanhezes) sexto, os *Thascaltecas* (gente de Pan), setimo, os *Chichimecas*.

—Só os *polygenistas* podem admittir na America uma raça autóchtone, isto é, sem descender de Adão e Eva.

Consideramos *indigenas* ou *aborigenes* sómente os primeiros povoadores do territorio, á proporção que as raças se iam expandindo e dilatando, e senhoreando o sólo. Os que vieram depois, podem ser conquistadores, não são com certeza *indigenas* ou *aborigenes*, se não são da mesma sub-raça ou da mesma raça dos primeiros.

Os *indigenas* ou *aborigenes* do Brazil são os *tupys*, *cariôs* e os respectivos cruzamentos (Pag 228 de *Algumas notas genealogicas—pelo Dr.* João Mendes de Almeida.)

A hegemonia da federação cabia ao reino dos Aztécas, sendo dependentes de Montézuma os soberanos dos dous estados.

As leis penaes eram de uma severidade extrema e a agricultura, praticada pelo povo, era honrada por toda a nação.

Os mexicanos reconheciam um Ser superior, mas abaixo delle collocavam tres grandes divindades, além de duzentos em ordem menos elevada.

Os aztécas adoravam com particular devoção o deus da guerra *Huitzilopochtli*, protector da nação, tambem denominado *Mexitli*, e em sua honra faziam se sacrificios humanos.

O seu clero era poderoso e rico, e, no grande templo do Mexico, havia um collegio com cinco mil sacerdotes, a quem estava affecta a educação do povo.

A sua cosmogonia é admiravel, e as tradições biblicas são em parte observadas entre elles, attribuindo a uma mãi commum a origem do genero humano; além disso acreditam tambem no diluvio, do qual escapou uma unica familia: o seu Noé chama-se Coxcox.

As suas crenças religiosas parecem provir dos Hindús, dos Persas e de outros povos habitantes das planicies do Thibet. Admittem o peccado original e a necessidade do baptismo; confessam-se uma vez na vida, bem assim acreditam no paraiso e no inferno, sem penas corporaes, mas sim com as torturas moraes e os supplicios da alma.

As seguintes maximas provam o seu adiantamento moral: «queres viver em paz com todos; supporta as injurias com resignação; deixa a Deus, que tudo observa, o cuidado de te vingar».

«Dá de comer a quem tem fome, vestido aos nús,

porque a carne dos infelizes é tua carne, e elles são homens eguaes a ti mesmo».

Os hespanhóes encontraram nesse paiz uma cruz de marmore, tendo no alto uma corôa de ouro, e lhes disseram que sobre ella tinha morrido a mais bella creatura humana, que brilhava como os astros celestes.

As curiosas antiguidades mexicanas ainda são numerosas, apesar da destruição feita pelos hespanhóes, que foram inexoraveis, quando com a tomada de Tenochtitlan conquistaram o florescente imperio, em 13 de Agosto de 1521, ficando assim os posteros privados de uma multidão de originaes historicos.

O Padre João Zumarraga, primeiro bispo do Mexico, não satisfeito ainda com a destruição dos sumptuosos monumentos religiosos desse paiz, condemnou ao incendio muitos quadros de fina pintura e manuscriptos de grande valor historico, salvando-se apenas alguns restos do poderio desse povo culto.

Em S. Domingos de Palenque, antiga cidade azteca, vêm-se em suas proximidades as ruinas de *Culhu can* ou *Huehuetlapatlan*, as quaes são notaveis e grandiosas, tendo sido descobertas em 1787 por Antonio do Rio e José Alonso de Calderon.

Essas ruinas consistem em templos, fortificações, pyramides, pontes, aqueductos, casas, tumulos, além de vasos, medalhas, instrumentos de musica, estatuas, algumas colossaes, e baixos relevos.

A cidade, onde se acham essas preciosidades antigas, parece indicar uma circumferencia de 20 a 30 kilometros.

Ha admiravel semelhança nas pinturas religiosas ahi encontradas com as dos egypcios, observando-se

tambem analogias com os usos da India, porém menos notaveis.

Em 1426 subiu ao throno desse paiz *Nezahualcoyolt*, que foi um soberano sabio e virtuoso, progredindo sob seu governo as sciencias de tal sorte—que a capital do imperio converteu-se em verdadeira Athenas.

Lascasas affirma que o codigo estabelecido por esse imperador continha 80 artigos, nos quaes observam-se os melhores principios de moral pura.

O roubo, o assassinato, a embriaguez, o adulterio e a traição estavam por elle sujeitos á pena capital.

A magistratura era mantida e vestida á custa do Estado, além de outros beneficios que se lhe dava, para que assim ella pudesse distribuir a justiça com imparcialidade; a prevaricação estava sujeita a penas crueis.

Diversas casas publicas foram creadas no seu reinado para asylo dos anciões, das viuvas e dos orphãos sem protecção.

Conforme as tradições, cultivou esse imperador a astronomia, a poesia e a botanica, e tendo pretendido extinguir os sacrificios humanos, que não estavam de accordo com os seus sentimentos de brandura, veiu por isso a perder a vida.

E' ainda hoje admiravel o valor dos mexicanos, tornando-se conhecidos na historia pelo heroismo com que defenderam o territorio da Patria contra a invasão das forças de Fernando Cortez, que por fim apoderou-se desse rico paiz, sem a menor recompensa para seus feitos de conquistador, pois veiu a morrer pobre e vilipendiado na Hespanha em 1547, sendo o desprezo dos homens o premio de suas tyrannias.

Os hespanhóes acharam o Mexico sob o governo de Montézuma, que os recebeu com applausos e festas

solemnes; mas Cortez, perfido e insensivel á essa sincera hospitalidade, dias depois prende o imperador, a pretexto de ter faltado á fé promettida, dando isso logar á uma luta heroica da parte dos mexicanos.

Montézuma quando falava ao povo do terraço de seu palacio, aconselhando a terminação da lucta contra os filhos do sol, (os hespanhóes) o que occasionou a indignação dos seus subditos, é victima por isso de uma pedrada *(a)*.

Nessa occasião deram-se combates sanguinolentos, perdendo Cortez metade de seu pequeno exercito e toda a artilharia.

Não desanimando com a perda que soffrera, mais tarde avança de novo contra o heroico paiz, que cae em poder dos hespanhóes, apezar da resistencia dos mexicanos e da valentia do então imperador Guatimozim, finalmente vencido e preso.

Por suspeita de ter querido fugir da prisão, foi enforcado por ordem de Cortez, contando talvez 25 annos de idade.

E assim extinguiu-se o ultimo imperador indiano do Mexico.

Num discurso que Montézuma fez aos grandes do Estado, trouxe-lhes á memoria as tradições e prophecias que de tempo immemoravel annunciavam a vinda de uma nação, que devia apossar-se do supremo mando.

—

Ainda sobre o importante assumpto já descripto, recommenda-se á leitura o livro publicado em Paris por

(a) O seu ultimo descendente morreu em Nova-Orleans em 1836.

Eugenio Londum, sob o titulo «Les ignorances de la science moderne» do qual corre já traduzido, o seguinte trecho:

«A America nunca esteve perdida.

Os povos antigos a conheciam sob outros nomes, principalmente os Phenicios e os Carthaginezes, que com ella entretinham commercio activo e nella haviam fundado colonias, cujos vestigios ainda se encontram na linguagem e nos monumentos.

Elles aportavam ao sul vindos pelas columnas de Hercules, pelos Açores e por essas grandes ilhas, que depois desappareceram (talvez a Atlantida de Platão) e que encurtavam a distancia da Africa ás costas do Brazil e do Prata; ao Norte pela Islandia e Noruega, cujas minas exploravam e onde tinham estabelecimentos.

Era para a America que se dirigiam as frotas de Tyro e dos Hebreus, os navios de Hiram e de Salomão, que gastavam trez annos na viagem de ida e volta; era na America que ellas iam buscar as madeiras preciosas, perfumes e ouro; era nesse paiz de Parvain (Perú) e Ophir, onde diversos logares têm nomes hebraicos, prova inilludivel de terem os homens do mundo antigo pisado essa terra, habitado essas praias.

Dahi a unidade de crença que se nota em todos os povos americanos, tanto nas tribus nomades e selvagens, como nas nações civilisadas do centro e do sul, que cultivavam a terra e habitavam grandes cidades, bem edificadas; dahi esse acreditar na existencia de um Deus Supremo, immaterial e Omnipotente, Deus, que no Mexico era conhecido pelo mesmo nome que tinha na India, na Grecia, em Roma e entre nós; dahi a memoria confusa das primeiras edades do mundo; da creação da terra an-

tes do homem, quando nada existia que tivesse corpo, nada que se pudesse mover de um logar para outro; da creação do homem no setimo dia; do diluvio, em que só uma familia se salvou em uma balsa, em quanto a chuva cahia noite e dia, chuva de agua e chuva de betume e resina, que inundava toda terra, quando os homens subiam ás arvores, e as arvores repelliam para longe; da construcção de um edificio pyramidal, levantado pelo orgulho humano e destruido pela colera dos deuses; e tantas outras tradições que seriam inexplicaveis sem essas emigrações vindas das extremidades da terra, que trouxeram comsigo essas primeiras historias, e que as legaram a seus descendentes, como medalhas impalveis em que estivesse gravada a origem dos homens e do mundo.

E só os navegantes do Mediterraneo, e do velho mundo classico tinham penetrado nesse paiz, que nós appellidamos o *Novo Mundo.* De todos os lados tinham chegado familias, tribus, nações que o haviam invadido, atravessado e povoado.

Os sabios encontraram em livros da China provas das relações que existiam antigamente entre a America e Asia, entre a Arabia e o Iuacatan, dos Indios com a America Central e o Mexico...

Essas relações nunca foram interrompidas durante a idade média.

Bullas de Papas do nosso seculo (835) fazem menção da Groenlandia; nas ilhas do mar de Baffin, aos 72.º de latitude, encontrou-se uma inscripção scandinava que remonta ao seculo XII (1135) e que Humboldt attribue a marinheiros da Islandia, que ali aportaram antes de Baffin; a Islandia, além disso, até o XIV seculo, nunca deixou de se communicar com o Canadá.

Quanto ao Sul, affirma Muratori que em Modena, no seculo XIV (1306) pagavam-se direitos de importação de madeira denominada pau do Brazil, e no seculo XV (1430) mais de 50 annos antes de Christovão Colombo, um italiano Andrea Bianchio determinou a posição desse mesmo Brazil em uma carta, que se conserva em S. Marcos de Veneza.

Entre todas as tradições que sobrevivem na America, existe uma conservada no Mexico, extraordinariamente notavel. Segundo a memoria desses povos, todas as nações da America têm uma origem commum, partiram do mesmo ponto, de uma paragem longinqua, *(a)* berço da raça humana, do outro lado do mar, ao nordéste ou por outra, do Velho Mundo, desse oriente, fóco de luz para o qual, em todos os seculos, todas as nações se têm voltado, porque elle parece guardar o alpha de todos os segredos que a humanidade tem sêde de conhecer, e que, sem descanço, ella procura penetrar.

E a estes factos, a essa tradição vem se reunir ainda o que se chama hoje uma legenda, que é talvez a verdade historica. Outr'ora, em tempos muito afastados, uma tribu hebraica, filhos de Israel, de Jacob (outros affirmam que Chananeus expulsos por Josué), separados pela guerra ou pelo exilio, do resto de sua nação, chegaram até este Fon-Sang, situado nos limites do mundo, á esta distancia immensa de Chanaan e do tumulo de seu pae Abraham, e, guardas do culto do verdadeiro Deus, ahi se

---

(a) Or, les habitants de l'Amérique du Sud avaient, á l'époque de la découverte, une tradition suivant laquelle leur empire devait être conquis par les blancs. (J. Gaume.—L'histoire de la société domestique).

estabeleceram com sua religião, seus ritos, seus costumes e linguagem.

Por muito tempo defenderam esse thezouro nacional contra o estrangeiro; por muito tempo o conservaram intacto e puro no meio dos invasores.

Depois, a pouco e pouco se reuniram aos povos visinhos e perderam seus costumes e seu nome.

Mas, de vez em quando o viajante sorpreso pára, admirado do typo extraordinario que encontra e que lhe recorda homens que viu em outra parte; esses indigenas de olhos negros, de tez bronzeada, a quem se dá o nome de *Indios*, são Judeus!

E' a raça hebraica que veio das margens do mar de Tyro e do Jordão; suas mulheres conservam ainda os principaes costumes da Galiléa e da Samaria, e em seus traços estão patentes esses caracteres impereciveis que em toda a parte permittem reconhecer, seja qual fôr a vestimenta que o cubra, seja qual fôr a designação que se lhe dê, esse povo que, unico, mereceu ter no mundo o nome de *Povo de Deus.*»

Na California o Sr. Frederico J. Masters, na revista *Overland Monthly*, diz ter sido a America descoberta pelos chins, apoiando essa affirmativa nos volumes de *Yuen Kin-Lui-Hau*, que é uma grande encyclopedia chinesa. A'cerca desse assumpto trata de um certo reino de Fusang, *[a]* descripto por um sacerdote buhdhico, que existiu no tempo da dynastia Tsai, e

---

(a) Fousang ou Fusang é o nome celestial que os asiaticos dão a uma planta essencialmente americana, a Agave que os Mexicanos denominam *Melt*, os Equadorianos *Cabulla*, os Venezuelanos e Peruanos *Magney*.

Nas *Perigrinações* de *Marco Polo*, dictadas em 1298, na cadeia de Piza, refere-se elle a uma grande ilha da terra de Fousang, a America, muito afastada da Asia, e que para se ir á ella e voltar era preciso um anno de viagem.

presume por muitos motivos ser esse paiz o Mexico, onde as leis, as religiões e certos costumes tinham approximada analogia com os da China.

E' certo que essa opinião tem sido contestada por Klaproth; mas em uma serie de artigos intitulados — *Des origines asiatiques, bouddhiques de la civilisation américaine,* publicados na *Revue Archéologique* de 1864 — 1865, um escriptor notavel procurou demonstrar com muito talento essa theoria combatida por diversos publicistas.

«Quem viveu na China e estudou os seus habitantes, accrescenta Mr. Masters, não póde eximir-se de reconhecer uma analogia evidente entre as leis, religiões, costumes e habitos da China e os do paiz descripto por Prescott. Chinezes que trabalharam na construcção dos caminhos de ferro do Mexico ou que viajaram na America Central, referiram-me que haviam encontrado em certos rochedos hieroglyphos, que não eram senão a escripta chineza modificada.

E' tambem conhecida a opinião do Sr. Ampère na *Revue des deux Mondes* de 1853 sobre a affinidade da lingua dos Othomis, do Mexico, com a dos Chinezes: e no Perú existem dous povos o de *Iten* e o de *Monsefú*, distantes um do outro 3 milhas, cujos habitantes falam dialectos tão differentes, que um não entende ao outro; porém os Chins comprehendem o que elles dizem.

E' por isso que Castelnau, apreciando pela observação etymologica o typo dos selvagens da America, conclue por dizer: «Il est difficile encore aujourd'hui de distinguer sous le rapport physiologique quelques uns des peuples de l'Asie avec les sauvages de l'Amérique.»

O Rev. Lobscheid, que ha muitos annos visitou o Mexico, notou semelhança extraordinaria entre a China e esse paiz. A propria architectura apresenta analogias; os telhados são egualmente em bossa ou recurvos como na China. As ancoras dos navios, com quatro braços e sem bicos; a lingua, monosyllabica; o caracter ideographico (representação directa das ideas pelos signaes graphicos) da escripta com bases identicas ás da Chineza, a ausencia do som R em todas as tribus indianas—outras tantas analogias com a China.

O mesmo Lobscheid enumera a transmigração das almas, o systema dos mosteiros, as solemnidades, as divindades domesticas, os cantos religiosos, os amuletos, as ceremonias da cremação, a crença em um monstro celeste, que devore o sol durante os eclipses, como egualmente communs aos Indios e aos Chinezes.

Acrescente-se ainda as ceremonias do casamento, o costume de ter uma esposa legal simultaneamente com uma serie de concubinas; o mesmo dom de trabalhar os metaes preciosos».

Na *Historia da Geographia* de Humboldt encontro tambem egual referencia, que o illustre sabio deixa de homologar, acceitando as considerações de M. Klaproth em opposição á noticia escripta por De Guignes, em que prova ter sido a America descoberta pelos Chins.

Entretanto, a dispersão da armada que Khoubilaï Khan, fundador da dynastia dos Yuan e irmão de Manggou Kakhan, enviada em 1281 para conquistar o Japão, produziu no animo de Reinhold Forster e M. Ranking a convicção de que a esse acontecimento prende-se a transformação do Perú, quanto á sua civi-

lisação e estado politico no tempo em que tornou-se conhecido dos europeos.

Em 1570, o celebre geographo Ortelius, disse--- que a America continental tinha sido descoberta pelos Normandos, e que Christovão Colombo só a poz em relações commerciaes com a Europa.

—

(a) As terras occidentaes não podiam deixar de ser descobertas mais cedo ou mais tarde pelos Europeos desgarrados por temporaes. Nós não acreditamos que o unico desejo de augmentar os conhecimentos geographicos levasse os homens do Norte ás costas daquellas regiões desconhecidas: o acaso fez encontrar a Islandia; o mesmo acaso fez encontrar a Groenlandia; e estes dous acasos deram motivo ás subsequentes explorações por um grande numero de aventureiros.

Não cremos que Colombo descobrisse a America pela unica força de seu genio philosophico, posto que digam haver elle concebido a idéa do descobrimento em 1470. Colombo era homem atilado, e tinha lição dos antigos geographos: sabia observar os phenomenos da natureza: fundava-se nas rasões de cosmographia; lembrava-se da necessidade de um equilibrio no globo, conforme as idéas de alguns philosophos, ou para melhor dizer, pensava que as terras do Cypango, dos Calhaes e da Judéa, descriptas por Marco Paulo e Mandeville, estavam mais proximas da

(a) Este trabalho é do já referido marechal Raymundo José da Cunha Mattos, um dos fundadores do Instituto Historico e Geographico do Rio de Janeiro. Falleceu em 2 de Março de 1837.

Europa do que ao depois se conheceu: mas não foi tudo isto o que fez entender a Colombo que ao Oéste da Europa e da Africa existiam terras mui dilatadas.

Este grande homem tinha viajado por differentes logares do Norte da Europa; tinha estado na Islandia em Fevereiro de 1477, e sabia que existia a Groenlandia povoada, e pertencente á Dinamarca.

A existencia desta peninsula, e os seus habitantes com feições algum tanto analogas ás dos Chins e Japonezes, de que falara o viajante da Tartaria, trouxe-lhe naturalmente á idéa o prolongamento destas terras para o Sul, terras que elle sabia desde então que se achavam a menor distancia do que os antigos pensavam, colonias que cinco seculos antes haviam sido visitadas pelos noruegos da Groenlandia. Colombo era um dos homens superiores á sua idade.

Bem informado das circumstancias deste paiz, até ao rio de de S. Lourenço, que tinha sido descoberto pelo irlandez Erik Rauda em 982 ou 983, e por elle colonisado, em 1004 ou 1006 pouco mais ou menos, não podia deixar de fazer pesquizas por si, e por outros, ácerca das aventuras dos italianos Zenis, que visitaram estas terras em 1380, e de um principe Madoc ou Madowe, filho de Owem Gwicinedœ, soberano do paiz dos Wechs ou Galles, cuja fama o reputava descobridor das cousas do Occidente, em 1170, e Bioern em 1101 Tambem Colombo estava informado da antiga existencia da Atlantida, e dos versos dos poetas a respeito de terras desconhecidas; e é mui provavel, que elle acreditasse mais nesses versos, do que nas opiniões de Nunenius, Proclus, Jamblico Syriannus, Porphirio, Origines e outros, que os entendiam por um modo mui diverso.

Emfim Colombo, nas dilatadas permanencias que fez nas ilhas da Madeira, e nas dos Açores, veio a saber que nas praias destas ultimas appareciam pinheiros estranhos, arvores desconhecidas na Europa, e com folhagem ainda fresca; (*a*) e tambem cannas de immensa extensão e grosseura de que havia noticias em os livros dos viajantes, de Ptolomeu e da India.

Póde ser tambem, escreve o General Cunha Mattos, verdadeiro o conto ácerca de Martins Vicente, (*b*) do piloto Affonso Sanches de Huelva (*c*) que, tendo sido arrojado por tempestades para as terras incognitas do Occidente, e adoecendo em casa de Colombo, que então habitava na ilha da Madeira (onde era casado com uma senhora mui distincta da familia dos Perestrello (*d*) lhe deixasse por sua morte todos os seus papeis, entre elles a derrota ás terras desconhecidas, que muitos pensam ser a ilha Atlantida, de que falou Aristoteles, e traziam os antigos mappas, e talvez os que ordinariamente têm o mesmo nome...

(*a*) Como a mimosa *scandens*, que ainda hoje dão á costa das referidas ilhas.

(*b*) Alguns historiadores acreditam que Colombo recebesse indicações de seu cunhado Pedro Corrêa, de Antonio Leme, de Vicente Dias e de outros pelas quaes guiou-se para o descobrimento da America.

---

[c] Ha historiadores que o julgam natural de Cascaes.

(*d*) O sogro de Colombo chamava-se Bartholomeu Perestrello, fallecido em 1458, e a sogra Izabel Moniz.

O referido Colombo viveu nas possessões de sua mulher D. Philippa Moniz de Mello Perestrello, em Porto Santo, onde nasceu seu filho Diogo Colombo em 1476.

«O sr. Trigoso, na *Memoria* apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa, falando de Martim Affonso e de Martim de Bohemia, *(a)* como que affirma que Colombo se havia guiado no descobrimento da America pelos conhecimentos consignados no seu globo».

Dizem diversos historiadores que o celebre piloto Affonso Sanches, em 1486 foi arrojado a grande longitude occidental, descobrindo uma terra desconhecida, que hoje se presume ser a America do Norte.

A' ilha da Madeira arribou elle com 3 ou 4 marinheiros desfallecidos pelas privações que soffreram, e morreram em casa de Christovão Colombo, onde ficou o diario nautico de Sanches, do qual se serviu o mesmo Colombo para descobrir a America em 1492.

(*a*) Martim Behaim, que diziam ser portuguez, natural da ilha Fayal, é de raça slava, cidadão de Nuremberg; nasceu entre os annos de 1430 e 1436; foi durante 20 annos negociante de fazendas e construiu em Lisboa um astrolabio de grande importancia para a navegação.

Foi discipulo do celebre astronomo Camille Jean Muller de Monte Regio.

Em 1486 casou-se no Fayal com D. Joanna de Macedo, filha do cavalheiro Iobst von Hürter, senhor de Murkirchen e Harbrck, primeiro capitão donatario das ilhas do Fayal e Pico.

Em 1486 e 1490 achava-se no Fayal, e em 1482 a 1484 em Lisboa, onde tambem esteve Colombo, que habitou em Portugal de 1470 a 1484, a menos que sua moradia não tivesse sido interrompida por viagens entre 1471 a 1481.

Behaim esteve em Nuremberg de 1491 a 1493, em França em 1494, de novo no Fayal de 1494 a 1506.

Viajou com Diogo Cão em 1484 nas costas da Aftica até o rio Congo.

Segundo a opinião de M. de Murr, morreu em Lisbôa em 1506, mas em seu retrato, conservado na casa do Barão Segismundo Frederico Carlos de Behaim, actual chefe dessa illustre familia, e onde se acha o globo de 1492, lê-se o seguinte: Obiit a MDVII *Lisibonæ* e não 1506.

Ha tambem um album genealogico do anno de 1732, o qual trata da descendencia dos Behaim de Schwarzbach até 1207, em que estão as armas do Cavalheiro Martim Behaim, e uma noticia biographica, que termina em allemão por estas palavras: morreu a 29 de Julho de 1507.

O astrolabio de Behaim, que se collocava no mastro grande dos navios, era uma imitação simplificada, por isso que instrumentos de astronomia nautica «proprios para encontrar no mar a hora da noite pelas estrellas» existiam desde o fim do decimo terceiro seculo na marinha catalã e de Maiorca.

O famoso hespanhol Raymundo Lullio, chamado o Doutor illuminado,

Robertson dá as cartas de Perestrello como guia de Colombo. Frei Antonio de S. Romão, na sua *Historia Geral das Indias Occidentaes,* composta em 1557 e impressa em Valladolid em 1603, na pag. 32, diz que Colombo descobriu novas terras no Occidente, *fundado no estudo da relação e papeis de certo marinheiro famoso que lhe morreu nos braços;* Garcilaso de la Veiga, nos *Commentarios reales* (t. 1.º cap. 3.º) affirma que Affonso Sanches *foi o primeiro descobridor da America (a)* Pizarro, Ayres de Casal, Vasconcellos e outros são da mesma opinião.

---

inventou tambem um astrolabio, como se vê de suas obras escriptas desde 1271 até 1298.

Nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa* lê-se:

«Sem remontar a tempos antiquissimos, e trazer á memoria a *Arbaleta* dos Chaldeus, a que elles chamavam *Báculo de Jacob*, com que tomavam a latitude e distancia do logar, em que estava o navio relativamente ao Equador, bastará lembrar que o Astrolabio, ou instrumento equivalente a elle, não deixou de ser conhecido muito antes do seculo XV entre as gentes do Arabismo, e em nossa mesma Hespanha; porque do arabe Cordovez Alzarcalli se conta, que inventara nella um instrumento para observação do sol e das estrellas, de que pasmaram os sabios astronomos do Oriente, quando o chegaram a ver. (Vide o auctor da *Bibliotheca dos Philosophos Arabes*). Geralmente se haviam propagado entre estes povos instrumentos, que ou eram analogos ao Astrolabio, ou serviam, como elle, para a observação da altura do sol e do movimento dos astros.

(a) «Neste mesmo anno de 1486, para que nem esta gloria faltasse á nação portugueza, Affonso Sanches, Mestre de hua Caravella de Cascaes descobrio aquelle novo mundo, a que depois chamárão America. Tinha Affonso Sanches por officio o navegar de Lisboa á ilha da Madeira a carregar os seus preciosos assucares, e fazendo neste anno a costumada viagem hua furiosa tormenta apartando-o do seo rumo, o fez correr do Poente por hum imenso Oceano por espasso de muytos dias, no fim dos quaes avistou terra nas ilhas do Golfo do Mexico, tomou nella os refrescos necessarios e tendo-a muyto bem arrumada e demarcada voltou a prôa para a Madeira, onde chegou tão doente e maltratado que não se podia ter em pé. A doença o obrigou a desembarcar logo e recolher-se em casa de Christovão Colon, que era hum Genovez, *que vivia na cidade do Funchal* e ganhava a sua vida com ter casa de pasto e pintar as cartas de marear para o que naquelle tempo era necessaria pouca sciencia, por ser o Mediterraneo o principal theatro das navegações Europeas, e aggra-

Em nota a pag. 4 da Chorographia do Imperio do Brazil pelo Dr. Mello Moraes lê-se:

«Succedeu-lhe D. João II, por cuja industria o mestre Rodrigo, mathematico portuguez, juntamente com o mestre José, medico tambem portuguez, e Martim de Bohemia, *natural de Braga*, em 1480 inventaram a engenhosa machina do Astrolabio, seguro e unico roteiro para as viagens compridas; e que em 1481 mandou fundar o castello de S. Jorge da Mina por Diogo de Azambuja, a quem acompanhou e ajudou muito nesta empreza o nosso capitão Pedro de Evora etc. Neste mesmo anno de 1486, para que nem essa gloria faltasse á Nação portugueza, Affonso Sanches, mestre de uma caravella de Cascaes, descobriu aquelle Novo Mundo, a que depois chamaram America.

Tinha Affonso Sanches por officio navegar de Lisboa á ilha da Madeira a carregar os seus preciosos assucares; e, fazendo neste anno a costumada viagem, uma furiosa tormenta, apartando-o de seu rumo, o fez correr ao Poente por um immenso oceano, por espaço de muitos dias, no fim dos quaes avistou terra nas ilhas do golpho do Mexico; tomou nella os refrescos necessarios, e, tendo-a muito bem arrumada e demarcada, voltou prôa para a Madeira, onde chegou tão doente e maltratado que não se podia ter em pé.

---

vando-se-lhe a enfermidade para se mostrar agradecido ao seo hospede, lhe deo as suas cartas de marear e o roteyro que tinha feyto desde a Terra nova até á Madeira, dizendo: que nellas lhe dava o mayor morgado que se podia dar neste mundo. Assim foy porque Colon com os favores dos Reys Catholicos e ajuda dos dous irmãos Martinho e Affonso Puiçon partindo com tres Caravellas aos 3 de Agosto de 1492 descobrio as novas terras aos 11 de Outubro do mesmo anno; e voltou triumphante a Lisboa aos 6 de Março do de 1493 com grande magoa del-Rei D. João II a quem elle se tinha offerecido para descobrir em seu Real nome as novas terras e El-Rei tinha desprezado, como impossivel a sua offerta.» *Evora Gloriosa—Epil. da Evora Illustr.* etc. *Roma:* 1728.

A doença o obrigou a desembarcar logo e recolher-se em casa de Christovão Colombo, que era um genovez que vivia na cidade do Funchal, e ganhava sua vida com ter casa de pasto e pintar as cartas de marear, para o que naquelle tempo era necessaria pouca sciencia, por ser o Mediterraneo o principal theatro das navegações européas; e aggravando-se-lhe a enfermidade, para se mostrar agradecido ao seu hospede, lhe deu suas cartas de marear e o roteiro que tinha feito desde a Terra Nova até a Madeira, dizendo — que nellas lhe dava o maior morgado que se podia dar neste mundo.

.....

.....

—

«Não se póde duvidar que, desde os mais remotos tempos, a America tenha sido quasi sem interrupção o theatro de emigrações, que têm agitado os differentes pontos de sua superficie; e tudo nos faz ver nestas deslocações violentas uma das causas principaes do desmoronamento das antigas sociedades, da corrupção das linguas, da degradação dos costumes, consequencia quasi inevitavel da mizeria produzida por qualquer grande catastrophe. E' permittido crer que, no principio, não houve senão um pequeno numero de nações principaes, que experimentassem colisões desta natureza, mas devemos suppor que tiveram o mesmo resultado que tem tido quasi em nossos dias a nação dos *Tupys*, isto é, os restos provenientes das massas que se abalroaram, terão sido dispersos em todas as direcções, misturados, gru-

pados e amalgamados de todas as maneiras. Por pouco que admittamos que as emigrações tenham continuado com intervallos assás approximados, durante uma longa successão de seculos, trazendo sempre comsigo os mesmos fraccionamentos, as mesmas dispersões, seguidas de uma especie de fusão de alguma das partes desgregadas, ter-se-ha uma explicação do estado actual da America.

Devemos crer que alguma grande commoção da natureza, algum temeroso tremor de terra, tal como aquelle que outr'ora se attribuia a submersão da formosa Atlantida, tenha envolvido em seu circulo destruidor os habitantes do novo continente? Foi o terror profundo experimentado pelos desgraçados escapos desta terrivel calamidade que, transmittindo-se sem diminuir de intensidade, ás gerações seguintes, perturbou a sua razão, obscureceu a sua intelligencia e endureceu o seu coração?

Foi esse terror sempre presente que os dispersou; e fechando-lhes os olhos aos beneficios da vida social, os obrigou a fugirem uns aos outros, sem saberem onde os levariam seus passos?

Supporemos nós que calamidades de outro genero, longas e desoladoras seccas, terriveis inundações, trazendo após si a fome, forçaram os homens de raça vermelha a devorarem-se uns aos outros, e que a repetição destes actos de cannibalismo, roubando-lhes em pouco tempo tudo o que em sua natureza poderia haver de nobre e humano, os fez cahir no estado de degradação e embrutecimento, em que os achamos hoje? Ou então esta degradação é a consequencia, não das circumstancias exteriores, mas dos vicios do proprio homem, a consequencia das desor-

dens terriveis em que cahiram, abandonando-se ás inclinações que a macula original deixou em seu coração? E em uma palavra, devemos ver um exemplo do castigo que o Creador infligiu aos filhos pela falta dos paes com uma severidade, que seriamos temerarios taxando-a de injusta?» *(a)*

E' sabido que em tempos mui remotos os arabes frequentaram a ilha de Ceylão, emprehendendo portanto viagens de longo curso.

E' de presumir, pois, ao meu ver, que a outras paragens do mundo fossem ter esses intrepidos navegantes, devendo ser por elles conhecidas muitas ilhas da Oceania, onde os europeos encontraram, quando as descobriram, magestosos templos e palacios, superiores aos monumentos do Mexico, mui semelhantes ás obras primas do Egypto e da Persia, além das mesquitas e pagodes comparaveis aos da China.

Parece tambem evidente que essas nações, dadas ao commercio, frequentassem essas ilhas, e que, arrebatadas pelas correntes oceanicas, viessem ter á America muitas frotas asiaticas.

Os estudos modernos confirmam essas hypotheses, e eis mui naturalmente explicada a existencia do homem no continente americano, além das migrações pelo estreito de Behering.

Os chins desde épocas indeterminadas emigraram para as ilhas da Oceania em busca dos lucros do commercio e da pesca, e nellas se estabeleceram, constituindo familia com as mulheres malaias, de onde vem a obliquidade dos olhos desse povo.

(a) Opinião do sabio allemão Martius.

Os *malaios*, que, segundo Rienzi, são originarios da parte occidental da ilha de Bornéo, em contrario á opinião de Marsden, que dá-lhes por berço o antigo imperio de Menang-Karbu, foram sempre dados á navegação, eram laboriosos e intrepidos, conheciam a arte de escrever, que era original, mas depois admittiram os caractéres arabes; a sua lingua, além de rica e harmoniosa como a italiana, é a mais doce do Oriente.

Versados em astronomia, conheciam o curso dos planetas, as pleiades, o sirio, orion; nos tempos remotos colonisaram as costas orientaes das ilhas Formoza e de Madagascar, e tinham por embarcações juncos, champanas, jumpangos, fustas, almadias, chimfangas, que percorriam vastas extensões; podendose, portanto, admittir a hypotheses de terem percorrido o Atlantico, algumas vezes por espirito de aventura, e outras pela impulsão das correntes *pelagicas*.

E quantos, nessas excursões longinquas, não foram victimas de naufragios, e vieram dar ás costas da America?

« *Combien d'aventureuses courses dont l'histoire n'a conservé aucun souvenir!*

Combien d'infortunés précurseurs de Christophe Colomb qui, engloutis dans les flots de l'Ocean ou naufragés sur quelque plage déserte, n'ont recueilli pour fruit de leur noble audace, qu'une mort ignorée! (Malte-Brun).

E' conhecida a grande corrente das costas de Cantão, na China, a qual passando pela parte oriental do Japão, vae ter ás ilhas Aleuticas, e dahi prosegue, costeando a America do Norte, até o isthmo do Panamá; e assim se tem visto serem arrastadas

por ella, tomando essa direcção, os *juncos* chinezes e japonezes.

Crawfurd diz que os djonks, ou juncos, empregado na navegação, transportam annualmente de 400 a 500 chins para Java.

Esses mesmos navios de 100 a 150 toneladas frequentam as Filippinas, Hollo, Buitang, Bauka e outras ilhas.

E assim em eras remotas estabeleceram-se relações do commercio, o cruzamento das raças, religiões e linguagem, que insensivelmente passaram por modificações naturaes com o correr dos tempos.

Não admiramos hoje o arrojo de ousados marinheiros, que, em pequenas embarcações, apenas algumas com 4 homens de equipagem, e outras com muito menos, percorrem o extenso littoral do Brazil e vão ter aos portos da America do Norte ?

Não ha muito tempo esteve no porto do Recife, em Pernambuco, o ousado marinheiro sr. Joshna Slocon, procedente de Boston, Estados Unidos do Norte, com 72 dias de viagem, o qual conduziu sosinho até ali o cutter americano «Spray,» de 13 toneladas; e pretendia partir para Buenos-Aires e depois para a China.

A ousadia do homem manifestou-se sempre em todos os tempos, logo não é motivo de duvida a possibilidade de aventuras maritimas, em épocas distantes da historia, por povos acostumados a navegar da Oceania para a Asia.

Só assim pode-se explicar a existencia da civilisação do Mexico e do Perú, quando esses paizes foram descobertos pelos hespanhóes.

De Guignes é de opinião que os Chins, desde o

seculo 4.º da era christã, viajavam nos mares da America e conheciam o Peru.

O barão de Humboldt disse que «o contacto asiatico com a America era indiscutivel, pois se manifestava francamente na cosmogonia e nos hieroglyphos.»

O sabio philologo Brerewood é de opinião que a origem dos povos americanos é puramente asiatica.

O doutor Mitchill é de opinião contraria, pois julga que os primeiros habitantes da America septentrional eram originarios da Malasia.

Castelneau, em suas narrações de viagem, conta que um israelita, residente em Santarém, á margem do Amazonas, indicou-lhe mais de cincoenta termos usados pelos naturaes do paiz mui semelhantes aos dos hebreus.

Um symbolo chinez encontrado em Kopan, na america Central, deu logar ao notavel americanista dr. Hamy a remontal-o ao seculo XIII da nossa era, mas o conde de Charancey julga-o do fim de seculo 1.º e refere-se á epoca de Votan.

A'cerca deste personagem lê-se a seguinte nota a pag. 93 do *Muyrakytã* :

«Devo lembrar que este Votan já foi o terceiro que chegou á America, tanto que elle mesmo diz: «ter seguido o caminho aberto por seus irmãos os serpentes e no qual deixou monumentos» Del Rio diz, segundo as tradições tzendaes—que a chegada do primeiro Votan á America foi 290 annos antes de Christo. Ordonnez dá para a sua chegada 1000 annos, e o Codex Chimalpopoca 955 antes de Christo.

—

Ha ainda uma prova do conhecimento da America pelos asiaticos nos tempos immemoriaes da

historia, como se deprehende das brilhantes paginas do *Muyrakytã*, livro transcendental, de estudo elevado e de pesquisa historica de alto valor scientifico, o qual dá ao seu auctor o renome e o merito que o collocam entre o homens de saber.

Nesse livro, em que se admira o genio perscrutador do illustre brazileiro J. Barbosa Rodrigues, que tão bons serviços tem prestado á ethnographia e á anthropologia das raças americanas, ha assumpto de grande observação, que deve ser estudado com maxima attenção e criterio pelos que se interessam pela verdade historica do novo continente, ainda occulta nas dobras de indecifraveis mysterios.

São de tal modo positivos os argumentos do erudito auctor do livro a que me refiro, que tornam-se evidentes as provas da sua enunciação ácerca do assumpto de que se occupa proficientemente, demonstrando, com o estudo e com a tradição historica de passadas eras, a proposição, em boa hora concebida—de se ter feito continuadas migrações asiaticas para o Novo-Mundo, sendo a base desse conceito um objecto de minimo valor para os indifferentes de todos os tempos, mas de grande alcance para os que se dedicam ao estudo da etiologia.

Assim é que do resultado de certas pesquisas, que demonstram o perseverante esforço de quem abalançou-se a tão grande emprehendimento, ficam patentes os factos de ter sido o *muyrâkitan* ou pedra verde um objecto de veneração deixado pelos asiaticos nas plagas americanas, em época que não póde ser assignalada com justeza; sendo esse monumento archeologico e prehistorico um attestado vivo da presença de uma civilisação que entre nós expungiu-se

pelo correr dos seculos, deixando porém o rastilho de sua passagem nos diversos povos indigenas, que habitam o vasto continente da America.

O que não resta duvida é ter tão illustre brazileiro prestado valioso contingente aos que se consagram ás pesquizas da America historica, exclarecendo com o estudo apurado de suas observações scientificas circumstancias que a outrem passaram completamente despercebidas.

Disse ainda o illustre paleontologista:

«Que a população primitiva do Amazonas descendo de duas immigrações, uma asiatica e outra normanda, cruzada, para mim é fora de duvida, porque provas materiaes o confirmam. O *Muyrákytã*, os aterros sepulcraes e os Kjoekkenmoeddings o attestam, além de differentes usos identicos, que isso corroboram. O uso de cremar os corpos e enterrar os ossos queimados, foi dos Normandos em sua época de ferro, que começou logo depois da éra christã, embora mil annos antes fosse o ferro empregado pelos gregos de Homero e no Egypto. Na sua época de bronze, os Normandos não queimavam os corpos e esse uso caracterisa o fim della e o começo da de ferro.

Queimados os ossos, eram guardados em urnas de argilla e mettidos nos *tumulis*, *cairns* ou *stenkummel*, sueco. Cumpre notar que este uso acabou justamente no fim da edade de ferro, isto é, no meio do XI seculo, no periodo dos *vikkings*, ou da immigração dos Normandos para as costas da Europa e da Finlandia, onde vincularam seu nome como descobridores da America.

Os Celtas e depois os Gaulezes tambem tiveram o uso de quebrar e cremar os ossos, depositando junto delles prendas e amuletos. Quando a Panuco chegou

Quetzalcohualt com seus companheiros, do 3.º ao 6.º seculo da nossa era, que para uns historiadores eram Budhistas e para outros Normandos, já encontrou a civilização Yucatica, symbolisada pelo nome de Itzamina, e a de Votan, anterior a esta, que eram ophiolatras. A ultima immigração, conhecida por Nahua, pelos novos conhecimentos e luzes que trouxera, derrubaram com os numerosos proselytos que fizeram o Imperio de Xibalba e levantou-se o dos Nahuas, que, subdividindo-se, deu logar a formar-se o grande Imperio dos Toltecas. Os Nahuas introduziram o costume de cremar os corpos e guardar as cinzas, que para o Sul trouxeram quando immigraram.»

—

Quem attentamente observa os artefactos da arte ceramica, encontrados na necropole de *Mirakanguéra* e em outros logares do Amazonas, principalmente os fabricados pelos *Aroakys*, não tem duvida em affirmar que essa raça degenerada representa os vestigios de um povo estrangeiro prehistorico.

Esse conceito é confirmado pela comparação que se faz com as urnas funerarias usadas na India ha 300 annos antes da era christã, conforme descripção de M. Louis Rousselet no *Tour du Monde*, e por elle encontrados no cimo do *Satdhara*, evidenciando-se do seu confronto exacta identidade de fórma.

Os estudos sobre a paleontologia brazileira feitos pelo Dr. Pedro Guilherme Lund, *(a)* á vista dos restos

---

(a) Este sabio dinamarquez morreu na Lagoa Santa (Minas Geraes) a 5 de Maio de 1880. Nasceu em 14 de Junho de 1801 em Copenhage, e residiu no Brazil desde 1827. Entre os scientistas tem o illustre morto firmada reputação de sabio.

São notaveis as suas interessantissimas cartas publicadas na Rev. do Instituto Historico, vol VII e XI.

humanos da época quaternaria encontrados nas cavernas calcareas de Santa Luzia, em Minas Geraes, comprovam a existencia do homem prehistorico no Brazil

Esses trabalhos foram depois confirmados por Quatrefages, e assim Lund affirmou a existencia do homem numa época em que se julgava não existir a especie humana, e na propria Europa não se cogitava que o homem pudesse ter vivido fóra do tempo determinado pelo Genesis.

Não entro na apreciação desse estudo por faltar-me competencia, mas os sabios que o julguem com o devido criterio.

Em face de materia tão interessante, transcrevo o que li ha pouco tempo sobre a edade da terra:

«M. Emile Blanchard, membro da Academia das Sciencias de Paris, occupa-se em a *Nova Revista* da edade da terra.

Simples hypothese, incapaz de fornecer dados positivos, é, porém, um facto a unidade de pensamento quanto ao numero de annos que conta o nosso globo e que desafia e perturba a imaginação.

Entre as descobertas que a sciencia deve á eschola de Hutten, é preciso citar a que concerne á antiguidade do globo.

Seis mil annos bastavam então para satisfazer os espiritos.

Quando foi descoberto o véo que occultava a historia da terra; quando então os homens, olhando além do curto espaço, durante o qual esta historia se tinha desenrolado, contemplaram a longa série de edades, extendendo-se indefinidamente em um passado obscuro, a perspectiva preoccupou sériamente os espiritos.

A astronomia tinha feito conhecer um espaço sem limite, a nova sciencia da geologia revelava entre o tempo incalculaveis distancias.

Nenhuma data certa póde ser expressa para medir o intervallo que nos separa desse passado longinquo; porém lord Kelvin calcula que um periodo de 100 milhões de annos póde comprehender toda a historia genealogica do globo.

Por outro lado, os geologos não calculam em menos de 500 milhões de annos o tempo que foi necessario para a formação e estratificação dos terrenos geologicos, donde a incompatibilidade dos factos geologicos com a hypothese nebular, que não fornece senão 18 milhões de annos, talvez, 30 milhões, no maximo.

Subindo para o passado longinquo, vê-se as determinações chronologicas tornarem-se cada vez menos certas.

Em que época o homem appareceu no mundo? No fim do periodo glacial?

Sabe-se que, depois de uma época em que a Europa central gosava de um clima quente, houve um prodigioso resfriamento que occasionou a morte dos grandes mammiferos que viviam então: os elephantes e os rhinocerontes.

Foi o periodo glacial.

Toda a vida foi então extincta em grandes espaços.

Para determinar a duração desse periodo, applicaram-se os geologos e os physicos.

O celebre geologo inglez Prestwich não crê em uma duração de menos de 15.000 a 25.000 annos para o periodo glacial, isto é, para a época de extremo frio, e admitte uma duração de 8.000 a 10.000

annos para as épocas de transição, o que elle chama a *época do dissolvimento do gelo.*

Segundo Prestwich, a antiguidade do homem sóbe a 20.000 ou 30.000 annos, se o suppõe anterior á época glacial.

Se, ao contrario, o homem não veiu senão depois do periodo glacial, sua apparição não dataria senão de 10.000 a 15.000 annos.»

—Mortillet, á vista das suas observações geologicas, pensa que a antiguidade do homem vae a 230.000 nnos.

M. Lyell achou na bahia de Fundy (Nova Escossia) sobre uma espessura de carvão de pedra de 400 metros, 68 niveis differentes, apresentando os traços evidentes de diversos solos de florestas cujos troncos de arvores estavam ainda com suas raizes (L. Figuier).

No entender de um observador: suppondo mil annos para a formação de cada um desses niveis, seriam precisos 68.000 annos para essa unica camada de carvão de pedra.

—

Parece não haver duvida, pela leitura das paginas anteriores, de que a America antes de ser conhecida pelos povos cultos, já o era em épocas prehistoricas, comprovando esse asserto os signaes de antigas civilisações e os monumentos que são a cada passo assignalados em diversas regiões do novo continente.

E' bem conhecida a lenda da vinda do Apostolo S. Thomé *(a)* que passou na America por um semideus, e os *Tupis* conservavam a crença de ter sido

---

(a) A lenda intitulada Sumé foi impresa em Madrid em 1855, e reimpressa no *Panorama* nesse mesmo anno.

elle quem lhes ensinara o uso e a cultura da mandioca, e aos portuguezes nos primeiros tempos do descobrimento do Brazil mostravam os indigenas as pégadas do venerando ancião, que era pintado com longas barbas.

Sebastião da Rocha Pitta, (*a*) historiador brazileiro de reconhecido merito, tratando do santo varão a que a igreja catholica presta fervente culto como martyr da religião de Christo, acceita a possibilidade da vinda desse heroe do Christianismo ás plagas americanas, considerando um milagre da providencia a sua pregação em um continente habitado por gentios.

Assim se exprime o alludido historiador na «Historia da America Portugueza:»

«De ser o Apostolo S. Thomé o que no Mundo Novo pregou a doutrina evangelica, ha provas grandes, com o testemunho de muitos signaes em ambas as Americas: na Castelhana, aquellas duas cruzes que em differentes logares acharam os hespanhóes com lettras e figuras, que declaravam o proprio nome do Apostolo, como escrevem Joaquim Brulio, Gregorio Garcia, Fernando Pizarro, Justo Lipsio e o bispo de Chiapa; e na nossa portugueza America, os signaes do seu baculo e dos seus pés, e a tradição antiga e constante em todos estes gentios, de que eram de um homem de largas barbas, a quem com pouca corrupção chamavam no seu idioma Sumé, accrescentando, lhes viera a ensinar cousas de outra vida, e que não sendo delles ouvido, o fiseram ausentar.»

(*a*) Nasceu em 3 de Maio de 1660, na cidade de S. Salvador (Bahia) e falleceu na mesma cidade em 2 de Novembro de 1738.

O Padre Pedro de Ribadaneira, da companhia de Jesus, na vida de S. Thomé, diz ter esse santo pregado no Brazil em sua missão de Apostolo.

Ha historiadores, porém, que combatem essa lenda, e, segundo consta, o papa Urbano VIII não a julga acceitavel.

Christovão Colombo

O DESCOBRIMENTO DA AMERICA

Embora já bastante conhecidos os feitos gloriosos desse illustre almirante, que abriu as portas de um novo mundo ás explorações do commercio e da civilisação do velho continente, não é demais a narração dos episodios de sua primeira viagem ás plagas americanas, no seu tempo ainda envoltas nos sombrios mysterios da historia e da geographia.

Occupar-me-hei, portanto, de tão elevada personalidade, prestando-lhe a veneração e o respeito a que tem direito pela energia de seu caracter rectilineo e pela convicção de suas aspirações, quando, em busca do seu ideal, procurava firmar a crença de que não caminhava ao acaso, mas sim a um ponto seguro de terra remota.

A sua historia é o melhor estimulo para os mais ousados emprehendimentos do espirito humano, e a elle deve a civilisação christã as mais levantadas conquistas, pois novos horizontes expandiram-se ao facho luminoso da razão e da fé.

O estudo e os conhecimentos que tinha Christovão Colombo da arte de navegar, fizeram-no emprehender o vasto plano de descobrir terras afastadas da Europa, á vista do que sabia por informações, estudo da historia, narrativas de viagens feitas atravez de mares tempestuosos, e ainda pelas descripções de Marco Polo, Balducci Pelogetti, Nicolas de Conti, e pela leitura do tratado das origens de Izidoro de Sevilha, que impressionou-lhe o espirito, na opinião de Humboldt.

A sua imaginação sempre preoccupada com a idéa constante de ver, em futuro proximo, a realidade da visão, que passava-lhe pela mente exaltada, não o deixava em socego; tal era a força da concepção que o dominava.

Parece que o quadro dessa visão passava-lhe em sonhos, ou mesmo acordado, pelos olhos, que se extasiavam ante scenas estranhas e deslumbrantes.

Uma voz intima, a voz d'alma, parecia tambem dizer-lhe cousas que o assombravam, e elle, cada vez mais convicto de que tudo quanto pensava, firmava-se em sua rasão esclarecida, não teve duvidas, nem escrupulos sequer, de ser talvez o escolhido pela Providencia para executor de uma grande obra.

A relação escripta pelo cavalheiro inglez João Mandeville, consignando idéas sobre a esphericidade da terra, e portanto a possibilidade de se viajar em redor do globo, preoccupava a attenção dos navegadores e dos mathematicos do seu tempo; e Philippe Brunelles-

chi, celebre architecto e mechanico florentino, muitas vezes perante seu discipulo o astronomo Tcscanelli, dissertara sobre a existencia de um outro hemispherio, confirmando assim a doutrina já conhecida.

A' essa idéa não era estranho Colombo, que, sobre tão interessante assumpto, descutira com Toscanelli, illustrando o espirito em noções mais exactas ácerca da geographia physica, de que não tinham perfeito conhecimento os sabios da sua época.

Além disso conhecia as cosmographias italianas e allemães, e não cessava de lêr as obras do cardeal Pedro d'Ailly, não lhe sendo tambem estranhas a geographia de Edrisi, as opiniões de Aristoteles, de Strabão e de Seneca; conhecendo as *Profecias* e outras diversas obras que, com interesse, procurava estudar. *(a)*

—

Christovão Colombo teve por berço a cidade de Genova, onde nasceu no anno de 1446, opinião esta mais acceita. *(a)*

(a) Strabão, em seus escriptos, dissera que no meio do Atlantico bem poderiam jazer «um ou mais continentes, povoados de differentes raças humanas-»

(a)	1430	segundo	Ramusio
	1435	«	Roselly de Lorgues
	1436	«	Bernaldez
	1436	«	Julio Verne
	1437	«	Centenario do Descobrimento da America (Memorias da Commissão Portugueza)
	1441	«	Padre Charlevoix
	1445	«	Bossi
	1446	«	Munoz

Pretendem tambem dar-lhe Pradello, Cuccaro, Cogoleto, Savona, Nervi, Albissola, Boggiasco, Cosseria, Finale, Oneglia, Calvi e Piemonte, como logar do seu nascimento.

Seus paes Domingos Colombo e Suzana Fontanarossa, de Bisagno, eram pobres burguezes, e a sua profissão até a edade de 14 annos era de tecedor de lã.

Depois desse tempo foi intrepido marinheiro nos mares do Mediterraneo, tendo ido ao Levante, e o Atlantico não lhe era desconhecido, onde por vezes a sua imaginação preoccupou-se com a idéa de ser um dia talvez o descobridor de um novo mundo, não admittindo tão estreitos limites que percorrera á grandeza da Potencia creadora. *(a)*

.....

Acreditam alguns historiadores que, aos 14 annos de edade, Colombo interrompeu os seus estudos academicos em Pavia, onde aprendia a grammatica, o latim, a geographia e a astronomia, sendo porém outros de opinião que os seus conhecimentos foram adquiridos em Lisboa e em Sevilha—de 1470 a 1484, na edade de 34 a 48 annos, em que frequentou as licções dos sabios das duas cidades, illustrando-se no estudo da astronomia, geographia, geometria e cosmographia.

1446	Segundo	Vivien de Saint Martin
1446 ou 1447	«	Sophus Ruge
1447	«	Robertson e Spotorno
1449	«	Willard

(a) Ha presumpção da parte de alguns historiadores de ter Colombo visitado a Islandia em 1477, adquirindo ali conhecimento do descobrimento da America pelos scandinavos.

Ha alguma probabilidade de terem sido seus mestres em astronomia nautica Antonio de Terzago e Stefano de Faenza.

Por esse tempo casou-se em Portugal com D. Philippa Moniz de Mello Perestrello e viveu em Porto Santo; por isso acredita-se que elle ali tivesse conhecimento da apparição de cadaveres com signaes desconhecidos, pedaços de madeira exquisita, plantas e canôas, que as correntes e os ventos do oeste tinham levado até as costas do Fayal, da Graciosa e de Flores; acrescendo o facto de ter noticias da America por narrações do piloto Affonso Sanches, residente na ilha da Madeira, consoante a opinião de antigos historiadores.

A longa pratica de viajar, a actividade do seu genio aventureiro, os seus conhecimentos nauticos, encorajavam-no para grandes emprehendimentos, mas a sua pobreza oppunha-se ao arrojo da empreza que não lhe sahia da mente.

Os amigos de que dispunha eram pobres, e portanto sem os recursos da fortuna com que podessem auxilial-o em suas aspirações; e assim appellou para o patriotismo do senado de Genova, a quem expoz o seu arrojado plano de navegação; intelizmente repudiado pela maioria dos senadores, que reputavam um sonho essa tentativa, dizendo muitos dentre elles ser uma heresia a proposta de Colombo, que assim afiançava a existencia de antipodas, doutrina então combatida pela curia romana. (*a*)

Egual repulsa soffreu o seu plano em Veneza.

(*a*) A'cerca dos antipodas ha a controversia se a Igreja condemnou e declarou hereticos os que sustentavam sua existencia, a proposito do bispo Vir-

Repellido pelos seus compatriotas, que não podiam comprehender a grandeza do seu plano, combalido de desgosto por se ver ludibriado pelo senado de sua terra natal, lançou suas vistas para o pequeno reino de Portugal, onde já o infante D. Henrique assombrára a Europa com o arrojo de seus descobrimentos.

Assim, arrastado pela convicção de não ser uma utopia o seu projecto, pois tinha quasi certeza de abrir para a India caminho muito mais curto que o dos Portuguezes á roda d'Africa, afim de alcançar a ilha de Zipangú e o opulento paiz de Cathay, dirigiu-se em 1483, segundo presume-se, a D. João II, rei de Portugal, a quem expoz o plano que tinha concebido, fazendo ver ao monarcha os beneficios que rezultariam delle.

---

gilio, diocesano de Saltzbourg, na Baviera, e desde 1814 na Austria. Não ha duvida que o *padre* Virgilio (só depois foi Bispo) affirmava «que havia *outro* mundo e *outros* homens *sob* a terra, *outro sol* e *outra lua*».

Foi esta proposição que, por provocação de S. Bonifacio, o Papa Zacharias condemnou. Os antipodas estavam neste mesmo nosso globo terraqueo; eram homens da mesma especie dos europeus, tinham o mesmo sol e a mesma lua. Onde, pois, o erro attribuido á Igreja?

Tambem S. Agostinho tem sido accusado de negar a existencia dos antipodas. E' porém, uma accusação sem fundamento. S. Agostinho sustentou sempre que a terra era redonda; mas, duvidava do que asseveravam os philosophos e os physicos, entre os quaes Cicero no *sonho de Scipião*, que «os que habitavam a zona austraí temperada eram de uma especie differente, e nada tinham de commum com a humanidade então conhecida», *nihil ad vestrum genus*. Basta lêr essa questão suscitada na sua *Cidade de Deus*, caps. VIII *in fine* e IX: dizia elle, *ex Adam sunt, si homines sunt;.....quod vero et antipodas esse fabulantur;.....nulla ratione credendum est.*

Isto é, se são homens, devem ser descendentes de Adão; não ha razão para acreditar nessa gente de especie differente como antipodas. Vale a pena lêr Ch. Barthelemy, *Erreurs et mensonges historiques*, I, no capitulo sob o titulo *L'évêque Virgile et les antipodes*. Pariz 1875.

(Nota a pag. 6 de *Algumas Notas Genealogicas* pelo Dr. João Mendes pe Almeida).

O rei acolheu-o com boas disposições, demonstrando patrocinar tão ousada empreza, mas antes de dar o seu apoio a Colombo, quiz ouvir a opinião dos mais sabios cosmographos do reino, mestre Rodrigo e mestre José, que por fim se manifestaram contrarios aos intuitos do genovez.

Eis o parecer que o castelhano D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, denominado o *Calçadelha* e confessor d'El-Rei, deu a respeito:

«Antes de se tomar a ultima resolução naquellas emprezas, que respeitam ao bem publico, é necessario examinar se estas são justas, gloriosas, e uteis, que a faltar-lhes algumas destas tres condições he arriscado o emprehendel-as. A que Christovão Colombo propõe, segundo o meu parecer, nenhuma dellas tem. Para a executar são necessarias immensas despezas, além de sacrificar hum bem certo e esperanças incertas, expor a flor da mocidade aos perigos de huma longa navegação, e privar-nos dos soccorros mais apertados contra os inimigos visinhos, que não deixariam de lançar mão da diversão das nossas forças.

Não he pois mais glorioso, que quando hajamos de fazer guerra, o fazel-a aos Mouros de Africa, inimigos do Reino, e da nossa Religião, e que só anhelam a ruina de toda a Hespanha? A respeito da utilidade, que homens, que riquezas, que frotas não seriam necessarias para a execução da empreza, de que se trata? Só a idéa basta para demonstrar a inutilidade della.

Contentemo-nos, pois, de fazer guerra a Africa: esta empreza é justa, gloriosa, e util ao mesmo tempo.

Os Africanos são guerreiros, suas riquezas immensas, e o odio, que tem contra a nossa Religião, desmesurado.

Estas as razões que moveram os nossos Monarcas a fazer-lhes huma guerra eterna.

Assim meu parecer he que se prefira huma cousa, que he real, ao que he fantastico e que seguindo as pizadas de nossos antepassados continuemos as nossas expedições contra estes crueis inimigos, e cuidemos sem affrouxar em abater seu terrivel poder.»

O Conde de Villa Real Pedro de Noronha, respondeu ao Bispo desta maneira :

«Todas as cousas desta vida dependem de certas circumstancias, que regulam, e devem regular em tudo aos homens a regra de vida. Quando os Mouros tinham quasi sujeito ao seu poder a Hespanha, todas as nossas forças eram poucas para enfrear sua ambição. Mas hoje que temos rechassado além dos mares estes Barbaros, hoje que a Hespanha, já não geme debaixo do jugo destes crueis inimigos, e nós temos cidades, e Portos commodos no seu Paiz, o bem do Estado, a gloria da Nação, e o interesse da Religião nos convidam a emprezas mais nobres.

O que Christovão Colombo propõe póde ser duvidoso, e ainda arriscado; mas isto não deve ser parte para que desprezemos o designio de levar até a Asia a gloria das nossas armas. A Europa, e a Africa tem experimentado a força dellas: sobmettamos os Orientaes, e não haverá cousa que possa hombrear com a nossa gloria.

De mais disso a experiencia nos tem mostrado, que não ha Nação mais contraria á nossa Religião do que os Mouros; vamos pois buscar Nações menos indoceis, e menos oppostas por seu genio, e costumes ás verdades da Lei de Jesu Christo. Se estimais a gloria da Nação, se vos interessais nos progressos da Reli-

gião, e quereis vêr a Portugal opulentissimo, mettamo-nos a esses mares immensos, que nos separam dos povos Orientaes; estabeleçamos entre elles e nós hum commercio florecente; illuminemol-os com as luzes do Evangelho, e não desprezemos vergonhosamente emprezas, em que nenhuma Nação, excepto a nossa, ousou de pôr os olhos.

Dos nossos visinhos não temos que temer: os Mouros bem longe de cuidar em vir fazer guerra ao nosso Paiz, só se occupam em defender o seu: a paz impera entre Castella, e Portugal, e quando os Hespanhóes a quizessem romper, as mesmas Indias nos darão riquezas, que nos constituirão, como nunca, em estado de enfrear seus ambiciosos esforços. Assim concluo com dizer que será justo, glorioso, e util ir ao descobrimento do novo Mundo trabalhar na conversão de tantos povos differentes, que vivem n'huma profunda ignorancia da nossa Santa Fé, estabelecer um commercio duravel entre elles, e nós, e não esmorecer em meio das difficuldades, quaesquer que se possam encontrar na execução de semelhante empreza».

Este parecer foi escripto em 1484. (*a*)

—

Desilludido ainda uma vez, tendo perdido a sua cara esposa, unica consolação para os constantes soffrimentos de sua alma, Colombo abandona Portugal, (1484) que não soube dar o devido apreço ao seu projecto, então tido por imaginoso e phantastico; e

(*a*) Estes dous documentos são transcriptos da *Historia Geral de Portu-* por Mr. De La Clede.

assim, em companhia de seu filho Diogo, embarca para Genova, onde residia sua familia paterna.

Genova repelle novamente o seu plano, e desgostoso pela ingratidão da parte de sua terra natal, toma o caminho de Hespanha, em busca de estranha protecção.

O peregrino arfando de cansaço, fatigado pelo calor do dia, extenuado de forças, caminha guiado, quem sabe, pela Providencia, em busca de quem patrocinasse os seus planos, e désse apreço ás suas palavras, sempre ungidas de fé em Deus e de esperança no porvir.

A zombaria dos nescios, o sarcasmo dos que o tomavam por visionario, não apagavam o ardor das suas convicções, e, cada vez mais firme, elle tinha esperança de vêr em breve descortinadas, á luz da sciencia, as suas *utopias*.

Os céos pareciam inspiral-o.

Finalmente chega á Hespanha nos primeiros mezes do anno de 1485, e é acolhido com bondade pelo Duque de Medina Celi, que hospedou-o em sua residencia no Porto de Santa Maria, onde encontrou os confortos necessarios á sua atribulada existencia.

O duque mostrou-se em extremo amigo de Colombo, e dissuadiu-o da intenção de se dirigir á França ou á Inglaterra com o fim de pedir auxilio á coroa para o bom exito do seu emprehendimento. *(a)*

Em companhia de tão fidalgo cavalheiro passou Colombo algum tempo, e vivia de desenhar cartas maritimas.

Por essa occasião Colombo dirigiu-se ao mostei-

(a) Oviedo e outros historiadores dizem que Colombo tinha antes de se dirigir a Portugal, pedido o auxilio de Henrique VII da Inglaterra para realisação do seu projecto.

ro de Santa Maria da Rabida, onde entreteve relações com o guardião frei João Perez, *(a)* homem de fervente piedade, que era versado em cosmographia e astronomia, sendo um dos mais doutos da sua ordem.

As suas confidencias com o venerando guardião e o apreço que devotou-lhe toda a communidade pelo seu genio bondoso e virtudes christãs, tornaram-no estimado de todos, e por isso abriram-se-lhe as portas do convento, onde habitou por algum tempo.

Frei João Perez recommendou-o ao Prior do Prado frei Fernando de Talavera, então confessor dos reis, para que tomasse sob sua protecção o estrangeiro, que tinha a idéa de emprehender uma longa navegação, de que resultaria immensa gloria para a Hespanha.

Colombo, persuadido do bom exito dessa recommendação, seguiu ao seu destino; mas debalde lutou para alcançar os favores precisos á sua empreza.

Finalmente, graças á intervenção do cardeal Pedro Gonsalves de Mendonça, arcebispo de Toledo, conse-

---

(a) Este sacerdote tinha sido confessor da rainha, logar este que depois de 1478 foi desempenhado pelo celebre Prior do Prado, depois arcebispo de Granada, frei Fernando de Talavera, religioso de S. Jeronymo.

Segundo frei Apolonio da Conceição, na sua obra intitulada *Primasia Serafica, na Região da America*, impressa em Lisboa em 1773, frei João Perez de Marchena, era religioso de sua ordem, da provincia da Andaluzia e não da Rábida, como disse fr. Jacintho de Deus.

Navarrete é de opinião que fr. Antonio de Marchena, citado por *Las Casas* é o mesmo fr. João Perez, o mais antigo dos protectores de Colombo, e que veiu ao Haiti na 2.ª viagem do almirante como astronomo á vista de recommendação da rainha Izabel.

—Os primeiros religiosos para as ilhas descobertas por Colombo eram da ordem de S. Jeronymo, e foi celebre entre os indigenas o ermitão Fr. Romano Pane.

Os franciscanos só foram enviados ao Haiti em 1502 e os dominicanos em 1510.

guiu o genovez ser apresentado em Novembro de 1486 *(a)* a Fernando e a Izabel, rainha de Castella e Aragão, a quem fez sciente do seu plano.

Colombo foi bem acolhido pelos saberanos, que ouviram-no com attenção, mas a situação politica do reino não permittia a execução de tão gigantesca empreza.

Colombo não desanimara com o resultado dessa audiencia, embora ficasse contrariado com a opinião dos que julgavam impraticavel o seu plano.

.....

Nesse mesmo anno, em Cordova, o genovez, apaixonado pelas graças e pela belleza de D. Beatriz Enriquez, da nobre casa dos Arana, apesar da opposição de tão illustre familia, realisa o seu consorcio com essa distincta dama.

Em carta de 20 de Março de 1488, D. João 2,° rei de Portugal, convida-o a vir a Lisboa, querendo talvez patrocinar o seu projecto, regeitado em sua côrte poucos annos antes; mas Colombo, enamorado ainda pela gentileza e attractivos de sua esposa, que se tornara mãi em 29 de Agosto do anno anterior, não accedeu ás solicitações do monarcha, que, em tempo, não soube aproveitar as suas boas disposições, considerando-o talvez um visionario, seguindo deste modo a opinião dos que assim o julgavam.

Em 1491 *(b)* a côrte de Hespanha reuniu-se com

(*a*) Já depois de Janeiro de 1486, Colombo estava ao serviço de Hespanha, e no fim do mesmo anno houve as discussões cosmographicas de Salamanca, em que os monges dominicanos mostraram-se mais instruidos que os professores da Universidade. [Remesal, Hist. de Chiapa, liv II, cap. 7.]

[*b*] Navarrete é de opinião que essa reunião teve logar no inverno de 1487, quando se achavam em Salamanca os monarchas de Hespanha.

grande apparato, para deliberar sobre o plano do genovez, que passou pelo desgosto de ouvir conceitos pouco agradaveis, mas logo rebatidos pelos frades dominicanos de Salamanca, sobresahindo dentre elles D. Diogo de Deza, professor de theologia no convento de S. Estevão, onde a esse tempo se achava hospedado Colombo.

Embora tivessem sido julgados irrealisaveis os seus planos, D Fernando e d. Izabel, convictos da realidade do projecto discutido entre os grandes de sua côrte, affirmaram a frei Diogo—*que a proposta seria tomada em consideração apenas fosse firmada a paz.*

Soffrendo innumeras contrariedades, dispoz-se Colombo por fim a sahir da Hespanha, devendo dirigir-se á França, onde esperava encontrar apoio ao seu idéal.

Firme nessa resolução, tomou o caminho do rio *Tinto*, onde pretendia embarcar, mas chegando ao convento da Rabida para ver o seu filho Diogo, confiado á educação dos frades desse mosteiro, foi ahi detido por frei João Perez, que, sabedor dos desgostos de Colombo, confortou-o e prometteu-lhe novo apoio á idéa, que desejava ver amparada pelo seu paiz, obrigando-se a escrever á propria rainha sobre tão importante assumpto.

Colombo accedeu de boa vontade ao pedido de seu generoso amigo, e ficou no convento.

E' portador da missiva á rainha o piloto Sebastião Rodrigues, que tendo ido á cidade de Santa Fé, ao fim de 14 dias volta á Rabida, trazendo a resposta regia, que tão vivo contentamento causou a Colombo e aos seus protectores franciscanos.

Fernando de Talavera, sabedor da resposta da

rainha, e prevenido contra o genovez, que tambem tinha contra si o proprio rei, conseguiu que ainda dessa vez não fosse approvado o grandioso projecto, e Colombo, sabendo dessa nova occurrencia, tomou a deliberação energica de abandonar de uma vez a Hespanha.

Luiz de Santangel, Alonzo de Quintanilla, frei João Perez, contrariados com essa inesperada resolução da côrte, correm á rainha, a quem fizeram sentir a necessidade de proteger a empreza de Colombo, pois della dependia grandes beneficios para a religião e para o reino.

A rainha, inspirada por um estranho sentimento, em momento de resolução heroica, declarou que acceitava a empresa sob sua responsabilidade, embora contrariasse a opinião dos sabios da côrte.

A marqueza de Moya, d. Beatriz Bobadilha e d. Joanna de la Torre foram incansaveis protectoras de Colombo, não só perante a rainha como ante os grandes da côrte, uma defendendo-a das aleivosias atiradas contra o seu nome, outra argumentando com intelligencia em prol da efficacia do seu plano.

Tinha chegado para o genovez o termo de suas aspirações, pois Granada cahira em poder dos hespanhóes, terminando dest'arte o dominio dos mahometanos, que durou quasi oitocentos annos.

Em 17 de Abril de 1492, na cidade de Santa Fé, foi lavrado por João de Coloma, secretario do Gabinete, o tratado sobre o grandioso projecto de Colombo, e a 30 do mesmo mez foram-lhe concedidos os titulos hereditarios de almirante e de vice-rei dos mares e terras que descobrisse.

D. Izabel, a catholica, vendeu as suas joias para

auxiliar a empreza de Colombo, que tambem foi coadjuvado pelos Pinzons, por D. Luiz de Santangel e por D. Pedro Gonsalves de Mendonça, grande cardeal de Hespanha, cessando desse modo as difficuldades que se oppunham á partida da expedição.

A populaça não acreditava no bom exito dessa viagem ao desconhecido, e no entender dos proprios amigos de Colombo parecia-lhes uma chimera.

A ousadia do aventureiro era o assumpto de todas as conversações na Hespanha, e entre motejos e zombaria muita gente ria-se da credulidade dos que acreditavam na efficacia da audaciosa tentativa do estrangeiro visionario.

Por fim chega o dia aprasado, e o povo de Palos e suas visinhanças desperta mais cedo que do costume, para ver partir os navios já equipados em busca do Cathay e do Zipangu. *(a)*

Toda a tripulação ouviu missa no mosteiro da Rabida; muitos se confessaram e receberam a Eucharistia das mãos do veneravel frei João Perez.

Colombo, que tinha participado da communhão, orou por muito tempo na Capella do Convento deante da imagem da Virgem, a quem pedia os indispensaveis auxilios do ceo para segurança de sua arrojada empreza.

A novidade do successo attrahiu muita gente ao caes, de onde, á pequena distancia, viam-se trez navios,

---

(*a*) Os habitantes dão-lhe o nome de Nipon, ou Nifon, e os portuguezes de Japão. Marco Polo revelou-o á Europa no seculo XIII. Seus habitantes em quanto não se communicaram com os povos dos outros paizes julgavam que só o seu era habitado; e diziam que no principio da creação o mais eminente dos sete primeiros Espiritos celestiaes removera o Cahos, ou a massa confusa da terra com um páo, e que quando o levantára, cahira delle uma escuma cheia de lodo, que, unindo-se, formára as Ilhas do Japão.

cuja tripulação ascendia a 90 homens e mais 30 aventureiros, que desejavam participar da gloria de Colombo, ou de suas desventuras, se não podesse levar a cabo o seu projecto.

O estranho espectaculo da despedida foi solemme pela variedade das scenas que então se deram.

A admiração e o pasmo apoderou-se do animo da populaça, que viu zarpar no dia 3 de Agosto de 1492 (sexta-feira) a *Santa Maria*, antiga *Gallega*, em cujo mastro grande ia arvorada a bandeira da cruz, sob o commando de Colombo; em seguida a *Pinta*, commandada por Martin Alonzo Pinzon, e a *Nina* por seu irmão Vicente Yanez Pinzon. (*a*)

De velas enfunadas pela briza que soprava do éste, em pouco tempo, os trez navios transpunham a

---

[a] Na *Santa Maria* iam Diogo de Arana, alguazil, por affinidade sobrinho de Colombo; Pedro Guttierrez, guarda-roupa do rei; Rodrigo Sanchez de Ségovia, corretor da equipagem de guerra; Rodrigo de Escovedo, notario regio; o bacharel Bernardino de Tapia, historiographo da expedição. Pilotos: Per Alonzo Niño, Bartholomeu Roldam, Fernando Perez Matheus, Sancho Ruiz, Ruy Fernandez, João de la Cosa.

Interprete:—Luiz de Torrez, judeu convertido, que conhecia o latim, o grego, o hebraico, o arabe, o copta e o armenio.

Ourives—Castillo. Medicos—Alonzo e Juan. Creados—Diogo Mendés, Francisco Ximenes Roldan, Diogo de Salcedo.

Mestre de equipagem—Jacomo. Ao todo 66 pessoas.

Na *Pinta*:—Francisco Martin Pinzon; irmão do commandante, e seu sobrinho João de Ungria, e Christovão Garcia Xalmentio.

Medico—Garcia Hernandez, de Palos. Encarregado dos mantimentos—Garcia Hernandez, natural de Huelva. Ajudantes—Garcia Vallejo, Garcia Alonzo, Garcia Diogo.

Mestre—Gomes Rascon. Contra-mestre Christovão Quintero, ambos proprietarios do navio.

Diogo Fernandes, Colmenero, Diogo Bermudes, Bartholomé Colin, João Rodriguez Bermejo, natural de Molinos.

A equipagem, comprehendendo os officiaes, era de 30 homens.

Na *Nina*, com 24 homens iam parentes, amigos e visinhos de Pinzon.

barra de Saltes, deixando a população immersa em profunda tristeza.

A alma do povo começou então a scismar sobre o caso, vendo-se de todo desapparecerem no azulado do horizonte as velas brancas das caravelas.

Do alto do imponente convento da Rabida frei João Perez lançava o seu ultimo olhar de despedida para os que partiam a tão temerario destino; depois dirigiu uma prece a Deus para que amparasse com sua infinita bondade a expedição, que tinha por fim alargar os dominios da fé christã.

—

A esperança alentava o coração de Colombo, e a marinhagem parecia satisfeita, como se tivesse certeza de proxima chegada.

Nos primeiros dias de navegação nem um indicio de contrariedade, e entre todos havia a maior confiança, embora não tivessem seguro o destino a que eram levados.

De 6 para 7 de Agosto, a *Pinta* soffrera um desastre no caminho das *Canarias*, perdendo o leme, que só foi restabelecido em *Gomera*, onde decorreram alguns dias no reparo das avarias.

No dia 8 de Setembro dava-se a travessia do Atlantico, e na noite de 13 do mesmo mez, a 200 leguas ao oeste da ilha de *Ferro*, Colombo observou pela primeira vez a declinação da bussola, que se tornava infiel com a approximação do pólo.

Esse facto não o aterrou (*a*), e deixou-se levar pela indicação dos seus calculos, que pareciam-lhe seguros, não cessando entretanto de observar diariamente a altura meridiana do sol com o astrolabio.

A marinhagem preoccupou-se com o phenomeno e ficou sobresaltada.

Colombo, porém, applacou-a, conseguindo restabelecer a coragem entre os que se achavam impressionados com o incidente.

Essa tranquillidade de animo não chegou até o fim; a tripulação revoltou-se mais de uma vez contra o almirante, e tentou fazel-o retroceder; mas elle, confiante e calmo, impoz silencio aos que tentavam destruir o seu plano, e pedindo talvez o auxilio da Providencia nessa difficil conjunctura, pois era crente e fervoroso catholico, confortou aos desanimados e apontou-lhes muito além a terra promettida.

Restabelecia-se a ordem á voz de sua auctoridade, e acalmava-se a tripulação confiante no valor dos seus calculos, e na convicção do idéal que o arrastava para o incognoscivel.

Firme e de pé no tombadilho do navio veleiro, Colombo alongava de vez em vez a vista além da fimbria do horizonte, que parecia descrever-lhe sombras sinistras ou phantasticas apparições, enchendo-lhe a alma de esperanças e de temores.

Depois via paisagens deslumbrantes nas orlas illuminadas pelo sol no poente; e a grande alma do genovez inspirado, meditava tranquilla e placida na amurada do *Santa Maria*, vendo bem perto desenhadas as mag-

---

(*a*) Na Europa, a declinação da agulha já tinha sido observada por Peregrini em 1269, e na China 400 annos pelo menos anteriormente a essa observação.

nificencias da natureza tropical, que passavam-lhe em rapidos lampejos pelo espirito embevecido.

A sua imaginação ardente, ferida pela grandeza do *mar tenebroso (a)*, impressionava-se a cada momento com o espectaculo do infinito, que o apavorava; mas, olhando contricto para o céo, sentia logo os effluvios de uma doce consolação a expungir-lhe de subito as idéas sinistras, que o levavam a meditar.

Em diversos dias foi completa a illusão da approximação de terra, por sombras que se desenhavam no oriente, e por outros indicios que confirmavam essa conjectura.

Novos desanimos appareciam entre os marinheiros, que, manifestando a sua má vontade, chegaram ao ponto de ameaçar a Colombo, no caso pretendesse navegar para avante.

O almirante, sem perder a calma que o caracterisava, ante as ameaças de gente tão rude, usou de maxima prudencia, mas ao mesmo tempo de energia, fazendo vêr, pelos indicios já observados, que não estavam longe de terra.

Pouco a pouco serenaram os animos e os sediciosos ficaram tranquillos.

De então em diante augmentavam os signaes de terra proxima, até que finalmente no memoravel dia

---

(a) M. Kurtzmann, em uma memoria premiada pela faculdade philosophica de Gottingue, explica o nome de *mar tenebroso* pela tradição de uma unvem phantastica vista ao oeste de Porto Santo, poisando sobre a superficie do mar, *visão* analoga a da ilha fabulosa de S. Brandão—que os habitantes da Madeira e de Gomera viam todos os annos ao oeste, e que firmou a attenção de Colombo, quando, antes de 1492, procurava por toda a parte argumentos que fortalecessem seu systema.

12 de Outubro, *(a)* ás duas horas da madrugada, quando a lua polvilhava de scintillações argenteas a superficie branda do mar, o marinheiro João Rodrigo Bermejo, natural de Molinos, na Hespanha, da caravela *Pinta*, descobriu, pelos reflexos do astro luminoso, uma extensa praia, na distancia de duas leguas; gritando logo: *terra! terra!*

Em seguida estrondou um tiro de peça, communicando aos dous navios mais distantes a boa nova tão almejada.

Colombo estremeceu de alegria ao ouvir o signal convencionado, sentindo egual commoção a equipagem dos tres navios.

A tripulação poz-se logo a postos, e, estupefacta com os visiveis signaes de terra á pouca distancia, aguardava com anciedade os primeiros albores da manhã para admirar a estranha perspectiva, que tinha deante dos olhos.

Ao despontar do dia, encheu-se a amplidão de luz, brilhando o mais vivo contentamento na physionomia de Colombo e de toda a equipagem.

Então gritos de alegria partiram de todos os peitos, e quasi a um tempo as caravelas empavezaram-se de flammulas.

E a terra, emergindo dentre ondas resplendentes de luz, como um globulo verdejante, mostrava-se radiante de enlevos ante o olhar perscrutador dos que a contemplavam com avidez.

A tripulação, absorta e inebriada deante de tão estranho espectaculo, reconheceu ser a terra desco-

---

(a) Observando-se o calendario gregoriano, este dia corresponde hoje a 23 de Outubro.

berta uma ilha, e, pela variedade de suas plantas exuberantes de seiva, apresentava o aspecto de um delicioso paiz.

Arrependidos os tripulantes do procedimento que tiveram para com o almirante, imploraram-lhe perdão, pedindo-lhe supplicantemente o esquecimento das passadas offensas. Colombo, revelando sempre a grandeza de sua alma, perdoou a todos.

Em signal de graças ao Altissimo, a equipagem da *Pinta* entoou um *Te-Deum*, que foi acompanhado em canticos por toda a equipagem.

Os selvagens, agglomerados na praia, observavam com espanto as embarcações ancoradas á pouca distancia, parecendo-lhes monstros de azas, que tinham voado até ali.

Colombo, mandando aprestar os escaleres, ordenou que fossem tripulados por homens armados, e tomassem a direcção de terra.

Em seguida, acompanhado do seu estado maior, desceu á chalupa, vestindo um rico trajo escarlate, e tendo em uma das mãos o estandarte real da expedição.

Em outras embarcações seguiram Alonzo e Vicente Yanez Pinzon, conduzindo cada um a sua bandeira com as iniciaes do rei e da rainha, encimadas por duas corôas.

Ao saltarem em terra, plantou-se o estandarte da cruz, e logo apoz ajoelhou-se a comitiva.

Por essa occasião elevaram a Deus ardentes preces por terem encontrado finalmente o porto de salvação, que a tão longos dias buscavam.

Estava descoberta a ilha *Guanahani*, (*a*) uma das Lucaias, nome este por que era conhecida pelos selvagens, mas Colombo deu-lhe a denominação de *S. Salvador*, acreditando achar-se em um dos archipelagos da costa oriental da Asia.

Os indigenas, espantados com a presença de hospedes tão esquisitos, fugiram para o adyto da matta, mas Colombo poude alcançar uma mulher selvagem, a quem fez dar pão, vinho, confeitos, carapuças e contas de vidro.

De posse dessas dadivas, a mulher correu satisfeita para o logar em que se achavam os naturaes do paiz, e no fim de pouco tempo vieram elles á praia e acercaram os recem-chegados, admirando-lhes a côr da pelle, as barbas crescidas, os trajos e os objectos que conduziam.

Os hespanhóes sentiram egual sorpresa, vendo homens e mulheres nús, sem o menor sentimento de pudor.

Colombo e sua comitiva receberam os selvagens com vivas demonstrações de alegria, dando-lhes carapuças, missangas, campainhas e lustrilho, com que ficaram contentes, e por esse modo tornaram-se amigos dos hespanhóes.

---

[a] Ha diversas versões ácerca da ilha em que aportou Colombo no dia 12 de Outubro, e por isso damos as seguintes opiniões :

Alexandre Humboldt declara-se a favor da ilha *Cat*, bem assim Washington Irving; o historiador allemão M. Oscar Peschel e o capitão inglez Becker são pela ilha de S. Salvador, hoje Watling, no grupo das Bahamas; por *Samana* o capitão Fox e M. Henry Harrisse; por *Mariguana* o historiador brazileiro Visconde de Porto Seguro e pela ilha *Turca* o historiador hespanhol Navarrete.

A opinião mais acceitavel é a primeira.

Nesse dia Colombo tomou posse solemne da ilha em nome dos soberanos de Castella, e, implantndo-se a cruz da redempção, entoou-se o hymno *Vexilla regis prodeunt.*

A' tarde regressaram para bordo das caravelas.

No dia seguinte, logo pela manhã, foram os selvagens aos navios em suas pirogas, levando novellos de algodão, frechas e papagaios domesticados, que trocavam por objectos de valor insignificante.

O almirante, depois de percorrer uma parte da ilha no dia 14, conduziu para bordo sete indigenas, e, tomando o rumo SO, fez-se de vela com o fim de explorar outras paragens, que lhe foram indicadas pelos naturaes da região descoberta.

Nessa direcção descobriu as ilhas de *Santa Maria da Conceição* em 15 de Outubro, a *Fernandina* a 17, a 19 a *Izabel*, em 28 de Outubro, domingo, a de *Cuba*, a perola das Antilhas, hoje tão famosa.

Colombo, vendo-a, julgou-se no paiz do grande Kan da Asia a algumas leguas apenas de Hang-tcheou-fou, e admirado de suas maravilhas, enthusiasmava-se a cada instante deante das explendidas paizagens tropicaes, que se estendiam pela vasta extensão da terra verdejante.

A sua imaginação exaltou-se a tal ponto—que as mais bellas imagens do pensamento reproduziram brilhantemente no papel a impressão que sentiu, por ver cousas tão variadas e estranhas.

Cada vez mais a sua convicção era de se achar na parte da Asia oriental, e, illudido por essa falsa supposição, pensava ter descoberto então a ilha Cypangu, chamando por isso Indios aos seus habitantes.

Mas, meditando por vezes nas descripções de antigos navegantes sobre os povos da Asia, vacillava na presumpção de se achar nessa parte do mundo, pois, em vez de ver cidades opulentas e ricos mercados do Oriente, só descobrira povos rudes e nús, falando uma linguagem desconhecida para o seu interprete, versado em diversos idiomas.

Em todo o caso, a sua convição era de ter descoberto terras do Japão ou da China.

Tomando dahi o rumo do Oriente, em poucos dias, a 5 de Dezembro, Colombo chegou á ilha do *Haiti*, assim chamada na lingua indigena, e que quer dizer—grande terra.

Foi baptisada por *Hispaniola*, mas depois mudada para o nome de *S. Domingos*.

Ahi recebeu o almirante a mais franca hospitalidade do cacique *Guacanagary*, a quem tambem dispensou grandes attenções, offerecendo-lhe variados objectos.

Pela tarde do dia 24 de Dezembro, sahindo do porto de S. Thomaz, naufragou em uns recifes, vendo-se forçado a abrigar-se a bordo da *Nina* com toda a tripulacão salva.

Tendo construido uma fortaleza com os destroços do navio, fundou uma colonia com 42 homens, a qual ficou sendo administrada por Diogo de Arana, a quem deixou viveres e munições.

No dia 4 de Janeiro de 1493, tomou a direcção de léste, afim de conhecer a parte septentrional da ilha de *S. Domingos*, encontrando no dia 6 a *Pinta*, que se tinha afastado da *Santa Maria*, em 21 de Novembro, na costa de *Cuba*.

Depois desse encontro, velejaram juntos pela costa, e no dia 16 de Janeiro tomaram o rumo de Hespanha.

Sopravam ventos galernos e o tempo corria á feição, quando em 12 de Fevereiro sobreveiu uma tempestade, que augmentou na noite desse dia até 15, ameaçando a ambos os navios, que se viram quasi perdidos, já perto dos Açores.

Colombo, prevendo o naufragio da sua embarcação, mas sem perder o animo, deliberou escrever em pergàminho o successo da sua viagem, o que feito, encerrou-o dentro de um barril alcatroado, de fórma que a agua não pudesse nelle penetrar; em seguida atirou-o ao mar, na esperança de que algum dia désse a uma costa conhecida, e o seu nome passasse á historia, sem a injustiça de ter sido um visionario.

Serenou horas depois a tempestade, e pela noite do dia 17 de Fevereiro chegou o almirante á ilha de *Santa Maria*, uma dos Açores, onde em vão esperou pela *Pinta*; que pareceu-lhe ter sido victima do temporal, ou haver tomado o caminho directo da Hespanha.

Proseguindo dahi a sua derrota em 23 de Fevereiro, Colombo chegou a Lisboa a 6 de Março, obrigado por uma tempestade, que o poz em perigo imminente.

D. João II, que se achava em Valle do Paraiso, soube logo da chegada do illustre genovez, que teve ordem de ir falar ao monarcha.

Colombo não se demorou em ir ter com o rei, a quem expoz com enthusiasmo os successos de sua viagem, descrevendo-lhe as riquezas que tinha encontrado, parecendo, no entender dos que o ouviam, traduzir as suas palavras censura áquelle que annos antes deixára de acceitar os seus serviços.

O rei experimentou particular despeito, demonstrando ao mesmo tempo o seu arrependimento, por não ter querido acceitar o projecto, que lhe tinha sido proposto pelo destemido estrangeiro.

Na sala do conselho os grandes da côrte julgavam uma ousadia do almirante ter navegado em mares, que tinham sido dados aos reis de Portugal, e dentre elles alguns disseram—que a navegação de Colombo era contra o direito do reino, sendo portanto preciso embaraçar as sua consequencias.

«Porque, accrescentavam elles, reprezando o auctor deste descobrimento, prevenir-se-ha todos os effeitos, que delle podiam resultar. D. Fernando não poderá, nem ousará, por causa da despeza, proseguir no seu intento. E ainda na supposição delle querer continuar a trabalhar no descobrimento do Novo Mundo, nunca poderá executal-o, se lhe faltar Christovão Colombo.

Assim, que não se podía duvidar de o prender, antes era necessario condemnal-o á morte, como quem prejudicára essencialmente os portuguezes».

Outros, porém, foram de parecer contrario, e disseram a el-rei:

«Vós recebestes a Christovão Colombo, como amigo, desejastes vêl-o, e o agasalhastes no principio com muita humanidade. Depois disto não commetteu delicto algum, e deliberaes sobre tirar-lhe a vida: proceder assim é faltar ao Direito das Gentes, e querer atropellar sem pejo as Leis mais santas da sociedade. E porque? por elle ter servido a um Rei de quem foi bem recebido; e sua lealdade vos deve dar a co-

nhecer que com o mesmo zelo vos teria servido, se o quizesseis; como pois ha de hoje ser responsavel de não terdes acceitado os seus serviços?»

Taes palavras produziram grande impressão no animo do rei, que, em vez de submetter-se á opinião contraria, ordenou que se dispensasse ao almirante a maior distincção.

Por occasião de se despedir Colombo do rei, D. Martin de Norona, acompanhado dos grandes da côrte, fez-lhe as devidas honras, conduzindo-o á sahida da residencia real.

Tendo demorado 5 dias em Lisboa, partiu do Tejo para a Andaluzia, onde ancorou ao meio dia, no porto de Palos, em 15 de Março de 1493 (sexta-feira), depois de uma viagem de sete mezes e onze dias.

Foi geral o contentamento do povo ao ver a *Nina* no porto, trazendo a seu bordo Colombo, que voltava satisfeito por ter encontrado as *indias occidentaes*, na ignorancia de haver descoberto um novo mundo.

Repicaram os sinos de todas as igrejas, e grande mó de povo affluiu ao caes de desembarque, onde Colombo e a tripulação do seu navio foram recebidos com o mais vivo enthusiasmo e demonstrações de affecto.

Na mesma igreja do Convento de N. S. da Rabida, frei João Perez celebrou uma missa em acção de graças pelo feliz regresso da expedição, estando presentes a esse acto todos os officiaes e equipagem da *Nina*.

Alonso Pinzon ancorou a *Pinta* ao norte da Hespanha, na bahia de Biscaia, e, tempo depois, chegando a Palos, ahi falleceu victimado de febre e de fadigas.

Toda a Hespanha exultou de satisfacção, vendo realisada uma empreza, que parecia-lhe impossivel.

De Palos a Barcelona, residencia então da familia real, onde Colombo e a sua comitiva chegou a 15 de Abril, a sua viagem, a cavallo, foi um verdadeiro triumpho.

Os sete indios, vestidos a seu modo, e com os ornamentos da tribu da sua nação, causaram grande espanto ao povo, que se approximava para bem perto delles, afim de vel-os melhor em sua passagem.

A multidão, collocada nas estradas da Andaluzia, de Murcia, Valença, Aragão e Catalunha, saudava com delirio a passagem do almirante e da sua comitiva.

O rei e a rainha receberam-no com deslumbrantes pompas reaes, cercados de sua côrte, no meio da maior solemnidade.

Nessa occasião foi-lhe conferido um brazão com o seguinte moto: «a Castella e a Leão Colombo deu um novo mundo».

Cortejos, honras, festas, tudo se fez em honra de Colombo, com applausos do povo, que o victoriava sempre.

A noticia do feliz successo de tão memoravel expedição, o maior commettimento do seculo XV, correu por toda a Europa, que pasmou de admiração e de inveja, vendo a Hespanha na posse de gloria tamanha.

Os grandes da côrte mostraram logo vivo resentimento por verem um obscuro estrangeiro acercado de tantas honras, concedidas pela monarchia, que foi tão bem inspirada pelo reconhecimento do beneficio, que prestara-lhe o ousado almirante.

Dahi resultou a inveja e a intriga dos aulicos.

Em 25 de Setembro de 1493, Colombo emprehende nova viagem, partindo de Cadix com 17 navios destinados ao Novo Mundo.

Essa expedição descobriu a maior parte das *Antilhas*, e regressou á Hespanha em 11 de Junho de 1496.

Na terceira viagem, Colombo sae de *S. Lucar de Barrameda*, em 30 de Maio de 1498, com 6 navios, e descobre no dia 1.º de Agosto a ilha da *Trindade*.

Em seguida, desembarca em varias partes do golpho de *Paria* e reconhece o delta do *Orenoco*, na terra firme do novo continente, hoje Venezuela, parte oriental da provincia de Cumana *(a)*

O primeiro estrangeiro que pisou a terra firme foi Pedro Terreros.

Tomando depois a direcção da *Hispaniola*, foi nesta ilha posto a ferros com seus irmãos, por ordem do commandante Francisco de Babadilla, e remettidos no navio *Gorda* para a Hespanha.

No dia 20 de Novembro de 1500, depois de uma rapida viagem, chegaram a Cadix Colombo e seus irmãos, acorrentados, facto este que causou a maior indignação da parte do povo.

A rainha, tendo conhecimento de tão reprovada acção, mostrou-se profundamente maguada, e escrevendo uma carta assignada por ella e pelo rei, despachou immediatamente um correio extraordinario para entregal-a a Colombo, na qual deploravam a grave offensa, como se fosse feita ás suas pessoas.

(a) Colomb vit pour la première fois la terre firme de l'Amérique du sud, non pas sur la côte montagneuse de Paria, comme on l'a cru jusqu' ici, mais dans le delta de l'Orénoque, á l'E'st du caño Macareo (Humboldt—Cosmos—pag. 321, tomo 2°).

Immediatamente Colombo e seus irmãos foram postos em liberdade por ordem regia, e a 17 de Dezembro são recebidos em audiencia solemne da côrte.

Particularmente a rainha prometteu-lhe reparar todas as injustiças e reintegral-o em suas funcções, mas o rei, acreditando nas intrigas dos seus inimigos, pensava diversamente, e assim Colombo não occupou mais a posição de Vice-rei.

Babadilla foi chamado ao reino, sendo substituido pelo commendador de Larez d. Nicolas de Ovando.

A despeito de tanta ingratidão e injustiça, Colombo emprehende ainda a sua quarta viagem.

Em 11 de Maio de 1502 com 4 navios sae de Cadix, e, navegando directamente para *S. Domingos*, descobre a *Martinica*, uma parte do golpho do Mexico, o cabo de *Graças a Deus* e a bahia de *Honduras*.

Regressou á Hespanha, entrando no porto de S. Lucar em 7 de Novembro de 1504, alquebrado de corpo e de espirito, depois de ter sido açoitado por constantes tempestades e soffrido toda a sorte de injustiças e calumnias.

A sua protectora, a bondosa rainha Izabel, que se achava enferma em Medina del Campo, fallecera, dias depois de sua chegada, na terça-feira, 26 de Novembro de 1504, contando a edade de 53 annos.

O rei D. Fernando continuou a tratal-o com indifferença, e, ficando assim sem protecção na côrte, foram bem amargurados os seus ultimos dias de existencia.

Acabrunhado pelas doenças, cercado de desgostos, em 20 de Maio de 1506, dia da Ascensão do Senhor, ao meio dia, em Valladolid, o seu grande espirito desprendeu-se da terra para repousar em Deus.

A sua morte foi assistida pelos seus dous filhos, poucos amigos e alguns frades franciscanos.

Antes de morrer, envolveu-se em seu habito de terceiro de S. Francisco, e recebeu os sacramentos da igreja.

As suas ultimas palavras foram estas: *meu Deus, deposito em vossas mãos a minha alma.*

Segundo o seu nascimento em 1446, Colombo falleceu com 60 annos de edade, mas admittindo-se outras datas, contava então 70 annos mais ou menos.

O seu corpo foi enterrado no convento de S. Francisco, sem pompas e sem apparato.

Em 1513 foi transportado para o convento dos Cartuxos de *las Cuevas,* em Sevilha, e dahi em 1536 para a Cathedral de S. Domingos na ilha do Haiti.

D. Frei Rocco Cocchia, arcebispo de Otranto, então bispo de Orope, e que no Brazil foi Internuncio Apostolico, em 10 de Setembro de 1877 encontrou as suas cinzas dentro de uma caixa de chumbo, onde se lia esta inscripção numa placa de prata:

«U.ª P^te^. de los R^tos^. del P^mo^. Al^te^. Christoval Colon Des» e na face opposta «U', Cristoval Colon».

Por occasião da ceremonia, que se realisou quando se abriu o cofre, alguns genovezes, então em S. Domingos, recolheram em uma pequena urna de crystal uma parte dos restos do intrepido navegante, e remetteram-na para Genova, onde a municipalidade fez guardal-a em riquissima urna de bronze.

O dr. Dell'-Acqua, natural de Pavia, quiz tambem que a sua terra natal possuisse uma reliquia do grande almirante, e conseguindo-a, encerrou-a em uma pequena pyramide de crystal com esta inscripção:

I—Ceneri de Cristoforo Colombo;

II—Donate all'Universitá di Pavia dall'arcivescovo Cocchia, vicario apostolico de S. Domingos, 25 Marzo 1880;

III—Presentate dal Padre Bernardino d'Emilia, 5 Agosto de 1880.

IV—*Reliquias heic Christofori admirare Colombi:—Ignotum mundum cui reperisse datum.*

O Conselho municipal de Genova em 1887, tendo comprado por 31,000 liras o predio fronteiro á porta de Santo André, em que nasceu Colombo, mandou nelle collocar a seguinte inscripção:

Nulla Domus titulo dignior.
Heic
Paternis in ædibus Christophorus Colombus

Pueritiam primamque juventutem transegit.

Á mesma ingrata cidade, querendo ainda relembrar o assombroso commettimento do descobrimento do Novo Mundo, erigiu-lhe na praça de Acquaverde (Stazione Principe) um monumento, que perpetua a immortalidade de seu glorioso nome.

A posteridade, tardiamente, fez-lhe a devida justiça, e embora roubassem-lhe o nome, dando-se a outro a gloria que lhe cabia, a America reconhecida á grandeza de sua obra, não o olvidará jamais, collocando bem alto a fama de seu renome.

Eis o pedido de canonisação de Colombo, feito em 1868 pelo Cardeal Donnet, arcebispo de Bordeaux, ao Papa Pio IX:

«Santissimo Padre.—Compatriota e contemporaneo do veneravel cura de Ars, tive a fortuna de defender a sua causa perante a sagrada congregação dos ritos.

Tambem tive a honra de assistir ao acto da recente beatificação de Germana Cousin, que durante a sua vida edificou singularmente os habitantes de um paiz limitrophe do meu arcebispado, e uni-me de coração aos que dispensaram as honras proprias da Igreja áquelle pobre tão generoso, o mendigo Bento Labre, cuja santa memoria se conserva no Artois.

Seja-me permittido hoje chamar a attenção de Vossa Santidade para um homem celebre e providencial, que dedicou toda a sua vida ao descobrimento de um novo mundo, para ali estabelecer o imperio de Jesus Christo.

A vida de Christovão Colombo, escripta pelo Conde Rosselly de Lorgues, sob os auspicios de Vossa Santidade, veio descobrir pela primeira vez o coração evangelico, o zelo infatigavel daquelle inspirado engenho, que teve na terra a nobre missão de um verdadeiro nuncio de salvação.

Antes do Conde de Rosselly, ninguem tinha ainda tratado, sob o aspecto catholico, nem do descobrimento do Novo Mundo, nem das evangelicas virtudes do seu maravilhoso iniciador. Por uma estranha singularidade, só escriptores anti-catholicos se haviam occupado com a biographia do virtuoso navegante; e as suas versões eivadas de parcialidade,

vendo, na sua belleza moral, pura expressão do seu acrisolado catholicismo, um obstaculo invencivel, e de que ao mesmo tempo não podiam deixar de falar, apresentaram suas virtudes como um mixto de devoção, astucia, orgulho e fraqueza.

A escola racionalista, não satisfeita com o negar-lhe a pureza das suas virtudes, pintando-o de certo modo como um homem ambicioso e dissimulado, teve a ousadia de attribuir-lhe defeitos e vicios, que nem sequer chegaram ao conhecimento dos seus contemporaneos.

Tão atroz calumnia, divulgada pela imprensa e acceita sem exame pela maior parte das sociedades e corporações scientificas, prevaleceu na opinião.

Deste modo a Igreja ficou completamente esbulhada da sua iniciativa, e de toda a parte que lhe coube em uma empreza que foi, todavia, obra exclusivamente sua.

Porém, afim de que a verdade sobrepujasse á mentira, quiz Vossa Santidade conhecer o verdadeiro caracter daquelle grande acontecimento, um dos mais memoraveis da historia. Na conformidade das vossas indicações, a rehabilitação do grande navegante devia ser escripta por uma penna imparcial, que apresentasse os factos com a inflexibilidade e justiça da historia.

Foi para a minha patria uma grande honra, Santissimo Padre, que vos dignasseis confiar tão importante trabalho a um escriptor francez.

A obra escripta por ordem de Vossa Santidade prestou um grande serviço, tanto á sociedade como ao catholicismo.

A sciencia e a erudição lhe são devedoras da re-

paração de alguns esquecimentos involuntarios, e de muitas omissões premeditadas; da rectificação de datas, e circumstancias até agora mal conhecidas ou mal comprehendidas; da solução de muitas questões que se andavam debatendo sem resultado, e finalmente uma verdadeira restauração da historia daquella época.

Sob o aspecto religioso, aquelle trabalho foi para a Igreja uma restituição importante, fazendo evidente a superioridade das suas vistas, a providencia tutelar e a fecundidade do seu espirito vivificador. e demonstrando de um modo incontestavel que o descobrimento do Novo Mundo foi um triumpho da inspiração catholica.

A Igreja na sua mais genuina representação, e em todos os gráos de sua jerarchia, tomou debaixo da sua protecção a pessoa e a idéa de Christovão Colombo.

Deu-lhe hospitalidade, auxilio e protecção publica; prestou-lhe a sua poderosa intervenção e soccorros materiaes, em quanto os sabios mais eminentes do mundo então conhecido, emquanto a côrte e a junta dos cosmographos despresavam o que a sua pouca fé chamava «sonhos do louco».

Os primeiros e maiores protectores do illustre genovez pertenciam todos á Igreja; eram religiosos de S. Francisco, de S. Domingos. Um bispo, um arcebispo, um cardeal, o nuncio de Sua Santidade e o proprio Pontifice, todos lhe deram amparo e protecção.

Tres Papas fomentaram e abençoaram successivamente os seus immortaes trabalhos.

Já não ha a menor duvida ácerca da efficaz cooperação que a Igreja prestou ao descobrimento do continente, donde tem derivado para a sciencia vantagens

incalculaveis. Sua acção directa e benefica naquelle transcendental acontecimento, apresenta uma epopéa magnifica e um motivo de profunda edificação. Nada mais dramatico, nada causa mais commoção do que seguir os passos daquelle homem predestinado.

Nenhum caracter historico apresenta, nem uma vocação mais determinada, nem um intuito mais apostolico.

O descobrimento do Novo Mundo não era o unico objecto dos esforços de Christovão Colombo, nem tão pouco era esse o ponto culminante das suas ambições. Para elle, aquelle descobrimento só representava um fim—espalhar por terras desconhecidas o nome do nosso Divino Redemptor, e fazer que as mais remotas nações podessem vir um dia adorar o sagrado tumulo do Salvador; esperando por este modo franquear o caminho, e, por meio das riquezas dos paizes recem-descobertos, remir o Santo Sepulcro.

Santissimo Padre, o homem destinado por Deus para pôr o antigo mundo em relação com o novo, era na verdade digno da sua missão providencial. Por isso a Providencia o cobriu sempre com seu manto protector.

A existencia de Colombo tem um cunho especial.

Nella se vêem manifestos e caracterisados o sobrenatural e maravilhoso auxilio da virtude divina, que Deus dá aos fortes, e a perseverança que infunde no animo dos predestinados.

Colombo foi paciente, casto, austero e misericordioso; ninguem soube, como elle, praticar a humildade, a obediencia, a resignação e o perdão das offensas.

Ninguem foi mais generoso do que elle com os pobres e os prisioneiros; Colombo assistia aos enfermos e

curava-os pelas suas proprias mãos. A ultima carta que escreveu foi um acto de caridade; nella o descobridor do Novo Mundo implora o perdão para dous réos condemnados á morte. Tudo quanto soffreu da parte dos homens, póde attribuir-se ao seu amor pelo Redemptor, e á pratica fiel dos seus mandamentos.

Por ser amigo dos pobres, dos pequenos, dos fracos, viu-se o immortal navegante perseguido, odiado e calumniado.

O orgulho dos nobres não lhe perdoou nunca a protecção que sempre dispensou aos indios, fazendo delles christão, que haviam de achar na Igreja um apoio contra a tyrannia dos seus oppressores. Os seus mais encarniçados e acerrimos inimigos foram alguns dos seus subordinados, que a sua vigilancia não deixava entregarem-se ao roubo, á pilhagem e mais extremos, a que os seus perversos designios os levavam. Mas o grande homem perdoou-lhes sempre; só teve palavras de paz e misericordia para os marinheiros rebeldes, que quizeram attentar contra sua vida.

Assim que chegou ao cumulo dos seus desejos, o descobrimento do Novo Mundo, Colombo esqueceu tudo, e foi para os ex-rebeldes um pai carinhoso; constituiu-se seu advogado, implorando para elles a compaixão e indulgencia da côrte.

Todos os actos da sua vida são admiraveis, e apresentam um exemplo de piedade. As virtudes daquelle servo de Deus são tão sublimes, chegam á região tão elevada, que hesitamos em empregar a palavra virtude, tão prodigalisada hoje, para caracterisar os actos do insigne genovez que foram para os seus contemporaneos um objecto de edificação. Necessita-se de

outro termo para qualificar dignamente a sua superioridade moral e religiosa.

Ha já dez annos, Santissimo Padre, que a historia de Colombo corre pelo mundo traduzida em varios idiomas. A opinião tem tido tempo sufficiente para firmar-se e reproduzir-se. Esta opinião temol-a visto expressada unanimemente pelos catholicos de todas as nações. Personagens de todas as classes, seculares, ecclesiasticos, doutores, religiosos, chefes de communidades monasticas, bispos, arcebispos, e até membros do sacro collegio, não puderam deixar de reconhecer o caracter de santidade naquelle perfeito discipulo do Evangelho.

Como arcebispo que sou, de uma Igreja ligada por tão apertados laços com a do Novo Mundo, e que conta na sua esphera metropolitana o bispado das Antilhas francezas; estando a séde episcopal, que occupo, tão proxima da Hespanha, com cuja Igreja tem importantes e numerosas relações; além disso sendo eu o primeiro membro do episcopado que tive a honra de fazer uma apreciação solemne da vida de Christovão Colombo, considero como um imperioso dever depositar aos pés de Vossa Santidade a expressão do voto de grande numero de fieis de todas as condições, e pertencendo a todas as classes da sociedade.

Não dissimulo as difficuldades que hei de encontrar ao tratar de obter de Vossa Santidade a auctorisação para apresentar a congregação dos ritos a causa de Christovão Colombo.

Uma memoria especial responderá ás objecções que possam apparecer, e que eu mesmo me antecipo em apresentar aqui.

Em razão do tempo decorrido desde a morte de Colombo, ha falta absoluta de testemunhas oculares e de milagres comprovados.

Falta de um principio de culto, e por conseguinte, de fama de santidade.

Impossibilidade de produzir o testemunho do bispo da diocese do apresentado, requisito este que as regras fixadas pelo Papa Benedicto XIV exigem como indispensavel.

Supplico a Vossa Santidade que, emquanto espera pela mencionada memoria, especialmente destinada a combater aquellas e outras objecções, se digne lançar uma vista de olhos sobre as seguintes considerações ácerca de uma causa, que, póde dizer-se, unica e sem precedentes na Igreja.

A causa de Christovão Colombo é verdadeiramente excepcional.

Tudo, o homem, a obra, o cunho que lhe imprimiu a Providencia, o triumpho que obteve, a ingratidão dos homens para com elle, a usurpação da sua legitima gloria, que se verificou depois da sua morte, essa mesma morte, e até a sua sepultura, tudo foi excepcional na vida de Colombo.

Por pouco que qualquer aprofunde o assumpto, logo se convence de que o descobrimento do Novo Mundo não podia de modo nenhum ser obra de um geographo qualquer, era preciso que fosse alguem chamado lá de cima para levar a cabo uma empreza de tanta magnitude.

Todavia, a idéa de Colombo foi inteiramente sua; foi filha da sua propria resolução, que só pela Providencia lhe podia ser inspirada; e a não ser elle, ninguem, poderia tel-a posto em execução.

A historia de Christovão Colombo é a de um homem excepcional, que de modo nenhum póde julgar-se pelas regras do criterio commum.

Seguindo o exemplo da Providencia, o Papa dispensou-lhe favores excepcionaes.

Nunca nenhum secular recebeu de Roma tantas demonstrações de confiança e carinho. Colombo era casado, pae de familia, grande almirante, vice-rei, e, não obstante isso, a côrte de Roma auctorisou-o a considerar-se como legado natural da Santa Sé nas novas terras onde proclamou a luz do Evangelho.

Antes de apresentar a ninguem o seu projecto de descobrimento, Christovão Colombo havia pedido e obtido venia da Santa Sé.

Innocencio VIII foi um dos que mais o protegeram; o interesse e amizade que consagrava ao celebre navegante, póde vêr-se ainda nas inscripções que ornam o seu tumulo na basilica de S. Pedro em Roma.

Um dos seus successores, não contente com dispensar-lhe o titulo de «querido filho» (*dilectum filium*) declarou-o «completamente digno» (*utique dignum*) da alta missão que a Providencia o tinha chamado a desempenhar.

Por uma simples reclamação de Colombo, o Papa publicou a famosa bulla da concessão á Hespanha; e, em resultado de uma indicação sua, o mesmo Pontifice traçou a celebre linha divisoria de um a outro pólo, que não deixava a possibilidade de litigio algum.

Veja-se, pois, Santissimo Padre, a predilecção excepcional que a Santa Sé teve pela obra do descobrimento e pelo seu inspirado auctor».

O famoso infante D. Henrique, pensando na extensão dos dominios, que mais tarde poderiam vir a pertencer a Portugal, se a fortuna o protegesse, alcançou, mediante supplicas reiteradas, a Bulla de 13 de Março de 1455, em que o Papa Calixto III concedia á corôa portugueza todas as terras que descobrisse desde o cabo *Não* até a India *(a)*. Depois tambem o Papa Alexandre VI fez doação a Fernando e Izabel, de Castella, de todos os seus descobrimentos; mas querendo o Summo Pontifice evitar desgosto entre hespanhóes e portuguezes, promulgou a celebre Bulla *Inter cætera* de 4 de Maio de 1493, que dividiu o mundo em dous hemispherios por uma linha imaginaria; e nessa medida, a 100 leguas das ilhas dos Açores e das de Cabo-Verde, as terras do Occidente pertenceriam á Hespanha e as do Oriente a Portugal, de sorte porém que ambas as nações se compromettessem a estabelecer a fé catholica nas suas respectivas conquistas.

Não agradando a D. João 2.º as disposições dessa Bulla, esteve imminente um rompimento com a Curia Romana e com os reis catholicos, mas em conclusão estabeleceu-se o celebre tratado de *Tordesilhas* em 7 de Junho de 1494, e por elle ficou assentado que se contassem 370 leguas ao occidente das ilhas de Cabo-Verde, e sendo dividido o globo em dous hemispherios, ficasse a parte occidental aos reis de Castella e a oriental aos portuguezes.

Essa convenção só mais tarde foi approvada por Bulla de 24 de Janeiro de 1506.

(a) A Curia Romana por Bulla de Eugenio IV, confirmada pela de Nicolau V de 8 de Janeiro de 1450 e mais tarde pela de Xisto IV de 21 de Julho de 1481, concedeu a Portugal a posse perpetua dos descobrimentos feitos além do Cabo Bojador.

Como documento digno de ser lido, transcrevo em seguida a Bulla do Papa Alexandre VI de que acima falei:

Bulla do Papa Alexandre VI

—«Alexandre, bispo, servo dos servos de Deus, ao nosso muito amado filho em Jesus Christo, Fernando, rei; e á nossa muito amada filha em Jesus Christo, Izabel, rainha de Castella, de Leão, de Aragão, da Sicilia, e de Granada, saude e benção apostolica.

«Entre todas as obras agradaveis á Magestade divina, a que havemos por mais meritoria, principalmente nestes nossos tempos; é a propagação da fé e religião christã, e a salvação das almas, subjugadas as nações barbaras, e reduzidas á mesma fé; por cujo respeito, tomando assento nesta sagrada séde de S. Pedro, não pelos nossos merecimentos, mas pela divina misericordia, é tenção nossa, e nos praz de vos dar todos os meios, occasiões, ajuda e favor para que prosigaes cada dia, com o mesmo ardente zelo em honra de Deus e do imperio christão, em uma tam honrada e santa empreza, como tendes começada sob a inspiração e auxilio do Todo-Poderoso; considerando que, como verdadeiros reis, e principes catholicos, que na verdade sois, e é notorio a todo o mundo pelos vossos grandes feitos, não só tendes os mesmos intentos que nós, porém, o que ainda é mais, os pondes por obra com todo o vosso poder, zelo ardente e boa diligencia, sem ter conta com trabalhos e despezas de fazenda; atravessando por damnos e perigos de toda

sorte, e derramando até o vosso sangue, como sobejamente o provastes na conquista e restauração do reino de Granada, do poder e tyrannia dos sarracenos, com tamanha gloria do vosso nome.

E outrosim chegou ao nosso conhecimento como já dantes havieis proposto de fazer procurar e descobrir certas ilhas e terras firmes ignotas e longinquas, para o fim de reduzir os seus habitantes á fé e lei de nosso Redemptor, em cuja santa e louvavel deliberação fostes nada menos estorvados pela sobredita guerra de Granada; mas que, recobrado o qual reino, com ajuda do céo, enviastes com grande esforço, e muito dispendio de cabedaes, ao grande oceano, nunca dantes navegado, a Christovam Colombo, varão insigne e cabal para tamanha empreza, afim de procurar diligentemente as ditas ilhas e terras firmes, que elle com effeito, por sua muita diligencia, e depois de haver transposto o oceano, achou bem povoadas de homens que vivem juntos em boa paz, andam nús, comem carne, e acreditam, segundo as relações dos vossos capitães, em um Deus creador, que está no céo, os quaes parecem muito capazes para abraçar a nossa sancta fé, e os bons costumes, o que nos dá grandes esperanças de que o nome de Jesus Christo, nosso salvador, se hade propagar facilmente nesssas terras e ilhas, uma vez que seus habitantes sejam bem doutrinados. Além de que, fomos informados que na mais principal dessas ilhas, o dito Colombo edificou uma fortaleza, e a guarneceu com alguns christãos tanto para a guardarem como para tomarem informação de outras ilhas e terras ainda não conhecidas; e que na sua volta trouxera por noticia que nas partes já

descobertas havia abundancia de ouro, especiarias e outras muitas cousas a este modo preciosas; tudo o que, bem considerado por vós, mormente o que tocava á exaltação e dilatação da fé, como era proprio de principes tam catholicos, propozestes, seguindo os exemplos de vossos predecessores, de saudosa memoria, subjugar com a assistencia divina todas essas terras e ilhas sobreditas, reduzindo os seus habitantes á fé christã.

E considerando a vossa deliberação, e sendo o nosso mais ardente desejo ver começada e acabada uma tãm honrada e sancta empreza, pelo sancto baptismo, e obediencia que deveis á sé apostolica, e pelas misericordiosas entranhas de nosso Senhor Jesus Christo, vos exhortamos e intimamos para que quando pozerdes por obra este intento, seja o vosso primeiro cuidado converter os habitantes dessas ilhas e terras firmes á religião christã, sem que jamais vos descorçoem os perigos e trabalhos, pois deveis de ter fé no Todo-Poderoso, que hade sempre tirar a bom fim as vossas emprezas. E afim de ajudar-vos pela largueza apostolica a tomar com maior animo o carrego de tamanha empreza sobre vossos hombros, de nossa propria, livre e espontanea vontade, e sem respeito a nenhuma petição e insinuação, que por vós ou por outrem nos fosse presente, e movidos sómente de nossa liberalidade e munificencia, nos praz de vos fazer mercê e doação, d'agora para todo sempre, de todas as ilhas e terras firmes já achadas e que se houverem de achar, descobertas e por descobrir, para as bandas do occidente e meio-dia, tirando-se uma linha recta do pólo arctico ao pólo antarctico, fiquem ou não essas ilhas e terras firmes para as partes da India, ou outro

qualquer quarteirão do globo, sendo nossa vontade todavia que essa linha corra em distancia de cem leguas para o occidente e meio dia das ilhas chamadas dos Açores e Cabo-Verde.

Assim que, pela auctoridade do Deus Todo-Poderoso, que nos foi dada na pessoa do apostolo S. Pedro. e da qual gosamos, como Vigario de Christo na terra, vos fazemos doação das ditas ilhas e terras firmes, achadas e por achar, descobertas e por descobrir, com todos os seus senhorios, cidades, villas, castellos, aldêas, povos, logares, direitos, jurisdicções e todos os mais pertences e dependencias que tocar possam, uma vez que já não estivessem na posse de algum outro rei ou principe christão até o dia do derradeiro natal, em que começou o presente anno de 1493. O qual dom nos praz trespassar na pessoa de vossos herdeiros e successores, reis de Castella e Leão, e os havemos e constituimos como senhores absolutos delle, com mero e mixto imperio, pleno poder, auctoridade e jurisdicção, salvos todavia os direitos de qualquer principe christão, actual possessor, até o sobredito dia do nascimento de Nosso Senhor. Outrosim vos ordenamos que, e segundo a santa obediencia que nos deveis, e promessa que nos fizestes, e a qual confiamos que nos guardareis cumpridamente, visto a grande devoção e real magestade que reluzem em vossa pessoa, tracteis de enviar ás sobreditas ilhas e terras firmes, homens doutos, pios e tementes a Deus para doutrinarem os seus habitantes na fé catholica, e nutril-os de bons costumes, o que vos havemos por muito recommendado, esperando que nisso ponhaes grande zelo e diligencia.

E por outra parte, defendemos e prohibimos, sob pena de excommunhão a toda e qualquer pessoa, de

qualquer estado, ordem, condição ou dignidade que seja, mesmo imperial ou real, que vá ou mande sem permissão vossa, ou de vossos sobreditos herdeiros e successores, a algumas das ditas ilhas ou terras firmes, já descobertas ou por descobrir, da banda do occidente e meio dia, e segundo a dita linha que entendemos tirar do pólo arctico ao antarctico, a cem leguas de distancia das ilhas dos Açores e de Cabo-Verde, e isto sem embargo de quaesquer outras constituições e ordenanças apostolicas em contrario. E temos fé que o supremo Distribuidor dos imperios e senhorios, guiará de maneira as vossas obras, que vossos trabalhos e fadigas alcancem a final um termo tam prospero e glorioso, como nunca houve outro igual em toda a christandade.

E porque fôra difficil que os presentes se promulgassem, em todos os logares onde tocasse e conviesse, somos servidos que se dê tanta fé, como aos originaes, a todas as copias authenticadas por notario publico, e selladas com o sello de qualquer pessoa constituida em dignidade acclesiastica, ou de qualquer tribunal da igreja. E ninguem seja ousado a infringir e quebrantar o que está determinado por este nosso mandamento, exhortação, requisição, doação, concessão, assignação, constituição, decreto, prohibição e absoluta vontade.

E se alguem for ousado a contravi-los, seja certificado em como incorrerá na colera e indignação de Deus Todo-Poderoso, e dos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Dada em S. Pedro de Roma, no anno da Incarnação de Nosso Senhor de 1493, aos quatro das nonas de maio, e primeiro do nosso pontificado».

Pedro Alvares Cabral

O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

No anno de 1500, no reinado d'el-rei D. Manoel, o *Venturoso*, 5º soberano da casa de Aviz, foi apparelhada uma armada, que se compunha de treze em-

---

Sigo a opinião do Visconde de Porto Seguro, usando da palavra *Brazil* do modo por que está escripta, sendo esta tambem a orthographia empregada pelo dr. Mello Moraes em suas diversas obras; pelo Barão do Rio Branco nas «*Ephemerides Brazileiras*,» e por Alberto Pimentel no romance—*O Descobrimento do Brazil.*

Além desses, muitos outros escrevem de egual maneira.

O Sr. Laffayette de Toledo publicou, não ha muito tempo, um artigo bem acabado, no qual mostra que a melhor orthographia a seguir é a dos que escrevem *Brasil*, sendo esta, no seu entender, a opinião dos melhores escriptores, da qual entretanto me afasto.

A'cerca do termo—descobrimento—em vez de *descoberta*, apoio-me na auctorisada opinião das *Lições praticas da lingua portugueza* pelo erudito philologo Candido de Figueiredo.

Faço esta observação, por ter sido ponto de discussão, em um dos orgãos da imprensa desta capital, a maneira por que escrevem as duas palavras citadas.

—

A palavra Brazil tem duas origens: uma latina sobre a qual J. C. da Silva escreveu uma dissertação magistral na *Rev. Inst.* XXIX, 2.ª p. p. 3/35, e de que tambem trataram José Silvestre Rebello nos dous primeiros vols. da *Revista*, e Candido Mendes, na introducção aos *Principios de direito mercantil e leis de marinha* de Silva Lisboa, Rio, 1874, I, CCCXL—CCCLV; outra celtica, a que alludem Gumbleton Daunt, na *Rev. Inst.* XLVII, 1884. 1ª p., pag 119/120 e Beauvois, *Rev. de l'hist. des religions*, VII p. 316.

(Nota a pag. 8 Livros I e II da *Historia do Brazil* publicados no Rio de Janeiro em 1887, pelo notavel sr. Capistrano de Abreu.)

barcações, sendo 10 caravelas e 3 navios redondos, que tinham destino differente, por seguirem uns a Calicut (10) e outros a Sofala (3).

O pessoal desses navios, que eram providos para anno e meio ou 2 annos de viagem, ascendia a 1,200 homens, escolhidos e bem armados, inclusive soldados, marinheiros e passageiros; e era capitão-mór delles Pedro Alvares Cabral, fidalgo, de familia illustre, filho de Fernão Cabral, senhor de Azurara, governador da provincia da Beira e alcaide mór de Belmonte, e de sua mulher D. Izabel de Gouveia, neto de Fernão Alvares Cabral, guarda-mór do infante D. Henrique. Cabral tinha por fim assegurar o commercio das Indias em favor de Portugal, visto já estarem entaboladas por Vasco da Gama, na sua primeira viagem em 8 de Julho de 1497 áquella parte da Asia, as relações commerciaes, que deveriam dar resultados proficuos ao reino.

Em virtude de recommendação regia, Cabral devia visitar os regulos da costa de Zanguebar e de Melinde, afim de alcançar principalmente a alliança deste; em Calicut procuraria obter do Samorim a permissão de pregarem a fé catholica cinco religiosos franciscanos e estabelecer na sua capital uma feitoria.

Segundo Muratori, em 1193 e 1316, appareceu noticia de uma droga que tingia os tecidos de encarnado, dando-se-lhe na Italia o nome de *Brezil*, *Brecillis*, *Bracire*, *Brasilly*, *Brazilis* e *Brazili*.

O nome *Brazil* já era conhecido muito antes do descobrimento da America por Colombo.

Pedro Martyr na quarta decada diz que recentemente tinha chegado das Indias occidentaes madeira de *coecus*, que servia para tingir lã, á qual os italianos chamavam *verisin* e os hespanhóes *brazil*.

O primeiro documento official, dando esse nome, é datado de Castro Verde em 20 de Dezembro de 1530, o qual diz: «*eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mór darmada que envyo á terra do brasill, e asy de todas as terras que ele dito martim afonso na dita terra achar e descobrir.*»

Os outros capitães eram Sancho de Toar, fidalgo castelhano, immediato da capitanea, Nicoláu Coelho, Simão de Miranda Azevedo, Ayres Gomes da Silva, Vasco de Athayde, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro de Athayde, Luiz Pires, Gaspar de Lemos, Bartholomeu Dias e Diogo Dias, seu irmão, devendo estes dous ficar em Sofala. A este ultimo dão o nome de Pero ou Pedro Dias. (Góes, na *Chron. de el-rei D. Manoel* á pag. 67; Barros, na dec. 1ª a fl. 87; Faria e Castro, na *Hist. de Port.* tomo 9º, á pag., 107 & &; porém Castanh, no tomo 1º, a pag. 96, lhe á o mesmo nome que Casal na *Chorographia braz*, tomo 1º a pags. 9 e 10, o que é comprovado pela carta de Caminha.)

Gaspar Corrêa nas *Lendas da India*, vol. 1º pag 148, diz que os commandantes eram—Sancho de Toar, Simão de Miranda Azevedo, *Braz Mattoso*, Vasco de Athayde, Nuno Leitão da Cunha, Simão de Pina, Nicoláu Coelho, *Pedro de Figueiró*, Bartholomeu Dias, Diogo Dias, seu irmão, Luiz Pires, Gaspar de Lemos, André Gonçalves, mestre que viera com D. Vasco, que lhe quiz dar esta honra; estes tres capitães de navios pequenos.—Simão de Miranda Azevedo era capitão da nau capitanea «e hia para capitão-mór na successão de Pedro Alvares Cabral se elle fallecesse.»

No numero das pessoas de bordo iam 7 frades franciscanos, tendo por guardião a frei Henrique de Coimbra, que mais tarde foi bispo de Ceuta, bem assim 8 capellães e um vigario para Calicut, onde iam servir como escrivães da feitoria Pedro Vaz de Caminha, Affonso Furtado, Diogo de Azevedo e Gonçalo Gil Barbosa, sendo almoxarife Ayres Corrêa, e tambem o bacharel mestre João, «fisico e cerurgyano» de sua alteza, Duarte Pacheco e Antonio Correia.

O commando desses navios foi confiado a homens valorosos e praticos na navegação, e por isso já experimentados na lucta dos mares bravios.

A frota estava bem provida de mantimentos e velame, e, em abundancia, levava generos de commercio para o trafico, constando o carregamento de espelhos, contas de coral, vermelhão, barretes encarnados, azougue, cobre, alambre, pannos de lã grossos e finos, setins, velludos, armas brancas, damascos de diversas côres, espadas, lanças, assucar, manteiga, mel, sal, medicamentos e outras mercadorias.

—

No dia 8 de Março, domingo, aos raios do sol comburente, a cidade de Lisboa ostenta galas festivas e pompas sem egual.

Os sinos de diversas igrejas de vez em vez bimbalham alegremente, dando signaes de festa religiosa, e a população de quasi toda a cidade atavia-se com seus trajos domingueiros para assistir ao acto solemne, já ha dias annunciado de bocca em bocca.

Nas marulhosas aguas do soberbo Tejo, vê-se a frota empavezada de flammulas e galhardetes que o vento agita, e ao redor os escaleres e bateis de diversos navios em constante movimento, uns levando e outros trazendo gente de toda casta.

Na extensa praia do Restello, o povo alegre e triste, formando grande mó, vendo-se entre a multidão mães e esposas, que choram pelos que partem em breve, deixando-as amarguradas.

Ha ali tambem corações que amam e suspiram entre lagrimas, esperando a cada instante a separação talvez eterna de entes idolatrados.

Principiou a missa na capella do Restello, fundada pelo infante D. Henrique. *(a)*

Já a esse tempo edificava-se, por ordem de D. Manoel, o sumptuoso mosteiro dos Jeronymos, em memoria de Vasco da Gama pelo successo de sua viagem ás Indias em 1497.

Estavam presentes todos os grandes da côrte, e celebrava o acto religioso D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, celebre pregador e mestre em Theologia, que depois foi bispo de Vizeu, achando-se em tribuna especial junto do rei—Pedro Alvares Cabral, que desse modo recebe solemne testemunho do apreço e consideração em que era tido.

No altar-mór via-se o estandarte real da ordem de Christo, e das tribunas pendiam colchas de damasco de fino lavor, dando imponencia magestosa aos atavios da capella.

O bispo prega sobre o motivo da expedição e invoca do Céo o auxilio necessario para os argonautas da fé; seguindo-se depois a ceremonia da entrega do estandarte, já benzido, a Cabral, pelas mãos do proprio rei, que parece ufano de novas glorias na alegria do rosto.

Terminada a solemnidade religiosa, o rei, a sua côrte luzidia, e o povo, entre acclamações e vivas retumbantes, dirigem-se processionalmente para o caes de Restello nas margens do Tejo, onde estava ancorada a frota que devia partir nesse dia.

Nas eminencias da cidade, a multidão apinhoava-se compacta, afim de ver melhor o magestoso espectacu-

---

(a) Nasceu na cidade do Porto em 4 de Março de 1394 e falleceu em Sagres em 13 de Novembro de 1460.

lo, que se desdobrava ante os olhos curiosos de uma população inteira.

Os sinos, a artilharia das naus, os tambores, sestros e atabaques, faziam resoar ao longe os sons confusos de tantas harmonias.

E o povo, em acclamações vibrantes, saudava o rei, que ia no prestito rodeado da sua côrte, tendo ao lado Cabral.

No caes, D. Manoel despediu-se do almirante e dos capitães, recolhendo-se aos paços reaes, depois de ter recebido ali ainda uma vez provas de fidelidade e respeito á sua alta pessoa.

O historiador João de Barros, que foi testemunha ocular dessa solemnidade, descreve-a circumstanciadamente, fazendo conhecer o luzimento do acto religioso e da festa profana.

Devido aos ventos ponteiros, que sopravam nesse dia, os navios da expedição não puderam sahir.

Pedro Alvares Cabral recebeu instrucções escriptas, inspiradas na experiencia de Vasco da Gama, de afastar a frota tanto quanto fosse possivel da Costa d'Africa, para mais facilmente dobrar o cabo da Boa Esperança, e evitar as doenças de que tinham sido victimas tripulantes de outros navios com igual destino.

No dia 9, pela manhã, ao repontar da vazante, a bordo dos 13 navios, *(a)* via-se a actividade da marinhagem, que alava a um tempo os viradores nos cabrestantes, ao som de suas vozes doloridas, como que entoando saudosas endechas á Patria.

Levantadas as ancoras, as caravelas bordejam, e

(a) Desses navios 3 tinham o nome de *S. Pedro*, *El-Rei* e *Annunciada*.

sahindo barra fóra, tomam a direcção do cabo de Espichel; e, em terra, parte da população saudava a partida dos valentes filhos do mar.

Com alguns dias de viagem passavam á vista das Canarias, na distancia de 3 ou 4 leguas, (14 de Março) e no domingo (22) avistaram o archipelago de Cabo Verde, desgarrando na proximidade da ilha de S. Nicolau o navio de Vasco de Athayde, facto este que se deu na noite de 23 de Março (segunda-feira) *sem hy haver tempo forte nem contrario per a poder seer*, no dizer de Pero Vaz de Caminha na sua carta ao rei D. Manoel. *(a)*

Por espaço de dous dias os navios da frota fizeram todo o possivel para descobrir a nau desapparecida, sendo infructiferas as diligencias empregadas.

Depois disso, os 12 navios afastaram-se mais de terra, tendo em vista as instrucções recebidas; e assim se viram sujeitos ás correntezas oceanicas ou *pelagicas*, de que então ninguem tinha idéa perfeita.

Com 43 dias de viagem, tendo passado o equador em longitude muito occidental, por ter tomado o rumo de Oeste, a frota encontrou no dia 21 de Abril, terça-feira, signaes visiveis da approximação de terra, vendo-se a cada passo *botelhos*, e outras hervas de especie differente, assim como aves aquaticas e pedaços de madeira fluctuantes.

Na manhã do dia posterior, quarta-feira, (22) Pedro Alvares Cabral observa mais seguros indicios de terra proxima, o que causa-lhe, assim como aos compa-

---

(a) Esse navio arribou a Lisboa avariado, e segundo diz o conselheiro Pereira da Silva, depois de 2 mezes, com a mastreação derribada, e a tripulação curtida de fome, de sêde e de escorbuto.

nheiros de viagem, profunda anciedade, por ver talvez deante de si scenas nunca vistas ou paragens desconhecidas.

A' tarde, divisa-se ao longe o cimo de um alto monte e outros menores ao sul deste, demonstrando ir muito além a continuação da costa.

E' indescriptivel o que se passou no animo de Cabral e dos seus companheiros de viagem, que exultavam de satisfação, observando na fimbria do horisonte positivos signaes de terra.

O monte, que se destacava de um prolongado negrume, era o cimo da serra dos Aymorés, saudando talvez em sua mudez os intrepidos navegantes, que vinham plantar o estandarte da cruz, dando ao mesmo tempo conhecimento aos povos cultos da existencia do rico paiz por tantos seculos ignorado.

Em honra do oitavario da Paschoa, que a igreja celebra nesse dia, foi chamado *monte Paschoal (a)* o cume da serra dos Aymorés, dando-se á terra o nome de *ilha da Vera Cruz (b)* na supposição de que ella fosse uma ilha.

Mandando lançar a sonda, Cabral reconhece 19 ou 25 braças de fundo, e, aos ultimos reflexos do brilhante astro do dia, ordena que as naus ancorem a 6 leguas de distancia da costa.

(a) Tem 356 metros de altura.

(b) E' provavel que o nome de *Santa Cruz* fosse usado depois da fundação de uma feitoria com esse nome em Porto Seguro em 1503. Só alguns annos depois foi que prevaleceu o nome de *Brazil* por causa da madeira assim chamada

[Nota a pag. 13 das *Lições da Hist. do Brazil* pelo dr. Luiz de Queiroz Mattoso Maia.]

Passaram todos a noite em conjecturas de toda a especie.

No dia ulterior pela manhã, quinta-feira, fizeram-se de vela e seguiram em direitura á terra, onde ancoraram na distancia de meia legua, ficando na proximidade da bocca de um rio (denominado hoje rio *Cahy*) pelas 10 horas da manhã, pouco mais ou menos. (*a*)

Na praia avistaram 6 ou 7 homens, que pareciam admirar as naus ancoradas.

Os capitães de todos os navios reunem-se em conselho na nau capitanea, sob a presidencia de Pedro Alvares Cabral, ficando resolvido que vá á terra exploral-a em um batel Nicolau Coelho, que commandára o navio «Berrio,» um dos galeões de Vasco da Gama, na sua famosa viagem á India.

A proporção que se approxima da praia a pequena embarcação, vae augmentando o numero de indigenas, armados de arcos e flechas, em completa nudez.

Aos portuguezes produz estranheza a rude gente, revelando sem pudor as fórmas physicas; causando-lhes admiração ainda maior os ornamentos que traziam nos labios furados e a extravagancia do corpo pintado com tintas exquisitas.

Além desse espectaculo original, os portuguezes olhavam para a terra, que parecia ter surgido ha pouco á voz do Creador, visto a frescura dos seus bosques, onde as flores peregrinas desprendiam aromas subtis, ostentando a propria natureza a magestade sem igual de suas louçanias.

---

[a] Lê-se na *Chorographia Brazilica* do Padre Ayres de Casal: obra de 2 leguas e meia ao norte do Cramimuan sahe o rio do *Frade*, que tomou este nome com o naufragio de um religioso franciscano.

O sol ardente e tropical, reflectindo na brancura da praia, inundava de luz o vasto horizonte da terra descoberta, illuminando as cômas verdejantes das arvores colossaes no centro da floresta.

Desconfiados os indigenas por verem em suas plagas homens tão desconhecidos, parecem ter receio de se encaminharem para o local da praia a que se dirigia o batel; mas sendo seguidos os acenos e signaes de amizade feitos pela gente da embarcação, visto não poderem se comprehender pela lingua que falavam, os aborigenes animam-se a caminhar para mais perto della.

Do batel pedem-lhes, por mimica, que larguem as armas, e muitos dentre elles o fazem, embora receiosos.

De parte a parte ha manifesta prevenção, e, á distancia, Nicolau Coelho dá-lhes um barrete vermelho, uma carapuça de linho e um sombreiro preto.

Os selvagens, (tupiniquins) alegres por possuirem tão estranhos objectos, em retribuição, offerecem aos portuguezes enfeites de pennas e uma enfiada de contas brancas, estabelecendo-se assim as relações de amizade e confiança entre europeus e aborigenes.

Depois dessas dadivas ou escambos, sendo já tarde, volta Nicolau Coelho para a nau de Cabral com as pessoas que o acompanharam, trazendo os objectos de terra, afim de assegurar com elles não ter encontrado hostilidade da parte dos selvagens.

Ahi permaneceu a frota, e na noite desse dia sobreveiu o vento sueste, acompanhado de chuva e tormenta, que fez cassar as naus, principalmente a capitanea.

Na sexta-feira, (24 de Abril) pelas 8 horas da manhã, pouco mais ou menos, aconselhado pelos pilotos, *Pedro Alvares* Cabral mandou levantar ancoras, e se

fizeram de vela ao longo da costa, na direcção do norte, em procura de um porto abrigado, onde pudessem fazer aguada e lenha. E assim navegaram cerca de 10 leguas, indo sempre chegados á terra os navios pequenos, que, com mais facilidade, sondariam a costa.

Finalmente, os pequenos navios encontraram na distancia de dez leguas, do ponto em que tinham pernoitado, uma enseada, e arribaram ahi, pela tarde, as embarcações que iam mais perto de terra, fundeando as naus de maior calado na distancia de uma legua, em razão dos recifes na entrada do porto. *(a)*

(a) Cabral, quanto a nós, diz o Visconde de Porto-Seguro, em sua *Historia Geral do Brazil*, fundeou mais ao sul no porto entre a Ponta Gorda e a foz do Buranhem ou R. de Porto Seguro, abrigado da banda do mar por varias restingas, na mais secca das quaes se effectuaria o acto da posse.

O padre Ayres de Casal diz : O rio Buranhem, de largos tempos á esta parte só designado com o nome de *rio da Cachoeira* por causa d'uma, que fórma no centro da provincia, sahe 5 leguas ao norte do do Frade.

Na *Memoria* offerecida pelo citado Visconde de Porto Seguro ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tomo XL, parte segunda, 1877, lê-se : Não ha mais logar para hesitações. Esse grande porto «muito bom e muito seguro» em que entraram, e a que Caminha denomina tambem «bahia,» é o chamado ainda hoje *Porto Seguro*.

Quem, depois de avistado o monte Pascoal, corria a costa para o norte, em busca de um porto, não podia passar desapercebido pela foz do Buranhem, em virtude da grande rebaixa que ahi faz a mesma costa, até então de barreiras altas, e depois de morros, de modo que, até do mar, de longe, á simples vista, se reconhece a existencia, nesse logar, de uma quebrada ou abra, com surgidouro para navios.

Não é, pois, admissivel que os pilotos deixassem de vêr esse porto, e que vendo-o, o desprezassem, sendo elle tão bom, sem o menor indicio de que mais adiante poderiam encontrar outro. Sabemos hoje que, umas dez milhas mais ao norte, encontrariam o de Santa Cruz; mas tambem sabemos, que antes de lá chegarem os navios, que, como vimos, iam navegando junto da costa, teriam encontrado a grande esteira dos recifes de coral, *Banco de Fóra*, *Sororoca*, *Itassepanama*, etc., que ahi se estendem pelo mar fóra por umas 3 milhas (3) nos quaes recifes apenas por milagre não haveria algum naufragado.

(3) E. Mouchez, *Les Côtes du Brésil*, 2ª ed., pag 96. *Hydrographie Française*, 2039.

Ora, não só nenhum naufragio teve logar, mas nem sequer ha noticia de nenhuns receios delle; pois, se tivessem occorrido alguns, não deixaria isso de haver sido relatado por Vaz de Caminha. Assim não temos duvida de acreditar,

Tendo ido á terra, a mandado de Cabral, o piloto Affonso Lopes, sondar a bahia, encontrou dous jovens indigenas, que pescavam em uma almadia, trazendo um delles um arco e 6 ou 7 flechas; e além desses viam-se outros na praia, que pareciam admirados de tão estranhos hospedes.

Os dous indigenas foram apresentados por Affonso Lopes a Cabral, que os recebeu com agrado e bonhomia, dando-lhes comida, vinho e cama.

que o Porto Seguro de Cabral foi o proprio, que hoje leva este nome, e não a concha ou angra dita de Santa Cruz, conceituada de bahia *Cabralia*, nem tão pouco o rio de Santa Cruz, «onde está a villa deste nome» conforme julgou Gabriel Soares, escrevendo de memoria, e sem ter á vista o documento, que hoje possuimos; e, por conseguinte, cremos tambem, que o «ilheo grande, que na bahia está, que de baixa mar fica mui vazio, pero é de todas as partes cercado d'agua, que não póde ninguem ir a elle sem barco ou a nado» no qual Cabral primeiro desembarcou e onde fez dizer a primeira missa, seria o proprio recife-ilhéo de Porto Seguro, e de nenhum modo a *Corôa Vermelha*, na mencionada angra ou enseada de Santa Cruz, que especialmente junto á *Corôa Vermelha*, não é porto manso, mas sim costa, mais ou menos brava.

Diz, é verdade, Caminha, que encontraram o tal porto, em que entraram, «sendo pela costa obra de dez leguas» donde se haviam levantado; e provavelmente seria esta a principal indicação, que levaria Ayres de Casal a buscar, em Santa Cruz, uma paragem mais longinqua. Mas o proprio porto de Santa Cruz dista, em linha recta, do rio do Frade menos de vinte e cinco milhas, e por conseguinte bastante menos de dez leguas, que então se contavam de quatro milhas ou quinze ao grão, pelo que devemos suppor haver o mesmo Caminha, que aliás não era piloto, computado a distancia pelo tempo decorrido, não dando todo o abatimento ao espaço perdido nas singraduras, especialmente se o vento soprasse do norte, como parece mais que provavel, visto que, para vencer a distancia, os navios navegavam desde ás 8 da manhã até quasi o sol posto.

Admittidas estas interpretações, unicas que, desde que visitámos o local, temos por possiveis, modificando em conformidade dellas algumas proposições, que consignámos ainda na segunda edição da *Historia Geral*, tudo se explica e se entende perfeitamente na carta de Caminha.»

—O General Henrique de Beaurepaire Rohan, diz que a armada de Cabral ancorára naquella parte da Bahia de Santa Cruz, a que hoje chamam da *Corôa Vermelha*.

—O padre Manoel Ayres de Casal denominou-a *bahia Cabralia*, e diz: «onde fundeou a armada de Pedro Alvez Cabral, 4 leguas ao norte de Porto Seguro, e uma ao sul de Santa Cruz, é o unico porto da provincia onde podem surgir navios grandes.

—O sr. Antonio Alexandre Borges dos Reis, em sua *Chorographia e Historia do Brazil*, diz que Santa Cruz, á foz do rio Tibas, fica proxima do logar onde desembarcou Cabral.

Eis como o chronista Pero Vaz de Caminha se exprime na narrativa escripta ao rei D. Manoel a respeito dos dous gentios, recebidos a bordo da nau capitanea.

«O capitão, quando elles vieram, estava assentado em uma cadeira com uma alcatifa aos pés por estrado e bem vestido, com um collar de ouro mui grande ao pescoço; e Sancho de Toar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Ayres Corrêa, e nós outros, que aqui na nau com elle imos, assentado no chão por essa alcatifa. Acenderam tochas, e entraram; e não fizeram nenhuma menção de cortezia, nem de falar ao capitão,nem a ninguem. Pero um delles poz olho no collar do capitão, e começou de acenar com a mão para a terra e depois para o collar, como que nos dizia que havia em terra ouro. E tambem viu um castiçal

---

—O dr. João Maria da Gama Berquó diz—que foi provavelmente pela entrada mais meridional formada pelo baixio da *Coróa Vermelha*, e pelo recife do mesmo nome que penetrou a esquadra exploradora; ancorando no pequeno porto formado pelo mesmo recife e a costa, que offerece de 6 a 7 metros de fundo.

—O almirante brazileiro Ignacio Joaquim da Fonseca, em um folheto recentemente publicado, sob o titulo—Descobrimento do Brazil—adduzindo diversas considerações sobre este assumpto, em contestação a escriptores illustres—declara que o ponto de chegada jamais poderia ser em Santa Cruz, nem na moderna bahia *Cabralia* 16° 17' 20" e, portanto, não foi outro senão no *lagamar* de *Porto Seguro* pelos 16° 35' de latitude, ou dahi um pouco mais para o Sul, e nunca para o Norte.

—Ao meu ver, este assumpto é importante e merece ser discutido, á vista da auctoridade de quem discorreu sobre elle. E' preciso que o proprio governo tome a si tão delicada questão, devendo ouvir a respeito a opinião dos doutos e de uma commissão nautica, para assim ficar perfeitamente esclarecido este ponto da nossa historia.

Em todo o caso, deve-se continuar a ter em vista a tradição popular e a exposição do piloto portuguez da frota de Pedro Alvares Cabral, assim como a carta de Pero Vaz de Caminha, dirigida ao rei D. Manoel sobre o descobrimento do Brazil, até que seja definitivamente corrigido o erro apontado, se erro existe.

de prata, e assim mesmo acenava para a terra e então para o castiçal, como que havia tambem prata.

Mostraram-lhes um papagaio pardo, que aqui o capitão traz, tomaram-no logo na mão, e acenaram para terra, como que os havia ahi. Mostraram-lhes uma gallinha; quasi haviam medo della e não lhe quizeram pôr a mão; e depois a tomaram como e pantados. Deram-lhes ali de comer pão e pescado cosido, confeitos, fárteis, mel e figos passados; não queriam comer daquillo quasi nada, e alguma cousa, se a provavam, lançavam-a logo fóra. Trouxeram-lhes vinho por uma taça; pozeram-lhes assim á boca tam—a—lavez, e não gostaram delle nada, nem o quizeram mais. Trouxeram-lhes agua por uma albarrada; tomaram della senhos bocados, e não beberam; somente lavaram as bocas e lançaram fóra.

Vio um delles umas contas de rosario brancas; acenou que lh'as dessem, e folgou muito com ellas, e lançou-as ao pescoço. E depois tirou-as e embrulhou-as no braço; e acenava para terra, e então para as contas e para o collar do capitão, como que daria ouro por aquillo. Isto tomavamos nós assim pelo desejarmos, mas se elle queria dizer que levaria as contas e mais o collar, e só não queriamos nós entender; porque lh'o não haviamos de dar. E depois tornou as contas a quem lh'as deu. E então estiraram-se assim de costas na alcatifa a dormir.

O capitão lhes mandou pôr ás suas cabeças senhos coxins..., e lançaram-lhes um manto em cima.»

—

No sabbado pela manhã (25 de Abril) por ordem de Cabral, demandaram a entrada do porto as

naus que tinham ficado distantes de terra, ancorando todas depois em 5 ou 6 braças de fundo.

Feito isto, todos os capitães foram ter á nau de Pedro Alvares Cabral, que manda á terra Nicolau Coelho e Bartholomeu Dias, (o descobridor do cabo da Boa Esperança) levando os mesmos comsigo os dous tupiniquins, com seus arcos e flechas; indo tambem nessa occasião Vaz de Caminha e o degradado Affonso Ribeiro, (criado de D. João Tello) este para aprender com os indigenas a lingua do paiz e saber dos seus usos e modo de viver.

Os dous gentios iam vestidos com camisas novas, levando cada um na cabeça carapuça vermelha, bem assim como objectos de adorno dous rosarios de contas de osso, alguns guizos e outros presentes de pouco valor.

Com a approximação do batel á terra, accodem á praia cerca de 200 aborigenes, inteiramente nús, armados de seus instrumentos de guerra.

Os indigenas, que iam no batel com destino á praia, falam para os de terra alegremente, pedindo-lhes que deponham as armas e se afastem do logar em que se acham; e assim elles o fazem.

Desembarcando os dous indigenas com o degradado portuguez, correm para a espessura da matta, acompanhando-os outros, afim de saberem de tudo quanto se passára.

Mais tarde voltam os dous e mais companheiros com o degradado, e auxiliam aos portuguezes a fazer aguada e lenha, na intenção de alcançarem certos objectos que despertavam-lhes a cobiça.

Fazem-se novos escambos, recebendo os portuguezes arcos, flechas e outros objectos indigenas.

«Entranhando-se no interior da terra, diz o Conselheiro Pereira da Silva, espantaram-se os portuguezes deante de uma aldeia, ou taba, repleta da casinhas cobertas de palha, e fechada com uma muralha de esteios grossos e fortes. Dentro das habitações notaram redes penduradas, que serviam de leitos, utensis de cosinha, e vasilhas de barro.

Em derredor da aldeia, descobriram rios e regatos abundantes, mattas virgens admiraveis, plantações de milho e algodão, instrumentos de caça e pesca.» *(a)*

Diz Vaz de Caminha:

«Ali andavam entre elles 3 ou 4 moças, e bem gentis, com cabellos mui pretos, compridos pelas espaduas.

Por fim ninguem mais se entende pela algazarra que fazem entre si. Pedem-lhes os portuguezes por aceno que se retirem, e assim o fazem, passando para além do rio. Algum tempo depois, indo alguns dos portuguezes encher uns barris d'agua, acenaram-lhes os indios que se chegassem, e entregaram-lhes o degradado, que se havia mandado com elles, sem lhe te-

---

[a] A batata, o milho, a mandioca, e o algodoeiro (*gossipium herbaceum*) que é originario do Egyto e do Oriente, existiam em cultura na America, e o algodão bruto ou fiado era cambiado por Colombo.

O primeiro tributo imposto aos aborigenes consistia em algodão.

Acredita-se que a batata e o milho sejam oriundos da America, mas quanto a esta ultima planta Bonafous sustenta ser de origem asiatica, e Siebold julga reconhecel-a desenhada em certos emblemas do Japão.

Ainda uma vez isso parece provar um commercio anti-historico com povos de regiões onde essas plantas eram cultivadas, não se admittindo a sua originalidade americana.

O ananazeiro, que é planta da America Meridional, foi levado á França por João de Dery em 1555, mas não se tendo introduzido ali a sua cultura por falta de cuidado, foi novamente levado em 1734 por um navio hollandez

rem tomado os presentes que elle levava para dar ao senhor da terra, se o houvesse, ou ao seu maioral.»

O chronista faz o elogio da belleza das moças indigenas de um modo pouco discreto. *(a)*

A' tarde Pedro Alvares Cabral sae em seu batel com os demais capitães e percorrem a enseada, sem comtudo saltarem em ponto algum da praia, desembarcando apenas, á entrada do porto, em um ilhéo ou restinga, a que hoje dá-se o nome de «Corôa Vermelha» (com mais de um kilometro de largura) e nelle se demoraram mais de hora e meia, e só quasi noite volveram ás naus.

No dia 26, domingo de Paschoa, *(b)* pela manhã, determinou Cabral que se celebrasse o santo sacrificio da missa no ilhéo em que na vespera tinha estado, providenciando-se logo no sentido de satisfazer a tão piedosos desejos.

As naus achavam-se todas empavezadas.

E' armado com toda a presteza um esperavel (pavilhão) e dentro delle um altar provido do necessario para tão solemne acto, collocando-se na frente o painel de N. S. da Piedade.

Estando presentes Pedro Alvares Cabral, os diversos capitães e mais pessoas, frei Henrique de Coimbra celebra a missa em voz entoada, coadjuvado pelos sacerdotes presentes. *(c)*

(a) Mais tarde Pedro Lopes, chegando á Bahia, achava tambem as indigenas formosas como as bellas da rua commerciante de Lisboa, participando tambem dessa opinião João Daniel.

(b) Caminha escreveu erradamente Paschoela, em vez de Paschoa.

(c) Foram oyto os que partirão nesta primeyra armada; e se alguem contou menos, bom será que os numere segunda vez. O Prelado e superior a

Os indigenas estupefactos observam o acto religioso, a que os portuguezes prestam o maior respeito, e a estes imitam de longe as ceremonias do culto.

Cabral, collocado ao lado do Evangelho, empunha o estandarte da ordem de Christo, que lhe tinha sido entregue pelo rei em Belem, dando desse modo maior solemnidade á primeira missa celebrada em terras desconhecidas.

Frei Henrique de Coimbra, depois de terminado o santo sacrificio, sóbe a uma cadeira alta, á guisa de pulpito, e produz uma inspirada oração, tomando por thema o evangelho do dia, a presença dos fieis catholicos em uma região ignorada, e que ali tinham

---

todos assi nos meritos, como na auctoridade da pessoa, era o V. P. Frei Henrique de Coimbra, homem de não vulgar talento e semelhante espirito. Tinha largado a Toga de Desembargador da Casa da Supplicação em Lisboa pelas asperezas do nosso Instituto que abraçou no santo Convento de Alanquer, aonde foy Noviço com tanto fervor que logo deu indicios claros de suas virtudes eminentes.

Taes erão os exemplos, que assi a Religião como el-Rei D. Manoel, edificados, e affectuosos, lançavão mão delle para negocios de particular ponderação. O Monarca o tomou por seu confessor, e fez Bispo de Ceuta, o Summo Pontifice Inquisidor, mas não chegou a possuir a cadeyra Primás de Braga, como escreverão alguns mal informados, porque o apanhou a morte antes que tivesse a confirmação Pontificia, como dizem outros, e he melhor o seu fundamento, porque nós não achamos seu nome no catalogo dos Pastores daquella Igreja. A Provincia tambem o tinha em grande conta, como já temos visto e ainda notaremos varias vezes. Seus companheiros erão os seguintes: Frey Gaspar, Frey Francisco da Cruz, Frey Simão de Guimarães, e Frey Luiz do Salvador, todos quatro Pregadores e excellentes Letrados, Frey Maffeu, Sacerdote, Organista, e Musico, que tambem com estas prendas podia ter parte na conversão das almas, havendo experiencia certa de que o demonio tambem se afugenta com as suavidades das harmonias, Frey Pedro Netto, Corista de Ordens Sacras, e Frey João da Victoria, Frade leygo e do numero daquelles idiotas, em cuja bocca imprime o Senhor dos humildes o que hão de responder na presença dos tyrannos; muytos dos quaes tem honrado a nossa Religião padecendo martyrio.

(Fernando de Soledade, *Historia Seraphica*, III, Lisboa 1705, p. 489 a 490.

aportado guiados somente pela cruz, a cuja obediencia deviam o successo da navegação.

Bemdita cruz, que tem sido sempre fonte inexgottavel de esperança a illuminar a existencia dos povos cultos, espargindo o bem e o amor por toda a parte!

Os indigenas, na praia, dansam alegremente ao som dos seus maracás, e alguns se dirigem até a proximidade da ilha, que, naquella occasião solemne, servia de templo augusto, firmando-se ali o catholicismo, que mais tarde devia ser frondosa arvore sob cuja sombra abrigar-se-hia um grande povo.

Terminado o acto divino, embarcam todos nos bateis, percorrendo o porto, com a bandeira desfraldada, vendo-se na praia recurvada os indigenas, que continuavam a dansar ao som de seus rudes instrumentos.

—

Depois do repasto, Cabral convoca os capitães da frota, afim de deliberarem sobre a conveniencia de se mandar a Lisboa um navio, que levasse a D. Manoel a nova do descobrimento da terra de *Vera Cruz*, sendo escolhido para esse encargo Gaspar de Lemos, commandante do navio de mantimentos; e os demais navios proseguiriam a sua derrota para as Indias.

Ficou assentado em conselho mandar-se para a terra dous degradados, afim de aprenderem a lingua do paiz.

No intuito de examinarem a terra e o rio, tomaram os bateis as pessoas designadas para esse fim; mandando Cabral de novo o degradado Affonso Ribeiro, que regressou á tarde, por não o quererem os selvagens.

Era quasi noite, quando voltaram as embarcações exploradoras, não tendo os portuguezes encontrado da parte dos naturaes do paiz a menor opposição no reconhecimento que fizeram.

No dia 27, segunda-feira, voltaram á terra para fazer aguada, e encontram alguns indigenas desarmados com quem folgam na maior confiança. Cerca de 30 portuguezes em companhia delles vão a um sitio, onde se achavam diversas mulheres e moças indigenas em completa nudez; e ali trocam os objectos que conduziam por enfeites e armas que lhes davam.

Cabral ordena que Affonso Ribeiro e mais dous degradados, bem assim o folgazão Diogo Dias, os acompanhem e durmam entre elles.

E assim se fez, porém ao escurecer, os indios os fazem voltar para as naus, depois de tel-os tratado com amizade, dando-lhes ainda uma vez diversos objectos de seu uso.

«Nesse dia derriba-se a arvore, cujo tronco deve ser transformado em cruz, primeiro marco que a civilisação européa planta em nossas plagas», assim diz o sr. J. de Vasconcellos.

Na terça-feira os portuguezes refazem-se de lenha e agua e lavam a roupa em terra, auxiliados pelos indigenas em numero talvez de duzentos, que os ajudam da melhor vontade.

Dous carpinteiros faziam na praia uma grande cruz do madeiro na vespera derribado, causando aos indios admiração o modo por que a faceavam, empregando nesse mister ferramentas que lhes eram inteiramente estranhas.

Nesse dia passam á noite com os indios os dous degradados e o alegre Diogo Dias.

No dia 29 não vão á terra os portuguezes, por ter Cabral ordenado os aprestos da viagem do navio, que tinha de levar ao reino a boa nova.

Entretanto, de gente principal só poude desembar-

car Sancho de Toar, que é recebido na praia por cerca de 300 indios, voltando já de noite com Diogo Dias e os degradados, que ainda uma vez eram devolvidos.

Na occasião em que Sancho de Toar tornava ao batel, muitos selvagens querem acompanhal-o, porém só dous delles conseguiram embarcar, e a bordo foram recebidos com signaes de alegria, dando-se-lhes comida e cama, onde dormiram, depois de terem folgado bastante.

No ultimo dia do mez de Abril vão os portuguezes á terra para completar a aguada e abastecerem-se de mais lenha, acompanhados do mesmo Sancho e de seus dous hospedes.

Ao sahirem de bordo, apenas na praia transitavam 8 ou 10 indios, mas depois esse numero augmentou para mais de 400.

Sahindo dos bateis, Cabral e a sua comitiva dirigem-se ao local onde estava a cruz, que se achava junto de uma arvore na proximidade do rio, e ali ajoelhados todos beijaram-na com respeito e reverencia; acudindo ao mesmo logar os selvagens, que imitavam as ceremonias da gente civilisada.

Em seguida, ao som de um tamboril tangido por um dos soldados da frota, folgavam e dansavam com os portuguezes de quem pareciam ser amigos de longa data.

No dia 1.º de Maio, sexta-feira, pela manhã, desembarcam os portuguezes, levando a sua bandeira no meio de vivas expansões de alegria pelo acto que de novo ia ser celebrado.

A cruz já feita é conduzida em procissão entre hymnos mysticos até o local onde tem de ser lançada com as armas e divisa do rei de Portugal.

Os selvagens, em numero de 80 approximadamente, ajudam a carregal-a, collocando-se alguns debaixo della.

Levantada a cruz, *(a)* ergueu-se em frente um altar, em que celebra missa pela segunda vez frei Henrique de Coimbra, pregando depois ácerca do Evangelho e dos Apostolos S. Felippe e S. Thiago, santos que a igreja commemora nesse dia.

(a) O inglez Thomaz Lindey, que em 1802 viajou parte da comarca de *Porto Seguro*, disse que os habitantes desse logar ainda conservam com grande veneração aquella cruz; mas não é exacta essa asserção, segundo o juizo do fallecido Ignacio Accioli, auctor das «Memorias historicas e politicas da Bahia.»

Esse symbolo da religião catholica ergueu-se na praia, (de accordo com a carta de Caminha) ao Sul, á pequena distancia do rio (Buranhem ?) que desemboca em *Porto Seguro*. O Sr. General H. de Beaurepaire mui judiciosamente pensa, segundo a carta de Caminha, que a cruz ergueu-se na praia, ao sul, e á pequena distancia (2 tiros de bésta) do pequeno rio qne ali desemboca. Não foi no morro, onde está edificada a igreja de Santa Cruz, como querem o sr. Visconde de Porto Seguro, Mr. Mouchez e outros (Memoria lida na sessão do Instituto Historico e Geographico Brazileiro de 26 de Novembro de 1880).

O piloto portuguez na navegação de Pedro Alvares Cabral affirma que a Cruz foi plantada na praia.

Mais tarde, porém, o mesmo sr. Visconde de Porto Seguro na Memoria inserta na Revista trimensal do Instituto Historico e Geographico do Brazil, tomo XL, parte segunda-1877, diz: «Contentemo-nos por agora com a certeza de que não foi (como até agora nos havia feito crer certa tradição) o alto desse morro, onde depois Pero de Campo fundou a primeira villa, e onde ainda hoje está a matriz e a casa da camara da actual villa; mas sim, pelo rio acima, «contra o sul, onde nos pareceu, que seria a mesma cruz melhor vista, na distancia «do rio obra de dois tiros de bésta.»

—Na Assembléa Provincial da Bahia, em 1837, o sr. João Ladislau de Figueiredo Mello, apresentou uma indicação para que fosse perpetuada a recordação do descobrimento do Brazil pelo almirante portuguez Pedro Alvares Cabral, collocando-se um cruzeiro de pedra no local que fosse assignalado· mas esse projecto cahiu na discussão que travou-se sobre o assumpto.

Não sahiu-lhe da lembrança a idéa que então concebera, e por isso em 1849, aos seus esforços fez preparar uma cruz de *jetahipéba* com treze e meio palmos de comprimento, e em 27 de Junho do mesmo anno, remetteu-a ao vigario da villa de Santa Cruz, Jacintho de Freitas Neutro, acompanhada de uma interessante carta, que se acha nas *Recordações biographicas* publicadas em 1866 pelo brigadeiro Evaristo Ladislau e Silva, neto do referido João Ladislau.

Diz o dr. Teixeira de Mello em suas «Ephemerides Nacionaes:» «Em seguida assenta-se o pregador ao pé da cruz, toma de umas cruzes de estanho que Nicolau Coelho trouxera de bordo, e lança uma, atada a um fio, ao pescoço de cada indio fazendo-o primeiro beijal-a e levantar as mãos».

Toda essa ceremonia se prolong. até uma hora da tarde.

Pelo termo de posse lavrado e pelas relações estabelecidas com os naturaes do paiz, estava firmado solemnemente o dominio portuguez em terra do novo mundo, addicionando-se mais esse virente florão ás glorias do povo luso, que, na expressão de u i eximio escriptor, eram os Phenicios da idade média.

A alludida carta foi respondida em 3 de Setembro de 1849 pelo respectivo vigario, que, entre outras cousas, disse o seguinte:

«....Estes primeiros colonos, e outros que depois chegaram, fizeram crescer lentamente a população, reformando do modo possivel a dita casa da oração, e substituindo novo cruzeiro nesse mesmo logar, em que estava a cruz arvorada pelo almirante, quando carcomida pela longura do tempo, até que finalmente, á rogativas desses colonos, o Fidelissimo Rei de Portugal D. José mandou por um decreto dar o subsidio de seis mil cruzados, com que se fabricou o famoso templo que hoje existe, cujas contas foram dadas a 17 de Julho de 1748; eu mesmo vi o termo, que delles constava. Depois desta tomada de contas têm decorrido mais de cem annos, e decorrerão muito mais entretanto que formassem a petição da supplica, enviassem a Lisboa, o soberano mandasse lavrar o decreto, voltasse ao Brazil, se recebesse o dinheiro, se fabricasse o templo, se prestassem as devidas contas; antes de tudo isto não teriam decorrido dous seculos.

Até essa época se conservou illesa a tradição, e da mesma fórma se conserva até hoje, e se conservará sempre.

«Ainda existe a meu ver uma prova mais evidente—que a cruz arvorada pelo almirante Cabral foi no mesmo logar, em que sempre se conheceu o cruzeiro da matriz, e vem a ser que da porta do templo, que substituiu a casa de oração, e do cruzeiro que substituiu a cruz mencionada, se avistava perfeitamente o fundeadouro da *Corôa Vermelha*, e d'onde eram perfeitamente vistos os mencionados objectos, e ainda hoje se avistariam ao todo, se duas moradas de casas no arruamento da ponte do mar, não impedissem em parte.

«Quanto á cruz de pedra, de que tratam alguns historiadores do Brazil.

O almirante leva comsigo um indio de 50 ou 55 annos de edade, que durante os actos religiosos já descriptos, ajuntava os outros indios, mostrava lhes a cruz e apontava depois para o céo; leva tambem a um irmão deste e os trata a ambos com a maior afabilidade, brindando áquelle com uma camisa mourisca e ao irmão com uma das outras.

Os dous indigenas voltam á terra satisfeitos pelo modo por que foram tratados, dando demonstrações de agrado pelas dadivas recebidas.

No dia 2 de Maio partia em direcção a Portugal a

---

parece ou errada informação aos escriptores, ou cruz formada na phantazia, porque sendo a pedra de sua natureza incorruptivel deveria existir em qualquer logar, em que fosse cravada; mas não existe nem ao menos na tradição dos antigos habitantes, e seria necessario, ou que o almirante Cabral, como adivinhando o futuro, trouxesse de prevenção uma tal cruz, ou aliás trouxesse official que a fabricasse no caso de achar pedra propria para esse fim.

«Da mesma fórma é fabulosa a cruz que na praia se conserva pelo zelo e devoção dos habitantes, quando pelo contrario na distancia de um quarto de legua desta villa, na beira da praia, em um logar denominado —Saibú— existe, e é conservada e reformada, uma de varas toscas, para indicar a entrada de um campo do mesmo nome, que abunda de uma fructa, a que chamam mangabas, porque pela maior parte são apanhadas pela madrugada, uma vez que são mais venturosos os que primeiro chegam.

Ainda falo de outra cruz, que existe no fim da praia, mandada fazer e reformada pelos almotacés no tempo que existiam, para indicar a entrada desta povoação: houveram mais cruzes, porém todas indicativas de entradas; e mesmo quando (caso negado) fossem todas, ou qualquer dellas dispostas pelo almirante, nenhuma foi que deu nome ao Imperio do Brazil, mas sim a que foi arvorada pelo incomparavel Pedro Alvares Cabral sobre a collina mencionada, conforme a melhor opinião, como fiz ver, no dia 3 de Maio do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1500, o que bem se collige de uma das estampas do livro da competente historia.

Fundado nestes principios intentei, com approvação de alguns cidadãos deste municipio, e estou firme na resolução de o cravar no mesmo logar em que, com todo o valor de certeza, foi arvorada a cruz que deu nome tão grande ao Imperio do Brazil, e que ainda não puz em pratica por falta de um habil pedreiro, e se espera um que deve vir da villa de Porto Seguro.

A Cruz será benzida mesmo dentro da igreja matriz, onde está depositada, e levada com a possivel pompa.

.....

caravela sob o commando de Gaspar de Lemos, afim de levar ao rei a noticia do descobrimento inesperado, seguindo o caminho das Indias os onze navios da frota.

Dous degradados ficam chorando no meio dos selvagens, vendo desapparecer a frota; e entre elles se achavam dous grumetes, que tinham fugido das naus durante a noite. (*a*)

Os selvagens, enternecidos ante as lagrimas desses infelizes, que se achavam em tão triste conjunctura, procuram tratal-os benignamente, parecendo dizer-lhes que confiassem na generosidade de toda a tribu.

.....

Dizem diversos historiadores que a esses navegantes apparecera no dia 12 um cometa de immensa cauda, causando terror aos capitães e pilotos, que o tomavam por presagio de funesto acontecimento.

E as apprehensões se confirmaram, pois no dia 20 desse mez uma horrivel tormenta fez desapparecer nas ondas do Atlantico, antes de dobrarem o cabo da Boa Esperança, os quatro navios da frota commandados por Ayres da Silva, Pedro de Athayde, Simão de Pina e Bartholomeu Dias.

A tempestade foi medonha e durou vinte dias consecutivos.

Pedro Alvares Cabral arribou a Sofala, na nau capitanea, a qual se tinha afastado dos demais navios, que serviram de joguete ás ondas por muitos dias.

Dirigindo-se depois para Quiloa encontrou ahi as

(*a*) Um delles mais tarde serviu de interprete aos portuguezes, que ali aportaram na segunda expedição, e depois voltou a Portugal, tendo morrido o outro de desgosto.

embarcações, que se tinham desgarrado da delle, proseguindo em seguida a viagem projectada.

Tempo depois, chegou a salvamento a Lisboa o navio de Gaspar de Lemos, levando dous indigenas, que não foram recebidos em Porto Seguro, e sim naturalmente em algum logar da costa em que houvesse tocado.

Grande satisfação causou ao rei o recebimento da carta de Pero Vaz de Caminha, datada de Porto Seguro em o dia 1.º de Maio de 1500, pelas noticias que teve da frota e da terra descoberta.

Todo o reino regosijou-se com a chegada de Gaspar de Lemos, e na cidade de Lisboa houve festas populares e grande alegria entre os habitantes.

Os presentes enviados pelo almirante Cabral a D. Manoel foram bem acceitos, visto comprovarem tudo quanto se lhe dizia a respeito da nova terra.

Consta que as araras chegadas a Lisboa nessa occasião, deu logar a que os seus habitantes denominassem a nova região—*Terra dos Papagaios*—nome este que se encontra em diversos mappas antigos, sendo assim chamada por Lorenzo Cretico, agente da senhoria de Veneza, residente então naquella cidade.

Quando Pedro Alvares Cabral entrou em Lisboa a 23 de Junho de 1501, (*a*) vindo de Calecut com 6

(*a*) Eis o resumo da nota a pag. 77 da Hist. de la Geographie de Humboldt tomo 3—5:

A'cerca da volta da expedição de Cabral ha confusão.

O cabo da Boa Esperança foi dobrado pela expedição no domingo de Ramos, que corresponde, em 1501, a 4 de Abril. A Chronica de Damião de Goes (Parte I, cap. L. X, t. 1. p. 81) diz: *Pedralvarez dobrou o cabo aos 22 do mez de Maio, dia do Espirito Sancto*». Ha erro manifesto: 22 de Maio não era domingo, e *o dia do Espirito Santo*, Pentecostes, corresponde a 30 de Maio. A data indicada no diario do piloto, 4 de Abril, é mais provavel, porque a expedição de Cabral foi vista por Vespucio nos primeiros dias do mez de Julho em Bezenegue, segundo a sua carta datada

naus restantes, depois de haver conquistado louros para a corôa portugueza e renome para os seus altos feitos. D. Manoel deu conhecimento aos reis catholicos do descobrimento da *ilha da Vera Cruz* em carta datada de 29 de Julho de 1501, quando se achava me Cintra.

Até 1518 vivia ainda o ousado e feliz navegante, *(a)* e se lhe pagava de moradia 28437 réis por mez, tendo tambem 13$000 de tença, em virtude da carta regia de 4 de Abril de 1502 e mais 30$000 por outra da mesma data, sendo este o premio que lhe concedera

---

de Cabo Verde em 4 de Junho de 1501 e dirigida a Medicis. Com effeito, Vespucio, depois de 67 dias de navegação do Cabo Verde ás costas do Brazil, dá fundo a 17 de Agosto no 5.° de latitude austral. Sua partida do Cabo Verde teve logar pois a 11 de Junho, onde diz ter se demorado 11 dias, o que está de accordo com a carta de 4 de Junho dirigida a Medicis, escripta do Cabo, e com a partida de Lisboa a 10 ou 13 de Maio. Eu tenho duvida sobre a data da volta da expedição de Cabral a Lisboa, indicada pelo piloto e por Goes no fim de Julho, visto estar em contradicção com a carta do rei D. Manoel a Fernando, o catholico, de 29 de Julho de 1501, e com a de Lourenço Cretico, embaixador de Veneza em Portugal, de 27 de Junho de 1501.

O rei pede desculpa aos seus Señores Padre Y Madre (era genro de Izabel) pela demora de dar-lhes noticia da chegada de Cabral, visto ter esperado a vinda de dous navios de Sofala..

Lourenço Cretico communica á *Signoria* de Veneza a chegada da expedição ao Tejo *no dia de S. João*, referindo os principaes acontecimentos sobre o descobrimento do Brazil, as aventuras da India e a perda de sete navios.

As datas da carta do rei D. Manoel e da correspondencia de Lourenço Cretico provam ter sido a volta de Cabral em 23 ou 24 de Junho de 1501.

Se a expedição deixou o Cabo Verde na proximidade de 5 de Junho, como se deprehende da carta de Vespucio, teve tempo sufficiente de chegar a Lisboa 47 dias antes da época indicada por Damião de Goes, não obstante as correntes, que nessa viagem se estendem para o sul e ao suéste.

O historiador João de Barros diz: «depois de ser chegado a Portugal, que foi vespera de S. João Baptista.»

(a) Presume-se ter fallecido no anno de 1526, mas ha quem opine ter se finado entre 1527 e 1455. Ha historiadores que affirmam ter-se dado o seu fallecimento antes de 8 de Julho de 1534.

D. Manoel, por ter descoberto tão rico continente e feito curvar a cerviz os poderosos rajahs do Indostão. *(a)*

O conspicuo brazileiro sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, Visconde de Porto Seguro, em 1839, descobriu o jazigo de Pedro Alvares Cabral, na sacristia do Convento da Graça, em Santarém; sendo a sepultura rasa com o seguinte epitaphio em gothico florido:

—*Aquy jaz Pedraluares Cabral e Dona Izabel de Castro sua molher, cuja he esta capella he de todos seus erdeyros aquall depois da morte de seu marydo foi camareira-mór da Ifanta Dona Marya fylha d'el Rey D. João Nosso Snôr hu terceiro deste nome.*

(a) D. Manoel por graça de Deus rei de Portugal, e dos Algarves da aquem, e da alèm mar em a africa Senhor de Guinee, e da conquista nevegação e Commerceo de thiopia, arabia, Persia, e da India a vós recebedor da nossa casa da marçaria desta cidade de Lisboa, e ao escrivam dese offlcio saude mandamos-vos que do rendimento dela deste ano presente de quinhentos e dois dees a Pero Alveres Cabral Fidalgo de nosa caza treze mil réis que lhe mandamos dar em o dito ano de nos hadaver de sua tença dos quaes dinheiros lhe vos fazee bom pagamento. E por esta nosa carta com seu conhecimento mandamos aos nossos contadores, que vollos levem em despesa.

Dada em Lisboa a quatro dias dabril El-Rey o mandou por D. Martinho Senhor de Villa Nova de portimão do Seu Conselho e Veedor de sua Fazenda. Francisco de Mattos a fez de mil quinhentos e dous. Dom Martinho.

—

D. Manoel por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves da aquem e da além maar em a Africa Senhor de Guinee, e da conquista navegação e Commerceo de thiopia arabia Persia da India a vós recebedor da nosa sisa da marçaria e ao escrivão dese officio saude: mandamos-vos que do rendimento della deste ano presente de quinhentos e dois dees a Pero Alveres Cabral Fidalgo da nosa caza trinta mil reis que lhe mandamos dar em o dito ano de nos haadaver de sua tença dos quaes dinheiros lhe vos fasee bom pagamento.

E por esta nosa carta com seu conhecimento mandamos aos contadores que vos levem em despeza. Dada em Lisboa a quatro dias dabril El-Rey o mandou por D. Martinho Castel Branco Senhor de Villa nova de portimão do seu Conselho e Veedor de sua Fazenda. Francisco de Mattos a fez de mil quinhentos e dois.—D. Martinho.

Mais tarde em 1502 questões de pundonor fizeram-no não acceitar o commando de uma esquadra, que se destinava ao Oriente, e dahi em diante sempre contrariado em suas pretenções, passou a vida obscuramente e morreu ralado de desgostos; mas deixou o seu nome nos fastos da historia, que collocou-o entre os varões illustres.

O descobrimento do Brazil não preoccupou o animo de D. Manoel, sempre voltado para as riquezas do Oriente, que deslumbrava-o; e só depois de sua morte em 13 de Dezembro de 1521, foi que esta parte da America entrou nos planos politicos do novo rei D. João 3.º, seu successor. (*a*)

São mui judiciosas e plausiveis as considerações do Conselheiro Pereira da Silva ácerca do pretendido proposito de Pedro Alvares Cabral, de afastar-se da rota do seu destino para as aventuras calculadas de descobrir regiões desconhecidas, por acto reservado de sua imaginação.

Estou de perfeito accordo com semelhante modo de apreciar os factos e juizo tão bem externado pelo distincto historiador, por serem as suas deducções firmadas na logica de factos antecedentes e subsequentes.

Os designios de Cabral não eram senão cumprir á risca as instrucções recebidas de D. Manoel, devendo portanto afastar-se da costa africana, tomando o Occidente, para então aproar ao Cabo da Boa Esperança, na altura de 20 graus de latitude sul.

(*a*) D. Manoel nasceu aos 31 de Maio de 1496 na villa de Alcochete do Riba-Tejo; subiu ao throno em 1495 por acclamação do povo; reinou 26 annos, um mez e quinze dias, e falleceu com 52 annos, 6 mezes e 12 dias de edade.

As correntes oceanicas impelliram-no a destino contrario, e só o acaso fêl-o descobrir esta vasta região occidental.

Ha, porém, quem affirme hoje que D. Manoel, dando instrucções reservadas verbaes ou por escripto, a Pedro Alvares Cabral, tinha por fim não melindrar o monarcha hespanhol, a quem cabia de preferencia os descobrimentos de terras comprehendidas na linha divisoria, estabelecida pelo Papa Alexandre VI, e que por isso estava no seu empenho de fazer crer que o Brazil tinha sido descoberto por acaso!

Se assim é, porque depois de executadas com feliz exito as suas instrucções, D. Manoel, exultando de gaudio, não tornou publico mais tarde, no seu venturoso reinado, esse segredo politico da côrte, ou melhor, essa trapaça, de que resultou tanta gloria para os executores de uma empreza tão bem calculada?!

Parece obvio esse argumento, e estou certo de que elle é o mais consentaneo sob os principios da boa razão.

Ha ainda uma consideração a fazer, e é: como se sabe, as viagens ao continente africano reclamavam nesse tempo toda a attenção da parte dos navegantes, por não estar perfeitamente sondado e conhecido o trajecto dessa navegação, e assignalados todos os perigos da costa; seria, portanto, imprudencia da parte de D. Manoel desviar Cabral, por instrucções reservadas, da derrota que devia seguir, tornando assim por demais longa e aventurosa uma viagem, que era arriscada por todos os modos, e em que ia tão lusida frota e gente de variadas profissões.

Uma observação ainda de alta relevancia: entre os tripulantes e passageiros das caravelas, sob o com-

mando de Cabral, iam hespanhóes, que por certo não guardariam o segredo de terem sido desviados intencionalmente do caminho africano com o fim de se descobrirem terras occidentaes; e, como é de suppor, se fosse verdadeira a intenção que nos tempos modernos se empresta a D. Manoel, não ha duvida, no seu reinado, teria se desvendado o mysterio dessa navegação *calculada*.

Nos circulos officiaes esse assumpto daria logar á discussão, e os historiadores da época não furtariam a Portugal a gloria de tamanho feito, que não poderia ficar por tanto tempo envolto nas dobras do mysterio, em prejuiso da fama honrosa da potente nação dos lusos.

Demais, sendo as cartas de Pedro Vaz de Caminha e do Mestre João, phisico e cirurgião (hespanhol) dirigidas ao rei documentos de caracter reservado, nenhum inconveniente haveria em ser nellas mencionada a circumstancia, á puridade, do facto intencional, para que assim mais tarde houvesse uma prova segura desse successo, levado a cabo por um plano preconcebido.

Acreditemos todos: D. Manoel não despresaria, em sua vaedade de soberano, orgulhoso pelo triumpho de suas instrucções, a gloria de ver seu nome aureolado ainda mais pela fama de um feito tão extraordinario, egual ao de Colombo, pela simples razão de não offender o melindre dos reis hespanhóes!

Não, o seu orgulho bem justificado, não o deteria na reserva criminosa de dar ao seu paiz a fama ingente do descobrimento do Brazil, em face de previas combinações!

Não ha segredo de gabinete, principalmente de

ordem tal, que, embora um pouco tarde, não seja desvendado ao juiso dos contemporaneos.

As chronicas do seu tempo, os historiadores e a carta de Caminha, da qual devia ter sciencia Cabral, não dão a conhecer esses intuitos apregoados por modernos escriptores.

E' lamentavel que até hoje não se tenham encontrado as communicações officiaes de Cabral, dirigidas ao rei sobre tão auspicioso acontecimento, porque então ter-se-hia documento mais valioso sobre essa parte da historia do Brazil, já tão cheia de phantazias.

Acredita-se é certo na suspeita de Vasco da Gama, quando percorreu o Atlantico, ao longo da Africa, da existencia de terras ao Oeste, e por isso Camões, o immortal epico lusitano, disse:

«...á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita». *(a)*

Se esta convicção estivesse, porém, firmada no animo de Vasco da Gama, estou certo de que faria sentir ao rei a necessidade de emprehender elle mesmo a viagem de Cabral, que assim roubou-lhe a gloria do descobrimento do Brazil.

Tratando de semelhante assumpto, diz o illustre dr. Americo Braziliense em suas «Lições de Historia Patria»: «Este facto foi devido ao acaso: um forte temporal desviara o illustre portuguez da rota,

---

(*a*) Sim, havia suspeita de outra terra, como se deprehende do *Esmeraldo de situ orbis*, dirigido a D. Manoel no principio do seu reinado, por Duarte Pacheco Pereira, o *Achilles Lusitano*, como denominou-o Camões.

Um periodo desse trabalho foi publicado pelo sr. Raphael Basto no *Commercio de Portugal* em 9, 10 e 11 de Julho de 1891.

«que elle seguia com destino ás Indias. Ainda quando por ventura não se queira acceitar esta explicação e se creia que Cabral, para evitar as calmarias da Costa d'Africa, procurava o Oeste de Cabo-Verde, e fôra desviado de seu caminho pelas correntes oceanicas, o certo é que a nenhum historiador ainda approuve dizer que essa viagem, ás terras brazileiras, fosse o resultado de estudos e accôrdo do descobridor com as vistas do governo de D. Manoel, então rei de Portugal. Foi o acaso e só o acaso a origem do acontecimento.»

Em opposição a esse conceito escreveu o dr. Rodrigo Octavio:

«Alguns dias levou a frota em direcção designada para exacto cumprimento das regias determinações; em alto mar, porém, o almirante não resiste á curiosidade de verificar se ao sul das *indias* a que Colombo aportou, não existem outras *indias*, talvez mais ricas e mais extensas.

Pouco importava em verdade alguns mezes mais que levasse para dar cumprimento á sua delicada missão. Firmada a resolução, deu o almirante ás naus a direcção de Oeste.

Era impossivel que as terras descobertas por Colombo fossem a *finisterra* dessas indias occidentaes. O archipelago no qual o genovez plantara o pavilhão de Castella deveria por certo, estender para o sul os innumeraveis dorsos opulentos de suas ilhas ou talvez, quem sabe? além dellas não se ostentasse a massiça extensão inculta de todo um continente... Era favoravel a direcção dos ventos e a formosa esquadra de velas enfunadas avançava afastando-se do caminho da viagem determinada!!

Oliveira Martins, em sua «Historia de Portugal», diz tambem que Cabral não resiste á tentação da curiosidade, e que descendo no Atlantico, em direcção de leste, uma pergunta incessante o persegue: que haverá a Oeste? Amarou para o poente, e com effeito descobriu o Brazil.

Um outro escriptor distincto, tambem portuguez, o sr. A. X. Rodrigues Cordeiro, faz estas interrogativas nos «Serões de Historia»: «Foi-lhe o vento ponteiro, e obrigou-o a seguir este rumo? Teve a intenção de evitar a Costa d'Africa e fugir ás calmarias de Guiné como já o praticara Vasco da Gama?

Assim seria em parte; mas é tambem provavel que a curiosidade, o amor da gloria e vertigem de descobrimentos, que predominou n'aquelle seculo, não deixassem de concorrer alguma cousa para semelhante desvio».

—

Em artigos insertos na «Folha do Norte» desta cidade, sob a epigraphe *A Descoberta do Brasil*, o sr. Francisco Pacheco, intelligente polemista portuguez, desenvolvendo esse assumpto com talento, mostra-se adepto da opinião de Baldaque da Silva, (engenheiro hydrographo e illustrado official da marinha portugueza) que scientificamente não admitte o descobrimento do Brazil por mero acaso, e sim por um plano anteriormente concebido.

Os referidos artigos tornam-se dignos de acurada meditação, por isso que encerram doutrina opposta á da maioria dos historiadores, que ainda hoje repetem ter sido por *acaso* descoberto o Brazil.

Não tenho a pretenção de oppor-me á opinião dos que pensam como o sr. Francisco Pacheco, e julgo de grande proveito a discussão sobre esse assumpto em controversia, pois a historia precisa esclarecer essa duvida, se de facto existe, para que de uma vez se firme completamente a verdade.

O Visconde de Porto Seguro, Machado de Oliveira, Gonsalves Dias, João Lisboa, João Maria da Gama Berquó, Dr. Luiz de Queiroz Mattoso Maia, Silvio Romero e outros, pensam ter sido o Brazil descoberto por acaso, em contrario do Conselheiro Joaquim Norberto de Souza e Silva, que, em *Memoria* apresentada e lida no Instituto Historico e Geographico do Brazil, sustentou a these de ter sido intencional esse descobrimento.

Em referencia ao mesmo assumpto, o intelligente sr. Bertino de Miranda, director da Bibliotheca publica deste Estado, sob o pseudonymo de *Mephisto*, veiu á liça, e, discutindo a materia, desenvolveu-a do melhor modo.

Foi pena que essa questão de tão alta transcendencia descambasse para um terreno safaro, pondo-se finalmente termo a uma discussão interessante, que devia ser elevada a maior altura pelos dous distinctos contendores.

Diz M. de Oliveira Lima, no seu livro—Pernambuco—seu desenvolvimento historico, (edição de Leipzig, 1895)—«que Cabral tomou por uma ilha o novo continente, que elle propositalmente abordára na intenção definida de o descobrir, mas, baseando-se n'uma falsa medição da terra, na de aproar rapidamente pelo

occidente aos explendores da India, aos quaes Colombo ainda não chegára, emmaranhado em terras selvagens, prenuncios, acreditava-se, do almejado continente asiatico».

Elisée Reclus, na sua obra *Nouvelle Geographie Universelle*, vol. XI, *Amérique Boréale*, assim diz:

«Toutefois l'événément n'eut été retardé que de peu, puisque en l'année 1500 Alvarez Cabral, suivant les traces de Gama vers les Indes orientales, rencontra inopinément sur sa route les côtes du Brésil.»

Humboldt, no *Cosmos*, tomo 2°, pag 319, acceitando a opinião de ter sido o Brazil descoberto por acaso, escreveu: *La flotte commandée par Pedro Alvarez Cabral, que le roi Emmanuel de Portugal envoya aux Indes orientales, par la route qu' avait dé couverte Gama, fut jeté, le 22 avril 1500, sur les côtes du Brésil, sans en avoir le soupçon.*

Gaspar Correia, *nas Lendas da India*, diz que Vasco da Gama recommendára a Cabral, e este aos capitães da frota «que cortassem pelo mar largo, tomando largos os ventos do mar, que corriam para terra, com muito resguardo por dobrar o cabo da Boa Esperança, e que de dentro delle fossem haver vista de terra.»

A isso accrescenta o illustre escriptor portuguez Alberto Pimentel:

«Quem pudesse ouvir estas praticas, ficaria desde logo habilitado a desmentir a noticia, que por tão longos annos circulou, de que a frota de Pedro Alvares foi impellida para oéste pelas correntes atmosphericas ou maritimas ou ainda por erro de navegação» (O Descobrimento do Brazil pag. 173, romance, Lisboa 1895.)

Frei Vicente do Salvador, o mais antigo historiador brazileiro, em sua *Historia do Brazil*, escripta na cidade da Bahia em 1627, é de opinião que o Brazil foi descoberto por mero acaso.

Paul Gaffarel faz menção em seu livro *Histoire de la découverte de l' Amérique* das observações de Humboldt, de Maury e de Elisée Reclus ácerca das correntes marinhas, e refere-se as do *Gulf Stream*, que levam as aguas do Atlantico para as costas do Brazil.

E' muito possivel, diz o referido historiographo, que os antigos tivessem sido arrastados pelas correntes do Atlantico á direcção do oeste, como aconteceu ao portuguez Alvares Cabral, *que por acaso* foi condusido ás costas do Brazil.

Finalmente, diz Antonio Galvão, antigo historiador portuguez: «No anno de 1500 á entrada de Março partio com treze velas, *com regimento* que se afastasse da Costa d'Africa para *encurtar a via*. Chegou com prospera viagem ás Canarias. Arrebatado porém dos ventos tempestuosos, derrotados todos os seus navios, e tendo uma náo perdida, em sua busca perdeu a derrota, e indo fóra della topárão signaes de terra por onde o capitão-mór foi em sua busca tantos dias, que os da armada lhe requerêrão, que deixasse aquella porfia, mas ao outro dia virão a costa do Brazil, isto é, Porto Seguro, em 3 de Maio, dia da Vera-Cruz.»

—

Affirmam diversos historiadores que, antes de Cabral, outros ousados navegadores aportaram em plagas brazileiras.

Alonso de Hojeda, acompanhado de Americo Ves-

pucio e de João de la Cosa, em fins de Junho de 1499, avistou a costa do Brazil no delta do Assu, que fica no Estado do Rio Grande do Norte; proseguindo depois na direcção de noroeste, visto não ter podido tomar o rumo de les-sueste, devido ás fortes correntes do Atlantico, indo ancorar em Cayena, segundo opinião do Visconde de Porto Seguro, a qual é contestada pelo illustrado sr. João Capistrano de Abreu, em these de concurso sobre este ponto.

O Sr. Joaquim Caetano da Silva julga que Hojeda só tivesse percorrido a distancia de 200 leguas do littoral da parte septentrional do continente sul americano, desde a base da peninsula de Pariá para sueste até 4 1/2° de latitude norte, terra de Santo Ambrozio (ou bahia do Oyapoc.)

Vicente Yanez Pinson, que sahiu de Palos em 18 de Novembro de 1499, ou principio de Dezembro, segundo outros, navegando com uma flotilha de 4 caravelas, depois de ter sido acossado por fortes ventos, veiu a descobrir no dia 25 ou 26 de Janeiro de 1500 terras junto a um cabo, a que deu o nome de *Santa Maria de la Consolation* (mais tarde, em 28 de Agosto de 1501, chamado de Santo Agostinho) e que no dizer do Visconde de Porto Seguro é a ponta de Mucuripe, no Ceará. *(a)*

Proseguindo pela costa, descobriu outro cabo a que denominou *Rosto Hermoso*, que como diz o Visconde de Porto Seguro, não póde ser senão a ponta da

---

(a) E' mais crivel que esse cabo fosse entre o Gurupy, na foz do rio do mesmo nome, e o rio Amazonas; assim se exprime o Dr. João Mendes de Almeida em nota a pag. 150 do seu livro—*Algumas Notas Genealogicas*.

Tambem acredita-se que, tendo velejado para o Norte, aportou á foz do Itapicurú, no Estado do Maranhão.

Jererécoára; e dahi seguindo mais para o Norte, descobriu a foz do Amazonas, a que denominou *Mar Doce*.

O dr. Gama Berquó diz: depois de ter dobrado o cabo de S. Roque (no Rio Grande do Norte) descobriu Pinson a foz do Amazonas, a que deu o nome de Paricura.

Diogo Ribeiro é de opinião que esse navegador descobriu terras a loeste do cabo de S. Roque, e não para o Sul.

Pinson estabeleceu relação com os indigenas, seguindo depois até o cabo de Orange, que chamou de S. Vicente em attenção ao dia, que era consagrado a esse santo, chegando tambem ao Rio Oyapoc, que teve o nome de Vicente Pinson por muitos annos.

Diz Robertson, na sua *Historia da America*: Vicente Yanez Pinson, um dos companheiros do almirante Colombo na sua primeira viagem, sahiu de Palos com 4 navios. Navegou animosamente para o sul, e foi o primeiro castelhano que se aventurou a cruzar a linha equinoxial; mas parece que não desembarcou em parte alguma da costa *além da boca do Maranhão ou rio das Amazonas (a)*

(a) O dr. S. Coutinho diz—que as fontes mais remotas do Amazonas vertem do grande *nó de pasco*, constituindo duas correntes, uma das quaes, a occidental, alcança a latitude de 10.° 20.° S, vindo da contravertente do rio Barranca, que desce para o Pacifico, e a oriental do lago Lauri a 10.° 10' de lat. S. Estes dous braços originarios reunem-se na lat. de 9° 53' S, formando o rio Marañon, nome que tem o Amazonas na parte superior de seu curso.

Esta opinião está de accordo com as mais recentes explorações geographicas, principalmente allemães.

Os indigenas chamam-no Paraná-assú.

A origem do nome Maranhão tem sido objecto de discussão.

O padre Manoel Rodrigues suppoz que vinha das muitas *maranhas* ou embustes ali praticados por um celebre Lopo de Aguirre.

Mais tarde foi elle buscar a etymologia ás palavras *mara* (amarga) e *não*, como quem dissesse que as aguas daquelle mar não são amargas. O nome

Depois de Pinson, chegou tambem ás plagas brazileiras o piloto Diogo de Lepe, que partiu de Palos em Dezembro de 1495, com duas caravelas, tendo chegado á altura de Santo Agostinho ou do cabo *Rostro Hermoso*

No dizer de alguns historiadores, Lepe reconheceu o cabo de Santo Agostinho, costeou o Maranhão e lutou com os indigenas, perdendo no discrime homens da tripulação.

Este navegador tempos depois morreu enforcado na Africa.

---

encontra-se na narração mais antiga das viagens de Pinson, e era provavelmente de alguem que fazia parte da expedição, talvez do primeiro que provou aquellas aguas, ou descobriu que eram de um rio.

Vieira considera a palavra como augmentativo de mar. *Por isso, diz elle, os naturaes lhe chamam Pará, e os Portuguezes Maranhão, que tudo quer dizer—mar e mar grande.* (Sermões, t. III, p. 409).

(Nota a pag. 10 1.º t. da Hist. do Brazil de Roberto Southey.)

Bernardo Pereira de Berredo nos *Annaes Historicos do Maranhão*, depois de algumas considerações sobre o nome *Maranhão*, acceita a seguinte opinião:

«Porém lendo eu o catalogo dos Mestres da Ordem de Santiago, logo no principio do Bullario della acho, que foy o sexto D. Fernando Gonçalves de Marañon, que sendo eleito em Mayo de 1206, morreu em Novembro de 1210; e se muito mais de trezentos annos, antes da expedição de Vicente Yanes Pinçon, havia já este nobre appellido nos dominios da Hespanha, fundamentalmente me persuado, a que o tomou este famoso rio do seu primeiro descobridor pela parte da terra do reino do Perú, por ser o de que usava, como escreve o capitão Simão Estacio da Silveira na *Relação Summaria*, que imprimiu em Lisboa no anno de 1624; e com mais exactas indicações Frey Christovão de Lisboa, Bispo eleito do Congo, e de Angola, na sua *Historia* manuscripta do Maranhão, e Pará, que intitula *Natural e Moral.*

O que supposto devemos crer, que he a verdadeira etymologia do rio Maranhão....»,

O dr. Mendes de Almeida diz porém que esse nome não passa de corrupção da denominação em *tupi*, e que o tal capitão hespanhol (Fernan Gonzale Maranon) não é senão uma historieta dos que pretendem de qualquer modo justificar os seus assertos.

O padre João Tavares pensa que essa palavra é de origem *tupy;* e assim se diz—Maram-onhang—y—que quer dizer—*agua que batalha*; ou por outra Maram-nhãna—y—, significando *agua que corre despropositadamente.*

Sobre este assumpto são interessantes as apreciações do dr. João Mendes no seu já referido livro.

Ha uma noticia de ter sido o Brazil descoberto em 1488 por João Cousin, de nacionalidade franceza, mas isso não está provado positivamente.

O que está demonstrado, é que foram inefficientes as navegações de tão ousados marinheiros, não restando a menor duvida de que ao almirante portuguez Pedro Alvares Cabral cabe a gloria immoredoura do descobrimento do Brazil.

Demais a apophtegma de Vivien de Saint Martin, no seu livro *Histoire de la Geographie*, applica-se perfeitamente bem ao caso exposto:

«*Il n' y a de découvertes réelles que celles qui prennendate dans la science.*

O *Jornal do Brasil*, em sua edição de 11 de Agosto do anno findo, publicou sob o titulo—Descobrimento da America—o resultado de uma conferencia na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, e o fez nestes termos:

—O sr. commendador José A. de Oliveira Catramby fez em 1 do corrente na sala das conferencias da Sociedade de Geographia importante conferencia sobre o assumpto que motivou o livro do illustre sr. I. J. da Fonseca.

Motivos de ordem elevada e força maior impediram-nos de publicar o resumo que pessoa, por nós delegada, fez da conferencia do sr. Catramby, mas tendo o *Jornal do Commercio* publicado a acta official da sessão, della, com a devida venia, extrahimos o resumo da conferencia do illustre socio e estudioso geographo.

Eil-a:

«Usando da palavra o sr. commendador CATRAMBY começa por julgar-se incompetente para o desenvol-

vimento do assumpto, o que só faz para attender ao appello que faz o illustre sr. almirante IGNACIO J. DA FONSECA em seus folhetos e carta offerecidos á nossa sociedade.

Estranha o orador que o illustre almirante tomasse para ponto de partida de suas observações as latitudes tomadas em 1500; latitudes estas que, como vae mostrar, são completamente disparatadas, não se podendo de maneira alguma determinar um ponto de nossa carta com os argumentos de s. exa. que tão salientemente se refere aos 17 gráos sul, tomados por mestre João.

Um outro facto tambem digno de reparo é que o unico documento conhecido da descoberta do Brasil è a carta escripta a el-rei de Portugal por Pero Vaz Caminha, e este documento não mereceu a s. exa. a menor referencia.

O primeiro dos «quesitos» formulados pelo sr. almirante é o seguinte: «Se o Brasil foi visitado por europeos antes de Cabral.» O orador responde affirmativamente, recordando ao auditorio os nomes, datas e logares dos navegadores que antecederam a Cabral.

O segundo quesito é: «Se a derrota de Cabral foi obra do «acaso» ou de planejado reconhecimento.»

Neste ponto o orador justifica plenamente o acaso, e nunca um planejado reconhecimento, apresentando ao auditorio uma carta geographica do Brasil em escala grande, representando a derrota da India de d. João de Castro, em 1538.

Nessa derrota apresenta em tudo a coincidencia de que d. João de Castro, sahindo de Lisboa em 6 de Abril de 1538, passou em frente á costa do Brasil na mesma monção de Cabral, isto é, em maio, 38 annos depois.

As circumstancias que actuaram para que Cabral, «sotaventeando», descobrisse o Brasil, a mesma circumstancia apresenta, 38 annos depois, a derrota de d. João de Castro que, com os ventos calmosos, correntes de agua, agulhas falsas e mettidas em uns «caixões fluctuantes,» sem as condições necessarias para a navegação e com invasores castellos nas duas extremidades de prôa e pôpa, o fez chegar á latitude sul de 18 gráos e de longitude oeste 36 gráos do meridiano de Greenwich, com a circumstancia ainda de ser esta a latitude, da costa entre os rios de Santa Cruz e Mucury, Estado da Bahia.

E para mais justificar o descobrimento do Brasil por Cabral, de «acaso,» mostra que a Cabral não lhe era permitido sahir da sua derrota á India sem transgredir as ordens em vigor naquella época. Para ser planejada esta descoberta, onde foi Cabral obter taes suspeitas ou informações de terra nestas paragens?

Por Pinson, o primeiro que descobrio o cabo de Santo Agostinho por 8 gráos Lat. S., em 28 de Janeiro de 1500, ou por Diogo Leppe que pouco tempo depois, dizem, por ahi ter passado?

Logo Cabral, que suspendeu do porto de Lisboa, para a sua viagem á India em 9 de março de 1500, só poderia ter noticia, dada pelos navegadores que o antecederam. E tendo voltado Pinson á Hespanha em setembro, e communicando ao seu governo, a descoberta em 28 de janeiro, já Cabral tinha sahido para a sua viagem á India em 9 de março, isto é, sete mezes antes da chegada de Pinson, em que Portugal já tinha a noticia da descoberta do Brasil, que foi levada a Portugal por Gaspar de Lemos, um dos capitães da frota

de Cabral e que este fez destacar em 2 de maio do porto de Santa Cruz.

E apresentando o orador outras muitas considerações provou que o descobrimento do Brasil foi obra do *acaso* e não de planejado reconhecimento.

Emquanto ao terceiro quesito, do illustre almirante «se o ponto da chegada fôra no lagamar de Porto Seguro, pela affirmativa de Warnhagem; se na enseada de Santa Cruz, segundo Beaurepaire.»

No roteiro da viagem á India por D. João de Castro em 1538 e annotado por Andrade Corvo, socio effectivo da Real Academia de Sciencias de Lisboa, diz a pag. 143:

Dia 18 de maio, o mestre e um marinheiro tomando o sol ao meio-dia, e disse estar em 7 gráos e 1/4 de Lat, S. e o piloto que estava em 9 gráos e tinha dobrado o cabo de Santo Agostinho para o sul.

Temos a differença de um observador aos outros de 1 gráo e 45 minutos!!!

Quer dizer 105 milhas.

Dia 19 a pags. 145 diz: «o capitão achava-se em 8 g. e 2/3, o calafate em 8 3/4, um marinheiro em 9 g. escassos e outra pessoa em 8 1/2.

Temos a differença do primeiro observador ao segundo de 5 milhas, do 1° ao 3° de 20 milhas, e do 1° ao ultimo de 10 milhas.

Dia 20 á pag, 151 diz: «O capitão tomou a lat. S. de 9 gráos e 16 minutos e o carpinteiro e o calafate de 9 e 30, difierença do 1° para os 2os de 14 milhas.»

Nestas medições e com novos e aperfeiçoados instrumentos a que se refere a nota a folhas 25 do sr. Andrade Corvo —lê:— imagine o illustrado auditorio quaes seriam as observações da viagem de «Cabral»

38 annos antes, para que o sr. almirante Fonseca tanto faça salientar em seu estudo a paginas 36 a latitude de «dezesete gráos» observada pelo mestre Johanes, e o apresentar como documento anthentico.

Aqui o honrado almirante não seguio a maxima de «S. Thomé,» porque serve-se de uma lat. duvidosa e despreza o seu trabalho da parte dessa costa, em 1857, quando s. exa. commandou o patacho Thereza, porque diz ser sua carta a copia de uma ingleza, porém correcta e augmentada por s. exa. «em ilhas, Bancos, Cannaes, Corôas, Pedras e Recifes.»

Logo, no proprio seu trabalho encontra o honrado almirante o grande erro dessa lat. a qual chama documento authentico, porque em 17 gráos de lat. sul existe o grande baixo de Itacolomy e seria victima de sua audacia todo aquelle que tentasse um desembarque nessas paragens, e muito menos poder servir para ponto de abrigo.

Depois de muitas outras considerações que faz o orador, passa ao ponto da chegada da frota de «Cabral» a que se refere a carta de «Pero Vaz Caminha» a El-Rei de Portugal.

Confrontando pela Carta de «Caminha» os trabalhos até hoje não excedidos do nosso littoral e portos, desta parte da costa, verificado está que a primeira terra descoberta pela frota de «Cabral» foi o monte «Pascoal» que está na na lat. S. 16—55 e longitude Oeste 30—20—00" e navegando em direcção ao mesmo monte, como seria muito correcto, encontravam-se com o grande baixo e pedras de «Itacolomy» e desviando-se para o N. por ser o vento a feição para essa navegação, deram fundo em 19 braças d'agua.

Ao amanhecer do dia 3 de maio suspenderam, para

mais se approximarem da terra, e navegando para ella deram fundo em nove braças em frente a um rio.

A's 10 horas mandou Cabral á terra em um esquife Nicolao Coelho, porém este, sendo já tarde, voltou para bordo em razão do muito mar que fazia na costa.

Claro está que este rio, não póde ser outro senão o rio «Granamuan» que se acha na Lat. S. 16—51—00", e pela informação da carta de «Caminha», em que refere haver nessa costa muito mar não poderia deixar de ser, por ficar no extremo N. das pedras de Itacolomy.

Continuando com a narração de Caminha, diz que por causa do muito vento SE que fez de noite garrar os navios da frota e entre elles o navio de «Cabral,» fizeram-se de vela no dia 24 de Abril, em razão de pouca segurança do logar ao rumo de N. e depois de uma marcha de 10 leguas chegaram a um porto de bom abrigo ou seguro, e fundearam, «tendo um recife com um porto dentro e muito longa a entrada.»

O porto de «abrigo ou seguro,» aonde a frota ancorou, não podia ser outro se não o porto de Santa Cruz, por não existir nas suas approximações em condições favoraveis outro qualquer porto como Caminha o descreve, e dando-se a circumstancia de se achar no N. a 10 leguas, approximadas do primeiro ancoradouro a que Caminha perfeitamente descreve, sendo a Lat. de «Granamuan» 16—51—Lat. da enseada de Santa Cruz 16—19 differença das duas Lat. por correr a costa N. e S. 32 milhas.

Mouchez, almirante francez, em sua collecção de cartas de nossa costa, e portos apresenta em um mappa a planta da Bahia e porto de Santa Cruz em que es-

tão perfeitamente photographadas as palavras de Pedro Vaz Caminha, e o mesmo almirante francez, em seu livro sobre a costa do Brasil ás paginas 88—89, diz: ter a Bahia de Santa Cruz 7 milhas de comprimento e 2 a 3 de largura e o faz, depois de Camamú, o melhor porto da costa entre Bahia e Rio de Janeiro, etc.; etc., etc.

Em uma obra publicada em 1873 pela repartição Hydrographica da E. W. da America do Norte, com o titulo «Costa do Brasil,» á folha 237 diz: ser o porto de Santa Cruz um ancoradouro de primeira ordem.

São estas as considerações que entendeu dever fazer ao trabalho apresentado á sociedade de Geographia, lamentando que a não tivesse assistido o seu illustre auctor.

O sr. almirante I. J. da Fonseca, porém, escreveu-nos o seguinte:

«Li o desenvolvido parecer do illustre sr. Catambry, sendo a conclusão «que lamentava não ter eu assistido á conferencia.» Ora, esta lamentação é mais uma epopéa em causa propria, do que a consciencia de haver resolvido um problema em que se debateram entidades como Warnhagen e Beaurepaire.

O conferente não se dignou de subir á zona diaphana dos estudos de critica historica, litteraria e geographica. Começou dizendo «que estranhava que tomasse por ponto de partida as *latitudes* de 1500. Se dissesse do *ponto de chegada*, então se approximava do texto da obra. Criticas a kaleidoscopos suggerem infinitos diagrammas.

E' por isso que vio e diz «que me referi aos 17° sul de mestre João,» quando no texto se lê: pelo 16° 35, dando já o desconto da imperfeição dos instrumen-

tos daquelle tempo. A these propõe-se a provar que o ponto de chegada jamais podia ser na enseada de Santa Cruz, hypothese insustentavel, como ficou demonstrada claramente.

Diz tambem a illustre critica «que não mereceu referencia o documento de Vaz Caminha.» Christo pediria perdão; eu peccador confesso que á pag. 26 se lê: «Portanto,» nem attestados de Soares, Anchieta, Cardim, nem descripções de CAMINHA servem de «prova» em contrario.

«Esto brevis.» *(a)*

(a) Nesta publicação escaparam alguns erros, que julguei prudente corrigir, ficando ainda outros ao cuidado do Sr. Catambry.

O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso?

REFLEXÕES A'CERCA DA MEMORIA DO ILLUSTRE MEMBRO O SR. JOAQUIM NORBERTO DE SOUSA E SILVA

O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso, ou teve elle alguns indicios para isso?—D'este ponto dado para a discussão n'uma das nossas ultimas sessões do anno preterito, já tinha tratado o nosso illustre consocio, o Sr. Norberto, em uma memoria lida n'este *Instituto*, por elle approvada, impressa em um dos numeros da sua *Revista*, *(1)* e geralmente applaudida. Credor de elogios pela maneira cheia de erudicção e sciencia com que o

desenvolveu, o auctor da *Memoria* não se poupou a investigações, nem a estudos para o cabal desempenho da sua tarefa: o seu trabalho foi, e devia ser elogiado. Assim que, a escolha d'este ponto, sendo o primeiro apresentado para os debates d'esta illustre corporação, era por um lado a demonstração evidente do interesse de que julgamos credora a primeira e singela pagina da nossa historia, e por outra a manifestação do apreço em que se tem a *Memoria* do nosso illustre consocio.

Abalancei-me a tomar parte n'esta discussão; mas fallando em sentido contrario á conclusão da *Memoria*, não lhe neguei, e nem que o quizesse lhe poderia negar o incontestavel merecimento que tem: pelo contrario, apressei-me logo em principio a cumprir com esse dever, não tanto de amizade, como de consciencia: porque era de mim reclamado pela cordial sympathia que voto ao auctor da *Memoria*; porém mais particularmente por amor da justiça; que aliás, e por differentes vezes lhe tem feito este *Instituto*, approvando os seus importantes trabalhos com demonstrações de não equivoco apreço.

A rasão porém por que fui obrigado a tomar parte n'esta discussão, ainda que o *Instituto* a saiba, não me julgo dispensado de a consignar novamente aqui. Em um trabalho, de que tambem tive a honra de ser incumbido, e que está bem longe de ser, como o de que se trata, homogeneo, e, segundo a maneira de ver do seu auctor, completo, toquei por incidente n'este facto. Fallei do descobrimento do Brazil, e a este respeito escrevi palavras que passo a transcrever. *(2)*

«Colombo accrescentava um mundo ao mundo conhecido, e Pedro Alvares afastado da sua derrota e

«arrastado pelas grandes torrentes do oceano Atlantico, «viria aportar ás terras de Santa Cruz; e com a sua «descoberta provar á humanidade, orgulhosa de suas «anteriores conquistas—com esta que não é de todas a «somenos—que o destino, o acaso, a fatalidade valem «mais muitas vezes do que as forças todas da intelli-«gencia combinadas com os esforços da perseverança «e da magnanimidade.»

O auctor da *Memoria*, que foi tambem o relator do parecer apresentado ácerca d'este meu trabalho, notou a minha opinião que ia de encontro á sua, e sem se fazer cargo de a refutar, o que bem poderia suppôr escusado depois da publicação da sua *Memoria*, não póde e não devia talvez passar em silencio a asserção, ou antes contradicção, que nas minhas palavras se continha. D'esta maneira me achei sustentando uma opinião, que ainda me parece verdadeira, a qual porém é impossivel que não tenha em seu abono senão o assentimento da maior parte; mas nem seguir a opinião do maior numero é ter rasão, nem o haver consultado a historia é fiador seguro de termos acertado com a verdade.

Estarei em erro; e d'elle me convenceria o nosso illustre consocio, auctor da *Memoria*, se para isso bastasse a consciencia que tenho de quanto estudou elle esta materia, e de quão largamente a meditou antes de pôr a limpo a sua curiosa e erudita dissertação.

Póde-se dissentir do seu parecer, ter uma opinião em contrario firmemente estabelecida; mas concordando em que será bem difficil sustentar a sua these—melhor do que elle o fez—folgo ao mesmo tempo de confessar que n'essa *Memoria* se acha expendido, ou

pelo menos apontado, tudo quanto de mais importante se póde dizer—pró ou contra esta materia.

Não me parece pois que lhe será desagradavel argumentar eu com as suas proprias palavras, abonando a fidelidade das suas citações com o servir-me d'ellas em me sendo necessarias, e deixando de parte os argumentos de que elle julgou não se dever aproveitar.

Por esta fórma, a falta de logica ficará sendo privativamente minha; e essa falta agora se tornará sem duvida mais saliente, quando em cumprimento do honroso encargo que me foi imposto por este *Instituto*, tendo de reduzir a escripto as observações ácerca d'este assumpto, com que tive o arrojo de sollicitar a sua attenção, e a mal esperada ventura de a captivar por alguns instantes.

Entro em materia.

Para que o descobrimento do Brazil por Cabral não fosse obra de mero acaso, seria preciso que antes da sua viagem este navegante tivesse ou podesse ter tido conhecimento das terras da America. Certo que ellas haviam sido anteriormente descobertas e visitadas, se podem ser considerados verdadeiros descobrimentos os que se circumscrevem nos limites d'um paiz pouco frequentado por estrangeiros,— e não passam do conhecimento de alguns poucos de sabios ou curiosos; comtudo, nem a noticia de terras da America foi o que induziu a Colombo a procural-as; nem a tal motivo parece que se possa razoavelmente attribuir o descobrimento do Brazil.

Em algumas partes da America Septentrional foram visitadas *(3)* no anno 986 por Bijarne, filho de Herjulfs; que quatorze annos depois, no ultimo do X seculo da nossa éra, Leif, filho de Erico o ruivo,

Voltemos porém ao assumpto de que nos vinhamos occupando. Apesar da viagem de Colombo á Islandia, ha bons fundamentos para duvidar que elle tivesse obtido ali informações ácerca de taes descobrimentos, ou que ao menos concebesse suspeita da existencia d'estas terras. Di-lo Humboldt, que para isso se apoia em rasões, que são ou parecem concludentes, além da consideração, que elle tambem apresenta, de que, quando foi da viagem de Colombo á Islandia, havia já dois seculos que se tinha interdicto á Groenlandia todo o commercio com estrangeiros.

Colombo visitou a Islandia em Fevereiro de 1477; mas os projectos, de que resultou o descobrimento do novo-mundo, já o occupavam nos annos de 1470 e 1473; e esta rasão já de per si valiosa, se corrobora com o argumento que se deduz do silencio que sobre a viagem dos Islandezes se guarda no celebre processo sobre a prioridade das descobertas de Colombo,—processo que só se concluiu em 1517.

Nota-se por fim que, se Colombo tivesse intenção de descobrir o paiz visinho ou collocado em face da Islandia,—na sua primeira viagem, elle não teria seguido o rumo de sudoeste largando das Canarias. *(6)*

Que Colombo tenha recebido a relação da viagem, e o roteiro de Affonso ou Alonso Sanches, fosse elle, como diversamente se tem escripto, hespanhol, biscainho ou portuguez, ou se desse o caso em Lisboa, Madeira ou Cabo-Verde,—é facto tão pouco verosimil, que tem sido despresado pelos bons historiadores, e que tambem não será motivo de controversia, visto que o auctor da *Memoria* por sua parte o rejeita. *(7)* Oviedo o qualifica de «fabula que tinha voga entre o povo miudo,» e o reputa falso na sua *Historia geral e*

natural dos Indios. (*8*) Por outro lado bem facil é demonstrar-se a falsidade do que se allega. A viagem de Sanches data de 1484,—(*a*) isto é,—quatorze annos depois de Colombo ter concebido a possibilidade de navegar para a India por oeste,—dez annos depois de ter encetado a sua correspondencia com Toscanelli—sobre tal projecto.

Outro facto de mais importancia em relação á viagem de Colombo é o que se menciona no processo da propriedade de seus descobrimentos,—o de ter Martim Alonso Pinzon, um dos seus companheiros de viagem, affirmado que vira em Roma um mappa-mundi, em que o novo continente se achava figurado. D'esta circumstancia, combinada com a de ter Colombo na sua primeira viagem mandado ao mesmo Pinzon uma carta de marear, (*9*) *onde se achavam pintadas certas ilhas*, se tem querido argumentar que não foi tanto ás cegas, como se pensa, que elle se aventurou no oceano em procura de caminhos e terras desconhecidas.

E' certo que Colombo na sua primeira viagem levou comsigo uma carta de marear, que lhe merecia alguma confiança, carta que, segundo se julga, elle recebera de Paulo Toscanelli, e mais de meio seculo depois da morte do almirante era ainda possuida por Bartholomeu Las Casas: essa foi a que elle enviou a Martim Alonzo Pinzon a bordo do *Pinta*. Sabe-se, porém, que essa carta, se era a mesma, lhe fôra legada por Toscanelli em 1477; (*10*) e se nos não esquecemos da circumstancia, já indicada, de que os projectos de uma viagem para oéste occupavam o espirito de Colombo, sete annos antes d'essa época, concluiremos

---

(*a*) Aliás 1486.

que as allegações de Pinzon carecem da importancia, que á primeira vista estariamos dispostos a attribuir-lhes. Como quer que seja, se Colombo se tivesse guiado unicamente pela carta de Toscanelli (observa Humboldt no logar supracitado,) «ter-se-ia dirigido mais «para o norte, e conservado sob o parallelo de Lis«boa; emquanto, na esperança de chegar mais cedo a «Cypango ou ao Japão, elle percorreu metade do seu «caminho pela altura da ilha de Goméra (um a dos «Açores,) e inclinando-se depois para o sul, achou-se «a 7 de Outubro de 1492 aos 25 1/2 gráos de latitude. «Então, como ainda não tivesse descoberto as costas «do Japão, que segundo seus calculos, devêra ter «achado 216 leguas maritimas mais chegadas ao ori«ente, cedeu, depois de longa relutancia, ás represen«tações de Martim Alonzo Pinzon, e navegou para o «sudoéste, mudança de rumo, que o levou alguns dias «depois á ilha de Guanahani.»

Vê-se, pois, que para a descoberta de Colombo não influiram as viagens dos Scandinavos, nem o roteiro de Affonso Sanches, se em algum tempo existiu; servindo a carta de Toscanelli, sómente, para mais o confirmar nas suas ideias.

Deverei ainda observar que n'esta carta *viam-se pintadas certas ilhas*. Comtudo não era isso para admirar; por que antes e depois mesmo da descoberta das Canarias, a existencia de ilhas situadas no Atlantico era objecto de fabulas e contos, que se casavam algumas vezes com as ficções do paganismo grego e romano. No seculo XIV o celebre Boccacio no seu livro: «*De montibus et diversis nominibus maris*» escreveu, a proposito do Oceano Atlantico: «Além do Oceano «Atlantico existem certas ilhas separadas por canaes, e

«um pouco afastadas de terra, nas quaes, *segundo se* «*diz*, habitam as gorgonas: outros affirmam que ellas «estão muito pelo mar dentro.» O *diz-se*, que este auctor emprega, tratando das Canarias, revela o imperfeitissimo conhecimento que então se tinha do Atlantico, mesmo na proximidade de suas costas orientaes; e mais Boccacio foi um grande geographo no seu tempo, e tratava especialmente dos *mares* e *montanhas*.

Bakony, geographo arabe, que viveu no seculo XV, dizendo que o poente é terminado pelo occaso, faz menção das famosas seis estatuas de bronze das Canarias, cada uma d'ellas de cem covados de altura e que serviam como de fanaes para dirigir os navios, e avisa-los de que não havia mais caminho para as partes d'aquem. (*11*) D'estas estatuas escreveu Ibn Said (*12*) que haviam sido erigidas nas ilhas de *Khalidât* (que são as mesmas Canarias) com a inscripção, semilhante ao—*Non plus ultra*—das columnas de Hercules: não se vai além!

O phenomeno da *miragem* servia tambem para alimentar a crença de terras inexploradas que havia no Atlantico. Colombo, no roteiro da sua primeira viagem, falla de umas ilhas, que por effeito d'este phenomeno, appareciam todos os annos a oéste dos Açores, Canarias e Madeira.

Sendo isto assim, não seria para admirar que na carta possuida por Colombo, apparecessem ilhas desconhecidas; mas nenhuma rasão ha para crer que ellas ali fossem postas por Toscanelli, a não ser como dependencias da Asia, parte do mundo que era então bem pouco conhecida, e cujo caminho o florentino pretendia demonstrar. O que eu conclúo, tanto do roteiro de Colombo, impresso por Navarrete, como da passa-

gem, que Humboldt cita, do manuscripto de Las Casas; (*13*) é que fôra o proprio Colombo quem havia desenhado aquellas ilhas. A proposito d'essa carta, lê-se no roteiro de Colombo «d'onde, segun parece, tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquela mar.» (*14*) Las Casas tendo dito que essa carta parava em seu poder com outras coisas do almirante, e escripturas do seu proprio punho, accrescenta: «En ella le pintó muchas islas.» A' vista de taes phrases não se póde muito bem suppôr que taes ilhas fizessem originariamente parte do mappa de Toscanelli: pelo contrario, parece ter sido Colombo quem n'elle as desenhára, por ventura como sendo aquelles os pontos que demandava, e esperava encontrar. Se porém foram essas ilhas representadas pelo proprio Toscanelli, se com a expressão de—*Antilia*,—que elle emprega, quiz revelar a existencia de terras desconhecidas, embora não fossem propriamente a America ou as ilhas caraybas; como nenhum fundamento tivesse para o fazer, não poderiamos n'este caso, deixar de classifical-o no numero dos astronomos e cosmographos, que apresentavam como realidade as producções da sua fantasia, como se a verdade nunca tivesse de apparecer. Tal é o mappa de Frá Mauro de 1460, no qual a Africa termina por uma ilha; e o globo de Martinho Behain ou Bohemio, que data de 1482, em que esta mesma parte do mundo, depois do rio do Infante, lança uma grande lingua de terra para o oriente.

Mas porque havemos de roubar á humanidade esse glorioso florão da corôa de suas conquistas? A tentativa de Colombo foi aventurosa, atrevida, arrojada; mas o genovez tinha concebido o seu plano,

tinha em vista um fim que seguia com afinco e tenacidade. O que elle pretendia era descobrir um caminho para as terras das especiarias, era chegar ao oriente pelo caminho do occidente; e longe de acreditar, com Humboldt, que o fim principal e como que unico da sua empresa era descobrir esse caminho, (*15*) sou levado a crêr que alguns descobrimentos, ainda que não tão importantes como na realidade foram, entravam, como uma probabilidade, nos seus planos. (*16*) E' isso o que claramente se deduz logo do capitulo primeiro das condições ajustadas entre elle e os reis catholicos, (*17*) Ninguem o queria acreditar; eram chimeras de Marco Polo, cuja obra elle provavelmente não lêra, (*18*); eram artificios do cavalheiro d'industria, que armava laços á fortuna. Os theologos argumentavam que não podia haver nenhum povo ignorado; porque Deus tinha mandado aos seus apostolos que pregassem o evangelho a todas as gentes. Os sabios lançavam-lhe em rosto a sua arrogante presumpção de querer elle só saber mais que todo o mundo; (*19* e pretendiam que se algum paiz habitavel havia além do oceano occidental, não estaria elle por tantos seculos ignorado dos homens, nem á espera d'elles, que o viesse descobrir. Os astronomos e cosmographos argumentavam de modo semilhante, com razões, que não eram profundas; mas pareciam concludentes; porque se baseavam na ignorancia de todos; tal era a conjectura dos que, admittindo a esfericidade do mundo, sustentavam que, passado certo ponto, a volta se tornaria impossivel. (*20*)

Uma viagem de descobrimento no mar atlantico —o mar verde, o mar tenebroso, o mar sem fim dos geographos arabes!!... Era d'esse mar, que apoiado

nas auctoridades de Ibn Said e de Masondi, Edrisi escrevia: (*21*) «Ignora-se o que existe além do mar tenebroso; nada se sabe a seu respeito por causa das difficuldades que oppoem á navegação a espessura das trevas, a altura das vagas, a frequencia das tormentas, a multiplicidade de animaes monstruosos e a violencia dos ventos. Ha comtudo n'este oceano grande numero de ilhas, ou sejam habitadas ou desertas; mas nenhum navegante se tem aventurado a atravessa-lo, nem a cortar o mar alto, limitando-se todos a seguir as costas, sem perder nunca a terra de vista. As vagas d'este mar, da altura de montanhas, bem que se agitem e se comprimam, ficam sempre inteiras e insulcaveis sempre.»

Era esse o mar que Colombo se propunha a navegar! Triumphou por fim, e devia triumphar, porque era homem de altissimo engenho. Em um memorial ou carta, (*22*) que dirigiu ao rei de Hespanha, dizia elle de si: «Desde criança que embarco, e ha quarenta annos, que percorro os mares: examinei-os a todos com cuidado, pratiquei com grande numero de homens letrados de todas as nações,—ecclesiasticos e seculares, latinos e gregos,—judeus e mouros e de outras muitas seitas; adquiri alguns conhecimentos da navegação, da astronomia e da geometria, e sinto-me capaz de dar relação de todas as cidades, rios e montanhas, e de as collocar cada uma d'ellas, nos mappas, nos logares que devem occupar. Tenho além d'isso estudado os livros que tratam da Cosmographia, da Historia e da Philosophia, etc. «A isto se chamou n'aquelle tempo, *ser glorioso em mostrar as suas habilidades*; e todavia como observa Humboldt, (*23*) os homens que hoje se occupam com os phenomenos do mundo exterior,

admiram-se da penetração de Colombo, a quem não escapa, ao passo em que procura gomas e especiarias, o exame da configuração da terra, da physionomia e fórma dos vegetaes, dos costumes dos animaes, da distribuição do calor, e das variações do magnetismo terrestre. Humboldt admira tambem a nobresa e simplicidade das expressões com que o grande viajante vai descrevendo e como que pintando o novo céo e o novo mundo, que se ia desdobrando a seus olhos, cada vez mais embellesados dos objectos que contemplavam.

Homem distincto (entre os seus contemporaneos,) pelo seu atilamento e sciencia; a gloria do genovez está no seu genio e não na sua felicidade.

Assim que, deixando de parte o seu descobrimento, bastaria para illustral-o o seu projecto, que daria á execução, se factos occasionaes o não tivessem contrariado, de uma viagem em roda do globo, continuando a sua derrota para oéste, afim de voltar á Hespanha por mar, ou por terra, atravessando Jerusalem. Era isto 4 annos antes de Gama, 27 annos antes de Magalhães; e antes que Balboa descobrisse o Pacifico das alturas do Panamá, dez annos antes que o intrepido aventureiro hespanhol entrasse no mar até aos joelhos, com a espada desembainhada, para tomar conta d'elle, em nome da Corôa de Castella, já Colombo tinha adivinhado o mar d'oéste, como, antes de as avistar, tinha adivinhado as terras da America, e profetisado o seu apparecimento aos seus companheiros timidos e assustados.

Foi-me preciso entrar n'estas considerações por que o auctor da *Memoria* dá começo ao seu trabalho, referindo a recusa que soffreu Colombo do rei de Portugal, a quem pedia auxilio para a execução dos seus

planos, recusa que, acha o nosso digno collega, não seria inteiramente destituida de calculo.

Era possivel que o rei de Portugal, antes de descoberta a America, tivesse ideias vagas de algum mundo que podesse estar perdido na vastidão até então inexplorada do oceano; por que nas proximidades dos grandes phenomenos da naturesa, sente-se uma como revelação intima, um rumor vago que presagia o acontecimento futuro: taes são os indicios de tempestades nos paizes intertropicaes e os ameaços de erupções vulcanicas. Ha tambem exemplos analogos nos acontecimentos humanos, ou se os não ha, a nossa credulidade ao menos faz que os tomemos por verdades.

Não quero, pois, negar todo o credito a um facto, que os antigos tradusiram em rifão, chamando-a a *voz de Deus*, por que de ordinario se realisam os seus prognosticos, ou do diabo, porque vem, não se sabe d'onde. O que é certo é que, dada a existencia de um acontecimento de alguma importancia, podemos ter a certesa de que um, e muitos servos de Deus, o revelaram em extasis beatificos, na presença de todo o mundo! Assim é que depois de Colombo appareceram o roteiro de Affonso Sanches, os mappas de Orontius e os conhecimentos anti-diluvianos do Brazil.

Se porém tal recusa foi filha de calculo, á vista do resultado que teve, podemos aquilatal-o de bem desgraçado; mas, antes d'isso, vem a pêlo perguntar— qual o motivo por que o rei de Portugal, recusando a Colombo o fraco auxilio, que este lhe pedia, tentou, sem a sua intervenção, realisar o projectado descobrimento?!

Esta hypothese não é admissivel, quando consideramos que não ha rasão alguma para suppôr que Co-

lombo tinha sido mais bem conceituado em Portugal que rejeitou os seus serviços, do que na Hespanha, onde, antes que elles fossem aceitos, os homens prudentes e sensatos se riam do forasteiro, quasi mendigo, que promettia aos reis gloriosos de Aragão e Castella montões de ouro, que deslumbrassem a Europa. N'esse tempo D. João II não teria em melhor opinião do que teve o grande historiador, o Tito Livio Portuguez—João de Barros, annos depois do descobrimento da America, recordando a proposta de Colombo e o modo por que ella fôra encarada pelo rei e pelos cosmographos portuguezes, di-lo em palavras, de que se exclue toda a ideia de calculo, ou influencia de motivos occultos.

Eis o que elle escreveu: (*24*) «El-rei porque via ser este Christovam Colom homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades, e mais fantastico e de imaginações com a sua ilha Cypango, que certo no que dizia, dava-lhe pouco credito. Comtudo á força de importunações mandou que estivesse com D. Diogo Ortiz, bispo de Ceuta, e com Mestre Rodrigo e Mestre José, a quem elle commettia estas cousas de cosmographia e seus descobrimentos; e todos ouviram por vaidade as palavras de Christovam Colom, por tudo ser fundado em imaginações e cousas da ilha Cypango de Marco Paulo.» (*24*

Portanto, na recusa que em Portugal soffreu o grande navegante, não entrou calculo: digamo-lo em desaggravo do principe illustrado, que então regia aquelle paiz: o que houve, foi antes falta de convicção e de fé. Assim, quer me parecer de toda a verosimilhança, para o não pôr inteiramente fóra de duvida,—em attenção ao pouco e duvidoso que se tem escripto ácerca da viagem de um Côrte Real no seculo XV,—quer me pa-

recer, digo, que antes da viagem de Cabral ignorava-se a existencia das terras por elle descobertas, ainda mesmo supposto que depois das viagens de Colombo se suspeitasse ou admittisse a possibilidade de novos descobrimentos.

Examinemos os documentos e provas que o nosso illustrado consocio tomou para servirem de base ao seu trabalho.

Deixemos de parte a palavra «Brazil» bem que já existisse muito antes de ser imposta como d nominação a esta parte do mundo; pois o illustre auctor da *Memoria* rejeitou o argumento que d'ahi se poderia dedusir, querendo que os lugares em tempos remotos conhecidos confusamente por tal nome, se exceptuamos o Brazil propriamente dito, talvez fossem os mesmos que ainda hoje o conservam. Taes são, como a *Memoria* o indica, uma rocha na Irlanda, e um monte junto de Angra na ilha Terceira.

Adoptando plenamente a opinião do illustre membro d'este instituto, seja-me permittido pôr em duvida a sufficiencia dos documentos, em que elle se baseia, para provar que em Portugal se tinha conhecimento das terras que Pedro Alvares descobriu, não por méro acaso, mas *demandando-as* como por proposito deliberado.

E' o primeiro d'estes documentos a carta datada de Barcelona de 5 de Setembro de 1493, (*25*) em que o rei de Hespanha, escrevendo ao seu almirante, lhe recommendava que se afastasse das costas e ilhas de Portugal, pois que os portuguezes pretendiam embaraçal-o na sua viagem. Tratava-se tambem n'essa carta se seria conveniente ampliar-se a bulla de Alexandre VI.

E' certo que os portuguezes se oppuzeram á exe-

cução d'esta bulla; mas não se deve attribuir á perspicacia de D. João II ficar o Brazil incluido na sua demarcação. Bullas anteriores davam-lhe o senhorio e conquistas das terras que descobrissem, e ás quaes não tivesse chegado a luz do Evangelho; e como a de Alexandre VI restringia estas concessões amplas, e tão amplas que se poderam considerar illimitadas; por isso se oppuzeram os portuguezes á sua execução. Se assim não fosse, seria difficil explicar-se o motivo por que se recusaram os portuguezes a aceital-a em um tempo em que era tão respeitada a auctoridade pontificia; (*26*) nem se poderia conceber como conseguiram o tratado de Tordesillas e a escriptura de Saragossa que estenderam em favor dos portuguezes, as raias do lote que Alexandre VI lhes fizera.

Quanto porém á emenda de tal bulla, devendo-se, segundo as suas prescripções, tirar-se uma linha que cahisse cem leguas a oéste de uma das ilhas dos Açores ou do Cabo-Verde, é claro que não era preciso ser emendada para que as terrras novamente descobertas se achassem comprehendidas na demarcação da corôa de Hespanha. Do modo por que n'essa carta se exprimia o rei de Hespanha, vê-se que, se os portuguezes tentavam intervir nos descobrimentos occidentaes, fundavam-se em outros pretextos.

Póde-se admittir, e é bem de suppôr, que Colombo depois da sua primeira viagem estivesse convencido que lhe restava muito que ver e navegar antes de chegar ao fim dos seus descobrimentos; e que então fosse cegamente acreditado, porque já não era o aventureiro sem patria, mas o navegante illustre, que cobrira de gloria a terra que havia confiado no seu genio, e aquella a que devia o nascimento. Mas o que os por-

tuguezes queriam era intervir nos descobrimentos de Castella, e embaraçar o progresso maritimo de uma nação rival, quaesquer que fossem os pretextos que para isso apresentassem. Allegavam pois a existencia de terras proximas ou dependentes d'Africa, em cujos mares já se havia descoberto o rochedo deserto de S. Helena: isto fez impressão no animo do rei de Hespanha, tanto mais que os portuguezes, ao que se suppunha, mandavam surrateiramente caravelas ao descobrimento: era com referencia a estas allegações dos portuguezes—de terras nos mares d'Africa—que o rei tratava da conveniencia de se emendar a bulla. «Sabeis d'isso mais que todos (escrevia elle a Colombo,) dizei, pois, se é preciso emendar a bulla.» Tratava-se, pois, de terras que ficassem na distancia de cem leguas, dos Açôres ou do Cabo-Verde.

Poderá tambem concluir-se que ainda que se dissesse, e geralmente se acreditasse que as novas terras pertenciam á India, o rei de Hespanha admittia a possibilidade de que ellas não fossem senão dependencias d'Africa. Não eram os portuguezes n'aquelle tempo marujos inferiores aos hespanhóes, nem creio que o rei de Hespanha fosse mais illustrado que o de Portugal; comtudo, segundo affirma André de Rezende em um trecho citado pelo illustre auctor da *Memoria*, D. João II sentiu-se das descobertas de Colombo pelas suppôr feitas dentro dos mares e termos de seus senhorios de Guiné. *(27)* Esse ao menos era o pretexto.

Não me cansarei, comtudo, em formar conjecturas, acerca da explicação que deve ter este documento, porque a historia se encarregou de a pôr fóra de duvida.

Eis o facto: Colombo, cujos offerecimentos recu-

sados por Portugal haviam finalmente sido aceitos por Castella, conseguiu realisar o seu projecto; e descoberta a America, viu-se na sua volta obrigado por circumstancias a entrar no Tejo. Teve isto lugar a 6 de Março de 1493. Alvoroçaram-se os portuguezes, e D. João II, desejando ouvir a Colombo, mandou-o chamar, «o que elle fez de boa vontade (escreveu João de Barros (*28*), não tanto por aprazer a el-rei, quanto por o magoar com a sua vista.»

Colombo, possuido de enthusiasmo pelas scenas do novo mundo, como no-lo revelam seus escriptos, poderia não ter-se reprimido de ainda mais engrandecer e exaltar o merito da sua descoberta *(29)* na pratica que teve com o rei, comprehendendo que desta fórma se vingava de sobejo das humilhações por que passara em Portugal, quando lhe offerecia um reino, em cuja existencia ninguem acreditava. Não era preciso para isso, nem parece presumivel, que elle com soltura de palavras, como diz Barros, accusasse e reprehendesse o rei de não ter aceitado a sua offerta. Para accusar e reprehender o rei bastava unicamente a presença de Colombo, ainda que nem uma só palavra pronunciasse. (*30*) E de facto mostrou-se o rei tão pezaroso e sentido que os seus cortezãos se lembraram de aconselhar-lhe o ignominioso expediente de mandar assassinar a Colombo. Era homem assomado, diziam elles: bastava pois mandar-se algum espadachim travar-se de rasões com elle, que de certo não recusaria a briga, e deste modo perderia a Hespanha a sua conquista.

D. João II já tinha sido injusto para com o genovez, e nessa mesma audiencia parece que a sua magnanimidade havia fraqueado e cedido ao despeito

não disfarçado de ver como a Hespanha por um só lance de fortuna se tinha opulentado e obscurecido a sua gloria. O meio repugnou-lhe; e o crime lhe pareceu desnecessario, porque raiou-lhe n'alma não sei que esperança, fortalecida pelos seus desejos, de que as terras de Colombo ficassem nos seus mares de Guiné. Era o rei de uma nação forte, de um povo glorioso, e quiz lançar mão da força, mandando, como escreveu Rezende, preparar uma grande armada contra aquellas partes; mas emquanto estes aprestos se faziam em Portugal, os reis de Hespanha o suspeitaram ou aventaram, e requereram-lhe que sobre-estivesse na sua resolução, até que se mandasse ver a que mares e conquistas cabia o descobrimento de Colombo.

D. João II aceitou a proposta pela convicção em que estava de que as ilhas de Cypango e Antilhas não eram mais que dependencias d'Africa. (*31*) Nomeiam-se- embaixadores, entabulam-se negociações; mas no emtanto, como Colombo tivesse de partir novamente, a prudencia aconselhou aos reis catholicos determinarem a Colombo que não aportasse aos dominios portuguezes.

Este escripto, pois, nenhuma relação tem com o Brazil; nenhuma prova offerece, nenhuma inducção se póde delle tirar de que os portuguezes tivessem noticia ou noções desta parte do mundo.

Outro documento é a carta do bacharel, mestre João, datada de 1.º de Maio de 1500, escripta da frota de Pedro Alvares ao rei de Portugal, na occasião do descobrimento do Brazil. (*32*) Que nessa carta, ou nesse tempo, se tratasse da existencia de ilhas ou terra firme, não seria de adimrar por ter-se propagado na Europa logo após as descobertas de Co-

lombo que era continente o que elle achára. Era isso o que devia acontecer, quando o proprio Colombo, assim como Vespucio, acreditavam ter tocado na Asia, e morreram ambos nesta supposição. Não seria muito pois, que os portuguezes o suspeitassem tambem. No emtanto não creio que sirva essa carta, como quer o nosso digno consocio, para comprovar a asserção dos reis catholicos de que os portuguezes suspeitavam a existencia de muitas ilhas, e ainda de terra firme. O que pretendia o physico e cirurgião da armada de Pedro Alvares era dar uma ideia ao seu rei da terra descoberta por elle e seus companheiros. O menos pois que delle se podia exigir era que informasse se Vera Cruz era ilha ou continente; porque essa era a pergunta que a si proprios fariam, chegando á vista d'uma terra ignorada. Mas apezar de tudo, como que o mestre João propendia para a opinião de que era ilha a terra de Vera Cruz, e segundo os signaes que julgava ter percebido dos indigenas, quiz lhe parecer que eram em numero de quatro.

O que é porém mais significativo é que o physico da frota de Pedro Alvares recommenda ao rei que mande ver o mappa mundi, que possuia Pero Vaz Bisagudo! Que mappa era esse, para o qual se chamava a particular attenção do rei? Teria alguma coisa de notavel ou achar-se-hia n'elle consignada a terra de Cabral; posto que se não certificasse se era ou não habitada? Nada sabemos, e muito pouco se póde conjecturar d'este documento, que poderia ter sido escripto de modo mais intelligivel. Para d'elle se fazer ideia aproveito-me do trecho que cita o nosso consocio a pag. 169 da sua *Memoria* ao qual, apezar de ser dos menos ambiguos, dou-lhe uma interpretação inteira-

mente opposta: «porém no mappa (lê-se na *Memoria*) não se certifica ser esta terra habitada, e não é mapa-mundi antigo.»—Eu leio pelo contrario «não certifica ser esta terra habitada ou não: é mappa-mundi antigo (33)».

Mas por que motivo, ou com que fim, perguntamos, chamaria o physico, mestre João, a attenção do rei para o mappa que possuia Pero Vaz? O illustrado auctor da *Memoria* diz que foi para que o rei visse n'elle a altura da terra novamente descoberta: no emtanto não seria isso grande coherencia da parte de quem o escrevia, quando elle proprio accrescenta que, segundo as regras do astrolabio, era manifesto que elles tinham a altura do pólo antartico em 17 gráos; e era tão firme a sua convicção que elle desafiava os pilotos para verem, quando chegassem ao Cabo da Boa Esperança, quem tinha rasão: se os pilotos com as cartas sómente, ou se elle com as cartas e o astrolabio.

O que o mestre João recommendava não era que se verificasse não a altura que elle dava; mas o sitio da terra, no mappa de Pero Vaz; nem me quer parecer que n'elle houvesse terras inscriptas: porque dizendo: «não se certifica ser esta terra habitada ou não»,—e não sendo de ordinario costume fazerem-se semilhantes indicações em taes mappas, eu tenho que elle advertia ao rei que não procurasse aquella terra no que lhe elle indicava.

De tudo isto o que é para concluir-se é que eram n'aquelle tempo rarissimos os mappas-mundi; e tanto que, tratando d'elles Antonio Ribeiro dos Santos (*34*) citado pelo auctor da *Memoria*, aponta apenas dous,—um do infante D. Pedro, duque de Coimbra, e outro

do cartorio de Alcobaça, que veio ás mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manoel. Mas que esses mappas fossem singulares pelas demarcações que nelles vinham do Cabo da Boa Esperança, e da terra do novo mundo, antes dos descobrimentos de Bartholomeu Dias, e de Christovão Colombo, é facto esse de que a real academia me permittirá duvidar, apezar da auctoridade de Antonio Ribeiro dos Santos.

Um argumento em favor da opinião que a *Memoria* sustenta, nos dá o sr. Varnhagem, recordando que Gaspar Corte-Real pedira a doação que lhe fôra concedida a 12 de Maio de 1500, da ilha ou terra firme que encontrasse—isto—dous mezes depois da partida de Cabral, e quando as suas náos se achavam fundeadas em Porto Seguro. A' vista d'isto, e do rumo que tomou Pedro Alvares, diz-nos o sr. Varnhagen que não nos podemos deixar de persuadir que entrou nisso o quer que fosse das esperanças, curiosidade, ou vertigem descobridora dos portuguezes daquella idade. Alguns auctores desta nação, apontando o facto, explicam-no de maneira que nenhuma correlação se achará entre uma e outra viagem, se não a da simples coincidencia do tempo. Antonio Galvão, por exemplo, narrando a viagem de Cabral, passa logo em seguida á de Corte-Real, referindo como no mesmo anno de 1500 Gaspar Corte-Real pedira licença a el-rei D. Manoel para ir descobrir a *terra nova*: que partira da Ilha Terceira com dous navios armados á sua custa, e fôra ao clima que está debaixo do norte em cincoenta gráos de altura. «E' terra que se agora chama do seu nome», accrescenta Galvão (*35*).

Ainda que do exposto se dedusa que semilhante doação nada vem para o caso, sejam-me comtudo

permittidas para melhor o comprovar, algumas outras ponderações.

Se se tratasse nesta doação de terras a que já Pedro Alvares tivesse sido mandado, não as doava o rei tão de leve, principalmente se havia tentado aquelle descobrimento á custa da sua real fazenda; e se o tivesse feito, não deixaria elle de ter contemplado a Corte Real, ou seus herdeiros no numero dos donatarios por quem foi depois distribuida a costa do Brazil.

O de que se tratava, segundo o auctor já citado, Trigoso no seu «*Ensaios sobre os descobrimentos e commercio dos portuguezes*»—e outros, era das terras que pudessem ser descobertas em uma viagem para a India pelo pólo arctico, viagem que se dizia, sem muito fundamento, ter sido feita por um outro Corte-Real no anno de 1463. Estas terras, comprehendidas entre os cincoenta e sessenta gráos do norte, hoje conhecidas com a denominação de terras *del labrador*, acham-se no mappa que acompanha a obra de Lafitau «*sobre os descobrimentos dos portuguezes*», com o nome de «*Corte-Real*», como diz Galvão que «ficaram sendo chamadas.»

O rumo seguido por Cabral prova que elle não pretendia tocar na *terra do labrador*; e do mesmo facto da doação feita a Corte-Real se conclue que ambos não teriam as mesmas vistas. Uma destas duas hypotheses repelle a outra, porque Corte-Real nada tinha que entender com o Brazil, ou Cabral não vinha descobrir terras para elle. Mas como quer que seja, será sempre curioso argumentar-se d'uma viagem para o sul para outra ao pólo arctico, embora cahissem ambas no mesmo tempo. Enxergar-se proposito ou o

que quer que fosse de intencional da parte de Cabral em descobrir terras em frente de Benguella, porque sabia-se (se isso era sabido) d'outras fronteiras ás ilhas britannicas, era suppôl-o com conhecimentos da extensão da America, que só depois d'elle é que se conseguiu ter. Deixemos porém de parte a doação feita a Corte-Real, que será uma coincidencia curiosa, mas nenhuma relação tem com a questão que nos occupa.

Outra e ultima prova que citaremos, da noticia que os portuguezes, antes de Cabral, poderiam ter tido do Brazil, acha-se na obra de Gayoso: «*Principios de Lavoura do Maranhão*,—na qual se lê que Martinho Behain, sendo já de idade madura, quando principiou a capacitar-se da possibilidade da existencia dos antipodas, e d'um continente occidental, passára a Portugal em 1484 *(36)*, e pedira a D. João III alguns meios para entrar em uma grande expedição para o sudoeste.

A critica e illustração do nosso digno consocio fizeram-no rejeitar esta noticia, ou como não provada ou como inverosimil. não attribuindo a Behain mais importancia do que a que elle teve no seu tempo,—isto é—a de ser um grande astronomo, que se tornára recommendavel em Portugal pelos melhoramentos introdusidos no astrolabio *(37)*. De facto a critica a menos reflectida não poderá acreditar no que nos refere Gayoso das descobertas deste homem. Diz-nos que confiando o monarcha portuguez alguns navios a Behain, este astronomo-navegante descobrira, annos antes de Colombo e de Magalhães, a grande parte da America, conhecida com o nome de Brazil,—e chegara a estender a sua navegação até o estreito a

que déra o nome de «*Magalhães*», ou até a terra de algumas povoações de barbaros, a que chamára «*Patagões*». Gayoso observa que talvez por este motivo foi Colombo pouco attendido quando veio offerecer a Portugal os seus serviços para o descobrimento do novo mundo.

Constam estas particularidades, segundo o mesmo auctor, «de uma memoria sobre o descobrimento da America, dedicada ao dr. Franklin pela sociedade philosophica de Amsterdam; mas com tão pouca fortuna, que nem a novidade do assumpto, nem o nome da sociedade ou da pessoa a quem fôra offertada, a poderam salvar do esquecimento.

Examinadas, ainda que ligeiramente, estas questões preliminares, resta-nos ainda mostrar como as informações de Toscanelli, que o auctor da *Memoria* qualifica de exactas, e que lhe haviam sido pedidas pela côrte de Lisboa *(38)*, antes da descoberta de Colombo, não podiam ter dado aos portuguezes conhecimento de novas terras, nem servir de guia a Cabral para realisar descobrimento algum.

Aproveito-me da traducção do nosso digno consocio:

«Muito me agrada saber (escrevia Toscanelli a um conego de Lisboa) a familiaridade que tendes com o serenissimo e magnificentissimo rei, e ainda que eu já tenha tratado por outras vezes do brevissimo caminho que ha daqui para as Indias, onde nascem a especiarias por via do mar, que tinha por mais custo que fazeis por Guiné; como porém agora me dizeis que S. A. pretende alguma declaração ou demonstração para que entenda e veja como se póde tomar esse caminho, o que mais facil seria demonstrar com

esphera na mão para ver como está o mundo: todavia para maior clareza mostrarei o referido caminho em uma carta semilhante ás de marear; e assim a mando a S. A. feita e traçada por minha propria mão. N'ella vai indicado todo o fim do poente, tomando desde a Irlanda o austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas que estão situadas n'esta viagem, a cuja frente está pintado em direitura pelo poente, o principio das Indias com todas as ilhas e lugares por onde podeis andar, e quanto podereis apartar-vos do pólo arctico pela linha equinocial, e porquanto espaço; isto é, com quantas leguas podereis chegar a aquelles lugares fertilissimo de especiaria e pedras preciosas (*39*).

O de que se trata pois não é da descoberta de terras; mas d'um novo caminho para as Indias, para a terra das especiarias, ou como se exprime Humboldt (*40*), Toscanelli n'esta celebre carta pretendia demonstrar a facilidade com que poderia chegar a India quem partisse da Hespanha. Era falsa a ideia que n'aquelle tempo se tinha da proporção em que a agua e a terra se acham entre si: desconhecia-se o prestimo do mar: nem os philosophos comprehendiam de que proveito era tão grande porção de elementos que occupa uma área de vastidão pasmosa, quando comparada a da superficie da terra. Era esta uma das questões que mais preoccupavam a Colombo, porque sabe-se que elle nas suas viagens, não se esquecia de trazer entre outras obras a do Bispo Pedro d'Ailly, e que tem por titulo «*De quantitate terræ habitabilis.*» Movido pela falsa conjectura que a este respeito formava, Colombo suppunha que a distancia entre a peninsula hiberica e a China era de 120

gráos. Martinho Behain no seu globo, que não sei se ainda existe em Nuremberg, dava para o mesmo espaço pouco mais de 100 gráos. Toscanelli porém sustentava,, que semilhante intervallo, que é na realidade de mais do 200 gráos, não passava de 52; e porque isso ufanava-se de demonstrar o *brevissimo caminho* que havia para o oriente navegando para oeste. Toscanelli fundava-se na auctoridade do propheta Esdras, quando diz que os 6/7 da terra estavam em secco, occupando apenas a superficie do mar 1/7 d'ella. A' vista de uma auctoridade tirada de tal fonte, seria bem difficil que Toscanelli não achasse credito com preferencia a aquelles, que podessem dizer então a verdade que é hoje sabida. E' certo que os geographos arabes a tinham alcançado antes do tempo de Colombo; mas os seus livros eram pouco lidos, e quando o fossem muito, seria n'aquelle tempo enorme impiedade, talvez qualificada de heresia, citar se um auctor pagão e musulmano para combater a asserção de um propheta.

Albufeda, geographo arabe do seculo XIV, escreveu que, segundo se lê nos livros indios, metade da terra é agua, e outra metade argila, isto é, que metade é continente e metade mar. Já são bem differentes as opiniões dos philosophos indios e a do propheta Esdras. Albufeda porém ainda vai mais adiante, e parece que não era esta opinião peculiarmente sua; mas as dos sabios do seu tempo e nação. «*Segundo os philosophos*, escreveu elle, a porção da terra descoberta constitue pouco mais ou menos o 4.° do globo, estando os outros 3/4 submergidos pelas aguas.» E' com pouca differença a que hoje se diz, que a superficie da agua está para a da teraa na rasão (não de 3, como queria Albufeda) mas 2 4/5 para 1.

Assim que as informações de Toscanelli podiam ser exactas, segundo as suas deducções; mas pouca influencia teriam sobre a viagem de Cabral.

E se, como quer parecer ao illustrado auctor da *Memoria*, o mappa, que acompanhava essa carta, seria o mesmo que Pero Vaz possuia, confirmará isto o que já disse—que n'elle se não fazia, nem se podia fazer menção de novas terras.

Digo que se não poderia fazer tal menção, por que o que sabemos da carta que analysamos é por uma copia d'ella dirigida a Colombo e impressa por Navarrete. E logo na carta que immediatamente se lê na mesma collecção, Toscanelli acoroçoando a Colombo que trate de realisar o seu projecto, diz-lhe, para pôr fóra de duvida, que não tratava de novas terras, mas de um novo caminho para o oriente: «A viagem que «quereis emprehender não é tão difficil como se pensa... «Ficarieis inteiramente persuadido d'isso se houves- «seis communicado como eu, *muitas pessoas que tem «estado n'estes paizes:* estai seguro de que haveis de «ver reinos poderosos, quantidade de cidades povoa- «das, e ricas provincias, que abundam em toda a sorte «de pedrarias.»

Toscanelli portanto adaptava, como Colombo, as suas conjecturas ás ideias vulgarisadas por Marco Paulo.

Todavia o illustrado auctor da *Memoria* parece achar outro documento da influencia de Toscanelli nos descobrimentos da America, quando lhe quer attribuir a paternidade de um livro que os reis de Hespanha haviam feito copiar para Colombo debaixo do maior segredo. Citarei as suas proprias expressões (*42*).

«Embora Colombo se expressasse em Lisboa com a

«maior parcimonia e ainda depois da sua viagem pro-«curassem os reis catholicos todo o segredo no exame «de seus papeis, as communicações que elle recebera «de Toscanelli eram patentes e conhecidas. Com este «correio (escrevia a rainha Izabel) vos envio um tras-«lado do livro que cá deixaste, ect.» Da leitura dos preciosos documento da collecção de Navarrete não é possivel deprehender-se que esse manuscripto deixado por Colombo em mãos dos reis catholicos tenha a minima relação com a carta de Toscanelli, que atraz deixamos extractada. Esse livro, se não foi o roteiro da primeira viagem de Colombo, era trabalho seu e relativo ao descobrimento já realisado da America. Navarrete apresenta outra carta dos reis catholicos, onde a proposito do mesmo livro se lê: «Alguma cousa «temos visto do livro que nos deixaste, e quanto mais «nisto praticamos e vemos, conhecemos quammanha «parte foi a vossa n'esse negocio, e quanto sabieis «d'isso mais do que nunca se pensou que nenhum «mortal soubesse.»

Tenho até aqui procurado combater a supposição ou proposição de que antes de 1500 houvesse em Portugal dados a respeito do Brazil, que aconselhassem uma empresa de descobertas de novas terras no sentido do rumo que tomou, ou viu-se forçada a tomar a frota de Pedro Alvares; ao que accrescentarei mais uma observação, e é que ainda quando fosse provado e fóra de duvida que se soubesse da existencia de taes terras, não fica igualmente provado que Cabral o suspeitasse, ou que esse podera ter sido um dos fins da sua viagem.

Pelo contrario, tanto creio que a descoberta do Brazil não entrava nos seus planos, como que não

será muito possivel descobrir-se n'elle a força de vontade e tenacidade de proposito, que é o caracteristico de toda a vida, e da primeira viagem de Colombo.

Os historiadores abundam no sentido da opinião que me propuz a sustentar. O digno auctor da *Memoria* os cita escrupulosa e textualmente como uma consciencia, que não é dos menores merecimentos do seu trabalho. Todavia não são esses nomes tão pouco conhecidos que eu me prive de os invocar tambem em meu favor principalmente quando elles se exprimem de fórma tão cathegorica e terminante, que contrasta com as phrases ambiguas de outros, em que se procura base para a opinião contraria.

Os acontecimentos anteriores á viagem de Cabral podem esclarecer o fim unico que se teve em vista com a expedição da nossa frota.

Eis o que se lê em Mariz (*43*).

Remunerados os grandes serviços do fortissimo D. Vasco da Gama e seus companheiros com signaladas mercês... e informado el-rei D. Manoel bastantemente de quanta importancia era o negocio da nova navegação, e rico commercio da especiaria, e do muito proveito que se poderia seguir se poderosamente se continuasse, mandou o felicissimo rei em o anno centesimo do jubileo de 1500 uma formosa armada de treze náos grandes com todo o necessario assi para o commercio das cousas preciosas do Oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'ella... E por capitão Pedro Alvares Cabral... O qual partindo de Lisboa... foi tal sua aventura que... depois de uma espantosa tormenta.... descobriu a provincia do Brazil.»

A narração de Barros *(44)* está concebida em termos mais significativos. Refere este auctor que com a chegada de Vasco da Gama o povo não se sentia de contentamento, alvoroçado com a vista do cravo, canella, aljofar e pedrarias, e que o rei em tão alto gráo se mostrou contente de ver o seu povo inclinado a esta conquista, que se resolveu a mandar outra frota sem demora «*ainda que fosse mais segura a navegação no mez de Março.* Por isso, quando Gaspar de Lemos chegou a Lisboa, teve o rei e todo o reino muito prazer—em primeiro logar;—por saber da boa viagem que a frota levava;—e quanto á terra, escrevia no seu contentamento ao rei de Hespanha—«que era muito conveniente á navegação da India.»

«A qual terra (escreveu o historiador portuguez) estavam os homens tão crentes em não haver alguma firme occidental a toda a Costa d'Africa, que os mais dos pilotos affirmavam ser alguma grande ilha assi como as Terceiras, e as que se acharam por Christovam Colombo, que eram de Castella, a que os Castelhanos commummente chavam Antilhas.»

Damião de Goes escreve: «Ahos 22 dias do mez de Abril viram terra do que foram mui alegres, porque pelo rumo em que jazia viam não ser nenhuma das que até então eram descobertas (*45*).

Jeronymo Ozorio diz: «A 24 de Abril descobriram os gageiros terra, de que todos conceberam incrivel contentamento, não havendo *nenhum dos nossos* que tivesse a menor suspeita, de que lhes demorasse terra habitada de homens por similhantes paragens. *Nada menos mandou Pedro Alvares virar sobre a terra* (*46*).

Ha além d'estas uma outra auctoridade, que não

deverá ser omittida; nem a omitte o autor da *Memoria*, Caminha, que se lhe antolha estar de alguma fórma no segredo dos designios de Cabral —Caminha mesmo remata a sua carta com uma phrase, da qual se conclue que de semilhantes designios, se acaso existiram, não era elle sabedor. N'essa carta Caminha aconselhando a seu rei, que mande cathechisar os indios: «Tem bom corpo e bom rosto (diz elle), e Deus *que aqui nos trouxe*, creio que não foi sem causa.»

Caminha não teria por certo escripto essas palavras, não teria por tal fórma appellado para a religião do rei, argumentando com os designios da Providencia, se a descoberta do Brazil tivesse sido intencional. O rei mesmo, si tal descobrimento houvesse entrado em suas vistas, si nas instrucções que deu a Cabral alguma cousa houvesse que a isso se referisse, ter-lhe-hia podido responder. «Enganai-vos, meu Caminha: não foi Deus que vos levou, fui eu que vos mandei lá.» Mas não foi isto o que pensou o rei de Portugal ao receber a carta de Caminha, a do mestre João e as de outros companheiros de Cabral; pois escrevendo de Santarem aos reis catholicos em 29 de Julho de 1501, e dando-lhes parte da viagem de Cabral, accrescenta mui significativamente: «Parece que Nosso Senhor quiz *milagrosamente* que se achasse esta terra; porque é muito necessaria e conveniente á navegação da India.» Phrases de sentido tão obvio, que Navarrete resumiu n'estas palavras o seu conteúdo: «Carta d'el-rei D. Manoel de Portugal a sus suegros los reys catholicos—dando les cuenta de esta jornada y *casual* descobrimento.»

Ora, quando o proprio rei de Portugal reputou cousa de milagre o descobrimento do Brazil, não é muito que o auctor da *Historica Philosophica* o attri-

bua ao acaso, e que esta fosse a opinião dos seus coevos e successores. Eu por mim sinto-me tambem inclinado a attribuil-o antes ao *acaso* do que a *milagre*: acho que no acaso, isto é, em todo o facto ou acontecimento de alguma importancia, que se dá contra a nossa previsão ou expectação, intervem a Providencia; intervem por meio de leis que existem, embora as não conheçamos, de phenomenos embora ignorados. O acaso aqui foram as correntes do Atlantico.

Digo pois que Cabral veio ao Brazil por acaso; e que se d'elle teve indicios não foram outros senão os que na proximidade da terra a revelam aos navegantes, como a fumaça indica aos viajantes perdidos a visinhança de habitações humanas.

Antes porém de entrar n'essa demonstração, seja-me permittido rebater ainda alguns argumentos com que pretende o nosso digno consocio provar como Cabral teve intenção de descobrir o Brazil.

Diz-se: não foi sem designio que Pedro Alvares deu á sua viagem uma direcção inteiramente nova da que levára Vasco da Gama. Observarei que tanto se não póde chamar inteiramente nova a direcção que trouxe Pedro Alvares, que em Jeronymo Osorio se lê vir elle seguindo a mesma esteira do seu antecessor, (*47*) quando lhe sobreveiu o máo tempo em Cabo-Verde. Mas quando mesmo elle tenha voluntariamente tomado outro rumo, ainda assim, não se poderá concluir d'este facto que houve da sua parte outro designio e proposito que não fosse o de facilitar a sua navegação: por isso escrevem outros que um dos capitulos do regimento que trazia o mandava afastar da Costa d'Africa; (*48*) e de facto os mares e ventos reinantes em suas costas, que iam sendo melhor conhecidas,

ancoselhavam que se fizesse a viagem, como a fez Pedro Alvares, como se ficou fazendo depois d'elle, e como se continuaria a fazer, ainda que não existisse Brazil.

O digno auctor da *Memoria*, para mostrar os differentes cursos das derrotas de Gama e Pedro Alvares. appella *(49)* para o mappa que Lafitau collocou na frente da sua obra: estou de accordo com elle na supposição de que o illustre Jesuita, que tantos documentos teve á sua disposição para a feitura da sua «*Historia das conquistas dos Portuguezes no novo mundo*,» não as traçaria segundo as suas inspirações. E é por isso que, á vista d'esse mesmo mappa, espero demonstrar mais para a diante que, segundo é verosimil, Pedro Alvares não teria chegado ao Brazil, a não ser *um erro na sua derrota*,—erro que lhe sobreviveu, e continuou algum tempo depois d'elle; porque são constantes e permanentes as causas que o produziram.

Mas insistem: *(50)* «Vasco da Gama evitou as calmarias da Costa d'Africa, e não se amarou tanto para oéste, nem foi por isso arrebatado pelas correntes.» Sem duvida que assim foi; mas, se evitou as calmarias, não evitou as tormentas; nem são aquellas o unico perigo d'uma navegação pela Costa d'Africa. *(51)* Cabral fez-se ao largo, fugindo da Costa d'Arica, para dar resguardo ao cabo e dobral-o com mais facilidade; *(52)* emquanto Gama afastara-se alguma coisa, mas muito menos do que seria preciso para poder contar com uma viagem segura, e não se amarando tanto não corria o perigo de ser arrastado pelas correntes.

Admittido isto, facil é de ver-se como a este respeito não devia elle achar-se nas mesmas condições em

que esteve Pedro Alvares. Porque, de qual corrente se trata? Se é do *Gulf-stream*, essa não podia influir na sua viagem, porque sahindo do Golfo do Mexico sobe até quarenta gráos do norte, desce depois procurando a Africa, e d'ahi bifurcando-se, corta de novo o equador para perder-se outra vez no mesmo golfo. Ainda que seja violenta, como só tem dez leguas de largo, e Gama a cortasse recta ou obliquamente, não podiam os seus navios experimentar senão pequeno descahimento, e isso não o indusiria a grande erro. O vento alguma coisa favoravel o punha fóra d'esse perigo em tres ou quatro horas, ou o erro seria emendado pelo segundo ramo da mesma corrente, que mais abaixo encontraria fazendo-se sentir em direcção contraria á primeira.

Se se trata de outras correntes, sabe-se que essas variam perto de terra: nas proximidades das costas todas as aguas puxam para ellas; nem é preciso que seja muito grande a proximidade, por que esse phenomeno, principalmente na costa d'Arica, experimenta-se muitas leguas pelo mar dentro, e em distancia d'onde talvez se não poderia suspeitar a existancia de terras, se os mareantes não tivessem conhecimento anterior d'ellas.

Não tendo pois carregado tanto para oéste, Gama não pôde experimentar a força da corrente que arrastou a Pedro Alvares. Se ponderamos agora que um d'estes se entrega á força d'ella, emquanto o outro a cortava rectamente ou com pequena obliquidade, havemos de concluir que o descahimento que se tornaria insignificante para os navios de Gama, era incalculavel para os de Cabral, e mais ainda por se não contar com elle. Por isso não nos consta que

Ainda mais, as anteriores viagens á India tinham sido de explorações; a de Cabral era para um fim commercial. As suas náos condusiam mercadorias: (*57*) e não é em navios carregados de generos de commercio que se projectam descobrimentos.

Essa frota ia apercebida em guerra; (*58*) porque os portuguezes suppunham que iam encontrar os reis do Oriente em armas. Quando pois se arriscassem vidas em numero sobejo,—não se exporiam riquesas a serem escusadamente tragadas pelas ondas, em uma tentativa de descobertas.

Insisto ainda, se nas instrucções de Cabral se tratasse, mesmo de passagem, ou da possibilidade que fosse de descobrimentos, quando estes se realisassem, não creio que elle pudesse hesitar em ser o proprio portador e alviçareiro de uma noticia que em Portugal causou tanta sensação. Mas o que aconteceu? Descoberto o Brazil, e mal averiguado se será continente ou se ilhas e quantas eram, o que deixava atrás de si, Cabral continúa a sua derrota, dando aquelle incidente da sua viagem a attenção que podia, sem transtorno do serviço de que se achava incumbido. O seu fim era um ajuste de commercio com o Oriente; fez o ajuste, e voltou; mas antes, não; porque a isso se oppunha o seu regimento e as ordens que tinha: o mais que póde fazer, foi despedir um navio que levasse a Portugal a noticia da terra nova.

Ainda mais, recebendo a noticia do descobrimento do Brazil, D. Manoel não se alegra senão por saber da boa viagem de suas náos, (*59*) que as mercadorias não tinham soffrido, que se tornava mais facil a navegação. E' muito conveniente e necessaria á navegação da India, escrevia elle a respeito da terra do Brazil.—

Ora se, como se suppõe. elle tinha dados tão positivos da existencia de terras situadas no mar occidente; se as suas vistas tivessem sido de as descobrir e conquistar: essas descobertas teriam valor em si, independente das viagens e commercio do oriente.

Além d'isto, logo depois da viagem de Cabral, faz D. Manoel todos os esforços para que Vespucio, o venha servir; e tomando mais calor no seu empenho, depois de ter sido regeitado o seu primeiro convite, mandou um mensageiro ao piloto florentino com recomendação de o trazer por todos os modos. (*60*) Se póde dispensar antes os seus serviços e só depois é que o não pôde, não revelará isto que antes da viagem de Cabral, o rei de Portugal não antevia a probabilidade do descobrimento n'aquelles mares sulcados pelos marujos da escola hespanhola a um dos quaes pretendia attrahir ao seu serviço ?

Por fim o que no meu conceito prova mais do que tudo a casualidade do descobrimento do Brazil, é o argumento moral que se deduz de não transluzir dos escriptos de nenhum dos companheiros de Cabral a satisfação intima de haverem conscienciosamente conseguido um resultado, acertando em objecto de tanta ponderação: não reivindicam para si nem para os seus a gloria de tão bello achado; pois que se não ensoberbecem de o haverem feito de consciencia. Cabral e a sua gente alegram-se sem duvida pelo seu descobrimento; porém mais ainda porque essas terras não pertenciam aos dominios de Hespanha visitados por Colombo. E de feito, se foi o acaso o que lhes deu o Brazil, grande felicidade foi que elle devesse legitimamente pertencer-lhes.

A derrota de Cabral não foi devida a proposito;

era a consequencia necessaria do melhor conhecimento dos ventos e mares d'Africa, e de melhoramentos nos roteiros introdusidos pela experiencia.

Senão, vejamos.

Todas as circumstancias são contrarias desde o começo atè ao fim para os que na Costa d'Africa navegam na proximidade de terra, seguindo a direcção do sul. Ha escolhos, baixos, correntes impetuosas; succedem-se rapida e bruscamente as vicissitudes do bom e do máo tempo, de fórma que parece não haver meio termo entre as calmarias podres e as tempestades violentas.

Além d'estas, convém attender a outras circumstancias. Em Marrocos, o vento que é regularmente noroéste impelle o navio para a costa, e o impede de ganhar Cabo-Verde.

No golfo de Guiné varia o vento: sopra o sudoéste, que arrasta o navio para a terra,—ou então o sul, em sentido inteiramente contrario aos que vão costa á costa, procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança, que tambem lhes fica ao sul.

Em Angola varia de novo; o vento oéste, que é o dominante, impelle o navio para uma costa semeada de escolhos.

Temos emfim o Cabo da Boa Esperança, que os portuguezes chamaram das «*tormentas*» pelas difficuldades que tinham em dobral-o.

Estes inconvenientes da navegação da Costa d'Africa foram logo experimentados pelos portuguezes. Vasco da Gama se fez ao mar; fugindo da costa, e conseguiu voltal-o, ainda que com grande trabalho; Cabral julgava ter andado 650 leguas nesse sentido, em 1503, segundo João de Empoli, Affonso de Albuquerque, que

chegando a Cabo-Verde, consultou os seus pilotos sobre o melhor rumo que deveriam seguir para ganhar o Cabo da Boa Esperança, e resolveram que se engolfassem de 700 a 800 leguas; (*61*) e não parece que fosse a sua intenção chegar ao Brazil. Avistaram-no e te-lo-hiam avistado, ainda que Cabral o não houvesse descoberto. Em 1505 já esse era o costume; porque a pratica assim o tinha estabelecido. Por isso acho profunda a observação de Robertson, e dos que após elle o repetiram, que entrava nas vistas da Providencia a descoberta da America no seculo XVI. (*62*) Não julgo que com isto se pretenda avançar que, se não fosse Colombo, Cabral teria descoberto a America: não, isto no meu entender significa que as especiarias da India, e por amor d'ellas, o Cabo da Boa Esperança, teriam aqui trasido os navegantes da Europa, quando as correntes do Atlantico não tivessem apressado esse resultado.

Do que acabamos de expôr concluimos que é perigosa, senão impossivel, a navegação rente ou pouco afastada da Casta d'Africa, procurando dobrar o Cabo da Boa Esperança. Vejamos agora como Cabral pôde ser arrastado para o Brazil, sem que elle o soubesse, sem que talvez o suspeitasse.

Quando Colombo penetrou no Atlantico, um dos phenomenos que feriram o espirito d'aquelle homem eminentemente observador, foi a corrente d'este mar. *Las aguas van como los cielos*, disse elle poeticamente—isto é—as aguas marcham como os céos, como as estrellas, como o sol na direcção do nascente para o occaso. Vê-se pois que elle não fallava do *Gulf-stream*, nem é a essa que eu quero attribuir influencia alguma na derrota de Cabral.

Este facto é sabido e provado, e eu o leio no «*Roteiro das Antilhas*» modernamente publicado. (*63*) Geralmente se observa que as embarcações, que navegam para o occaso no Atlantico ou Pacifico se adiantam não pequeno numero de leguas sobre a estimativa; e esse numero cresce e progride ao passo que se prolonga e dilata a navegação. Da Europa ás Antilhas, hoje, com instrumentos nauticos mais perfeitos do que havia n'aquelle tempo,—com mais perfeito conhecimento d'esses phenomenos—da Europa ás Antilhas (digo) adiantam-se os navios de 4 a 6 gráos; e nas viagens das costas occidentaes da America para as Filippinas, o avanço é de 15 e 20 gráos. Conclue-se d'aqui que ha entre os tropicos uma grande corrente, que os homens da sciencia distinguem com o nome de corrente equinoxial, (*64*) que corre do oriente para o occidente, de 4 leguas por dia, ou talvez de mais; porque quatro leguas é a correcção, que ainda modernamente se aconselha que se faça.

Explicando-se estes phenomenos pela regularidade do vento; vem a explicação a converter-se em uma nova causa, que terá influido para a descoberta do Brazil. Observa-se este phenomeno nas costas orientaes da America, e n'estas costas o vento reinante é léste ou variações de léste, que ficam n'uma zona comprehendida entre 30 gráos de latitude septentrional e 30 de meridional. Quasi toda a costa d'Africa fica comprehendida n'estas latitudes (entre 37 gráos norte e 35 sul); e em toda esta zona reina o vento léste, chamado tambem os ventos *alizados*.

Cabral pois, tendo de dobrar o Cabo da Boa Esperança; e sabendo, como a experiencia já o havia mostrado, que era difficil e perigosa a viagem, nave-

gando proximo de terra, considerou que era de vantagem compensar com a maior velocidade o maior espaço, que teria de percorrer, se se fizesse muito ao mar. Andava mais; porém esse mais andava-o em menos tempo: d'este modo se explica o dizer de Galvão que Cabral se afastava da costa d'Africa—para encurtar o caminho. Assim começou com o bordo na volta do mar; na frase dos navegantes, e antes que tivesse dobrado na volta de terra, do que já se tratava, descobriram signaes d'ella.

Cabral portanto, desde que viu que eram baldadas as suas diligencias para encontrar o navio que se tinha desgarrado da sua conserva, tomou o rumo que conservou durante todo o seguimento da sua viagem: é isso frequente nos que navegam entre a Europa e o Brazil, e depois não leio em parte alguma que elle tivesse mudado de prôa. Caminha diz: (*65*) «Seguimos o nosso rumo»—e logo depois accrescenta:—«a 21 de Abril topamos alguns signaes de terra.» Ora, sendo o rumo de sudoéste approximadamente o que vem de Cabo-Verde a Porto Seguro, as expressões de Caminha são em todos os sentidos equivalentes ás de João de Empoli, que já citámos, as quaes dizem... «e indo nós *n'esta volta* obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra.»

O illustre auctor da *Memoria* quiz tambem argumentar com a frase de Caminha: «*Seguimos o nosso rumo.*» (*66*) A ella poderia eu oppôr a asserção de Antonio Galvão, de que Cabral «tinha perdido a derrota e vinha fóra d'ella, quando descobriu o Brazil:» e as palavras de Maffeo: «In teluris conspectu *ventis feruntur.*» No emtanto não o farei; porque Caminha tem rasão no que diz. A derrota de

Cabral era para a India; o seu rumo devêra ser aquelle, ainda que não existisse o Brazil. O dizer de Jeronymo Ozorio—que Cabral pozera a prôa no occidente, carece de exactidão; porque essa prôa o traria de Cabo-Verde ás Antilhas, e não a mais de 30 gráos afastados d'ellas para o sul.

Resta-me agora demonstrar como Cabral veio ao Brazil arrastado pelas correntes sem o saber. Em calmaria poderia elle ter visto a corrente equatorial, e calcular approximadamente a sua força; mas foi felicidade sua ter elle constantemente vento favoravel até a chegar ao Brazil: o mesmo vento que lhe foi contrario quando dobrou na volta d'Africa. N'estas circumstancias, e julgando da marcha do navio pelo vento, não via, nem podia calcular com a força da corrente que o ia arrastando no mesmo sentido, a ponto de não saberem a que distancia se achavam de Cabo-Verde; e de haver duvida ácerca da altura que tinham. Este por ventura será o verdadeiro sentido das expressões de Antonio Galvão, quando diz que Cabral tinha perdido o rumo! E noto que Antonio Galvão, tratando especialmente dos descobrimentos dos portuguezes, é n'este caso mais digno de credito do que os historiadores como Goes e Ozorio, que, tratando por incidente d'este ponto, não se cançam em meditar a força das expressões de que se servem.

Comtudo não é absoluta a preferencia que dou a Galvão; porque, no meu conceito, a primeira relação da viagem de Cabral; a mais exacta;—a que combina, explica e resume as divergencias que se notam nos historiadores é a de Gandavo. Em favor de ter sido como copiado por Barros, tal é a conformidade

entre ambos, seja-me permittido rerodpuzil-o n'esta parte. (67)

«Reinando aquelle muito catholico e serenissimo principe el-rei D. Manoel, fez-se uma frota pera a India, de que ia por capitão-mór Pedro Alvares Cabral, que foi a segunda navegação que fizeram os Portuguezes pera aquellas partes do Oriente. A qual partiu da cidade de Lisboa a 9 de Março de 1500. E sendo já entre as ilhas do Cabo-Verde (as quaes iam demandar pera fazer ahi aguada), deu-lhes um temporal, que foi causa de as não poderem tomar, e de se apartarem alguns navios da companhia. E depois de haver bonança, junta outra vez a frota empegaram-se ao mar, assi por fugirem das calmarias de Guiné, que lhes podiam estorvar na sua viagem, como *por lhes ficar largo poderem dobrar o Cabo da Boa Esperança.* E havendo já um mez que iam *n'aquella volta, navegando com vento prospero* foram dar na costa d'esta provincia, ao longo da qual cortaram todo aquelle dia, parecendo a todos que *era alguma grande ilha* que ali estava, *sem haver piloto, nem outra pessoa alguma que tivesse noticia d'ella, nem que presumisse que podia estar terra firme pera aquella parte occidental.* E no logar que lhes pareceu d'ella mais accommodado, surgiram aquella tarde... Estando assi surtos nesta parte que digo, saltou aquella noite com elles tanto tempo, que lhes foi forçado levarem as ancoras, e com aquelle vento que lhes era largo por aquelle rumo, foram correndo a costa até chegarem a um porto de limpo e bom surgidouro, onde entraram: ao qual pozeram então este nome, que hoje em dia tem de Porto Seguro, por lhes dar colheita, e os assegurar do perigo da tempestade que levavam.»

Deixando porém de parte o primitivo historiador do Brazil, entro na demonstração que me propuz fazer.

No dia 22 de Março estava Cabral em Cabo Verde, a 21 de Abril topou signaes de terra, que avistou logo no dia seguinte. Os pilotos diziam que estavam a 660 ou 670 leguas de Cabo Verde.

Impressiona-me o dizer de Caminha, quando, tratando da distancia a que se suppunham de Cabo Verde, não a indica simplesmente, como fazem os viajantes quando confiam nos pilotos, com os quaes navegam. Pelo contrario, Caminha, como que procura resalvar-se com o seu parenthesis «segundo os pilotos diziam.»

Logo, ou elle duvidava do que os pilotos diziam, ou os pilotos discordavam entre si.

Barros referiu-se á terra do Brazil e a Cabral n'estas palavras: «A qual, *segundo* a estimação dos pilotos, lhe pareceu que podia distar para aloeste da costa de Guiné 450 leguas,—e em altura do polo antartico da parte do sul 10 gráos (*68*).

Julgar-se-ha pois que a conclusão que acima tiramos não carece de solidos fundamentos, principalmente se attendermos a que o methodo de navegação d'aquella época era imperfeitissimo, bem que á primeira vista nos possa parecer o contrario. Os Romanos tinham descoberto o meio de viajar, sabendo as horas que na viagem gastavam, e o espaço que percorriam. Segundo todas as probabilidades era esta invenção um objecto de luxo, que usavam trazer dentro das liteiras, e tambem applicavam aos navios para conhecer a sua marcha; mas ignora-se se foi geral esse uso na navegação.

No tempo de Cabral não havia isso. A barquinha, que é um meio bem imperfeito de se conhecer no mar a distancia percorrida, não era usada então. Humboldt, depois de profundas pesquizas, achou, segundo os dados da historia, que ella fôra usada primeiramente por Magalhães,—um quarto de seculo depois de Cabral. Julgava-se a olho, que era como se fazia o calculo por estimativa: via-se a carreira do navio, e dizia-se: «anda tantas milhas:» era essa a pratica e a theoria,—a rotina e a sciencia; pois que nas obras de pilotagem d'aquelle tempo,—no «*Roteiro de Cespedes*» por exemplo, que data de 1500, acham-se estabelecidas as regras de como podem e devem os pilotos julgar a olho da carreira do navio.

Ora, que o navegante portuguez não sabia a quantas andava, servirá de irrefragavel testemunho a carta do physico e cirurgião que o acompanhava,—pessoa que, segundo de sua carta se collige, tinha orgulho de ser entendido na materia. Eram dous os meios pelos quaes se reconhecia a situação d'um navio no mar alto: os calculos do astrolabio, e as conjecturas feitas sobre a marcha do navio em determinado sentido. Para o astrolabio tinham elles a invenção de Behain, invenção que era ainda de fresca data; e para o avanço do navio,—umas taboas da India, mais modernas ainda que o astrolabio. Um e outro d'estes processos que mutuamente se auxiliariam, longe de serem uteis aos pilotos de Cabral, eram motivos de divergencias entre elles, ou porque fossem realmente imperfeitos, ou por não saberem bem usar d'elles.

O mestre João por exemplo, desculpa-se com o rei, dizendo que era o seu navio muito pequeno, e vinha além d'isso muito carregado; que elle proprio

soffria algum incommodo, e depois accrescenta, como attribuindo em parte o facto a estas causas—«que no mar se não poderia observar a altura de qualquer estrella: porque, por pouco que o navio jogasse, errava-se de 4 a 5 gráos; e que assim esse trabalho só se podia fazer em terra.» Em terra mesmo, feitas as suas observações, achou-se elle em Porto Seguro aos 17 gráos sul; os pilotos porém a 10; e todos (Pedro Escobar, entre elles) discordavam em 150 leguas, uns para mais e outros para menos; differiam pois os extremos em 300 leguas!

Permitta-me uma consideração antes de passar adiante. A distancia para oeste de Porto Seguro ao ponto correspondente na Costa d'Africa é de mais de 40 gráos: no emtanto Barros, em um trecho que deixei citado, diz que, segundo os pilotos de Cabral, a costa de Guiné distava 450 leguas para oeste da terra por elles descoberta. Este espaço accrescentando com as 300 leguas dos extremos de que fallava o mesmo João, dá 750 leguas, que é approximadamente o termo medio do numero de leguas precisas para encher 40 gráos (de 18 ou 20 cada gráo). O erro pois de Cabral estaria em mais de 300 leguas no sentido de oeste.

Volto ao assumpto de que me vinha occupando—do processo da navegação no tempo de Cabral.

Se, como levo dito, o astrolabio, mesmo em terra, e fazendo-se as observações com toda a commodidade e descanso, não era instrumento que servisse para resolver todas as duvidas,—as taboas da India eram mais imperfeitas ainda, e mais sujeitas a erro. Por isso o physico escrevia que o rei se riria d'ellas com mais rasão ou vontade, se soubesse como todos desconcertavam com ellas; e mais, era isso em mares conhecidos

como de Lisboa as Canarias, e das Canarias a Cabo Verde! Nem por ellas julgavam do espaço percorrido; mas pelo contrario marcavam n'ellas a *quantidade de caminho*, que lhes parecia ter feito.

Falhando os calculos dos pilotos de Lisboa até Cabo Verde, não se póde rasoavelmente admittir que elles tenham d'ahi por diante navegado accordes e conscienciosamente, quando haviam causas que desculpavam, assim como occasionavam o erro. Por isso poz Caminha aquella resalva «segundo os pilotos diziam;» por isso Galvão assevera que elles tinham perdido a derrota, o que é bem presumivel.

Vimos já como Cabral topou a 21 de Abril signaes de terra, que avistou no dia 22. Quer-me parecer que o numero de leguas, que elles suppunham ter andado desde Cabo Verde foi determinado em terra, como foi em terra que tratou de averiguar a que altura se achavam; mas deixo de parte esta circumstancia.

Do dia 21 a 22 não podiam navegar com muita afoitesa por estarem com signaes de terra, e precisarem de ir a todos os momentos lançando a sonda, sendo até de suppôr, e eu o creio, que amainassem de noite. De Cabo Verde a Porto Seguro a distancia em linha recta é de cerca de 40 gráos ou de 800 leguas de 20 ao gráo. Depois de descoberto o Brazil, Affonso de Albuquerque, como já dissemos, determinou engolfar-se de 750 a 800 leguas na volta do mar. Cabral portanto teve um engano de obra de 150 leguas no rumo de Sud-oeste. Não seriam estas as 150 leguas de que falla o physico-mór, por cujo motivo discordava da opinião de Pedro Escobar?

Cento e cincoenta leguas n'aquella direcção, corresponde a 80 ou 100 leguas mais para o occaso, do

que elle se julgava achar; e estas 100 ou 80 leguas equivalem a 4 ou 5 gráos de differença para óeste ou de 15' a 20' no chronometro com que qualquer marinheiro de hoje se não equivocaria facilmente. Mas não seriam estes quatro ou cinco gráos que errava o mestre João, quando com o astrolabio tomava a altura da estrellas, as quaes por esta causa lhe pareciam não poderem ser observadas do mar?

Examinemos o mappa de Lafitau.

Se este escriptor, como presume o auctor da *Memoria*, e eu estou disposto a crer, não delineou o mappa, que se vê na frente da sua obra «*dos descobrimentos dos Portuguezes*,» segundo as suas inspirações; se pelo contrario foi traçado á vista de documentos valiosos,—d'esse mesmo mappa tiro eu a mais eloquente de todas as provas em como Cabral errou na sua derrota, sendo esse erro a causa do seu descobrimento.

N'este mappa está Porto Seguro entre 15 e 16 gráos ao sul, e não aos 17, como queria mestre João, e como se acha no Atlas de Vaugondy. E' pequena a differença; mas outras ha mais importantes, e um simples lançar d'olhos revela: é a proximidade em que se acham as ilhas de Cabo Verde e a America Meredional; erro que se reproduz em João de Barros, que dá 450 leguas para a distancia entre a terra descoberta por Cabral e a costa de Guiné. Em Lafitau a distancia para óeste entre S. Nicoláo em Cabo Verde e Porto Seguro é de 13 gráos contados no equador; no mappa mundi construido sobre a projecção de Mercator, assim como no de Vaugondy, essa mesma distancia é de 17 gráos. Esta differença de 4 gráos não é ainda a mesma que o physico mestre João designava como erro nas observações do astrolabio?

Por fim—vemos no mappa mundi de Brut que a distancia em linha recta, entre Porto Seguro e a ilha de S. Nicoláo é de 45 gráos; emquanto no de Lafitau a distancia é de 37 gráos da ilha de S. Nicoláo, e 35 da de S. Thiago.

Como aconteceu porém que Pedro Alvares errasse tão crassamente? Já dissemos que então se julgava a olho do caminho que se andava no mar. O erro não seria consideravel em mares conhecidos, porque os que tem navegado sabem que os homens praticos do mar raras vezes se enganam, olhando para a carreira do navio. Por via de regra, a barquinha os não desmente; mas a barquinha é um instrumento imperfeitissimo, que facilmente induz a erro, quando ha correntes em sentido contrario ou favoravel ao vento, porque fica sempre áquem ou vai além da verdade. Por outro lado a vista equivoca-se tambem com as correntes, porque as mesmas causas que actuam sobre a barquinha, falseando os seus resultados, obram de igual modo sobre a vista.

Cabral pois, que trouxe vento fresco até ao Brazil e julgando a olho das sangraduras do caminho, devia equivocar-se, principalmente no Atlantico, porque mesmo com o uso da barquinha e com instrumentos mais simples e perfeitos, os roteiros modernos aconselham que, navegando-se n'elle para óeste, se accrescente a estimativa quatro leguas por dia. *(69)* Note-se mais que esta quantidade longe de ser constante se augmenta com as distancias percorridas. Mas supponhamos que não ha augmento progressivo, e que basta accrescentar-se quatro leguas diarias á estimativa.—Cabral sahiu de Cabo Verde a 22 de Março;—viu signaes de terra a 21 de Abril,—o espaço é de 30 dias;—

o accrescimo que se teria a fazer seria portanto de 120 leguas pelo menos. Os seus pilotos julgavam ter andado 660 ou 670 leguas, com mais esta 120, que elles não contavam, teriam 780 a 790 leguas de Cabo Verde a Porto Seguro. Estariam assim alguma coisa proximos da verdade, se não tivessem igualmente errado na determinação da longitude: a 450 leguas da costa de Guiné.

Creio pois que Cabral não teria chegado ao Brazil se soubesse quanto consideravelmente ia descahindo para oéste. Os seus pilotos que lhe requereram a mudança de prôa, têl-o-iam feito antes, e nenhuma rasão ha para que Cabral não accedesse ás suas instancias, não havendo ainda encontrado signaes de terra,—signaes que por certo não toparia a não se ter engolfado tanto, e tão proximo do Brazil, que um dia depois o avistaram. Estes signaes foram sargaço e algumas aves. *(70)*

Tenho até aqui procurado sustentar a minha opinião, mas quanto á *Memoria* em si, devo observar mais esta vez, e para concluir, que ácerca d'esta materia nenhuma auctoridade portugueza se póde invocar, que não esteja n'ella fielmente reproducida ou citada. O auctor não as occulta, não disfarça os seus argumentos; apresenta-os; e combate-os de frente. Com séria meditação, com aturado estudo, aproveitando-se habilmente de todas as circumstancias, de todas as phrases, e até de todas as expressões que faziam ao seu proposito; combinando engenhosamente os historiadores, e disfarçando completamente, á força de talento, a fraquesa que tal me parece, da sua causa, conseguiu fazer um trabalho erudito, agradavel e facil;—e, direi mais, se não poz inteiramente fóra de duvida, ao menos

quanto a mim, a opinião que merecendo-lhe tantos esforços, é mais uma prova do seu bello engenho;— é talvez pela regra sabida—de que nem sempre a verdade está nas condições da verosimilhança.

Sala das sessões do Instituto Historico, 12 de Maio de 1854.

A. Gonçalves Dias.

NOTAS

(1) Revista Trimensal. Tom. XV. n.º 6

(2) Brazil e Oceania, P. 1.ª cap. 13. *Memoria inedita do auctor.*

(3) Rafn. *Antiquitates Americanæ.* 1845. Revista do Instituto T. 2, pag. 208. e seg. Humboldt. *Cosmos* Bruxelles 1852, T. 2.º cap. 6.º

(4) Humboldt (Examen critique de l'histoire de la Géographie du Nouveau Continent. Paris 1836. T. 1. pag. 80) diz-nos que é a D. Fernando Colombo a quem devemos um extracto d'esta obra do Almirante; e reproduz as seguintes expressões de Barcia. *Hist. primit.* Tom. 1, pag, 4, 6. «Memoria ó anotacion que hizo el almirante, mostrando ser habitabiles todas las cinco zonas com a la experiencia de la navigacion».

(5) Recherches sur la priorité de la découverte des pays situés sur la côte occidentale d'Afrique etc. par V. de Santarem. Introduc. pag. XCVIII· *pars terræ, torridæ zonæ submissa, inhabitabilis nimio calore solis.*

(6) Humboldt. *Cosmos.* edic. cit. Tom. 2, cap. 6-

(7) Revista Trimensal. Tom. XV, n.º 6, pag. 149.

(8) Edição da Real Academia de Historia de Madrid de 1852. Tom. 1.º pag. 13. (Liv. 2.º cap. 2.º)

(9) Navarrete. Coleccion de los viages y descubrimientos, Madrid. 1825. Tom. 1, pag. 13. Eis por inteiro o periodo do roteiro de Colombo que neste autor se lê sobre esta carta «Iba hablando el almirante con Martin Alonzo Pinson, capitan de la otra carabela «Pinta» sobre una carta que le habia enviado tres dias ha ia a la carabela, donde segun parece tenia pintadas el almirante ciertas islas por aquella mar.»

(10) Humboldt. *Cosmos*, Edic. cit. T. 2 pag. 219.

(11) V. de Santarem *Ob cit.* pag. 91.

(12) Idem. Introduc. pag. XLI (41).

(13) Este manuscripto de Las Casas intitula-se: *Historia General de los Indias*. Humboldt cita as palavras de uma copia possuida por Ternaux-Compans.

(14) Navarrete. Ob. e lug. citados.

(15) Ainda que Humboldt na sua «*Historia da Geographia*» diga que Colombo, assim como Toscanelli, admittiam a probabilidade, muito incerta, de novos descobrimentos (Ob. cit. T. 1 pag. 21 e 24) todavia no seu *Cosmos* falla de um *fim unico* que tivera Colombo na sua empresa; parecendo nesta sua obra ter modificado ou corrigido a asserção da anterior.

(16) *The Works* of Wiliam Robertson. London 1840. *The History of America*. Book II--: *Columbus* after resolving long and seriously every circumstance suggested by his superior knowledge in the theory as well as practice of navigation;—after comparing attentively the observations of modern pilots with the hints and conjectures of ancient authors, he at last concluded, that by saling directly towards the West, accross the atlantic ocean, new countries, which probably formed a part of the great continent of India, must infallibly be discovered.

(17) O que diz Humboldt (na Hist. da Geogr.) de que para Colombo o descobrimento de novas terras não era senão um fim muito secundario da sua empresa, não se combina muito bem com o facto de ter sido essa a primeira condição ajustada, como se lê na «Histoire gènérale de l'Amérique par le R. P.e Tournon. Paris 1768. T. 1. pag. 8.

(18) Cosmos (ed. cit. pag. 213). Humboldt o conjectura, por ter sido a obra de Marco Polo impressa primeiramente em 1477, na traducção allemã, lin-lingua que nem Colombo, nem Toscanelli sabiam.

(19) P.e Tournon. Ob. e lug. citado.

(20) Others concluded, that either he would find the ocean to be of infinite extent, according to the opinion of some ancient philosophers; or if he should persist in steering towards the west beyond a certain point that the convex figure of the globe would prevent his return ..etc. Robertson. Ob. cit. pag. 748.

Vid. *lugar citado* «que outras opiniões se manifestaram contra os projectos de Colombo.

(21) Edrisi, Traduc. de Jaubert. Tom 2. p. 2, citado pelo V. de Santarem e Humboldt na Hist. da Geogr. Tom. pag. 51. Masondi (traduc ingluza) de Sprenger Tom. 1. pag. 282, diz do Atlantico, «the sea has no limits neither in its depth nor extent.... this is the sea of darkness, also called the green sea.»

(22) Extracto o P.e Tournon. Ob. cit. T. 1, pag. 4: mas vem por extenso este trecho, digno de lêr-se' em Humboldt «Hist. de la G, T. 1. pag. 80, *nota* 2.ª

(23) *Cosmos cit.*

(24) Barros. Decadas da Asia. Lisboa 1628, Liv. 3.º cap. 11 fl. 56: v.

(25) *Revista Trimensal.* Tom. 15 pag. 141 Navarrete. Collecion de los viages y descubrimientos. Madrid 1825. Tom. 2.º

(26) Hakluyt cita o caso notavel de haver um rei de Inglaterra prohibido o armamento que projectavam alguns subditos seus para a Costa d'Africa, por lhe representarem embaixadores portuguezes que aquellas eram terras de Portugal por concessões pontificias. O auctor cita a chronica de Rezende; mas o facto assume certo caracter de authenticidade, sendo reproduzido por um auctor inglez, que não lhe faz objecção alguma, nem mesmo escrevendo que o *rei de Inglaterra se dera por muito satisfeito com a embaixada; e mandára pôr bando para que se não fizesse o armamento.* Hakluyt Tom. 2, pag. 457.

(27) Chronica dos valerosos e insignes feitos d'el-rei D. João II, cap. 165: Ruy de Pina diz tambem na sua «Chronica d'El-Rei D. João II» (cap. 66) - «E sendo El-Rei logo disso avisado (da chegada de Colombo) ho mandou ir antes de si, e mostrou por isso receber nojo e sentimento assi por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e termos de seu senhorio de Guinée, em que se offerecia defensão...etc.» *Ineditos da Historia Portugueza.* T. 2. pag. 178.

(28 L. 3. cap. 11 pag. 56 da edic. cit.

(29) Ruy de Pina. Ob. e lug. cit. «o dito almirante que... no recontamento de suas cousas, excedia sempre os termos da verdade, fez esta cousa em ouro, prata e riquezas muito maior do que era.»

(30) O Marquez de Alegrete refere nestes termos a entrevista de Colombo com o rei de Portugal:—prolixa narratione facta, inventarum regionum divitias adeo profuse extulit, ut aceptam a Joanne repulsam haud obscure ipsexprobare videretur. Qua de causa, et quod Joannes sibi persuaserat Columbus lusitanæ navigationis juro violasse, torvo supercilio auditum, ingrata responsione dimisit. «De rebus gestis Joanni II. Auctore Emmanuele Tellesio Sylvio. Marchione Alegretensi. Olisip. 1689, pag 363.» Munoz na sua *Historia del Ñuevo Mundo*, dizendo que o rei mandára chamar a Colombo de Valparaiso, accrescenta «—Fui recebido consingular ostentacion y onor, y mandado cubrir y sentar en la real prezencia: habló desembarazadamente de los sucesos del viage, pintando las escelentes calidades de los paizes dess cubiertos, con los colores proprios de su imaginacion viva y acalorada. Lo-

cortezanos calificaron el despejo por soltura, descomedimiento y altenaria, y las grandezas referidas, por exageraciones faltas de verdad, despuestas de proposito a fin de reprender y contristar al monarca, que tanto bien perdia por no haber aceptado la impreza, ni dado credito a su autor.» Edic. de Madrid de 1793 pag. 147.

(31) Quod quidem Joannis non recusavit, sibi persuadens Ferdinandi causam ommino jure destitutam esse. Marquez do Alegrete. Ob. citada pag. 367.

(32) Revista Trimensal, Tom. 5. pag. 342.

(33) Rev. Trim. T. 5. pag. 342 (1.ª serie)

(34) Memoria do sr. Norberto. Nota 225.

(35) Tratado dos descobrimentos antigos e modernos, composto pelo famoso Antonio Galvão. Lisboa 1731, pag. 36,

(36) Lê-se na obra citada, 1584: mas é erro de impressão.

(37) Munoz dá nestes termos o resultado das conferencias de Behain com dous dos mais habeis cosmographos de Portugal:» Despues de muchas investigaciones y conferencias se inventó la aplicacion del astrolabio a la pratica de la navigacion, para observar a bordo la altura meridiana del sol, sobre el horisonte. *Historia del Ñuevo Mundo*, de D. Juan Baut. Munoz Madrid, 1793. pag. 37.

(38) Lê-se esta carta em outra escripta pelo mesmo Toscanelli a Colombo a 25 ne Junho de 1474, e impressa na «Coll. de los viag. y descubr.» de Navarrete, T. 2, pag. 3.

(39) Revista Trimensal. Tom. 5. pag. 158.

(40) Cosmos, T. 2, cap. 6.º

(41) V. de Santarém. Ob. cit. pag. 72. prol, cita a traducção franceza de Reinaud,

(42) Pag. 157.

(43) Mariz.—Dialogos de varia historia. Coimbra, 1594, pag. 186.

(44) Dec. 1.ª L. 5.º, cap. 85.

(45) Chronica do felicissimo rei D. Manoel. Part. 1.ª, cap. 55. fol. 51.

(46) Bispo Osorio—Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel: traducção de Francisco Manoel. Lisboa, 1804. Tom. 1. pag. 143.

(47) Da vida e feitos d'El-Rei D. Manoel. Ob. cit., T. 1, pag. 143. «Mas Pedro Alvares Cabral, que ia em derrota da India, seguindo a mesma esteira do Gama, veio á ilha de S. Iago, d'onde querendo passar avante tal tormenta se levantou etc.»

(48) «Partiu Pedro Alvares.... com regimento que se afastasse da Costa d'Africa pera encurtar a via.» *Tratado dos descobrimentos etc.* de Galvão pag. 35.

(49) *Memoria*, pag. 169.

(50) Memoria, pag. 142.

(51) Exalta-se muito a coragem de Gama pelas difficuldades com que teve de lutar na sua viagem. «Correram para o sul, porfiados a montar o Cabo da Boa Esperança, porfia em que realçou muito o esforço do capitão Vasco da Gama; porque eram cruelissimos os mares, frigidissimos e contrarios os ventos, as brumas e os temporaes continuos, sendo sempre naquellas partes em tempos certos muito horriveis e muito para temer.» Osorio, Trad. cit. pag. 69.

(52) Ainda que os autores por via de regra só tratem das calmarias da Costa d'Africa, comtudo accrescentam alguns d'elles a razão por que Pedro Alvares se deveria fazer ao mar.

Ad vitandam Gineæ malatiam, et superándum bonæ fidei promontorium, longiore ambitur capto etc. Maffei. Ob. cit. L. 2.° pag. 31.

«....Por fugir da terra de Guiné, onde as calmarias lhe podiam impedir seu caminho· empegou-se muito no mar por lhe ficar seguro poder dobrar o Cabo da Boa Esperança.» BARROS. *Decada* 1.ª L. 5, c. 85·

(53) Direi mais abaixo o motivo por que desconfio que a estimação de Caminha da distancia em que se achavam de Cabo-Verde, me parece não ter sido feita a bordo.

(54) Galvão diz que tendo-se topado signaes de terra, foi Cabral em busca d'ella tantos dias, que os seus lhe requereram que deixasse aquella porfia. A narração de Caminha me parece mais digna de credito. Os signaes só foram encontrados um dia antes que elles tivessem vista da terra.

(55) Os historiadores são unanimes; mas para não accumular citações só duas apontaremos. «Fez-se uma frota para a India, de que ia por capitão mór Pedro Alvares Cabral.» Gandavo. Cap. 1. pag. 6.

(56) A maior parte das considerações que passo a fazer se acham consignadas no seguinte trecho de Maffeo. *Hist. Indic.* Florença 1588. C. 2.° pag. 30. Et quoniam Gammæ comitumque fama celebritasque et multiplex indicarum opum relatum in Lusitaniam specimen, omnium animos in rerum ingentium spem et ejusdem itineris cupiditatem erexerat; nequacquam ultrá exploratoriis navigiis, verum justis jam classibus ea maria sibi sulcanda constituit. Navibus tredecim, quæ alvei magnitudine et hominum frequentia et onerum existimatione, haud exiguas lusitani regni opes et copias indicarent.... etc.»

(57) Maff. Ob. e log. cit. *Dialogos* de Mariz cit, «....uma formosa armada de treze naus, grandes, com todo o necessario assim para o commercio das cousas preciosas do Oriente, como tambem para o remedio das almas dos moradores d'elle.»

(58) Maffei. Ob. e log. cit. «....poder de naus e de gente» *Barros Dec.* 1, L. 5, «compunha-se de treze náos, levava soldados 1,500, ia artilhada e guerreira em summo gráo com as muitas peças e munições.» *Osorio* cit.

(59) Pedralvares *vendo que por razão de sua viagem outra cousa não podia fazer*, d'ali expediu um navio, capitão Gaspar de Lemos, com novas para el-rei D. Manoel do que tinha descoberto: o qual navio com sua chegada

deu muito prazer a el-rei e a todo o reino, assi por saber da *boa viagem que a frota levava*, como pela terra que descobrira. «*Barros Dec.* 1, L. 5, *cap* 88.»

(60) Cartas de Vespucio. «Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T. 2, pag 141.»

(61) «Partimos de Lisboa no dia 6 de Abril de 1503, na armada do capitão-mór Affonso de Albuquerque.... principiamos a navegar direitos a Cabo Verde, do qual houvemos vista, tomou o capitão conselho com os seus pilotos sobre o melhor rumo que se devia seguir para ser melhor a navegação até ganhar o cabo da Boa Esperança, porque o caminho que de ordinario se fazia era ao longo da costa da Guiné da Ethiopia, em a qual ha muitas correntes, cachopos e baixos, e fica além d'isso sotoposta a equinoxial, acalmando por esta causa muitas vezes o vento: para fugirmos pois d'ella delibe-ramos engolfar-nos de 750 a 800 leguas; e navegando nesta volta obra de 28 dias, em uma tarde avistamos a terra.» Viagem ás indias Orientaes por João de Empoli. Noticias para a Historia e Geogr., etc. T. 2, pag 219.

(62) Robertson, *History of America*.

(63) *Derrotero de las islas Antillas*. Madrid 1849.

(64) .... Fleuve équatorial qui va de l'Est á Ouest et se brise contre la côte opposée. Humboldt. Cosmos. T. 2, cap. 6, pag. 239, ed. cit.

(65) Noticias para a Hist. e Geogr. das Nac. Ultr. T. 4. pag. 179.

(66) Memoria pag. 65.

(67) Historia da provincia de Santa Cruz por Pero Magalhães de Gandavo. C. 1, p. 6.

(68) Não creio que Barros tenha confundido com Guiné as costas de Marrocos e da Senegambia. Ainda assim, tomados dous pontos salientes na Costa d'Africa e Brazil, o Cabo da Boa Esperança a Olinda, a distancia é de 27.° e 4' ou de 541 leguas e 1 milha.

Guiné propriamente dito começa do cabo das Palmas para o sul; e a distancia de 10 gráos sul no Brazil ao ponto correspondente n'Africa (que parece ser como Barros calcula) é de 45 gráos pouco mais ou menos.

(69) Derrotero de las islas Antillas. 1849.

(70) Carta de Caminha «signaes de terra..... os quaes eram muita quantidade de hervas compridas a que os mareantes chamam botelho, e assim outras a que tambem chamam rabo d'asno.... a 4.ª feira seguinte pela manhãa topamos aves, e n'este dia a hora da vespera houvemos vista de terra!» Noticias para a Hist. e Geogr. etc. T, 4. pag. 179.

SOBRE O DESCOBRIMENTO DO BRAZIL

Irá logo o Cabral, varão famoso,
Ver do Brazil a costa prolongada
Onde um tropheo levanta glorioso,
Em que deixa sua fama eternisada.

G. PEREIRA, *Ulysséa*, cant. 7, est. 79.

O descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso ou teve elle alguns indicios para isso?

PROGRAMMA

Distribuido na sessão de 15 de Dezembro de 1849 por

S. M. O IMPERADOR

Ao socio correspondente Joaquim Norberto de Souza Silva, e pelo mesmo desenvolvido em sua augusta presença nas sessões de 6 e 20 de Dezembro de 1850

INTRODUCÇÃO

Em bem poucos espiritos entregues á reflexão sobre as cousas da America terá deixado de assomar a duvida de ter sido ou não devido a um mero acaso o descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral, depois do descobrimento do novo mundo por Christo-

vão Colombo. Alguns historiadores, menos remotos a essas longinquas épocas de tanto esplendor e gloria para a Hespanha e Portugal, não deixam de augmenta-la com as suas palavras; parece que um não-sei-que de honesto, ou o quer que fosse despertado pela indignação de Colombo, quando revoltou-se contra o rei que lhe pretendêra roubar a gloria de lhe dar um novo mundo, e foi offerecê-lo ao vencedor de Granada, fez envolver nas sombras da imprevidencia o que de todo não foi destituido de calculo.

Não poucas vezes vieram estas idéas a contraba lançar em meu espirito o que passa em julgado; o que foi geralmente aceito sem a menor investigação e repetido de um seculo a outro seculo por numerosos escriptores nacionaes ou estrangeiros; pensei, pois, dever chamar os homens instruidos nas cousas da patria á investigação de um ponto historico menos averiguado, bem longe de prever que eu proprio seria obrigado a desenvolver o programma que offereci, e a vir hoje dar conta de minha tarefa. Honro-me da escolha, ufano-me assaz della, e quizera desempenha-la dignamente para tê-la por meu titulo de gloria; acanho-me, porém, sob o seu peso, ante tantas cabeças, illustres e venerandas, presididas por Aquelle que desce do alto de seu throno, e vem aqui confundir-se com os homens de letras, partilhar de seus trabalhos e lucubrações, como Carlos Magno na sua Academia aulica, que até de seu nome se esquecia.

Si os factos contemporaneos carecem de documentos, si muitos pontos menos remotos da nossa historia não estão ainda elucidados, que diremos dos primeiros annos? Que diremos de um acontecimento cuja importancia repousava desconhecida no futuro, quando

o estrepito das armas, quando as acclamações do triumpho, quando os hymnos das victorias alcançadas na India fallavam mais pomposa e eloquentemente á gloria nacional? Por ventura Cabral e Juan da Terra Nova descobrindo nas suas viagens á India, este um penedo inhospito, perdido no meio do imperio das ondas, e aquelle o mais bello torrão do novo mundo, poderiam prever que descobriam—ou um refugio para a monarchia portugueza, que de humilde colonio elevar-se-hia entre as nações a um dos mais bellos Imperios, com um futuro diante de si da mais assombrosa prosperidade—ou um presidio onde seria detido o conquistador, a cujo aceno temeria a velha Lusitania desapparecer do mappa das nações? Ah! só não ignoram os que se hão occupado com as cousas da patria a indigna escuridade em que tem existido até agora. (*1*) As noticias dos primeiros annos, os promenores d'esse evento tão grande presentemente nos annaes portuguezes, e que formam a primeira pagina da nossa historia, são por demais escassos. Os historiadores portuguezes, (diz um dos illustres membros da Academia real das sciencias de Lisboa,) apenas nos dão a saber que Pedro Alvares Cabral foi o primeiro que abordou n'aquellas regiões, em o sitio chamado ainda hoje Porto-Seguro; ignora-se porém absolutamente quasi tudo o mais. *(2)*

Cabral arrebatou-se á vista d'esta terra encantada que lhe pareceu surgir do sepulchro do sol, primeiramente incerta como um ponto vaporoso; depois como uma sombra que se engrandeceu pairada no infinito das aguas, avultando a seus olhos qual duvidosa terra; depois como um monte que elle ainda não conhecia e já lho dava nome, e depois solo magestoso empola-

do em serranias, escamados de verdura, que se ergueram como gigantes; prolongando-se na variedade de suas fórmas, no grandioso de suas desproporções, com seus cimos coroados de granito, com suas encostas cobertas de espessos bosques, com suas aguas despenhadas em assombrosas catadupas, que se destacaram, recuando em vales dilatados e sombrios, em verdes e risonhas planices, em que serpejam ribeiros, bordadas por praias, como alvas franjas, que se encurvam e onde se perdem as ondas em doce murmurio, gozou da brisa da terra que lhe trouxe os perfumes de suas flôres, e ouviu o hymno harmonioso da natureza virgem e luxuriante do novo mundo, que o saudava; extasiou-se sob este céo de tanta magnificencia, de tão esplendida pompa, que annunciam a grandeza de Deus, cujos astros já não são a poeira de seus passos, como dizia o propheta, mas o symbolo da redempção que nos deu, cantados propheticamente por Dante, *(3)* que arrebataram a Americo Vespucci, (*4*) que chamaram a admiração de Andréa Corsali, (*5*) que fizeram as delicias de Pigafetta, (*6*) e que Oviedo alcançou por seu brazão. (*7*) Cabral extasiou-se e apressou-se em communicar á côrte de Lisboa a importante nova de seu descobrimento, mas não compoz a historia de sua viagem, como em vão pretendeu o abbade de Sever, Barbosa Machado, (*8*) e nem se quer apparece o roteiro, que de necessidade havia de escrever.

Foi Pero Vaz de Caminha, um dos escrivães da armada, quem se encarregou de transmittir por escripto as noticias da nova terra, e a longa e interessantissima carta de que foi Gaspar de Lemos incumbido de levar ao rei D. Manuel, como o auto do nascimento do Brazil, nada relata emquanto á mar-

cha da viagem. «Da marenhagem e sangraduras do caminho, diz elle, nom darei aquy comta a Vossa Alteza, per que ho nom saberei fazer, e hos pilotos devem teer esse cuidado.» (*9*) Escreveu pois um d'elles, cujo nome, porém, não foi transmittido á posteridade, e cujo trabalho desconhecido de muitos esrcriptores perdeu-se para a lingua de Camões, depois de ter sido traduzido em latim por Archangelo Madrignano, (*10*) e em italiano por João Baptista Ramusio, (*11*) o qual pouco mais diz que Pero Vaz de Caminha. O regimento (*12*) que o rei D. Manoel deu a Pedro Alvares Cabral, citado por todos os historiadores e chronistas, e ainda o sermão que pregou o bispo de Ceuta, depois de Viseu, D. Diogo Hortiz, engrandecendo essas emprezas a que se arrojava a nação, e louvando o animo dos varões intrepidos que as emprehendiam por esses mares ainda não sulcados,—ou não apparecem—ou restam apenas alguns fragmentos. As cartas de Americo Vespucci (*13*) que caminhou no esteiro das naus de Cabral, por não estar ainda descoberto o verdadeiro caminho do Brazil, como pretende o traductor portuguez, (*14*) são abreviadas exposições dos trabalhos provenientes da missão que lhe confiára o rei afortunado. As obras relativas ao Brazil de João de Barros, (*15*) o maior dos historiadores portuguezes, de Gonçalo Coelho que foi autorisado a examinar tudo quanto escreveu, (*16*) e de Manuel de Faria e Souza, (*17*) os unicos que professamente trataram do descobrimento com documentos á vista, não chegaram a nossos dias, que não viram a luz da imprensa. O memo Barros, Castanheda, Damião de Goes, Ruy de Pina, André de Rezende, Antonio Galvão, Faria e Souza, Mariz, D. Antonio Caetano, Barbosa

Machado, Maffei, Abrahão Ortelio, Laet, Barlœus, Marisoto, Jeronymo Osorio, Solorzano Pereira, Antonio de San Roman, Antonio Herrera, Martinez de Lapuente, Sancta Tereza, Lafitau, La Clede, Raynal, Ferdinand Denis, Washington Irving, Robert Southey, Balthasar Telles, Vasconcellos, Rocha Pitta, Teixeira Pinto, B. Vieira Ravasco, Jaboatão, Brito Freire, Ayres do Casal, Visconde de S. Leopoldo, Balthasar da Silva Lisboa, Monsenhor Pizarro, Madre de Deos e Pedro Taques, sem falar em outros que ainda serão analysados no desenvolvimento d'este programma, tocaram de passagem n'este acontecimento, em que raros concordam, em que quasi todos se contradizem, apesar de se copiarem uns dos outros; tanto póde a mudança da mais pequena expressão no relatar das cousas!

Nem Pero de Magalhães de Gandavo, (*18*) que pela voz harmoniosa do cantor dos *Lusiadas* apresentou a D. Leonis Pereira

> A breve historia sua, que illustrasse
> A terra Santa Cruz pouco sabida, (19)

foi mais feliz; assim pouco ou quasi nada existe devido á penna dos contemporaneos de Pedro Alvares Cabral concernente á sua viagem, sendo para lastimar que baldios fossem todos os esforços que fiz para colher ás mãos as seis dissertações que sobre o descobrimento do Brazil e suas guerras se apresentaram na *Academia brazilica dos esquecidos*, que funccionou pelos annos de 1724 a 25 na cidade da Bahia, (*20*) e que da livraria de Alcobaça passaram para a publica Bibliotheca de Lisboa. (*21*) Seu auctor, Ignacio Barbosa Machado, academico e censor da real *Academia da histo-*

ria portugueza, teve sem duvida á sua disposição importantissimos documentos como collector, que foi, de todas as ordens que se passaram para as provincias ultramarinas, (*22*) e mormente como seu chronista, (*23*) logar de que tanto se honrava. (*24*)

E pois á vista de minguados documentos (*25*) é que venho elucidar tão importante quão difficil questão, que ainda mesmo exhibindo os mais incontestaveis documentos, mal poderão investigações de alguns dias, e a penna inhabil de obscuro escriptor, desfazer a crença arraigada com os seculos e propagada por tantos auctores de nome e de tão reconhecida illustração! Não;—o descobrimento do Brazil não foi devido a um mero acaso, e si para mim é difficil a solução do programma, que me fallecem os conhecimentos professionaes, todavia pelo seu desenvolvimento nascido do estudo das investigações a que me dei, e da confrontação dos auctores que compulsei, li e estudei, intentarei mostrar que Pedro Alvares Cabral teve alguns indicios para isso.

Não entrarei, porém, n'este trabalho sem averiguar si o Brazil foi conhecido dos Europeus antes do descobrimento do intrepido capitão mór, descendente das casas de Azurara, e si tiveram os portuguezes alguma communicação d'esse conhecimento. São questões preliminares, porém assaz difficeis, por isso mesmo que dependem—já das tradições dos autochtones,—já das investigações litterarias e scientificas de antigos e modernos escriptores, já dos vestigios physicos, vagos e incertos que se hão descoberto até hoje.

—

QUESTÕES PRELIMINARES

«Aos monumentos da historia do globo, ás peças de sua chronologia que se ligam por suas analogias, aos indices que nos guiam no conhecimento da idade relativa das suas formações successivas, como diz o venerando Alexandre de Humboldt, fallando da ordem das superposições dos stratos sedimentosos, das camadas metamorphicas, e dos conglomeratos, da natureza dos terrenos invadidos pelas rochas de erupção, e da presença de restos organicos e suas differentes estructuras (26)» estão reservados os mais brilhantes resultados, que em parte já fazem o orgulho da sciencia humana. Já os que offerecem as novas sciencias que em si resumem a archeologia da organisação e das formações, cujos estudos visava o genio de Hooke, e que os Camper, Soemmering e Blumenbach mais racionalmente encaminharam, e que os Cuviers e Brongniarts completaram por seus grandes e importantissimos trabalhos, comprovam por novos descobrimentos n'esta parte da terra, que a antiguidade do continente americano excede a do velho mundo, e que a povoação do Brazil coincide com os tempos historicos do velho hemispherio!

Aos estudos de uma pleiada de sabios viajantes, cujos nomes são o seu elogio, que hão devassado o continente americano, e guiados pela luz da sciencia hão prescrutado todos os segredos da natureza, penetrado nas series das idades e descido de camada em camada fossilifera para analysar as suas relações de superposição e classificar esses animaes, esses vegetaes que pereceram nos tremendos cataclysmos por que ha passado o globo em seus periodos, dando logar á appa-

ição de nova organisação, não perdendo para a sciencia nem os mais leves vestigios, mas investigando ainda mesmo as pegadas de uma fera impressas sobre uma argila molle, ou recolhendo os residuos de sua digestão, (*27*) se junctam agora as sabias e recentes indagações e descobretas devidas ao Sr. Dr. Lund.

Si bem que o mundo scientifico ainda não tenha sanccionado as importantes observações d'esso sabio viajante, examinando fria e sensatamente as suas descobertas, comtudo parecem verdadeiras e prudentes as deducções que tira dos factos a cujo conhecimento tem podido chegar por meio de seus estudos e observações geologicas, para acreditar já existente como um continente extenso a parte central do Brazil, quando o solo continental do velho mundo ou estava ainda submergido no Oceano universal ou consistia apenas em ilhas destacadas e insignificantes cobertas de vegetaes. E com quanto as suas indagações sobre a coexistencia do homem com as grandes especies de mammiferos terrestres n'esta parte do mundo não tenha ainda chegado a solução do problema que a investigação dos naturalistas do velho mundo tambem ainda não resolveram de maneira decisiva, todavia a descoberta de ossos humanos fossilisados e achados entre ossos de outros animaes, em perfeito estado de conservação e como que depositados na mesma época, são irrecusaveis documentos comprobatorios de que a povoação do Brazil deriva de tempos mui remotos, »e. diz o Sr. Dr. Lund, indubitavelmente dos tempos historicos.» (*28*) Não de outra sorte se explica o avultado numero de aldêas tão populosas que fizerão a admiração dos jesuitas. «São tantos, (escrevia assim o padre Affonso Braz, do porto do Espirito Sancto em 1551) são tantos'

e é a terra tão grande e vão em tanto crescimento, que, si não tivessem continua guerra, e si se não comessem uns aos outros, não poderiam caber.» (29)

Não admira pois que á chegada dos Europeus a estas plagas, tão velhas ou mais ainda do que as de seu hemispherio, elles tomassem estes povos, espalhados em tão vasto territorio, alguns com sua tal ou qual civilisação, outros errantes e barbaros, como apenas sahindo de seu estado de selvagens, e lançando os fundamentos de algumas aldêas; quando hoje vemos que elles iam em manifesta decadencia. «Toda a povoação primitiva das Americas, escreve o Sr. Dr. Carlos de Martius, viveu em tempos remotissimos em um estado muito mais civilisado do que aquelle em que achamos tanto os Mexicanos do nosso tempo ou outros povos montanhezes, como os Indios selvagens do Brazil. Toda essa povoação, sem duvida muito mais numerosa, cahiu de uma posição muito mais nobre por diversas causas.» (30) E já os conhecimentos antropologicos começam de lançar nova luz sobre a historia dos autochtones americanos, graças ás pesquizas e trabalhos de tantos illustres sabios em que mórmente se eleva o talento do Sr. Alcide d'Orbigny, e, em quanto que a archeologia indaga os seus monumentos, interroga as suas estatuas, decifra os seus hieroglyficos, busca seu mytho em seus derrocados templos, e compara ruinas de um e outro hemispherio, a sciencia não pára: ella marcha com o progresso da humanidade e procura no estudo das linguas á voz do passado, escutando a palavra que em tão grandes quão espantosas modificações se derramou pela face da terra; e por um estudo comparativo, não fundado na similhança dos sons accidentaes, mas baseado sobre a sua estructura organica, (31)

interroga nações inteiras ou restos de hordas ou reliquias de familias, ávida de apanhar o fio mysterioso que a guie na solução do problema das raças, que deseja de prender a um só tronco em que veja o sôpro de Deus!

A' vista d'essas investigações scientificas e de seus resultados, que talvez possam ainda erguer a ponta do véo que tantos mysterios encobre, não podemos deixar de conceber lisongeiras esperanças da composição de uma historia americana dos tempos anticolombianos, quando os materiaes que se começam de reunir vão avultando, e pois no porvir repousa a esperança da elucidação do passado d'esses povos de quem vimos occupar o logar que lhes pertencia nos annaes d'esta terra. Assim depois das conjecturas de antigos escriptores, que tanto se afadigaram por mostrar como e quando foi a America povoada e ainda os mais extravagantes esforços para fazerem-na conhecida da mais remota antiguidade n'essas brilhantes paginas de ostensiva erudição, apparecem as mais prudentes indagações procedidas pelos sabios antiquarios do Norte, com aquella calma, com aquella reflexão que lhes são peculiares. Fóra de duvida é pois que a America fôra conhecida no decimo seculo pelas viagens emprehendidas pelos antigos Scandinavos na parte septentrional, fazendo assim surgir da completa escuridade em que jaziam sepultados innumeraveis factos, que elucidam uma epocha, já tam remota para nós. (*32*)

Volvendo os olhos ao que nos diz respeito, cumpre averiguar si assim como a parte septentrional da America foi conhecida desde o decimo seculo, tambem o foi a meridional, ou houve da sua existencia algum conhecimento.

O commercio e o christianismo, que abriram os mares á navegação da India, e que deram á Hespanha e a Portugal o novo mundo; o commercio e o christianismo com suas missões diversas deram nomes á nossa patria,—um que prevaleceu no trato da vida,—outro que só é lembrado na invocação ao Deos que tantas vezes se tem amerciado de nós, quando as commoções politicas abalam com estremecimento volcanico as nossas instituições. O primeiro d'esses nomes *Terra de Vera Cruz*, que o vulgo achou melhor dizer da *Santa Cruz*, *(33)* e que Porcach *(34)* propôz que se adoptasse a toda á America, mas que a falta de seu perfeito conhecimento converteu por alguns annos em *Ilha da Cruz*, foi doado como um signal de posse, de dominio e de conquista, cujo estandarte triumphante se hasteára sobre o escudo das quinas portuguezas, symbolo da fé, emblema da remissão do captiveiro do velho mundo, mas que as armas dos conquistadores e o fanatismo da religião converteram em signal de escravidão para o novo hemispherio. Emblema da civilisação que ergueu-se no velho mundo para a sua redempção, como nas ruinas do Colisseu, onde tão eloquente falla abrindo seus braços n'uma terra manchada com o sangue dos martyres dilacerados pelas feras, e que entretanto se levantou no novo mundo como signal de seu captiveiro! Ah! tanto pôde o triumpho da intolerancia religiosa e o fanatismo, que já passaram! *(35)* O segundo d'esses nomes imposto pelos traficantes e contrabandistas, e que para logo prevaleceu até nos actos officiaes, já era conhecido no mundo muito antes que as náos de Pedro Alvares Cabral cortassem os mares áquem da linha, não simplesmente como o nome de um

lenho, mas de uma ou outra parte do globo no Oceano atlantico, então tão mal conhecido.

O nome de brazil dado a alguns d'esses pontos situados em paizes onde essa madeira não floresce, talvez não exprimisse mais do que o ponto de seu commercio, que data do nono seculo, no emtanto que n'outras partes, como na America, Asia, e mesmo em Africa, indique o solo que a produz, Necessariamente pois tornou-se mais celebre e mais appropriado ao terreno que em sua vastidão offerecia admiravel cópia á avidez dos contrabandistas. «E's tierra de infinito brasil» dizia Gomara, *(36)* referindo-se ao nosso solo, e assim o paiz nunca d'antes por tal conhecido ganhou em fama e sobrepujou aos de mais afamados até então por essa producção. A existencia de ilhas com o nome de Brazil que apparecem no mar atlantico dos mappas de Pizigano, Orontius Finœus e Munster, confeccionados á mingua de documentos muito antes que os mares fossem devassados ou patentes os roteiros de seus atrevidos navegadores, talvez não passem d'esses logares que ainda hoje são conhecidos por esse nome, tal como uma rocha na ponta meridional da Irlanda ou um monte juncto de Angra, na ilha Terceira. *(37)*

Posteriormente, porém, muito antes que este torrão massiço, que se estende do Amazonas ao Prata, que se eleva do Oceano aos Andes coroados de eternos gelos, monopolisasse o commercio do lenho tão encarecido pelas suas qualidades, e com elle o seu nome, a palavra Brazil designou algumas ilhas da America, e mesmo um dos rios que se afogam no nosso vasto littoral.

E pois a palavra Brazil empregada muito antes da conquista do nosso paiz teria muita significação, como já se lhe pretendeu dar *(38)*, si fosse possi-

vel provar que ella se ligava a essa massa compacta, com suas denominações parciaes, mas sem nome para o seu todo, e revelaria por certo um tal ou qual conhecimento de sua existencia que por esse lado é provavel que não possuiram os portuguezes anti-cabralianos. A acquisição todavia de novos factos poderá aclarar uma épocha que parece sepultada— e para sempre!—nas impenetraveis sombras da noite dos tempos, que entretanto surge á luz dos nossos dias como esses pontos da terra na separação neptuniana. Assim como a historia da America antes das viagens de Christovão Colombo apparece com noções veridicas de innumeraveis factos, como diz Rafn (*39*), que elucidam uma épocha que parecia condemnada ao olvido, talvez tambem a do Brazil antes de Cabral se venha a patentear a nossos olhos. Já o illustre Cantu fallando da existencia de uma ilha nos mares da America com o nome de Brazil, lançou suas vistas para os remotos seculos exclamando: «E pois esse mundo só para nós seria novo que o não conheciamos!» (*40*).

Querendo dar aos Portuguezes a prioridade no conhecimento da America, o nosso historiador, Gaspar da Madre de Deus, depois de narrar o descobrimento do novo mundo por Colombo devido ás instrucções que lhe communicára a viuva de Affonso Sanches, facto este contestado, pretendeu reivindicar tamanha gloria para o famigerado João Ramalho, porquanto no acto de fazer o seu testamento escripto em S. Paulo em 3 de maio de 1580 declarára, sem que algum dos circumstantes lhe advertisse, que havia noventa annos que estava no Brazil, do que inferiu que os portuguezes assistiram n'esta parte da America

oito annos pouco mais ou menos antes do conhecimento do novo-mundo na Europa transmittido pelo sabio genovez (*41*). E' certo que em 1580 ainda não chegava a cincoenta annos a assistencia dos portuguezes na capitania de S. Vicente, aonde entrára Martim Affonso de Souza com a sua armada em 1532 (*42*), todavia, quando assim fosse, e não houvesse engano na enumeração dos annos da parte de um homem analphabeto (*43*), que gloria d'isso resultaria a Portugal, a não virem os portuguezes posteriormente a estabelecer-se no paiz? Poderia por ventura esse homem, companheiro de Antonio Rodrigues, unicos naufragos que se suppõe terem escapado nas praias de Sanctos á sorte de seus compatriotas, impedir que ali se vissem estabelecer outros povos do continente europeu? Sem meio para fazer chegar á patria a noticia da terra que lhe deparára o naufragio; não morreria com elle o seu segredo? Poderia quem ignorava a bella e sublime arte dos phenicios, que eternisa o pensamento, pela qual nos falla o passado e nos fazemos entender no futuro, inscrever o seu nome n'essas paginas eternas de granito, que attestassem ás nações do velho-mundo a historia de sua existencia entre esses povos errantes?

A sós, elle não teve a força e os recursos que tiveram muitos de seus compatriotas, já no numero, já nas armas; quando não, essa tribu que o hospedára teria por premio o jugo da escravidão; subjeitou-se elle, e adquiriu os seus habitos até nas longas marchas; e, ignorante, sem saber dispôr de sua razão, sem arte para o mal, não a teve tambem para o bem; o homem da velha sociedade embruteceu-se em vez de guiar os Tibiriçás e Cays Ubys com os seus goia-

nazes, quando não a uma tal ou qual civilisação, ao menos a um estado menos proximo d'essa vida nomade, que avizinha o ente racional dos brutos.

Os jesuitas pretenderam essa prioridade para S. Thomé, e attribuiram-lhe milagres estrondosos que desafiam a incredulidade, mas que elles fingiram receber dos indios, cuja difficuldade na communicação de suas tradições tantas vezes contessaram; milagres que as cartas de Nobrega se apressaram de propagar (44), que Simão de Vasconcellos commentou amplamente na sua *Chronica da companhia de Jesus do estado do Brazil* (45), que Jaboatão (46) e Rocha Pitta (47) reproduziram com uma credulidade mais apparente que real; que o benedictino Fr. Gaspar da Madre de Deus, (48) o bispo D. Fr. João de San José (49) e o general Cunha Mattos (50) recusaram admittir, e que a ordem emanada do papa Urbano VIII (51) bem mostra o abuso que então se fazia de taes narrações, augmentando-se prodigiosamente o numero de lendas.

Os hespanhóes, que precederam os portuguezes no descobrimento da America, reivindicam para si a prioridade do descobrimento do Brazil; esses descobrimentos, porém, não passaram de parciaes: assim, ajudado de seu sobrinho, Arias Pinson e de outros parentes e amigos, sahiu Vicente Yanez Pinzon do porto de Palos, em dezembro de 1499, passou pelas ilhas Canarias e de Cabo-Verde, e seguiu o rumo de sudoeste, atormentado pela furia dos ventos, pela braveza dos mares, e estranhando o aspecto dos céos, até que em 20 ou 26 de janeiro do anno seguinte (52) descobriu o cabo de Sancto Agostinho, que chamou de Sancta Maria da Consolação; ahi desembarcou com escrivães e testemunhas, e solemnemente tomou posse da

terra em nome da corôa de Castella (*53*). Proseguindo, achou-se Yanez Pinzon em algumas paragens em aberta hostilidade com os naturaes do paiz; costeou ao norte, e nas fozes do Amazonas, «cujas ilhas o encantaram, pelo frondoso de seus bosques e alegria de seus sitios (*54*), permaneceu por algum tempo, até que o espantoso pororoca obrigou-o a fazer-se ao largo com as suas caravellas (*55*). Um mez depois, seguiu-se a este Diogo de Lepe, que avistou o continente junto ao cabo de Sancto Agostinho, a que deu o nome de Rosto Formoso, e dobrando o cabo, navegou até Paria, (*56*) sendo destituidos de todo o fundamento os descobrimentos attribuidos a Alonso Velez de Mendonza, como demonstrou o incansavel Martin Fernandes de Navarrete (*57*).

Necessariamente pela continuação de suas viagens, pelo desejo de novos descobrimentos a que se entregavam com gosto, e pela necessidade do reconhecimento de todo o continente, cedo ou tarde tinham os hespanhóes de descobrir todo o Brazil, e sem duvida o conhecimento da existencia de um paiz descoberto por Yanes Pinzon e Diogo de Lepe, situado na demarcação de Portugal, segundo a linha traçada pelo papa Alexandre VI, deveria fazer nascer nos portuguezes o desejo de devassar os mares situados áquem d'essa linha, e intervir no descobrimento das terras que n'elles existissem, e que lhes pertenciam de direito; e pois n'esse mesmo anno, alguns mezes mais tarde, pagava Cabral com o nome de Porto-Seguro a segurança que achára para as suas náos na bellissima enseada em que surgira (*58*). E' certo que Yanez Pinzon e Diogo de Lepe, traçaram a carta da costa que descobriram, e que este ultimo morrêra em Portugal (*59*); todavia

Yanez Pinzon só chegou á Hespanha no ultimo dia de Setembro (*60*), e Diogo de Lepe pouco depois (*61*); de maneira que, como nota Washington Irving (*62*), não teve Pedro Alvares Cabral noticia de suas descobertas; nem ellas poderiam causar grande contentamento pelas novas que deram, de que em toda a costa ao sul da linha, desde o cabo de Sancta Maria até o de Sancto Agostinho sómente se encontrava muito brazil, e nem uma outra cousa que de proveito fosse. (*63*)

Os italianos, querendo decidir da questão entre os portuguezes e hespanhóes, se attribuiram a gloria de um tal descobrimento na pessoa de Americo Vespucci, que, segundo Bossi (*64*), emprehendeu suas viagens de ordem da côrte de Portugal, e n'uma d'ellas descobriu o Brazil, invertido assim tão levianamente a verdade dos factos, ordem dos acontecimentos, e usurpando alheias glorias.

São impotentes as tradições emanadas dos contos poeticos de nossos indigenas, ou bebidas nas lendas monasticas; são destituidas de fundamento as supposições de que alguns portuguezes precederam a Colombo n'estas plagas. e pouco importa que Vicente Yanez Pinzon e Diogo de Lepe tocassem em terras comprehendidas na demarcação das conquistas de Portugal alguns mezes antes que Pedro Alvares Cabral, «porquanto, diz o Sr. Ferdinand Denis, é facto esse de tanta probabilidade, que inutil é pô-lo em discussão; mas, si é justo, continúa o erudito francez, conceder-lhes o logar que elles devem occupar na gloriosa historia das primeiras navegações, é necessario tambem apreciar a importancia que occupam na historia primitiva do Brasil: ora essa importancia é nulla, pois que elles não lançaram germens de colo-ni-

consocio o Sr. conego Benigno José de Carvalho e Cunha suspeitára por muito tempo existir ao sul da serra do Cincorá, sobre o braço esquerdo do rio que lhe toma o nome, (*70*) estão acenando para os sertões que banham os rios Pará-ussú e Una, (*71*) e de um momento para outro a presença d'essas velhas paginas da muda, silenciosa, mas eloquente historia da antiga America poderá vir derramar grande luz no meio d'essas trevas. Varias inscripções hieroglificas existem por todo o nosso solo que muito conviria indagar, algumas talvez não passem de sulcos feitos pela mão do tempo; outras, porém, são visivelmente traçadas pelos homens, e talvez nos possam guiar na solução do programma de ter sido ou não o nosso paiz visitado em outras épocas por povos do antigo continente. Seria de grande proveito para a nossa historia, que todos esses fragmentos de inscripções de cuja existencia temos noticia, ou jazem dispersas pelas obras de muitos viajantes, fossem publicados em um só corpo, e offerecidos á investigação dos sabios. Entre os Tamoyos que habitavam o Rio de Janeiro, nação a seu modo maritima, que pelo nome attesta a sua superioridade sobre os mais povos do Brazil, era tradição de que seus pais tinham vindo ter a Cabo-Frio por cima das ondas, e o facto de existirem inscripções em penedos em face do Oceano, n'esses sitios, conhecidas por *lettras do diabo*, coincide com seus contos tradicionaes. (*72*) Mas ah! somos dignos, como outros helenos, da exprobração que Platão lhes dirigiu em seu *Timeu* pela boca dos sacerdotes de Saïs, quando os accusava de tão jovens que parecia que em toda a Grecia não havia um ancião, quando dizia que elles nem uma noção tinham da antiguidade, nem uma crença

ça antiga, nem uma sciencia que o tempo houvesse encanecido. (73)

E pois, na infancia ainda da nossa historia, em que apenas preparamos as paginas brilhantes para as pesquizas que fazemos, para os materiaes que recolhemos, não é dado provar pelos factos até agora conhecidos e allegados por nossos escriptores, que o Brazil fosse conhecido pelos europeos, e muitos menos pelos portuguezes antes que Pedro Alvares Cabral se desviasse das saugraduras traçadas pelas náos de Bartholomeo Dias e Vasco da Gama, para vi-lo conquistar com o estandarte da Religião christã, e torna-lo conhecido sob um nome sagrado; entretanto documentos, ha poucos annos subtrahidos á poeira dos archivos da torre do Tombo de Lisboa, do duque de Veraguas, de Sevilha e de Saragoça, graças as deligencias do Sr. Varnhagen e do incansavel Navarrete, servem de bases ao desenvolvimento d'este programma e fallam mui alto por si pela parte affirmativa. Taes são por ventura, entre outros, os dous importantissimos documentos, cujos originaes se guardam nos archivos da torre do Tombo e do duque de Veraguas. O primeiro, que é datado da cidade de Barcelona a 5 de setembro de 1493, é a carta que os reis catholicos escreveram a Christovão Colombo, pedindo que apressasse quanto antes a sua segunda viagem á America, sem tocar em Cabo-Verde, afastando-se o mais que pudesse das costas de Portugal e de suas ilhas, afim de não ser detido ou embaraçado na sua derrota, por isso mesmo que os portuguezes projectavam, sob outros pretextos, intervir nos descobrimentos das terras do novo mundo, e que na pratica que com alguns d'elles se encetára se viera no conhecimento que

era claro pensarem na possibilidade de haver ilhas e ainda uma terra firme; que acreditavam que seria muito mais proveitosas e muito mais ricas que todas as outras, situadas no meio da distancia que ia da ponta ou cabo da Boa-Esperança até á raia que o almirante genovez quizera que viesse na bulla do papa Alexandre VI, e que, a ser assim, necessario era emendala. (74) O segundo documento, que traz a data do 1.º de maio de 1500, é a carta que de Vera-Cruz escreveu mestre João, physico do rei D. Manoel, ao mesmo afortunado monarcha, e que parece comprovar a asserção dos reis catholicos relativamente á existencia de muitas ilhas, e ainda de uma terra firme, porquanto pede ao feliz rei que mande ver no mappa-mundo que possuia Pero Vaz Bisagudo (?) a altura da terra que descobriram, o qual comtudo não certificava ser a terra habitada. [75]

E' pois evidente, á vista de documentos irrecusaveis, coetaneos e incontestaveis, que os portuguezes suspeitaram da existencia das terras que Pedro Alvares Cabral descobriu demandando-as, quando deu á sua viagem direcção inteiramente nova da que levára Vasco da Gama, e não para fugir ás calmarias da costa de Africa, por quanto esse fito teve tambem o protonauta do Oriente, o illustre protogonista da epopéa do Homero dos modernos tempos, sem comtudo amarar-se tanto para oeste, nem ser arrebatado das correntes; tal é pelo menos o que se deprehende de suas derrotas traçadas no planispherio que o jesuita Lafitau, o historiador das conquistas dos portuguezes no novo mundo, collocou em frente da sua obra, (76) e tal é pelo menos o juizo do Sr. Adolfo de Varnhagen quando diz: «E' sem fundamen

a opinião dos que acreditão forão por tempestade obrigadas as naus a seguir este rumo; tem mais probabilidade a de Barros que houve intenções de fugirem ás calmarias de Guiné, como já o praticára Vasco da Gama. E si na verdade foi esse o fim, vento de mais e bem fatal veio a ter depois a armada; porém si attentarmos em que para sempre tinham desapparecido os receios do *mar tenebroso*,—que em Portugal se conhecia a existencia das terras occidentaes achadas por Colombo—e, mórmente, que Gaspar Corte-Real diligenciava a doação da terra firme ou ilhas que encontrasse, e que lhes foi concedida a 12 de maio d'esse anno (1500)—si attentarmos, repetimos, em tudo isto, não podemos deixar de persuadir que no seguimento de tal rumo entrou o quer que é das esperanças, curiosidade e vertigem descobridora dos portuguezes d'aquella idade.» (*77*)

DESCOBRIMENTO DO BRAZIL.

A riqueza e opulencia em que nadava a rainha do Adriatico, (*78*) produzidas pelo commercio de preciosas e exquisitas producções da India, despertaram aos portuguezes a idéa de dar uma rival a Veneza, tornando Lisboa o emporio do commercio do Oriente, (*79*) que pela sua posição parecia chamada a representar no mundo o importante papel de « Senhora das aguas do Universo, » transmittindo a seus reis o titulo honorifico de « Senhores de além mar.» (*80*) Para isso conceberam o grandioso e hardido projecto de abrir pelo oceano novo caminho. Portugal, reino pequeno e insignificante, perdido no Occidente da Europa, ele-

vou-se com o seculo XV pelos esforços de suas atrevidas emprezas á grandeza de uma das primeiras nações, attrahindo sobre si a attenção do velho hemispherio.

A batalha de Aljubarrota acabou de firmar a sua independencia, e os echos das acclamações, os hymnos do triumpho, os gritos da victoria, foram resoar nos muros de Ceuta. Ceuta era então cidade e fortaleza da provincia de Habat no reino de Fez, respeitada como cabeça da Mauritania tingitana, na Africa ceterior, e a Europa que a via como um erario das preciosidades do Oriente, concorria a buscar as mercadorias de preço, que produzia não só a Alexandria e Damasco, como a propria Lybia e o Egypto, (*81*) e vencida Ceuta, abandonada de seu senhor, Zala Benzala, e consagradas ao Deus das victorias as suas mesquitas, tornou-se a tributaria Africa o theatro de suas façanhas, cujas narrações exageradas, como nota Barbosa, tanto alegravam e satisfaziam o povo. (*82*) Desde então as ondas do Oceano atlantico em vão se opposeram ás emprezas dos atrevidos maritimos, que começaram de devassal-o.

O grande infante D. Henrique, Duque de Viseu, senhor da Covilhan, filho do rei D. João I, foi quem tomou a iniciativa em tão grande feito, e em Sagres, a sua Terça-naval, cidade fundada por elle a leste de S. Vicente, depois de haver-se assignalado em Ceuta, isolava-se com seus livros e compassos a revolver no pensamento as idéas de seus descobrimentos; idéas nascidas do estudo das mathematicas e geographia a que se entregava com ardor, e reforçadas com as informações dos mouros de Ceuta, que lhe ministraram noções da terra interior de Africa e dos povos que a habitavam

até Guiné; d'ahi alongava os olhos pelo infinito das aguas como que procurando o esteiro do baixel de Eudoxio de Cyrio, que fez a volta de Africa em uma embarcação phenicia sahida do mar Rouxo, e a força de meditar decidiu-se a realizar taes idéas. Ás suas expensas lançou os germens da navegação, e pelo impulso de seus esforços, de suas profundas meditações e estudos, arremessou a nação na carreira da gloria e da prosperidade. Em vão se lhe mostrou o gigantesco da empreza, citando-se a opinião do grande geographo Ptolomeu, que ensinava que as terras de Africa se estendiam pelo polo austral, ou lembrando-se-lhe essa barreira de fogo que se suppunha que a zona torrida elevava entre as temperadas; em vão a superstição tendo o cabo de Nam como o ponto mais remoto a que podia attingir a navegação sem perigo, appellava para as suas crenças de que quem dobrasse o Cabo-Bojador não voltaria mais. Para desvanecer os panicos terrores, o medo phantastico de ignorantes pilotos, que só sabião marear á vista das costas por sangraduras conhecidas, o nobre infante consultou os mais afamados geographos e mathematicos de seu tempo, e, seguro contra a superstição deu ás suas emprezas o nobre fim de não só dilatar a fé catholica, como de proporcionar á ordem de Christo, de era gran-mestre, novos meios de prosperidade e de gloria. (*83*)

Fomentou o papa Martinho V os zelosos espiritos, fazendo á corôa portugueza perpetua doação de todas as terras que descobrisse desde o Cabo-Bojador até ás Indias, e concedendo larga indulgencia plenaria aos que perecessem nesses descobrimentos, concessões e privilegios que seus successores ampliaram depois em novas bullas. Então quebrou-se o encanto; o cabo

de Nam deixou de ser olhado como o termo posto nos mares por Deos á ambiciosa tenacidade dos homens, (84) desvaneceu-se o medo phantastico e supersticioso dos navegantes dobrando-se o Cabo-Bojador, e viram já sem temor o novo movimento de suas aguas, que parecem que fervem por mais de seis leguas de extensão; venceu-se o horror dos mares desconhecidos, explorou-se a região dos tropicos, e novos climas e novas regiões da maior parte da costa d'Africa, desde o Cabo-Branco até o Verde, e as suas ilhas e as dos Açores foram tiradas do esquecimento em que jaziam sepultadas, (85) e patentes á admiração do Velho-Mundo. «Era como diz o Sr. Washington Irwing, a aurora dos conhecimentos geographicos, em que a imaginação apressava continuamente os descobrimentos, povoando tudo de maravilhas, emquanto que elles caminhavam com lentidão pelo caminho da prudencia.» (86) E pois Lisboa resoava com essas novas de continuas descobertas que se espalhavam adornadas com os atavios da imaginação pelo resto da Europa, e de todas as partes affluiam estrangeiros emprehendedores, avidos de junctarem seu nome a um descobrimento; grandes despezas começaram de ser resarcidas, e náos, que voltavam ao reino carregadas de pareas, tornaram de Lisboa um porto que foi para logo visitado pelas nações mercantis, que até ali só por guerreiro conheceram, (87) mas a morte do infante D. Henrique [88] veio por algum tempo paralysar os descobrimentos.

Todavia o impulso estava dado, e os murmurios contra a empreza do nobre e esclarecido infante viam-se trocado em pomposos elogios, que os admiradores do rei D. Duarte exageravam por ver a im

contemplação do mundo. A influencia d'este facto sobre o desenvolvimento dos conhecimentos physicos e em geral sobre o progresso das idéas não póde ser perfeitamente comprehendida sem passar rapidamente em revista os seculos das grandes emprezas maritimas d'aquelle em que floresceu a cultura scientifica dos arabes.» [93]

D. João II comprehendeu a necessidade de preceder o descobrimento pelo conhecimento dos paizes que demandava, annunciando-lhes antecipadamente o seu desejo de abrir com elles communicação por meio do Oceano. Já as nações mercantes e maritimas conheciam os imperios da China e do Japão, graças ás missões dos monges e ás expedições diplomaticas tão habilmente encaminhadas, tanto mais que a dominação dos Mongols, que se estendia do Oceano-Pacifico até o Volga, tornava accessivel o centro da Asia. [94] Expediu pois em 1487 uma embaixada ao preste João, rei christão em Africa, [95] de cuja existencia e poderio se assegurára, e João Pedro da Covilhan e Affonso de Paiva se embarcaram em Barcelona para Napoles, e viajaram até á cidade de Aden, situada na boca do Mar-Vermelho; então Paiva se dirigiu para a Etiopia, e Covilhan para a India; e pelas informações que este ultimo colhêra da propria boca dos pilotos indianos e arabes em Calicut, em Gôa, em Aden e em Sofala, na costa oriental de Africa, pôde communicar ao rei que, si os portuguez se dirigissem alongando-se mais para o sul sobre a costa occidental, poderiam vir até o ponto extremo da Africa, d'onde seria facil se fazerem de vela para a ilha da Lua (a Magastar do polo,) a ilha de Zanzibar e a costa de Sofala, rica em produzir ouro. [96] Mas já a este tempo Bartholomeu

ancia que lhe mereciam, [89] e D. João II, succedendo a D. Affonso V, buscou dar á sua empreza não só mais lato desenvolvimento, como melhor direcção. Não lhe coube a gloria dos grandes descobrimentos, cujos resultados estavam destinados á fortuna do seu successor, o rei D. Manoel; entretanto á sua perspicacia e prudencia deveu Portugal o descobrimento do caminho para a India e a comprehensão do Brazil na demarcação da bulla do papa Alexandre VI. Mudando o nome ao cabo das Tormentas, como Bartholomeu Dias o chamára, (90) e onde Camões enthronisou o genio das tempestades, buscou desvanecer a terrivel idéa de seus mares, dando a esperança de bons resultados de tantas fadigas e perigos affrontados em tão ardua navegação; e rejeitando a offerta d'aquelle que lhe pretendêra dar um novo mundo, pareceu ter lido no livro do destino a partilha que Deos destinára aos portuguezes no novo hemispherio. E pois, como reflexiona o Sr. Washington Irwing, o grande impulso dado ao espirito da descoberta não foi effeito do acaso, mas o fructo de esforços e meditações profundas, (91) ou, como nota o eximio auctor da *Vida do infante D. Henrique*, a estas riquezas em que se desentranha a America, e são o alvo da cobiça de todos, ainda ninguem lhe soube dar outra origem senão aos porfiados descobrimentos de quem facilitou com elles a navegação de costas, rios e mares, que por tantos seculos tinha escondido a Providencia á ambiciosa temeridade dos homens,» [92] ou, como diz o Sr. Alexandre de Humboldt: «a descoberta das regiões tropicaes da America por Christovão Colombo, Alonso de Hojeda e Alvares Cabral, não pôde ser considerada como um acontecimento isolado na historia da

Dias havia dobrado o cabo da Boa-Esperança, e as difficuldades estavam em parte vencidas; a navegação mais desassombrada, podia-se afoitar por esse pelago immenso, a que os geographos arabes deram o nome de mar tenebroso (*mare tenebrosum*); a applicação da astronomia á navegação tinha chegado a uma tal ou qual perfeição. Aos nomes de Andelone del Nero, João Bianchini, de Nicolau de Cusa, Jorge de Penerbach e Regiomontano veio junctar se o de Martim Behaim, pela simplicidade que deu ao astrolabio destinado a marcar sobre a inconstancia das ondas a medida do tempo, a latitude geographica com o socorro das alturas meridionaes, e que para os pilotos portuguezes calculou por ordem do rei D. João II, que o nomeára presidente da juncta de mathematicos, uma taboa das inclinações do sol, ensinando-lhes, segundo a expressão de João de Barros, a maneira de navegar pela altura do sol. [97]

Emquanto os portuguezes, de olhos fitos no Oriente, se propunham a abrir o caminho para as Indias, *un uomo della Liguria*, como lhe chamava Torquato Tasso na sua *Jerusalem libertada* (98) ou *el magnifico Snr. Christobal Colon*, como depois disseram os hespanhóes, se voltava para o Occidente. Assim, muitos se tornaram para o Oriente, ambiciosos da corôa que certo povo da Asia offerecêra ao que primeiro visse apontar o dia, emquanto que um unico, mais avisado do que todos, voltando-se para o lado opposto, pôde divisar no occaso os clarões da aurora branquejando nas grimpas de alterosa torre, quando ainda o Oriente jazia envolto em sombras. (99) Era um d'esses homens extraordinarios que os seculos são tão avaros em produzir; um d'esses homens

emprehendedores, para os quaes não ha difficuldades invenciveis; que unia ao saber a faculdade de exprimir-se com eloquencia, e que dava a resumbrar em as suas expressões um não-sei-que de superstição, ainda que nobre e sublime; um desses homens que se crêem inspirados pelo céo, e que pretendia achar na Santa Escriptura, entre as revelações mysticas dos prophetas, a sua missão. *(100)* Lisongeando a esperança d'aquelles que procuravam roubar á Veneza os thesouros do Oriente, promettendo-lhes abrir caminho para a India, navegando para o oeste, o resultado de sua empreza devia ser a realidade da prophecia d'aquelle que predissera que as extremidades da terra seriam approximadas umas das outras, e todas as nações e todas as linguas unidas sob a bandeira do Redemptor e Jerusalém e a montanha de Sião reedificadas pela sua mão. Errante de cidade em cidade, mendigando o favor que a patria lhe negára, fortalecia o seu espirito com o estudo; lia e meditava sobre as importantes communicações de Toscanelli e as narrações de Nicoláo de Conti, e sua imaginação se exaltava com a existencia d'essas cidades maravilhosas, com seus muros de prata, com suas torres de ouro, com suas praias semeadas de perolas, ou com a phantastica descripção d'esse paiz afortunado, não distante de Khatai, limitado pelo mar oriental, no qual os estrangeiros, tanto homens como mulheres, se conservavam na idade em que entravam; era a sua idéa fixa, que jamais o desamparava, que se mostrava revestida de mil fórmas á sua poetica phantasia e que ainda em sonhos o vinha inspirar sob a apparencia de uma voz occulta, que lhe bradava: «Eu farei retinir o *teu nome* por toda a parte; dar-te-hei as Indias, que são

uma tão rica parte do mundo; tu as distribuirás por quem quizeres, que te darei o poder para isso. Entregar-te-hei as chaves das barreiras do Oceano, fechadas até aqui com cadêas tão fortes; e tuas ordens serão obedecidas em immensas regiões, e tua gloria será immortal no meio dos Christãos.» (*101*) Doendo-se de ver grande parte do mundo ainda por descobrir, (*102*) pois, segundo a bella expressão do illustre sabio allemão do nosso seculo, perto de dous terços do globo formavam ainda um mundo novo e inexplorado, e que até então havia escapado ás observações, como essa face da lua escondida eternamente aos olhos dos habitantes da terra, em virtude das leis da gravitação; *103*) sua dôr era aggravada pela injustiça de seus contemporaneos, que o não comprehendiam, porém no fundo de sua alma achava a resignação, ouvindo essa voz occulta que lhe bradava; «Nada temas; tem confiança; todas essas tribulações estão escriptas sobre o marmore, e não é sem razão.» (*104*).

Os historiadores do descobrimento da America, os biographos do illustre genovez, discordam sobre as inspirações que teve Colombo para a descoberta do novo-mundo. Hoje que sabemos das expedições dos Scandinavos á America Septentrional, é de suppôr que Colombo em sua viagem á Islandia, colhesse alguns indicios sobre um novo continente situado a oeste; semelhante supposição porém não se basêa nem na direcção de sudoeste, que elle deu á sua viagem partindo das Canarias, nem nas palavras d'aquelle que se propunha *buscar el levante por el poniente, passar á donde nacen las especiarias, navegando al occidente*, (*105*) e que morrêra na convicção, como Americo Vespucci, de ter tocado as costas da Asia. E, como nota o Sr. Alexandre

de Humboldt, a Islandia e a Groenlandia jaziam divorciadas ha mais de dous seculos, pois que em 1261 perdêra a Groenlandia a sua constituição republicana, e como propriedade da corôa de Norwega, foi-lhe vedada toda a communicação com estrangeiros, e ainda mesmo com a Islandia. (*106*) Pretendem outros que elle recebêra de Affonso Sanches a relação de sua viagem e roteiro, o qual lhe communicára que navegando da Hespanha para as Canarias, fôra arrojado pelos ventos e mares até á ilha de S. Domingos, d'onde voltára para a Terceira. Este conto, que o inca Garcilaso consignou nos seus *Comentarios reales*, (*107*) por ter ouvido a seu pai, foi reproduzido sem mais averiguação por Bernardo Alderete nas suas *Varias antiguidades de Espana*, (*108*) Rodrigo Caro nas suas *Antiguedades*, (*109*) D. João de Salorzano na sua *Politica indiana*, (*110*) e Fernando Pizarro nos seus *Varones ilustres del Nuevo Mundo*, (*111*) e de suas paginas passaram para as dos nossos historiadores Gaspar da Madre de Deos (*112*), Simão de Vasconcellos, (*113*) e Brito Freire; (*114*) porém Gonzalo Fernandez de Oviedo reputou-o por inexacto na sua *Historia General de India*, (*115*) demonstrando a sua falsidade.

E' todavia certo que de seus estudos e do trato com gente instruida, com a qual buscára sempre se relacionar, se lhe manifestou a idéa da atrevida navegação, para a qual mendigava um baixel, e que a fama das expedições maritimas que se apparelhavam em Lisboa para novos descobrimentos o levaram á cidade, ponto de reunião de todos os navegantes. Via-se na maior pobreza, de que não o pôde tirar o casamento que então celebrou com dona Felippa Moniz, de no-

bre linhagem, filha de Bartholomeu Moniz Perestrello, criado do infante dom João de Portugal, de quem herdou todos os manuscriptos, mappas e instrumentos nauticos de que havia usado em suas viagens, cujo exame mais e mais o convenceram na possibilidade de sua empreza; e retirando-se para a ilha de Porto Sancto, onde seu sogro possuira algumas terras, ahi entregou-se com seriedade e perseverança a seus gigantescos planos, que tão grande revolução tinham que causar em todo o mundo. Não é meu fim escrever a biographia de homem tão transcendente, nem aclarar os pontos duvidosos de seus primeiros annos; o espaço a que me circumscrevi e o tempo que tenho que dispôr não me permittem essas divagações, aliás importantes e não alheias de todo em todo ao meu assumpto.

A geographia sahia das trevas, ainda informe; os factos recentemente colhidos pelas descobertas se mesclavam aos factos transmittidos pela antiguidade: *(116)* a sciencia mal podia desenvolver-se d'esse véo em que a enredára a exageração popular, as fabulas inventadas pela imaginação ardente dos emprehendedores de novos descobrimentos, e as conjecturas extravagantes de que nos dão uma prova essas celebres cartas geographicas dos passados seculos, tão curiosas pelas suas illustrações. *(117)* Procurava-se um apoio na antiguidade, consultavam seus autores, buscava-se um indicio por onde se pudesse crer terem sido essas ilhas conhecidas, e trazia-se a Antilha de Aristoteles e a Atlantida de Platão, e crendo-se as Canarias e os Açores como restos da submersão d'esta ultima presumiam que outros fragmentos muito mais extensos existiam no Oceano Atlantico, e pois quando ainda mesmo o plano de Colombo parecesse gi-

gantesco e atrevido, que como nota Malte-Brun, reputava-se a navegação pelo oeste um dos mysterios da natureza, que passavam por incriveis, que era então ignorada, ou não se acreditava na circumferencia da terra, mal conhecidas as leis do peso especifico e da attracção central pelas quaes concedendo-se a sua esphericidade, torna-se evidente a possibilidade de gyrar-se em torno d'ella, (*118*) não devia comtudo ser desprezado por uma nação ávida de novos descobrimentos, e Colombo foi ouvido. Si foi reservado na exposição de seu plano, si, como elle diz, em 14 annos que esteve em Portugal se não pôde fazer comprehender, (*119*) mais parcos foram a este respeito os historiadores e chronistas nacionaes. Os motivos que allega o historiador hespanhol ,Vasconcellos, na *Vida d'El-Rei D. Juan II* (*120*) que tiveram os Portuguezes para não coadjuva-lo, e que La Clede seguio na sua *Historia de Portugal*, (*121*) não me parecem baseados em fundamento algum. Pelo menos não me recordo de ter lido em historiadores portuguezes, que tratam d'essa época, que o bispo de Ceuta D. Diogo Hortis fosse quem no conselho impugnasse o projecto de Colombo, que procurando novas terras e conquistas traria necessariamente o enfraquecimento do reino, já tão despovoado com continuas guerras, já tão dissiminado pelas terras conquistadas ou descobertas; porquanto o illustre genovez apenas se propunha a seguir outro rumo diverso do que os portuguezes intentavam para abrir caminho pelo Oceano as mercadorias da India; e nem o sabio bispo seria de contraria opinião, quando depois engrandeceu a gloria da nação e áquelles que se arriscavam em dilatar a fé e o imperio lusitano, tecendo os maiores

elogios a Cabral, na vespera de sua partida, quando prégou em presença de toda a côrte na igreja de Bethlem. Parece mais verosimil o facto narrado por muitos de seus biographos, da pretenção de se lhe roubar a gloria, pondo-se em execução o seu plano. Dizem que o rei fizera aparelhar um navio que partiu com instrucções secretas para o Cabo-Verde, e dali se engolphou no Oceano com a prôa para o Oeste; então desenvolveu-se terrivel tempestade, e o capitão da caravella e toda a tripulação assombrados com a extensão das aguas, com a furia dos ventos e das ondas, sem o genio perseverante de Colombo, sem a sua convicção, e desanimados arribaram a Cabo-Verde, d'onde voltaram a Lisboa lançando o ridiculo sobre o grande genovez. Este facto que se acha consignado nas *Decadas* que escreveu Herrera (*122*) e na *Vida d'el almirante*, que compoz seu filho D. Fernando Colombo, (*123*) e que tem sido mencionado pelos modernos biographos, entre os quaes citarei o Sr. W. Irwing (*124*) não é de todo em todo destituido de fundamento. «Similhante proceder, como nota um ameno escriptor allemão, não foi sem duvida motivado pela má fé ou perfidia, mas sim por seguir a politica usada n'aquelle tempo, que consistia em olhar com desconfiança para tudo o que era estrangeiro, e em promover por todos os modos a gloria nacional.» (*125*) «Tanto é certo, diz o já por tantas vezes aqui citado Sr. Alexandre de Humboldt, que em todos os seculos e periodos da civilisação esforçaram-se sempre os odios nacionaes por empanar o brilho dos nomes illustres. (*126*)

De mediocres teres, obrigado á mais severa economia, vendo-se na necessidade de soccorrer o velho pae que ficára em Genova, a cuidar na educacão de

seus irmãos, vivia Colombo de fazer cartas e globos, que mal lhe davam para a sua subsistencia; envidou-se; e com a esperança de melhorar de fortuna mudando de terra, de esquecer as magoas recentes motivadas pela morte de sua esposa, sahiu secretamente de Portugal e foi offerecer seus serviços a Fernando de Castella e a Isabel de Aragão. Resentiu-se D. João II de sua partida e lhe escreveu de Avis a 20 de março de 1488, de seu proprio punho, dando-lhe o mui significante titulo de especial amigo; (*127*) e instando para que tornasse a seu reino. «E quando a vossa vinda cá, escrevia elle, certo, assi pollo que apontaes como por outros respeitos para que vossa industra, é boo engenho. Nos será necessareo. Nos a desejamos, é prazernosha muito de visedes, porque em o que á vos toca se dará tal forma de que vos devaes ser conten e. E porque por ventura teernees algum rezeo de nossas justizas por razão dalgumas cousas á que sejaaes obrigado. Nos por esta nossa carta vos seguramos polla vinda, estada, é tornada que nom sejaes presso, retendo, acusado, citado nem demandado por nenhuma cousa, ora seja civil, ora criminal, de cualquier cualidade! E por ella mesma mandamos á todas nossas justizas que o cumpran asi. E portanto vos rogamos e emcomendamos que vossa vinda seja loguo, é para isso non tenharnes pejo algum: e agradeceoslohemos e teremos muito em servizo.» (*128*) Inferindo-se d'esta carta, cujo original se guarda no archivo do duque de Veragua, que os portuguezes não haviam de todo perdidas as esperanças de tirar algum proveito dos serviços d'este importante homem; e si o seu nome não figura nas chronicas da mãe patria recommendado á posteridade, e rodeado de toda a veneração, não foi sem duvida

pela pouca conta em que fosse tido, mas pelos ciumes e emulação de ver a sua gloria rever er toda em proveito e fama da sua rival, a heroica Hespanha. Tanto assim que até depois da realisação de seu plano, que encheu além da esperança ou da incredulidade a expectação do mundo, não mereceu dos maiores dos historiadores portuguezes os elogios e louvoros a que tinha jus, senão que era elle «homem fallador e glorioso em mostrar suas habilidades e mais phantastico e de imaginações com sua Ilha Cypango» (*129*) Pero de Mariz (*130*) Rui de Pina (*131*) André de Rezende (*132*) e outros não foram menos parciaes.

A' chegada de Christovão Colombo a Lisboa, de volta do Novo-mundo, alvoroçou-se toda a côrte, e não obstante a peste grassar terrivelmente na capital do reino, immenso foi o concurso que correu ás margens do Tejo, curioso de ver as novas producções e os novos habitantes que trazia das novas terras. D. João II inquieto, errante de villa em villa, aterrado com a mortandade que crescia diariamente, recebeu em Valparaiso, acima das Virtudes, nas ribeiras do Tejo, essa nova que o veio contristar ainda mais, pois como escreve André de Rezende «mostrou por isso receber nojo e sentimento, e assim por crer que o dito descobrimento era feito dentro dos mares e terras de seus senhorios de Guine,» (*133*) ou, como ajuncta D. Juan de Solorzano Pereira, por lhe parecer que tal navegação, que tanto lhe excitara os ciumes, não só diminuia a gloria de Portugal, como por julgar que todas essas terras se comprehendiam na bulla de Martinho V, confirmada por outros, cujos mares presumia de seu dominio. (*134*) Ora não é crivel que o sabio rei D. João II confundisse os indios da America com os

habitantes de sua Guiné, senão que procurasse por uma dissimulação, por um não-sei-que de duvidoso encobrir a sua inveja, tanto mais que o intrepido genovez fallou-lhe tão arrogante e soberbo que lhe lançára em rosto o ter-lhe negado todos os meios necessarios para effectuar a sua viagem. (*135*) Já Colombo havia escapado, graças á sua perspicacia e penetração, á morte que lhe destinára nos Açores, onde arribára, o governador João de Castanheda; (*136*) a sua arrogancia e soberba deram causa a que aconselhassem ao Rei que o mandasse matar; dissimulou elle ainda esta vez, e com dadivas e bom gasalhado que lhe fez, e aos seus, deixou-o ir em paz a levar á Castella a nova de tão estupenda quão maravilhosa viagem. (*137*) Tão de pressa, porém, partiu Colombo do Tejo, como reuniu seus conselheiros em Torres Vedras, e fez aprestar uma armada, da qual nomeou por general a D. Francisco de Almeida, um dos mais intrepidos capitães de seu tempo, que foi depois primeiro vice-rei na India, e que tinha por destino a conquista das novas terras. (*138*) Assim se apromptaram pela segunda vez os portuguezes para partilhar dos descobrimentos das terras do Oeste; e incitados pela inveja de ver a Hespanha engrandecer-se além dos mares, levariam a sua empreza ao cabo se o appello para o papa Alexandre VI (*139*) não viesse restabelecer a harmonia entre as duas monarchias da Peninsula hiberia por meio de uma bulla, que ainda assim não contentou o monarcha portuguez; tão grande era o seu desejo em partilhar dos descobrimentos dos paizes situados a Oeste! Não iguaes ciumes deixou de patentear a Inglaterra sob o reinado de Duarte IV pelos descobrimentos dos Portuguezes, (*140*) os quaes, volvidos apenas tres

seculos, tinham de construir a maior parte das colonias inglezas!

O papa Martinho V tinha concedida á corôa portugueza a conquista e descobrimento de todos os mares, terras, minas e ilhas adjacentes para o Oriente e meio dia; conquista que os papas Calisto III e Sixto IV confirmaram por novas bullas; exceptuando este as ilhas Canarias em favor dos reis catholicos, e aquelle concedendo ao infante D. Henrique, como grão-mestre da ordem de Christo, o provimento de todos os beneficios ecclesiasticos nas terras descobertas. (*141*) N'este estado de cousas gosavam as duas nações de sua conquistas, quando Colombo descobriu a America e tornou necessaria uma nova repartição de limites para assegurar á Castella as suas terras novamente divulgadas, e em cuja conquista não padece duvida quizeram intervir os portuguezes, e pois o papa Alexandre VI pela bulla passada em 4 de maio de 1493 mandou que se formasse uma linha imaginaria, lançada mathematicamente de Norte a Sul pelos polos do mundo, e considerado este dividido em duas partes iguaes pertencesse a de Leste a Portugal e a de Oeste á Castella; e para ponto de partida foram determinadas as ilhas dos Açores, e que lançada a linha a 100 leguas ao Oeste do mesmo ponto, tudo o que ficasse para o Ocidente pertencesse á Castella e para o Oriente a Portugal. D. João II, longe de annuir á determinação pontifical, protestou contra ella pelo que dizia respeito ao curso que devia fazer a linha. Que revelação inspirou o rei, chamado por excellencia pelos historiadores o principe perfeito, para se oppôr á bulla d'aquelle que tanto menosprezou a cadeira de S. Pedro, salpicando de horriveis nodoas

a sagrada thiara? (*142*) Por ventura duvidou da sua imparcialidade, pensando que o berço natal fallasse mais a favor do patrio que do estranho reino? Não se destinavam suas armadas para o Oriente? Ah! como quer que seja os designios de Deos estavam de ha muito escriptos (*143*) e si a opposição do rei D. João II não désse causa ao tratado celebrado depois em Tordesilhas entre as duas corôas, o Brazil entraria na demarcação da Hespanha, e Portugal não teria de comprar a peso de ouro ao imperador Carlos V as ilhas Molucas; (*144*) Yanez Pinçon e Diego de Lepe reclamariam para si a gloria de ter dado á Hespanha essa porção immensa de territorio talhado pela mão de Deos para um imperio de gigantes. (*145*) Nem a Hespanha, que pretendêra em sua desmarcada ambição chamar a si o poderio das terras por elles descobertas, attenderia promptamente, como assevera Manoel Severim de Faria na *Vida de João de Barros*, as judiciosas reclamações da côrte de Lisboa. (*146*) Então o poeta portuguez não diria com ufania, fallando do descobrimento da America:

> Como si a complectara tamanho feito
> Fôra a humanos esforços impossivel,
> Si o braço portuguez não ajudára (147)

Oppondo-se á determinação de Alexandre VI, D. João II não se esqueceu de activar o apresto da armada que destinava para as terras de Oeste; ella fez estremecer Castella, que receiou expôr-se a uma guerra maritima, e que por certo traria o anniquilamento de sua marinha: procurou, pois, a Hespanha desviar o rompimento, e n'esse designio enviou embaixadores a Lisboa que

proposeram ao rei D. João II « que quizesse pôr em têla judiciaria a duvida que tinha nos seus descobrimentos, para que em boa paz e amizade dece o direito a cada um o que fosse seu, e que por emtanto lhe supplicavam desistisse do apresto da armada, porque se faziam suspeitosas na paz preparações de guerra em um principe que não declarava os seus designios a seus amigos (*148*). »

Franco d'esta vez para com a Hespanha, D. João II não só despediu os seus embaixadores sem attende-los, como recebeu de mau grado a uma segunda embaixada que não alcançou melhor exito. Todavia instado, e pesando seriamente a gravidade do assumpto, pois, como disse D. Antonio Caetano de Souza, tratava-se de repartir um mundo entre duas corôas (*149*), reuniram-se os commissarios deputados com plenos poderes por parte das duas monarchias, na villa de Tordesilhas, em Castella a Velha, os quaes vieram a concluir em 7 de julho de 1494 « que contando-se 370 leguas para o Occidente das ilhas de Cabo Verde, no ultimo ponto que acabassem essas trezentas e setenta leguas se lançasse uma linha imaginaria de norte a sul, que rodeando o globo terraqueo o dividisse em duas partes iguaes, ficando á corôa de Castella a parte que cahe para o accaso e a Portugal a que fica ao nascente. Juraram os commissarios deputados guardar esse tratado de amigavel concordia em nome de seus soberanos, sem em tempo algum o poderem contradizer, e sobre o seu juramento juraram ainda não pedir relaxação ou absolvição, o qual foi ratificado n'esse mesmo anno pelos Reis respectivos e confirmado depois por bulla do papa Julio II, passada a pedido do rei D. Manoel, já quando era descoberto o Brazil (*150*).

Antes porém, que o tratado de Tordesilhas viesse equilibrar a harmonia entre os dous povos a Hespanha sempre receiosa do augmento do reino vizinho, mal podia tranquilisar-se; não se armavam expedições em Portugal que não tivessem por destinos os mares de Oeste; e as suspeitas de que pretendia intervir em seu descobrimento pozeram-na na mais severa vigilancia; e pois os portuguezes eram no reino iberio interrogados sobre as intenções de sua patria, sendo em Lisboa o espirito da espionagem activamente mantido pelo governo hespanhol.

Estes factos se baseam em documentos irrecusaveis pela sua authencidade (*151*) e provam á evidencia as pretenções dos portuguezes ás terras do Oeste, pois se não póde suppôr que elles se quizessem aproveitar do caminho que o intrepido almirante pensou até o seu passamento ter aberto á navegação da India, de lorando as vidas que ia custando a Portugal, e que elle orçava em metade da gente do reino. « Si não se hão enviado, diz Colombo na sua *Terceira Viagem*, dirigindo-se aos reis catholicos, si não se hão enviado os navios carregados de ouro, tem-se todavia mandado sufficientes amostras d'elle, e de outras cousas de valor, pelo que se póde julgar que em breve tempo se poderá colher muito proveito, sem tomar por exemplo o grande coração dos principes de Portugal, que ha tanto tempo proseguem na empreza de Guiné, e tambem na de Africa, onde hão gasto metade da gente do reino, estando agora mais que nunca o rei determinado a leva-la a execução (*152*). »

As suspeitas de Castella não eram pois sem fundamento; embora Colombo se expressasse em Lisboa com a maior parcimonia, e ainda depois de sua viagem pro-

curassem os reis catholicos todo o segredo no exame de seus papeis; as communicações que elle recebêra de Toscanelli eram patentes e conhecidas. « Com este correio, escrevia a rainha Isabel a seu almirante no mar oceano em 5 de setembro de 1493, vos envio um traslado do livro que cá deixaste, cuja demora provém de ter-se escripto secretamente, para que não fosse sabido d'estes que aqui estão de Portugal, ou outro algum (*153*). » Entretanto que Paulo Toscanelli, celebre florentino medico e astronomo ao mesmo tempo, já havia dado a esse respeito as mais exactas informações que lhe foram pedidas pela côrte de Lisboa, em 1474; tal é pelo menos o que se deprehende de sua carta dirigida a Fernando Martinez, conego de Lisboa. « Muito me agrada saber, dizia elle, a familiaridade que tendes com o serenissimo e magnificentissimo rei, e ainda que eu já tenha tratado por outras vezes do brevissimo caminho que ha d'aqui para as Indias, onde nascem as especiarias, por via do mar, que tenho por mais curto do que o que fazeis por Guiné, como porém, agora me dizeis que S. A. pretende alguma declaração ou demonstração para que entenda e veja como se póde tomar esse caminho, o que mais facil seria demonstrar com a esphera na mão, para ver como está o mundo, todavia para maior clareza, mostrarei o referido caminho em uma carta semelhante ás de marear, e assim a mando a S. Alteza feita e *traçada* por minha propria mão; n'ella vai indicado todo o fim do Poente, tomando desde a Irlandia o austro até o fim de Guiné, com todas as ilhas que estão situadas n'esta viagem, a cuja frente está pintado em direitura pelo Poente, o principio das Indias com todas as ilhas e logares por onde podeis andar, e quando podereis apartar-vos do polo arctico pela linha equino-

cial, e por quanto espaço; isto é, com quantas leguas podereis chegar áquelles logares fertilissimos de especiaria e pedras preciosas, e não vos admireis de que chame Poente o paiz em que nasce a especiaria, que communmente se diz nascer no Levante, porque os que navegarem para o Poente sempre acharão os ditos logares ao Poente, e os que forem por terra ao Levante sempre acharão no Levante os ditos logares. As linhas direitas que estão ao largo na dita carta mostram a distancia que ha do Poente ao Levante, e as obliquas a que vai do Norte ao Sul (*154*).»

Muito se arreceavam os hespanhóes que os portuguezes em vez de dirigirem as proas de seus navios para o Oriente os encaminhassem clandestinamente para o Oeste; tal foi pelo menos o que deram a comprehender a Christovão Colombo, quando de seu proprio punho lhes escreveram os reis catholicos; e a idéa de que os portuguezes possuiam noticias ainda que vagas de muitas ilhas, e até de terra firme no meio do cabo chamado por elles da Boa Esperança, até a raia que Colombo quizera que viesse na bulla, mais os inquietava, que previam que mais dia menos dia partilhariam do descobrimento do novo-mundo. «E porque depois da vinda dos portuguezes a pratica que com elles encetamos, escreviam os reis ao seu almirante em 5 de Setembro de 1493, alguns querem dizer que o que está em meio desde o cabo que os portuguezes chamam da Boa Esperança, que está na derrota que levam agora pela Mina de Ouro e Guiné, abaixo, até a raia que dissestes que devia vir na Bulla do papa, pensam que poderá haver ilhas e ainda terre firme, que segundo a parte do sol que estão, se crêem que serão mui proveitosas e mais ricas que todas as outras; e por-

que sabemos que d'isso sabeis melhor que ninguem, vos rogamos que nos envieis já o vosso parecer sobre esse objecto, porque a convir, e a ser assim, como aqui pensou que será, se emendará a bulla.» (*155*)

A resposta do illustre Colombo poderia aclarar essa linguagem um pouco escura, não tenho porém a carta que de necessidade deveria escrever, tão instado como fôra para fazê-lo n'um caso reputado de toda a urgencia; talvez então podesse se explicar o fundamento que teve D. João II para se oppôr á linha traçada por Alexandre VI, que por certo não foi um mero pretexto para apparelhar-se a invadir as terras novamente descobertas e conquistadas para a sua corôa. Todavia não sei que receios eram esses da Hespanha, quando pela capitulação da repartição do mar Oceano feita entre ambas as corôas, pela qual se conveio demarcar difinitivamente a linha, expedindo-se para isso as embarcações necessarias á tão gigantesca empreza, seriam patentes as terras ainda não descobertas, e que segundo a sua situação pertenceriam a uma ou outra nação; o que só se elucidára com o inexequivel da empreza, cujo prazo mal inspirára fôra enovado para nunca mais fallar-se n'ella. (*156*)

No rei D. Manoel repousaram por muito tempo as esperanças da nação o titulo de *afortunado* que o seu seculo lhe conferiu, demonstra a felicidade de seu reino durante os poucos annos que lhe foi dado dirigir os seus destinos; no seu reinado se completaram os grandes pl nos que visára o genio emprehendedor do principe D. Henrique, e que D. João II procurou pôr em execução; atalhou-a a morte e a sua gloria veio illuminar o reinado de seu augu to sobrinho, o illustre filho da ventura. Ás conquistas devidas aos maiores ca-

pitães que teve Portugal e que se assignaláram no seu tempo, aos descobrimentos que lhe dilatáram o imperio nas quatro partes do mundo juntára-se por alguns annos a esperança de ser um dos mais poderosos principes da Europa, que a esphera que unia as suas armas começára de symbolisar. mas o herdeiro presumptivo dos reis catholicos Fernando e Isabel perdeu no principe D. Miguel as corôas de Castella e de Aragão, e Portugal ficou limitado a essa nesga de terra, que mal excederá em extensão a algumas de nossas ilhas.

Aproveitando-se das instrucções que lhe deixára seu successor, servindo-se dos regimentos mandados fazer por seu real tio, D. Manoel apressou-se em expedir uma armada, que confiára ao immortal Vasco da Gama para o descobrimento do Oriente. Á volta do intrepido maritimo todo o reino se alvoroçou com a nova de tão estupenda como ardua viagem, que até então fôra havida como insuperavel aos humanos esforços. O contentamento do monarcha se manifestou em seus actos publicos; pois esse acontecimento que abriu um campo de gloria ás armas portuguezas, que tornou Lisboa senhora das aguas do Universo, que deu assumpto á moderna epopéa, foi communicado a todas as cidades e villas do reino, como no-lo certificou João de Barros.(*175*)

As desintelligencias em que ficaram muitos reis do Oriente para com os portuguezes, deviam ser harmonisadas por meio das armas, e pois nova armada «mui poderosa em armas e gente luzida, por quanto a terra devia estar em armas,» (*158*) e que manifestasse por não duvidosa toda a força do reino lusitano, afim de poder proseguir em suas emprezas, em breve se achou sobre as aguas do Tejo prestes a levantar ferro. Pedro

razão demais tenho para lastimar a sua falta quando tanta luz poderia lançar na historia d'essa viagem. «E' á historia que nos devemos ligar, diz o Sr. Michelet, são os factos que devemos interrogar, quando a idéa vacilla e nos foge aos olhos; enderecemo-nos pois aos anteriores seculos, soletremos, interpretemos essas prophecias do passado; talvez que ahi distinguamos, siquer algum raio matinal do porvir!» (*162*)

Acabada a ceremonia religiosa, bento o chapéo que lhe mandára o papa, e que o rei collocára por suas mãos na cabeça de Cabral, e entregue a bandeira da cruz da ordem de Christo com as armas reaes ao illustre capitão, dirigiram-se todos para as margens do Tejo; Lisboa apresentou então um d'esses espectaculos faustosos que pouas vezes offerecem os povos, em que as lagrimas e soluços da suadade se misturavam com os risos e vivas que retumbavam nos ares em acclamações.

«Cobria, diz Faria e Souza na sua *Asia portugueza*, a maior parte do povo aquellas praias e campos para solemnisar a despedida de tão lustrosa gente.» (*163*) Quando Cabral se despediu do Rei, e se embarcou para ser conduzido ás naus, numerosos bateis qualharam as aguas auriferas do Tejo; «Assi se vião, accrescenta Barros, todos com suas librés e bandeiras de côres divisas, que não parecia mar mas um campo de flôres, com a frol d'aquella mancebia juvenil que embarcava. E o que maes levantava o espirito d'estas cousas erão as trombetas, atabaques, sestros, tambores, frautas, pandeiros; e até gaitas, cuja ventura foi andar em os campos no apascentar dos gados, n'aquelle dia tomaram posse de ir sobre as agoas salgadas do mar nesta e outras armadas que

depois a seguirão, porque para viagem de tanto tempo tudo os homens buscavam para tirar a tristeza do mar.» (*164*)

Si é para lastimar que a voz do bispo de Viseu se perdesse nas abobadas do começado mosteiro de Bethlem, e não chegasse transmittida pela imprensa a nossos ouvidos, maior sentimento tenho da perda do *Regimento* que se deu ao capitão mór, e de que fallam todos os historiadores, e a esperança de ainda um dia ve-lo figurar nos documentos que ajuntamos para a nossa historia se esvaeceu de toda a vista de seus fragmentos achados na Torre do Tombo pelo nosso consocio o Sr. F. A. de Varnhagen, e já publicados na nossa *Revista trimensal*, (*165*) os quaes só se referem ás cousas do Oriente, como se tambem o tempo se conspirasse contra a elucidação de um facto mal averiguado, consumindo os primeiros itens de tão importantes instrucções! Ellas nos revelariam por certo si do rei ou si do vassallo fôra esse o quer que seja das esperanças, curiosidade e vertigem descubridora, como a esse respeito se exprimiu o autor da *Chronica do descobrimento do Brazil*. (*166*) Dobrado o Cabo da Boa Esperança, franqueadas as portas dos mares do Oriente, cujas chaves foram roubadas para sempre ao genio das tormentas, que o epico luzitano personalisou na figura de Adamastor, que muito que n'essa segunda expedição se tivesse em vista dous fins; que muito que seguindo nova derrota, não só se procurasse evitar as calmarias de Africa, como Vasco da Gama já as havia evitado , como tambem devassar os mares comprehendidos na demarcação das conquistas e descobertas de Portugal, áquem da linha, que ainda os Hespanhóes, segundo se presumia, não

haviam sulcado? A navegação atrevida de Colombo, e a que, com tanta gloria como proveito para a sua patria, emprehendêra Vasco da Gama, empegando-se n'um Oceano desconhecido, e triumphando da furia dos tufões que ameaçaram por mais de uma vez despedaçar e submergir nos abysmos das ondas seus frageis bateis, sem fallar na dos seus predecessores, como João de Santarem e Escobar que primeiro passaram a linha, como Bartholomeu Dias que primeiro dobrou o Cabo que chamou das Tormentas e tantos outros afamados navegantes, tinham ensinado aos Portuguezes a despresar o medo de se perderem em

Todo esse plaino espaço immenso d'aguas,

como disse o epico brasileiro (*167*), ou em todo esse mar immenso e tenebroso como lhe chamaram os geographos arabes, e tanto mais que os progressos da arte nautica, como nota um celebre escriptor de nossos dias, e applicação dos methodos astronomicos, á correcção da estima maritima, favoreciam taes tentativas que imprimiriam a essa época um caracter particular, completando a imagem da terra e divulgando ao homem a harmonia do mundo. Não de outra sorte se abalançaria Gaspar Corte Real a pedir a doação da terra firme ou ilhas que encontrasse, e que lhe foi concedida dous mezes depois da partida de Pedro Alvares Cabral, já quando suas náos estavam ancoradas em Porto Seguro!... (*168*)

A experiencia tinha já ensinado o tempo proprio para as viagens nos mares do Oriente, e o mez de março (*169*) foi destinado para a partida de Pedro Alvares Cabral, e a 9 d'esse mez deixou o Tejo « com bom vento

de foz em fóra (*170*). » A datar d'esse dia começam as incertezas e contradicções dos auctores que relatam essa viagem. O Sr. Ferdinand Denis prefere a todas essas relações « a narração ingenua e sincera, diz elle, de um dos pilotos de Cabral (*171*), » talvez escudado nas palavras de Pero Vaz de Caminha, que escreveu na sua carta que « da marinhagem e sangraduras do caminho não daria conta ao rei porque não só o não saberia fazer como que os pilotos teriam esse cuidado (*172*); » desgraçadamente porém essa narração não é do piloto mór de Cabral, que sem duvida melhor poderia se alongar em seus promenores, sendo ainda para sentir o não apparecimento da carta do capitão mór em que deu parte do « achamento da terra nova » como se expressa Caminha, assegurando a seu augusto amo que elle lhe escrevia, bem como os outros capitães (*173*); todavia confrontarei esses auctores guiado por essas informações, e por ventura as mais auctenticas que possuimos, e que—ainda em mal!—em tão pequeno numero são.

No dia 14 já estava a armada na altura das Canarias, e á vista d'ellas obra de 3 ou 4 leguas; andaram todo esse dia em calma; a 22 avistaram as ilhas de Cabo Verde passando pela ilha de S. Nicoláo, segundo asseverara o piloto Pero Escobar (*174*), ou segundo Damião de Goes e outros Sanct'Iago; e no dia seguinte ao amanhecer deram por falta da náu, que segundo Caminha era a de Vasco de Ataide. João de Barros nas suas *Decadas da Asia* diz que tendo Cabral emproado ás ilhas de Cabo Verde para fazer aguada, « lhe deu um tempo que lhe fez perder de sua companha o navio de que era capitão Luiz Pires, o qual se tornou a Lisboa (*175*). » Damião de Goes assevera que com vento prospero

passou pela ilha de Sanct'Iago avante d'aqual se apartou da frota com tormenta a náu de que era capitão Luiz Pires, que arribou a Lisboa (*176*). » Si concordam os dous illustres historiadores do reinado de D. Manoel, estão todavia em manifesta contradicção com as palavras de Caminha, e do piloto auctor da narração da viagem (*177*). « E no dia seguinte, diz este sem fallar em tormenta alguma, esgarrou-se uma náu da armada, por fórma tal que não se soube mais d'ella.» (*178*) O que coincide com as palavras d'aquelle: « sem ahi haver tempo forte nem contrario para poder ser. » Jeronymo Osorio, que parece ter-se baseado nas expressões de João de Barros e Damião de Goes accrescenta: « que applacada a tempestade, cuidou Cabral em recolher a si a armada, em que achou aquella náu de menos, pelo que mandou arrear as vergas e esperar por ella dous dias: vendo porém que não apparecia, pôz a proa no Occidente (*179*), » O piloto nada adianta a esse respeito (*180*) e Caminha ajuncta, o que por certo não confirma o que accrescentára o auctor da *Vida e feitos do rei D. Manoel;* « fes o capitam móor suas deligencias pera ho achar a huumas e a outras partes e não apareceo mais: e assy seguimos *nosso caminho* per esse mar de longo attaam terça feyra Doitavas de Pascoa, que foram 21 dias de Abril que topamos alguns synaaes de terra, seendo da dita Ilha, segundo hos pilotos diziam obra de 660 ou 670 legoas, hos quaaes eram muyta comtidade dervas compridas a que hos mareantes chamam botelho e assy outras a que tambem chamam Rabo Dasno: e aa quarta feyra seguimte pola amanhãa topamos aves a que chamam fura buchos: e n'este dia, a oras de vespora ouvemos vista de terra (*181*). » Antonio Galvão, cujo nome ecternisaram as suas victorias no

Oriente, é de todos os escriptores o que mais se approxima de Caminha: «E tendo uma náu perdida, diz elle no seu *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, em sua busca perdeu Pedro Alvares Cabral a derrota, e indo fora d'ella toparão sinaes de terra, por onde o capitão mór foy em sua busca tantos dias que os da Armada lhe requererão que deixasse aquella porfia: mas ao outro dia virão a costa do Brazil (*182*). Barros, Damião de Goes, Jeronymo Osorio, Castanheda *(183)*, Lafitau *(184)*, Antonio de San Roman *(185)*, Laclede *(186)*, Pero Magalhães de Gandavo *(187)*, Bento Teixeira Pinto *(188)*, Balthasar Telles *(189)*, Simão de Vasconcellos *(190)* e W. Irving *(191)*, não mencionam tempestade alguma, nem corrente, cuja furia ou força arrastassem as náus de Pedro Alvares Cabral; e d'onde pois surgiu essa espantosa tormenta, que, como diz Pero de Mariz, lhe pôz a mão na vida *(192)*? Onde leu Rocha Pitta, que correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, foram mais conduzidos da altissima Providencia que da furia dos porfiados ventos *(193)*? E Laet *(194)*, Maffei *[195]*, Faria *[196]*, Lafuente (*197*), S. Tereza (*198*), Solozarno [*199*], D. Antonio Caetano de Souza [*200*], Vieira Ravasco [*201*], Barbosa Machado (*202*), Brito Freire *(203)*, Jaboatão *[204]*, Balthasar da Silva Lisboa (*205*), Madre de Deos (*206*), Pedro Taques (*207*), Milliet de Saint Adolphe e Caetano Lopes de Moura (*208*), e tantos outros esclarecidos auctores de honrosa reputação, em que documentos se firmaram para asseverar o que por certo não disseram os nossos primeiros escriptores? Em que fonte pois beberam essas informações? Sem duvida confundiram os acontecimentos com as datas, e viram no vento Sueste que cahiu com aguaceiros e que obrigou Cabral a procurar melhor

abrigo [*209*], a tormenta que o arrojára e deu-lhe por accaso a terra de Sancta Cruz, como outr'ora Naddod e Gardar arremessados pela furia dos ventos á Islandia, ou como o filho de Ulf Hraka, Gunnbjorn atirado á Groenlandia. D'aqui nasceu o usar-se sem mais criterio, sem a menor averiguação a palavra acaso, e seus synonymos (*210*), que Raynal, primeiro que todos empregou divagando sobre ella, e de uma maneira pouco digna dos fóros que gosou na republica das lettras quando a sua philosophia tinha essa importancia, que já passou. «Um feliz acaso, exprimia-se assim o auctor da *Historia philosophica e politica dos estabelecimentos e commercio dos europeus nas duas Indias*, destinou no anno seguinte a honra de tal descoberta a Pedro Alvares Cabral. Porque assim succederá com quasi todas as descobertas? Como é que tem o acaso sempre em taes acontecimentos maior parte que o espirito? E' que o acaso trabalha sem cessar, emquanto que o espirito se detem por *preguiça*, muda de objectos por inconstancia, repousa por *lassidão* e *enojo*, e é lançado em inacção por uma infinidade de causas moraes e physicas, domesticas ou nacionaes. E' pois ao acaso ou a esse formigueiro innumeravel de homens que se agitam em todos os sentidos e que volvem seus olhos sobre todos os objectos que os cercam ou os attrahem, muitas vezes, sem o designio de se instruir, sem o projecto de descobrir, e só pela razão de terem olhos; é a elles que se devem a maior parte das descobertas (*211*). » E' pois fóra de duvida que taes considerações cabem a Cabral!... Tal é pelo menos a maneira de escrever a historia philosophica e politica.

Alguns escriptores nossos, taes como o esclarecido visconde de S. Leopoldo (*212*), e o auctor do *Retrospecto*

dos erros das administrações do Brazil (*213*) não viram n'esse descobrimento, como Guilherme Fernandes Raynal, senão a obra do acaso, por isso mesmo que todas as proporções de engrandecimento que offerecia o nosso paiz foram desprezadas e elle retido nas pêas da ignorancia e do embrutecimento pelo longo espaço de tres seculos. Mas aquelle que se glorificára de reunir ás suas armas a esphera, symbolo de seu poder universal, não podia deixar de se felicitar com dilatar o seu imperio pelas quatro partes do mundo, quando não o promovesse de motu proprio. A nova do descobrimento do Brazil, que Cabral apressou-se em communicar a seu rei, não querendo ser o proprio portador d'essa noticia, como muitos lhe aconselharam [*214*], não só causou geral satisfação em todo o reino [*215*], como deu logar ás mais extravagantes combinações astrologicas, pelas quaes poderam prever que a nova terra não só seria opulenta provincia como refugio e amparo dos portuguezes pelos males a que estava destinada a nação portugueza (*216*). Disseram outros, e com elles Brito Freire, que D. Manoel attendeu pouco ao Brazil por estar muito empenhado no Oriente (*217*), quando a carta que este monarcha escreveu aos reis catholicos mostra evidentemente a importancia que lhe merecia, pela necessidade que tinha n'essas alturas de um porto intermediario para a navegação da India: « O dito meu capitão, dizia D. Manuel na sua carta datada de 29 de julho de 1501, partiu com 13 náus de Lisboa a 9 de março do anno passado. Em as oitavas da pascoa seguinte chegou a uma terra que novamente descobriu, á qual deu o nome de Sancta Cruz; achou n'ella gente nua como na primeira innocencia, mansas e pacificas, e parece que Nosso Senhor quiz milagrosamente (*218*) que

se achasse esta terra, porque é muito necessaria e conveniente á navegação da India, porque ali reparou seus navios e se refez de agua; e pela extensão de caminho que ainda tinha que andar não se deteve para se informar das cousas da dita terra, sómente me enviou d'ali um navio a me participar como a encontrára e seguiu sua rota para o Cabo da Boa Esperança (*219*). » O que comprovam as palavras de Antonio Galvão quando refere que « no anno de 1505, partiu D. Francisco Dalmeida, Viso Rey da India com 22 vellas, e fez seu caminho na volta do Brazil como se já costumava (*220*). »

Não serei eu quem para comprovar que esse descobrimento não foi devido á imprevidencia, procure escurecer os indicios e provas contrarias á minha opinião. Assim Barros, Goes, Osorio e outros concordam que os portuguezes que faziam parte da expedição de Cabral mal suspeitavam da sua existencia. « A qual terra, diz Barros, estauão os homens tam crentes em não auer alguma firme occidental a toda a costa de Africa que os maes dos pilotos afirmauão ser alguma grande ilha assi como as Terceiras e as que se acharão por Christouão Colon, que erão de Castella, a que os castellanos commuamente chamão Antilhas (*221*). » Damião de Goes diz quasi o mesmo pelas seguintes palavras: « Ahos 22 dias do mez dabril virão terra do que forão muim alegres por que polo rumo em que jazia não ser nehuma das que atte então erão descobertas (*222*). » Ou como diz Jeronymo Osorio: « Terra de que todos conceberam incrivel contentamento, não havendo nem um dos nossos que tivesse a menor suspeita de que lhes demorasse terra habitada de homens por similhantes paragens (*223*). » Porém a meu favor tenho a *Carta* de Pero de Andrade Caminha, e a *Narração da viagem* pelo piloto,

que fez parte da expedição. Caminha nada diz a esse respeito, relata o seu descobrimento simplesmente, sem que se admire da sua existencia, o que me faz desconfiar que elle de todo não ignorava os designios de Pedro Alvares Cabral. O piloto apenas diz: «Aos 24 de Abril, que era uma quarta feira do oitavario da Pascoa, havemos vista de terra, com o que tendo todos gradissimo prazer nos chegamos a ella para reconhecer.» (*224*)

Falla muito alto em abono da minha opinião a *Carta* que escreveu o mestre João, physico do rei, que fez parte da expedição, e que como a de Pero Vaz de Caminha é datada de Vera Cruz a 1 de maio de 1500. «Senhor, escrevia o bacharel physico e cirurgião a seu rei, beijo as reaes mãos de V. A. porque de tudo o que aqui se tem passado largamente escrevêram a V. Alteza Arias Corrêa como todos os outros. Sómente escreverei sobre dous pontos, Senhor. Hontem, segunda-feira, que foram 27 de abril, descemos em terra eu e o piloto do capitão mór e o piloto de Sancho de Tovar, e tomamos a altura do sol ao meio dia e achamos 56 gráus, e a sombra era septentrional (?), pela qual segundo as regras do astrolabio julgamos estar afastados da equinocial por 17 gráus, e por conseguinte ter a altura do polo antartico em 17 gráus, segundo o que é manifesto.

«Quanto Senhor ao sitio d'esta terra, mande V. A. trazer um mappa mundo que tem Pero Vaz Bisagudo, e por ahi poderá ver V. A. o sitio d'esta terra; porém n'elle não se certifica ser esta terra habitada e não é mappa mundo antigo, e ali achará V. A. escripta tambem a mina. Hontem quasi entendemos por accenos que era ilha e que eram quatro e que de ou-

tra ilha veem aqui almadias a pelejar com elles e os levam captivos.» (*225*)

Assim se exprimia o mestre João, deixando ver n'essa carta, que o tempo não consumiu, uma quasi certeza de que Pedro Alvares Cabral dando outra direcção á sua armada que não aquella que dera Vasco da Gama, tentou intervir no descobrimento das terras do Oeste, procurando-as pelos vestigios assignalados em muitos mappas que existiam em Portugal, tal como essa que possuia esse Pero Vaz, podendo ser que fosse a mesma que Toscanelli enviára ao conego de Lisboa, Fernando Martinez, como se deixa ver de sua carta escripta a Christovão Colombo em 25 de Junho de 1474. (*226*)

O mappa, que Lafitau collocou em frente de sua obra, mostra as derrotas de Cabral e de Vasco da Gama (*227*); estou certo que o illustre jesuita, (*228*) que tantos documentos teve á sua disposição para a factura da *Historia das conquistas dos Portuguezes no novo-mundo* não as traçaria segundo as suas inspirações, quando na relação que elle dá de sua viagem nada ha que faça duvidar de sua veracidade, que, a par da mais restricta concisão de estylo, sobresahe essa maneira simples da exposição ingenua de Caminha e de um dos pilotos de Cabral, «fontes primitivas, como lhe chama o Sr. F. Denis que narram sem exageração o proprio facto antes que seja involvido em circumstancias estranhas ao principal acontecimento, e que permittem ao leitor tornar-se por momento historiador.» (*229*) E pois pela derrota de Cabral vemos que elle navegára encostando-se sempre para o Oeste, aonde seus designios o encaminhavam, e á proporção que se approximasse, podia dizer como Colombo: «La

mar era como un rio, los aires dulces y suavisimos.» (230)

O roteiro de Cabral poderia esclarecer de todo em todo os designios que elle teve: si, como o de Vasco da Gama, vier ainde á luz da imprensa, acharáõ os estudiosos a verdade ainda mesmo quando involta em tal ou qual sombra. Ah! E que de mysterio reina em tudo isso! Deixou Caminha aos pilotos a historia da marinhagem e sangraduras do caminho, e elles não a escreveram; as *Cartas* de Cabral e seu *Roteiro*, posterior ao de Vasco da Gama, que acaba de ser impresso, não apparecem, e das instrucções que recebera do feliz rei D. Manuel, e que foram archivadas na Torre do Tombo, só existem fragmentos relativos ás cousas da India, e de todo inuteis para a nossa historia.

E qual foi o galardão que teve Pedro Alvares Cabral? O mesmo que alcançou Christovão Colombo:— a injustiça, a ingratidão, e tambem o esquecimento!... A armada que devia vingar as affrontas que elle recebêra nos mares da India, cuja capitania mór lhe dera D. Manuel, foi-lhe d'ahi ha pouco tirada, «e, diz Castanheda, por alguns justos respeitos.» (231) Essa phrase explica Brito Freire, historiador da *Guerra brasilica*, casado com uma descendente do illustre capitão mór, (232) quando affirma que a elle «fez el-rei tantas honras, como si n'ellas só lhe quizera pagar os assignalados serviços, a que corresponderam depois mais escassos os premios.» (233) E assim foi! Repartiu-se o Brazil em capitanias, que foram doadas a famosos capitães do reino (234) e Pedro Alvares Cabral ficou esquecido em Santarem, onde morreu de desgosto sem que a posteridade lhe pagasse no tumulo a devida homenagem, até que um brazileiro (235) foi sacudir a

poeira de sua campa e ler esse grande nome sobre a lousa do sepulchro. Era bastante a palavra *miserrimus* por seu epitaphio, porque, como nota o grande Chateaubriand, ella explicaria melhor, que o seu nome, que ali jazia o genio—que tem por apanagio o infortunio, mas que não produz obra do acaso.

Nictheroy, 6 de Dezembro de 1850.

NOTAS

Pag. 127. (1) ALEXANDRE DE GUSMÃO, na sua *Falla á Academia real da historia portugueza*, quasi que assim se exprime.

Pag. 127. (2) Na *Introducção* ás *Cartas de Americo Vespucci*. V. *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, tomo* 2.º, *n.º* 4.º, *pag.* 3.

Pag. 127. (3) Io me volsi a man destra, e posi mente
All altro polo, e vidi quattro stelle
Non viste mai fuor ch'alla prima gente.

Purgatorio, canto 1.º

Pag. 127. (4) V. NAVARRETE *Col. de los viag. y desc. tomo* 3, *sec.* 2, *viages de Americo Vespucio e* G. B. RAMUSIO, *Navigacione et viaggi.*

Pag. 127. (5) « Cruz maravilhosa, diz elle, mais bella que todas as constellações que brilham na abobada celeste. »

Pag. 127. (6) « Stando noi in mezzo al mare vidimo una croce di cinque stelle lucidissime diritto al ponento ed esatamente disposte in forma de croce. » *Primo viaggio in torno al globo terracqueo:* 1 *vol. in fol.*, *Milão* 1800, *Lib.* 2 *pag.* 47.

Pag. 127. (7) Passou Oviedo, auctor da *Historia general de las Indias*, na America desde 1513 até 1547; Carlos V galardoou os seus serviços com a graça de poder tomar por armas as estrellas do Cruzeiro. V. *Hist. gen. de las Ind.* (*ed. de* 1547) *liv.* 2, *cap.* 11, *pag.* 16 *b.*

Pag. 128. (8) *Bibliotheca lusitana*, 4 *vol. in fol.*. *Lisboa* 1727, *tomo* 3, *pag.* 554.

Pag. 128. (9) V. AYRES DO CASAL, *Corographia brazilica ou Relação historica e geographica do reino do Brazil*, 2 *vols. in* 4.º, *Rio de Janeiro*, 1818, *tomo* 1.º, *pag.* 13. *Noticia para a historia e geographia das nações ultramarinas*, *tomo* 4.º, *pag.* 144 &c. O original d'esta interessante carta conserva-se no real archivo da Torre do Tombo (*Gaveta* 8.ª, *masso* 2.º, *n.* 8). « Por vezes, diz o Sr. F. A. de Varnhagen, temos visto e admirado o seu original; são seis venerandas folhas de papel, que constitue o mais antigo documento que existe em nossa lingua materna, escripto no nosso paiz natal. » *Primeiras neg. dipl. respect. ao Brazil.* V. *Memorias do Inst. hist. e geogr. do Brazil, tomo* 1, *pag.* 122. A *Carta* impressa pela Academia real das sciencias de Lisboa é mais correcta do que a dada á luz pela primeira vez por AYRES DO CAZAL, porém não tanto como a copia que possue o archivo do Instituto historico e geographico brazileiro, remettido de Lisboa pelo Sr. F. A. de Varnhagen. Tem sido traduzida em todas as linguas cultas.

Pag. 128. (*10*) V. SIMÃO GRINEO, *Novus Orbis Regionum et Insularum veteribus incognitarum.* 1 *vol. in fol. Hernagium* 1555. *pag.* 46.

Pag. 128. (*11*) *Navigaccione et viaggi,* 3 *vols. in fol. in Venetia,* 1563, *tomo* 1, *pag.* 121.

Pag. 128. (*12*) Ou *Fragmentos que existem na Torre do Tombo das instrucções dadas por El-Rei D. Manoel a Pedro Alvares Cabral, quando chefe da armada, que indo á India descobriu casualmente o Brazil em* 1500. V. *Revista trimensal do Instit. hist. e geogr. braz. Tomo* 1.°, 2.° *serie n.°* 1, *pag.* 99.

Pag. 128. (*13*) GIO BAPTISTA RAMUSIO, na sua obra já citada, *Navigaccione et viaggi.* V. tambem *Collecçao de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, tomo* 2.°, *n.°* 4.

Pag. 128. (*14*) V. *Col. de not. para a hist. e geogr. das nações ultramarinas, tomo* 2.°, *n.°* 4, *introducção, pag.* 4.

Pag 128. (*15*) *Historia da provincia de Santa Cruz.* Pensa-se geralmente que não passou de alguns apontamentos; o proprio BARROS diz nas suas *Decadas da Asia:* « E porque em a quarta parte da escriptura, a qual como no principio dizemos se chama Sancta Cruz e o principio d'ella começa n'este descobrimento: lá fazemos mais particular menção d'esta chegada de Pedralvares, e assi do sitio e cousas da terra. » *Decadas da Asia, edição de* 1628, *livro* 5.° *da* 1.ª *decada, cap.* 2.°, *fol.* 88. BEAUCHAMP, na sua rapsodia *Historia do Brazil, traducção portugueza, Lisboa,* 1817, *tomo* 1, *liv.* 2, *pag.* 39, intitulou-o « testemunha occular da partida de Cabral » quando João de Barros contava apenas quatro annos de idade! V. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca lusitana, tomo* 2.°, *pag.* 603, MANOEL SEVERIM DE FARIA, &c.

Pag. 128. (*16*) Só resta da sua obra a tradição de ter sido offerecida por elle ao rei D. João III. V. *Col. de not. para a hist. e geogr. das nac. ultr.*

tomo 2.°, *n.°* 4, *introducção, pag.* 4. NAVARRETE, *Col. de los viages, tomo* 3.°, *documentos de Americo Vespucio, n.°* 15. *Carta do* SR. VISCONDE DE SANCTAREM, *pag.* 313, *&c., &c.*

Pag. 128. (*17*) *America portugueza.* Esta obra foi entregue em Madrid por seu auctor a Duarte de Albuquerque, que a pretendia imprimir por sua conta como interessado nas cousas do Brazil, mas foi subtrahida do Conselho real de Castella, a cujo juizo havia sido submettida para alcançar a necessaria licença, por um inimigo de Duarte Coelho, de maneira que nunca mais puderam, nem Faria e Souza, nem Duarte Coelho obtel-a, quer com a licença, quer sem ella. Tal é a exposição que faz Pedro de Faria e Souza na edição das obras de seu illustre pai. V. *Asia portugueza de* MANOEL DE FARIA E SOUZA, *Lisboa,* 2 *vols. in fol.* 1666. *Tomo* 2.°, *prologo.*

Pag. 129. (*18*) *Historia da provincia de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil. Lisboa* 1 *vol. em* 4.°, 1576.

Pag 129. (*19*) CAMÕES, *Ao muito illustre Sr. D. Lionis Pereira sobre o livro que lhe offerece Pero de Magalhães.* Acha-se em face da edição já citada, da qual existe um exemplar na Bibliotheca nacional.

Pag. 129. (*20*) É igualmente para lastimar que o nosso Instituto não désse á luz publica a *Memoria sobre a navegação dos antigos que deu logar ao descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral* do general CUNHA MATTOS, lida na sessão inaugural, pois já não existe no seu archivo!

Pag. 129. (*21*) Assim o communicou ao Instituto historico e geographico brazileiro o conselheiro MANOEL JOSÉ MARIA DA COSTA E SÁ, offerecendo-se para copial-as. V. *Revista trimensal*, 1.ª *serie, tomo* 2.º *n.º* 7, *pag.* 393.

Pag. 129. (*22*) Por decreto do rei D. José I de 9 de outubro de 1753.

Pag. 129. (*23*) Chronista geral de todas as provincias ultramarinas da real corôa por decreto do mesmo rei, de 21 de outubro de 1752. V. BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca lusitana, tomo* 4.º, *pag* 165.

Pag. 129. (*24*) « El-rei, dizia elle, me honrou com o logar autorisadissimo de chronista geral de todas as provincias ultramarinas de sua corôa. » V. *Das vindicias apologeticas e criticas contra o prologo anti-critico que escreveu o padre D. Lourenço Justiniano da Annunciação, Paris,* 1 *vol. in fol.*, 1760, 1.ª *vindicia*, § 22, *pag* 12.

Pag. 129. (*25*) Cabe aqui agradecer ao Sr. Luiz Antonio Machado dos Reis os obsequios que me prestou na Bibliotheca nacional; em outras partes não fui tão feliz, não encontrei tanta bondade, tão boa vontade, assim como tanto zelo no desempenho de um emprego de tamanha lida e de tão pouca retribuição.

Pag. 130. (*26*) ALEXANDRE DE HUMBOLDT, *Cosmos, essai d'une description physique du monde, traduit par* H. FAYE *et* CH. GALUSKI. *Paris,* 2 *vols. in* 4.º, 1847. *Première partie,, pag.* 311.

Pag. 131. (*27*) *Idem, pag.* 312.

Pag. 132. (*28*) *Carta escripta da Lagôa Sancta (Minas Geraes) a* 21 *de abril de* 1844. *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, ser.* 1, *tomo* 6.º, *n.º* 23, *pag.* 326.

Pag. 132. (*29*) *Revista trimensal do Instituto historico e geographico brazileiro, ser.* 1, *tomo* 6.º, *n.º* 24, *pag.* 442.

Pag. 132. (*30*) *Idem, ser.* 1, *tomo* 2.º, *n.º* 7, *pag.* 400.

Pag. 132. (*31*) ALEXANDRE DE HUMBOLDT, no seu já citado *Cosmos.*

Pag. 133. (*32*) V. CARLOS CHRISTINIANO RAFN, *Memoria sobre o descobrimento da America, traduzida por* MANOEL FERREIRA LAGOS. *Revista do Inst. hist e geogra. brazil, ser.* 1, *tomo* 2.º, *n.º* 6, *pag.* 208 *e seguintes.*

Pag. 133. (*33*) Levou João de Barros a mal que « o vulgo sem consideração e não habilitado para dar nome ás propriedades da real corôa, » trocasse

esse nome pelo do Brasil, *Asia, dec.* 1, *liv.* 5.º, *cap.* 2.º, *fl.* 88 *v.* Quizera antes D. Antonio Caetano de Souza que se chamasse *Manoelica*, pois que « a ventura do rei D. Manoel e não as demarcações de Americo Vespucci deveu o mundo mais claro conhecimento d'esta grande parte do mundo. » *Hist. gen. da casa real port. Tom.* 3.º, *cap.* 5.º, *pag.* 169. Foi levado pelas considerações de João de Barros e outros, que mais tarde ordenou o governo portuguez e substituição dos nomes indigenas das localidades brasilicas por nomes identicos aos das localidades portuguezas, corrompidos e viciados como *Sanctarem* a outros que taes!

Pag. 133. (*34*) *In insulorum, lib.* 3.º, *pag.* 162.

Pag. 134. (*35*) A inquisição influiu no Brazil logo no primeiro seculo de seu descobrimento. « Officio da inquisição não houve até agora, pôsto que os bispos usam d'elle quando é necessario por commissão que tem, mas dando appellação para o Sancto Officio de Portugal, e com isso se queimou já na Bahia um francez herege. Agora tem o bispo D. Antonio de Barreiros este officio para com os indios sómente, e é nomeado por seu coadjuctor o padre Luiz da Gran, da Companhia, que é agora reitor do collegio de Pernambuco.» *Informação do Brazil e suas capitanias em* 1584. *Revista do Inst. hist. e geog. braz., ser* 1, *tomo* 6.º *n.º* 24, *pag.* 412. V. a mesma *Revista, n.º* 23, *pag.* 322, *tomo* 7.º *n.º* 25, *pag.* 54 *e n.º* 27, *pag* 426, &c., &c., &c.

Pag. 134. (*36*) *Istoria de las Indias. Saragoça*, 1552.

Pag. 134. (*37*) « Tem um piquo mui alto, que chamam o Brazil, que fazendo claro se vê muito ao mar. » MANOEL DE FIGUEIREDO, *Roteiro das Indias, Lisboa*, 1 *vol. in* 8.º, 1632. *fol.* 32 *v.*

Pag. 135. (*38*) JOSÉ SILVESTRE RABELLO, nas suas *Memorias sobre a palavra Brazil* publicadas no 1.º e 2.º *tomos da* 1.ª *ser. da Revista trimensal do Instituto.* ALEXANDRE DE HUMBOLDT nada deixa a desejar sobre as denominações locaes a que deu nome o *páu brazil*, na sua obra *Histoire de la géographie du nouveau continent.* V. tambem NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc. Tom.* 3.º, *pag.* 9, *nota* 2.

Pag. 135. (*39*) *Memoria sobre o descobrimento da America no decimo seculo*, já citada.

Pag. 135 (*40*) « Sur la carte géographique d'André Bianco, tracée en 1436 et conservée dans la bibliothèque de Saint Marc à Venise, se trouve indiquée précisément sous le même nom de Brésil une île située dans l'Atlantique! Ce monde-là ne serait donc nouveau que pour nous qui ne le connoissions pas.» *Histoire universelle, traduite par Eugène Aroux et Pierre Silvestro Leopardi, Paris*, 1843. Tomo 1.º, Liv. 1.º chap 3.º, pag. 157.

Pag. 135. (*41*) *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil e das entradas das religiões e suas fundações.* V. *Revista trimensal do Inst. hist. e geogr. brazileiro*, 1.ª *ser., tomo* 2.º, *n.º* 8, *pag.* 425. BALTHASAR DA SILVA LISBOA, *Annaes do Rio de Janeiro, tomo* 1, *part.* 1, *liv.* 1 · *cap.* 1, *pag.* 1, *nota.*

Pag. 136. (*42*) *Diario da navegação de Pero Lopes de Souza, publicado por* FRANCISCO AUGUSTO DE VARNHAGEN, *Lisboa*, 1 *vol. in* 4.º, 1839.

Pag. 136. (*43*) « Não sabia escrever, diz o Sr. VARNHAGEN, e por seu signal usava de um risco com volta de ferradura aberta para o lado esquerdo em que ia o seu nome de baptismo, seguindo-se o appellido. » V. *Revista trimensal do Inst. hist. e geogr. brazileiro, ser.* 1. *tomo* 2.º, *n.º* 8, *pag.* 527.

Pag. 136. (*44*) V. *Revista do Inst. hist. e geogr. brazileiro, ser.* 1. *tomo* 6.º, *n.º* 21, *pag.* 94, *e tomo* 5.º, *n.º* 20, *pag.* 432.

Pag. 136. (*45*) *Liv. II.* § 18 e seguintes, *pag* 111 e seguintes.

Pag. 137. (*46*) *Orbe seraphico novo brazilico*, 1.ª *parte da Chronica dos frades menores da provincia de S. Antonio do Brazil, Lisboa*, 1 *vol. in fol.* 1761, *Livro antep. cap.* 9.º, *n.º* 30, *pag.* 17.

Pag. 137. (*47*) *Historia da America portugueza, Lisboa* 1 *vol. in fol.*, 1730, *Livro* 1.º, *pag.* 25, *n.º* 37, *pag* 48, *n.º* 80.

Pag. 137. (*48*) Na já citada *Noticia do descobrimento do Brazil.* V. *Revista trimensal do Inst. hist. e geogr. brazileiro*, 1.º *ser.*, *tomo* 2.º, *n.º* 8, *pag.* 428 *e seg.*

Pag. 137. (*49*) *Viagem e visita do sertão em o bispado do Gran-Pará em* 1762 *e* 1763. V. *Revista trimensal do Inst. histor. e geogr. brazileiro. tomo* 2.º *da* 2.ª *ser.*, *n.º* 7, *pag.* 369.

Pag. 137. (*50*) « A Serra das Letras, diz o illustre general, é famosa nas Minas Geraes, pela tradição de haver ali habitado o apostolo S. Thomé, a quem dedicaram uma capella; e accrescentam que sendo o sancto perseguido, escrevêra em caracteres desconhecidos varias prophecias sobre a futura entrada de christãos no mesmo logar. Os jesuitas, ou alguem por elles, tiveram a habilidade de apresentar no Brazil o apostolo das Indias (si é que visitou essa região, o que se reconhece não haver realmente acontecido), ou talvez converteram uma sancta personagem que se diz ter andado pelo Brazil, onde lhe chamaram *Sumé*, em o apostolo S. Thomé, o qual certamente escreveria na lingua hebraica, siriaca ou caldaica, por não ter tempo para inventar (como praticou o bispo grego Ulfilas) caracteres para transmittir á posteridade as suas prophecias. Eu não vi esses caracteres, e estou persuadido que são dendrites; pôsto que não se póde negar a existencia de hieroglyphicos de um povo antiquissimo em varios logares do Brazil, assim como não me atreverei a negar a existencia de um Sumé, que bem podia ser companheiro ou discipulo de Manco Capac ou apostolo dos antigos legisladores que introduziram um culto religioso muito philosophico no Mexico, Guatimala e Nova Granada, como o testificam os maravilhosos e estupendos monumentos, que ha poucos annos a esta parte se tem enconrtado. É pra lamentar que algum dos muitos sabios mineiros não tenha extrahido um desenho das letras ou o quer que é da serra deste nome para se conhecer si são obras da natureza ou se foram construcções das mãos de homem. » *Itinerario do Rio de Janeiro ao Pará*, 2 *vol. in* 4.º, *Rio de Janeiro*, 1836, *tomo* 1.º, *pag.* 63.

Pag. 137. (*51*) Datada de 15 de março de 1632, prohibindo-as.

Pag. 137. (*52*) A maior parte dos auctores dizem que em 26 de janeiro; NAVARRETE, porém, diz que no dia 20, eis as suas palavras; «MARTYR disse: séptimo kalendas februarii, que es el 26 de enero, de donde lo copiò Munoz. Nos otros seguimos á la *Relacion italiana* que senala el dia 20.» *Coleccion de los viages, tomo* 3.°, *seccion primera, viages menores, pag.* 19, *nota.*

Pag. 137. (*53*) D. MARTIM FERNANDEZ DE NAVARRETE. *Coleccion de los viages y descubrimientos que hicieron por mar los espanoles. Madrid,* 4 *vols. in* 4.° 1825—1837. *Tomo* 3.°, *n.°* 13, *pag.* 18. V. tambem *Supplemento primero a la coleccion diplomatica. n.°* 69, *pag.* 538 *e seguintes* no mesmo *tomo.*

Pag. 137. (*54*) DD. JORGE JUAN Y ANTONIO DE ULLOA, *Relacion historica del viage a la America meridional hecho de orden de S. M. para medir algunos grados de meridiano terrestres y venir &c. Madrid,* 4 *vols. in fol.,* 1748, *Tomo* 2.°, *livro* 6.°, *cap.* 5.°, § 2.°, *n.°* 897, *pag.* 516.

Pag. 137 (*55*) NAVARRETE, na citada *Coleccion de los viages, tomo* 3.°, *n.°* 15, *pag.* 20. V. tambem ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, *Propriedade e posse das terras do Cabo do Norte,* na *Revista trimensal do Inst. hist. e geogr. brazileiro, tomo* 3.°, *n.°* 12, *pag.* 389. ANTONIO GALVÃO, *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos feitos até a era de* 1550, *Lisboa, nova edição,* 1731, *anno de* 1499. OVALLE, *Relacion del reino do Chile. cap.* 7.°, *pag.* 118. FERDINAND DENIS, *Le Brésil, Paris,* 1 *vol. in* 4.°, 1839, *pag.* 2, *col.* 1.ª D. JORGE JUAN Y D. ANTONIO DE ULLOA, *Relaci n historica, tomo* 2.°, *libr.* 6.°, *cap.* 5.°, § 2.°, *n.°* 897, *pag.* 516. MANOEL SEVERINO DE FARIA, na *vida de João de Barros. &c. &c. &c.*

Pag. 137. (*56*) NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 3.°, *sec.* 1.°, *n.°* 18, *pag.* 23.

Pag. 137. (*57*) Idem, *Coleccion de los viages, tomo* 1.°, *observacion* 3.°, *pag.* 594, *não* obstante o que se lê a *paginas* 23, 24 *e* 320 *do* mesmo *tomo.*

Pag 138. (*58*) ROCHA PITTA. «N'ella surgindo as náus, pagou o general áquella ribeira a segurança que achára depois de tão evidentes perigos, com lhe chamar *Porto Seguro* e a terra *Sancto Cruz.*» *Historia da America portugueza, liv.* 1.° *n.°* 6, *pag.* 6.

Pag. 138. (*59*) Assim o declarou André de Morales nas *Probanzas hechas por el fiscal del rey en el pleito que siguió contra el almirante de Indias D. Diego Colon, hijo del primer almirante D. Cristóbal, sobre los descubrimientos que este hizo en el nuevo mundo.* V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 3.°, *n.°* 69, *suplemento primero á la coleccion diplomático, pag.* 552.

Pag. 138. [*60*] NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 3.°, *sec.* 1.°, *viages menores, n.°* 16, *pag.* 21.

Pag. 138. [*61*] Idem, idem, *n.°* 18, *pag.* 24, &c.

Pag. 138. (62) *Histoire de la vie et des voyages de Christophe Colomb, traduction de Defauconpret fils, Paris, 2.me edition, 4 vols., 1816. Liv. 14. cap. 2, pag.* 129.

Pag. 138. (63) ENCISO, *Suma de geografia, Sevilla,* 1519, segundo NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 3, *observacion* 3, *pag.* 595.

Pag. 138. (64) Na *Vida de Colombo*, traduzida depois em francez e impressa em Paris em 1824. « As viagens que este florentino fez, diz elle, forão emprehendidas por ordem da côrte de Portugal, que foi então quando descobriu o Brazil; honra que os hespanhóes lhe disputão, e que os portuguezes attribuem a um de seus compatriotas Pedro Alvares Cabral, em 1500 » *pag.* 179 da traducção. V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 1.°, *illustracion* 8.ª, *pag.* 139. FR. ANTONIO DE SAN ROMAN na sua *Historia general de la India oriental* diz que o Brazil foi descoberto por Americo Vespuci antes de Cabral, de quem tomou nome esta quarta parte do mundo. *Livro* 1.°, *cap.* 11, *pag.* 57.

Pag. 139. (65) *Le Bresil, pag.* 2, *col.* 1.

Pag. 139. (66) Na sessão de 10 de junho de 1847 offereceu o Sr. dr. Manoel Ferreira Lagos, 1.° secretario, o seguinte *Programma*, que foi approvado, como digno de occupar a attenção do Instituto historico e geographico brazileiro: « Quaes as tradições conservadas pelos autochtones ou vestigios physicos descobertos até hoje, que possam confirmar a opinião de alguns auctores, — de haver o Brazil sido visitado por europeos, ou por outros quaesquer descendentes do velho-mundo, antes da chegada do venturoso Cabral. » V. *Revista do Instituto hist. e geogr. brazileiro, tomo* 2.°, 2.ª *ser. n.°* 6. *pag.* 278.

Pag. 139. (67) *Como se deve escrever a historia do Brazil, dissertação.* V. a *Revista do Instituto hist. brazileiro, tomo* 6.°, 1.ª *serie, n.°* 24, *pag.* 389.

Pag. 139. (68) Traducção de um amigo.

Pag. 140. (69) V. *Revista do instituto hist. e geogr. brazileiro, tomo* 1.°, 1.ª *serie.*

Pag. 140. (70) A mesma *Revista, tomo* 3.°. *pag.* 197; *tomo* 4.°, *pag.* 21; *supplemento, tomo* 6.°, *pag.* 318; *tomo* 7.°, *pag.* 102, *&c. &c. &c.*

Pag. 140. (71) MANOEL RODRIGUES DE OLIVEIRA, *Novos indicios de uma antiga povoação abandonada no interior da Bahia: Revista trimensal do Instituto hist. e geogr. brazileiro,* 2.ª *serie, tomo* 3.°, *n.°* 11, *pag.* 363.

Pag. 140. (72) VASCONCELLOS, *Chronica da companhia de Jesus no estado do Brazil.*

Pag. 140. (73) *Omnia divini* PLATONIS *opera, translatatione* MARSILII FICINI, *Lib.* 32, *Timaeus, vel de natura.*

Pag. 141. (74) NAVARRETE, *Coleccion de los viages, tomo* 2.° *Documentos diplomaticos, n.°* 71, *pag.* 108 *e seguintes.*

Pag. 141. (75) Acha-se na Torre do Tombo *(Corpo chronologico, parte*

3.º, *mac.* 2.º, *doc.* 2) e foi remettida de Lisboa ao Instituto historico e geographico brazileiro pelo socio correspondente o Sr. Varnhagen e publicada na *Revista trimensal, tomo* 5.º, *n.º* 19, *pag.* 342.

Pag. 142. (76) *Conquêtes des Portugais dans le nouveau monde, Paris*, 2 *vols. in fol.*, 1733. V. *tomo* 1.º, *Mappemonde pour servir à l'histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le nouveau monde.*

Pag. 142. (77) *Chronica do descobrimento do Brazil. V. Panorama, jornal semanal de Lisboa, tomo* 4.º *de* 1840, *pag.* 21. Foi reimpressa avulsa no Rio de Janeiro, n'este mesmo anno, e reproduzida em algumas folhas do imperio.

Pag. 142. (78) Veneza, de quem disse CAMÕES:

A soberba Veneza está no meio
Das aguas que tam baixa começou;
Da terra um braço vem ao mar, que cheio
De esforços, nações varias subjeitou;
Braço forte, de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.

Lusiadas, canto 3.º, *est.* 14.

Pag. 143. (79) FERNÃO LOPES DE CASTANHEDA, *Historia do descobrimento e conquista da India pelos portuguezes, Lisboa, 2 vols. in* 4.º, 1792. *Tomo* 1.º, *Livro* 1.º, *cap.* 1.º, *pag.* 1.

Pag. 143. (80) D. FRANCISCO MANUEL DE MELLO, *Epanaphora de varia historia portugueza. Lisboa* 1 *vol. in* 4.º, 1660. *Epanaphora tragica II, pag.* 161 *e* 162 &c.

Pag. 143. (81) FRANCISCO JOSÉ FREIRE *(Candido Lusitano) Vida do infante dom Henrique. Lisboa,* 1 *vol. in fol.* 1758, *pag.* 25.

Pag. 143. (82) *Catalogo das Rainhas.* «Os nossos antigos em tudo, diz elle, queriam estrondos e façanhas extraordinarias; cada bote de lança havia de derribar uma muralha, e cada golpe de espada partir um monte. Por isso nas batalhas com os mouros morriam aos trezentos e aos quatrocentos mil; favor é dos chronistas deixarem alguns com vida para levarem as novas do estrago. A cada passo mudavam os rios de côr, porque em logar de agua os faziam correr de sangue, e com estas narrações alegravam e satisfazim ao povo.»

Pag. 144. (83) «Milicia que instruira seu 3.º avô, dom Diniz, para destruição dos infieis.» FREIRE, na já citada *Vida do infante, liv.* 2.º *pag.* 149.

Pag. 144. (84) O mesmo, *liv.* 2.º *pag.* 183.

Pag. 144. (85) WASHINGTON IRVING, na já citada traducção de DEFAUCONPRET FILS, *tomo* 1, *liv.* 1, *cap.* 3.º *pag.* 30.

Pag. 145. (86) *Tomo* 1, *liv.* 1, *cap.* 3.º, *pag.* 32, da supracitada traducção.

Pag. 145. (87) FREIRE na *Vida do infante, livro* 4 *pag.* 339.

Pag. 145. (*88*) Nasceu em 4 de março de 1394 e morreu em 13 de novembro de 1460. FREIRE, que compoz a sua biographia, assim resume o seu elogio relativamente a seus descobrimentos; « Meditou e pôz em pratica o descobrimento de novas terras e nôvos mares, e para isso armou um grande numero de navios, e ora com honras e ora com premios comprou a uns a ousadia, a outros tirou o medo e fê-los investir com mares nunca sulcados. A idéa custou grandes despezas e maiores murmurações; uma e outra cousa desprezava o infante, firme na esperança de que os gastos se tornariam em lucros e a contradicção em applausos. Não tardou de vêr esses effeitos; as náus vinham carregadas de presas, os exploradores alegres com as noticias das novas terras, e o povo murmurador vendo com os olhos os erros de seus juizos, mudou logo de linguagem, e já apregoava nas praças o zelo do infante. Não se leva de breve carreira o caminho da gloria: a que este principe conseguiu por seus descobrimentos, custou-lhe quarenta annos de trabalho e de constancia; mas o fructo respondeu bem ás esperanças deixando descobertas 370 leguas de costas, que tanto é do Cabo-Bojador até a Serra-Leôa. D'este modo deixou o reino mais opulento em fama, e em termo de ser mais rico em dominio. Com este caminho aberto facilitou igualmente a navegação a todas as nações da Europa. » *Livro* 4. *pag.* 387.

Pag. 145. (*89*) O mesmo FREIRE, na supracitada *Vida do infante, liv.* 2, *pag.* 186.

Pag. 145. (*90*) « Bartholomeu Diaz e os de sua companha por causa dos perigos e tormentas, que em dobrar d'elle passaram, lhe pozeram nome *Tormentoso.* » JOÃO DE BARROS, *Asia, dec.* 1, *liv.* 3.° *cap.* 4.°, *pag.* 190.

Pag. 145. (*91*) *Tome* 1, *livre* 2, *chap.* 3.° *pag.* 24.

Pag. 146. (*92*) Na *dedicatoria ao rei D. José I.*

Pag. 146. (*93*) *Cosmos, tomo* 2, *pag.* 292.

Pag 146. (*94*) Idem, *tome* 2. *pag.* 308.

Pag. 146. (*95*) « Rei christão imaginario, » diz WASHINGTON IRVING, na *Histoire de la vie et des voyages de Christophe Colomb, traduction de Defauconpret fils, Tome* 1, *cap.* 5.°, *pag.* 51.

Pag. 146. (*96*) A. DE HUMBOLDT, *Cosmos,* 2, *pag.* 309. BARROS, *Decadas da Asia, dec.* 1, *liv.* 3. *cap.* 5.° LA PUENTE, *comp. de las hist. de la India, lib.* 3, *cap.* 1 *y* 2. NAVARRETE, *Col. de los viages y descubrimientos, Tomo* 1, *Introduc. pag.* 41.

Pag. 147. (*97*) *Asia, dec.* 1, *liv.* 4, *cap.* 2.

Pag. 147. (*98*) *Un uom della Liguria avrà ardimento*
All' incognito corso esporsi in prima.

Gerusolemme liberata, cant. XV. est. 31.

Ou como disse o nosso epico na sua *Assumpção*:

> O' ligure immortal; n'esta ardua empreza
> Tornaste a abrir a porta á natureza;
> E obrigaste a adorar do mundo a gente
> Como de novo, a mão do Omnipotente.

Pag. 147. (*99*) HEREDOTO.

Pag. 147. (*100*) WASHINGTON IRVING, *Histoire de la vie et des voyages de C. Colomb, tome* 1, *chap.* 5.°, *pag.* 50. V. tambem PAGÈS, *Biographia de C. Colombo*, traducção do bispo do Pará, D. JOSÉ AFFONSO DE MORAES, impressa na *Revista trimensal*, 1.ª *serie, tomo* 7.° *n.°* 25.

Pag. 148. (*101*) V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descobrimientos*, *Tomo* 1, *Cuarto y ultimo viage de Colon, pag.* 303. E pouco mais ou menos o que diz Colombo, quando, cansado, adormeceu a gemer; e ouviu uma voz piedosa que lhe dizia: «O estulto y tardo a crer y á servir á tu Dios, Dios de todos! &c. &c.»

Pag. 148. (*102*) WASHINGTON IRVING. *Histoire de la vie* &c. *Tomo* 1, *cap.* 3. *pag.* 37.

Pag. 148. (*103*) A. DE HUMBOLDT, *Cosmos*, *tomo* 2, *pag.* 329.

Pag. 148. (*104*) «Acabó el de fablar, quien quiera que fuese, diciendo: «No temas, confia: todas estas tribulaciones estan escritas en piedra marmol, «y no sin causa.» *Cuarto y ultimo viage de Colon*, na *Col. de los viag. y desc. de* NAVARRETE, *tomo* 1, *pag.* 304.

Pag 149. (*105*) V. NAVARRETE na sua já tão citada *Col. des los viag. y desc.* as quatro *viagens de Christovão Colombo*, *tomo* 1.

Pag. 149. (*106*) A. HUMBOLDT, *Cosmos*.

Pag. 149. (*107*) *Lib.* 1, *cap.* 3.°

Pag. 149. (*108*) *Lib. IV, cap.* 17.°, *pag.* 567.

Pag. 149. (*109*) *Lib. III, cap.*76.°, *fol.* 207 *v.*

Pag. 149. (*110*) *Lib. I, cap.* 5.°.

Pag. 149. (*111*) *Cap.* 2.°.

Pag. 149. (*112*) *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil.* V. *Revista trimensal*, 1.ª *serie, tomo II, n.°* 8, *pag.* 425.

Pag. 149, (*113*) *Chronica da companhia de Jesus no estado do Brazil*, *Liv.* 1, *n.°* 2, *pag* 3.

Pag. 149. (*114*) *Nova Lusitana, Historia da guerra Brazilia, Livro* 1, *pag.* 8, *n.°* 11.

Pag. 149. (*115*) *Lib. II, cap.* 2. FRANCISCO DE GOMARA e o padre JOSEPH DE ACOSTA; este na sua *Historia naturale de las Indias, lib. I, cap.*, 19.º e aquelle na sua *Historia de las Indias, cap.* 13.º, referiram o successo sem mencionar o descobridor: todavia Fr. BARTOLOMÈ DE LAS CASAS, que escreveu á vista de escriptos de C. Colombo, relata alguns indicios que tivera o vice-almirante genovez para suspeitar da existencia de novas terras, sem comtudo referir-se a Alonso Sanchez e ás circumstancias de sua viagem. V. NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos, tom. I, introduc. pag. XLVII.*

Pag. 150. (*116*) W. IRVING. *Liv. I, cap. III*, da *History of the life and voyages of C. Colombus*, 1828.

Pag. 150. (*117*) « Rien de plus curieux que ces cartes, dont l'aspect seu le révèle l'étrangeté. Les villes principales du monde indiquées par des maisonnettes ou par des églises grossièrement dessinées; Jerusalem au centre du globe; le paradis entouré de son enceinte de feuillage verdoyant; les details geographiques les plus bizarres: les vents personnifiés dans les divinités consacrées par la fable, et assis tout autour de la terre sur des outres dont ils pressent les flancs rebondis; l'Afrique occidentale se terminant au cap Noun, puis au cap Bojador; la celèbre statue des Canaries agitant sa massue au sommet d'une tour; les côtes de ce continent se prolongeant à mesure que les Portugais les visitent; l'Abyssinie avec son prêtre Jean, coiffé d'une mitre étincelante; les autres royaumes africains désignés par leurs monarques au costume rehaussé d'or et d'argent; toute cette terre, si longs temps inconnue, peuplée d'animaux étranges et d'hommes au teint noir; des groupes de girafes et d'éléphants; des camps portugais indiqués par des tentes coloriées; des légères caravelles, splendidement pavoisées, faisant le tour de ce monde mystèrieux; voilà, en abrégé, ce qu'on voit sur ces monuments cartographiques, fidèles specimens de la science au moyen âge. C'était le temps des légendes et des contes populaires. » L. REYBAUD te F. LACROIX, *Découvertes maritimes et continentales, pag.* 1198.

Pag. 150. (*118*) *Géographie universelle*, nota sobre o descobrimento da America, tomo XIV.

Pag. 151 (*119*) NAVARRETE, *Coleccion de los viages y descubrimientos, tomo I, Introduc. pag.* 91.

Pag. 151. (*120*) *Lib. IV*

Pag. 151. (*121*) *Histoire de Portugal, Liv. XIII, chap.* 3.

Pag. 151. (*122*) *Decada I, lib. I, cap*, 7.º.

Pag. 151. (*123*) *Cap.* 8.º.

Pag. 152. (*124*) *History of the life and voyages de C. Colombus, Liv. I, chap.* 8.

Pag. 152. (*125*) CAMPE, *Historia do descobrimento da America, 2 vols. in* 8.º *Paris*, 1836, *traducção de J. I. Roquete. Tomo I, pag.* 13.

Pag. 152. (*126*) *Cosmos, tom. II, pag.* 293.

Pag. 152. (*127*) « En el sobrescrito dice: *A Christovam Colon noso especial amigo en Sevilha.* » NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc. Tomo 2.º pag.* 5.

Pag. 153. (*128*) NAVARRETE, *Col. de los viages y descubrimientos, Tomo II, Colleccion diplomatica, num. III, Carta del rey de Portugal a Christobal Colon, dándole seguridades para sua ida á aquel reino, pag.* 5. *N. B.* É copiada do original, que se acha no archivo do duque de Veraguas.

Pag. 153. (*129*) BARROS, *Decadas da Asia. Dec. I, liv.* 3.º, *cap.* 2.º Quanto aos designios do grande rei, estou em mani esta contrariedade com o illustre autor da memoria *Sobre a justiça dos motivos que teve o sr. rei dom João II para regeitar os projectos de navegação de Christovam Colombo,* inserta no *Investigador portuguez em Inglaterra, vol.* 8.º, *n.º* 30, *pag.* 199 a 212. Os valiosos documentos posteriormente publicados pelos esforços do incansavel NAVARRETE, a par dos que reuniram na sua obra monumental o erudito D. ANTONIO CAETANO DE SOUZA e outros benemeritos escriptores, convenceriam presentemente ao illustrado academico D. ANTONIO DA VISITAÇÃO FREIRE DE CARVALHO da nenhuma justiça com que se houve a côrte de Lisboa em tão transcendente objecto, regeitando os offerecimentos do immortal Ligure, e quando não lêa-se a *Carta* que lhe escreveo o sabio monarcha portuguez, que nenhuma duvida deixa a semelhante respeito.

Pag. 153. (*130*) *Dialogo de varia historia,* 1 *vol. in* 8.º, *Coimbra,* 1594. *Dialogo IV, cap. VII.*

Pag. 153. (*131*) *Chronica d'el-rei D. João II na col. dos livros ineditos da Hist. port. Lisboa,* 1792, 2.º *Tomo, n.º* 4, *cap. LXVI, pag.* 177.

Pag. 153. (*132*) *Chronica dos valerosos e insignes feitos de el-rei dom João II.* 1 *vol. in* 4.º *Coimbra* 1798, *cap. CLXV, pag.* 241.

Pag. 153. (*133*) Na já citada *Chronica, cap. CLXV, pag.* 241.

Pag. 153. (*134*) *Politica indiana.* 1 *vol in-fol., Amberes,* 1703. *Lib. I, cap. III, col.* 2, *pag.* 5.

Pag. 154. (*135*) RUY DE PINA, *Chronica d'el-rei dom João II, cap. LXVI, pag.* 177; ANDRÊ DE REZENDE, *Chronica dos valerosos e insignes feitos d'el-rei dom João II, cap. CLXV, pag.* 241; BRITO FREIRE, *Nova Lusitania, Historia da guerra brasilica, Lisboa,* 1 *vol. in-fol.,* 1675, *Liv. I, num.* 14, *pag.* 11; D. ANTONIO CAETANO DE SOUZA, *Historia genealogica da casa real portugueza, Lisboa, vols. in-fol.,* 1737, *Tomo III, liv. IV, cap. III, pag.* 115; JOÃO DE BARROS, *Decados da Asia, Dec. I liv. III, cap. II;* DAMIÃO DE GOES, *Chronica do felicissimo rei dom Manoel, Lisboa,* 1 *vol. in-fol., Julho xvij de* 1566; MARTINEZ DE LA PUENTE, *compendio de las hist. de los desc. conq. y guer. de la Ind. Oriental. Lib. II, cap. IV, pag.* 111, *&c., &c., &c.*

Pag 154. (*136*) V. *Relaciones, cartas y otros documentos concernientes a los cuatro viages que hizo el almirante D. Christobal Colon para el descu-*

brimiento de las Indias Occidentales na Coleccion de los viag. y desc. coordinada y illustrada por NAVARRETE, *Tomo I, pag.* 155.

Pag. 154. (*137*) Veja-se como a este respeito se exprime o proprio Colombo. *Colec, de los viag. y desc. coordinada e ilustrada por* NAVARRETE, *Tom. I, Rel. cart. y otros doc. pag.* 164 *e seg.*

Pag. 154. (*138*) D. ANTONIO CAETANO DE SOUZA, *Hist. gen. da casa real port. tom. III, liv. IV, cap. III, pag.* 116, *&c.*

Pag. 154. (*139*) D. J. DE SOLORSANO PEREIRA, *Politica indiana, lib I. cap. III, col. II. pag.* 5.

Pag. 154. (*140*) D. A. CAETANO DE SOUZA, *Hist. gen. da casa real port, tom. III liv. IV, cap. III pag.* 111.

Pag. 154. (*141*) FREIRE, *Vida do infant. dom Henrique, liv. III pag.* 213, *&c.*

Pag. 155. (*142*) O papa Alexandre VI nasçeu em Valença, na Hespanha; pertenceo á familia de *Lenzoli* pela parte paterna, e á dos *Borgia* pela materna. Foi eleito em 11 de agosto de 1492, segundo alguns historiadores por compra que fez da tiara depois da morte de Innocencio VII. V. a sua vida escripta imparcial e curiosamente em inglez por ALEXANDRE GORDON, *Londres*, 1 *vol. in-fol.*, 1729, ou em latim por J. BURCHARD. *Hanover*, 1 *vol. in* 4.°, 1697.

Pag. 155. (*143*) Observa ROBERTSON, que era do destino da humanidade que antes de terminar-se o seculo XV fosse o novo mundo conhecido dos navegantes portuguezes.

Pag. 155. (*144*) ANTONIO HERRERA na sua *Historia generale de las Indias* explica os motivos que tivera o imperador Carlos V para acceder aos desejos do rei *dom* João III, que, diz o historiador hespanhol, bem via que o imperador necessitava de dinheiro para a viagem que queria fazer á Italia afim de coroar-se. *pag.* 331. V. *Instrumento de contracto e capitulação e assento que fizeram o imperador Carlos V, rei de Castella, com el-rei dom João III sobre as ilhas, terras e mar oceano de Maluco*, manuscripto da Torre do Tombo de Lisboa *(Masso* 8, *gaveta* 18*)* fielmente transcripto nas *Provas da Hist. gen. da casa r. port. de* D. ANTONIO CAETANO DE SOUZA, *tom. II, num.* 23, *pag.* 107.

Pag. 155. (*145*) « O novo mundo, diz o Sr. M. de Araujo Porto-Alegre, não foi talhado para ser medido pelos palmos de um pygmeu; as fozes do Amazonas, do Madeira, do Xingu, do Guayba foram rasgadas pela Providencia para um povo de gigantes, para serem regidas por um principe, que deve um dia do alto de seu throno conferenciar com o universo, e talvez traçar a rota de seu destino. » *Discurso pronunciado sobre o ataúde do conego J. da Cunha Barbosa.* V. *Revista trimensal do Inst. Ser. II. tomo I, num.* 1, *pag.* 145.

Pag. 155. (*146*) « Foi este rio descoberto por Vicente Yanez Pinçon no anno de 1499 pela corôa de Castella, mas por estar na demarcação da conquista deste reino, deixaram depois os castelhanos de o povoar. »

Pag. 156. (*147*) O Sr. V. DE ALMEIDA GARRETT no seu excellente *Camões, canto VI, pag.* 64 da edição brasileira ee 1838.

Pag. 156. (*148*) D. ANTONIO CAETANO DE SOUZA, *Hist. gen. da casa r. port.* TOM. *III, liv. IV, cap. III, pag.* 116.

Pag. 156. (*149*) *Idem, tom. III, liv. IV, cap. III, pag.* 118.

Pag. 156. (*150*) O mesmo, *pag.* 119. Veja-se SOLORZANO PEREIRA, ANTONIO HERRERA, JOÃO DE BARROS e outros.

Pag. 157. (*151*) Darei aqui alguns extractos d'esses documentos que fallam tão alto por si mesmo:

« Vimos vossa carta, expressavam-se assim os reis catholicos, dirigindo-se ao duque de Medina Sidonia, na qual nos communicaes tudo quanto haveis sabido da armada que o rei de Portugal ha feito aparelhar para enviar a parte do mar Oceano, que agora descobrio por nosso mandado o almirante D. Christovão Colombo, e os offerecimentos que para nos servir fazeis . . ., pelo que muito vos rogamos e encarregamos que estejam promptas e aprestadas todas as caravellas da vossa terra, para que nos possamos servir d'ellas no que fôr mister. » NAVARRETE *col. de los viag. y desc., tom. II, Doc. diplom., num. XVI, pag.* 22.

« Chegou agora Herrera, diziam os mesmos reis escrevendo a seu almirante, nosso mensageiro que haviamos enviado ao rei de Portugal, sobre as caravellas que nos asseveravam que enviava ás ditas ilhas e terras nossas agora descobertas e por descobrir, pelo qual nos responde bem e justificadamente, e parece-nos que está conforme com a intenção que nós outros estamos, que cada um possua o que lhe pertencer, e para que isso se declare diz que nos enviará seus mensageiros, que ainda não chegárão, e até que venham assevera que não enviará um só navio. » *Item num. L., pag.* 76.

« Por serviço nosso, accrescentavam os mesmos reis n'outra carta dirigida ao mesmo almirante, aonde quer que estejaes, procurareis saber tudo o que se fizer em Portugal e de continuo no-lo noticiareis para que seja logo dada qualquer providencia necessaria. » *Item, num. LIV, pag.* 79.

« Por serviço, diziam os mesmos reis escrevendo a dom João da Fonseca, temos as novas que nos mandastes do que soubestes de Portugal, e procurareis saber tudo o mais que puderdes, communicando-nos logo. » *Item, num.* 63, *pag.* 92.

« Si a armada do rei de Portugal, escreviam elles ainda a seu almirante, tomar o mesmo caminho que a vossa, não se vós dê d'isso, que tudo se remediará bem com a adjuda de Deos . . . e parece-nos que vós não devereis chegar ao cabo de S. Vicente, mas antes apartar-vos d'aquella costa, ainda que rodieis algum tanto, porque não vos approximeis de Portugal e ignorem o caminho que levaes. » *It. num. LXVII, pag.* 96 *e* 97.

« E porque já sabeis, ajuntavam elles em carta posterior, que da ilha da Madeira partio uma caravella a descobrir ilhas ou terras a outras partes, a que até aqui não hão ido os Portuguezes, sabereis agora que os mensageiros do rei de Portugal nos asseguram que quem foi na caravella não o foi por mandado do rei, antes o rei enviára após ella outras tres para toma-la, e póde muito bem ser que tudo isso se fizesse com outras intenções, e que os mesmos que foram

nas caravellas, tanto n'uma como n'outras, tentassem algum descobrimento que nos diz respeito; por isso vos recommendamos que tenhaes este negocio muito em vista, e providencieis de maneira que nem estas nem outras caravellas possam descobrir nem chegar ao que nos pertence dentro dos limites que não ignoraes, e porque ainda esperamos que nos concertaremos com o rei de Portugal, e razão é querermos que os que forem ao que é nosso sejam mui bem castigados, e se tomem seus navios e suas pessoas. » *Item num. LXXI, pag.* 109.

A S. Santidade se dirigiu Colombo n'estes termos: « Logo que tomei esta empreza e fui a descobrir as Indias, era muito de minha vontade ir pessoalmente a V. Santidade com a relação de tudo; originou-se, porém, por esse tempo differença entre o sr. rei de Portugal e o rei e a rainh, meus senhores, dizendo o rei de Portugal que tambem pretendia ir a descobrir e ganhar terras por aquelle caminho até aquellas partes, allegando justiça. » *Item, num. CXLV, pag.* 280.

Pag. 157. (*152*) *Tercer viage de Christobal Colon.* V. *Col. de los viages y desc. por* NAVARRETE, *tomo* 1.°, *pag.* 263.

Pag. 157. (*153*) NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc. Tomo II, Coleccion diplomatica, num. LXX, Carta mensagera de la reina católica enviando al almirante un traslado del libro que dejó á sua alteza, pag.* 107.

Pag. 158. (*154*) O resto d'este importante documento, que por demasiado extenso deixei de trasladar, acha-se na citada. *Col. de los viag. y desc.* por NAVARRETE, *tom. II, num. I, pag.* 1.

Pag. 159. (*155*) NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc. Tom. II, num. LXXI, pag.* 109.

Pag. 159. (*156*) O mesmo, na mesma *Colecção, tom. II, num. XCI, Convenio entre los senores reyes católicos y el de Portugal, prorogando el término de los diez meses que habian capitulado para la demarcacion y particion del mar Oceano, y formando una junta de peritos por ambas partes para acordar el modo de fijar dichos limites, pag.* 170.

Pag. 160. (*157*) *Decadas da Asia, dec. I, liv.* 5.°, *cap.* 1.°, *fol.* 85 *v.*

Pag. 160, (*158*) JOÃO DE BARROS, na mesma obra, *dec. I, liv.* 5.°, *cap.* 1.°, *fol.* 86.

Pag. 160. (*159*) BARROS diz que elle foi escolhido pelas qualidades de sua pessoa. *Decada I, liv.* 5.°. *cap. I, fol.* 86. MARIZ o chama « homem fidalgo e mui experimentado em guerras maritimas. » *Dialogo IV, cap. VIII, fol.* 186 *v.* ROCHA PITTA dá-lhe os cognomes de « illustre e famoso capitão. » *Liv. I, num.* 5, *pag.* 5. S. THEREZA o pinta como dotado de vivissimo espirito e igual valor. *Historia delle guerre del regno del Brasile accadute tra la corona di Portugallo e la republica di Olanda, Roma.* 2 *vols. in-fol.*, 1698. *Part. I, lib. I, pag.* 5. Modernos escriptores, attribuindo o descobrimento do Brazil ao acaso, contentam-se com chama-lo o feliz, o venturoso, o afortunado Cabral.

Pag. 161. (*160*) *Parte I da citada Chronica, cap. tiii, fol.* 50.

Pag. 161. (*161*) « E a mayor parte da pregação foram louvores a Pedraluarez cabral por aceitar aquela ida. » *Liv. I, cap. XXX, pag.* 160 *da já citada Hist. dos desc. e conq. da India pelos portuguezes.*

Pag. 161. (*162*) No discurso pronunciado em 1839 quando substituiu ao Sr. Guizot. na cadeira de historia.

Pag. 162. (*163*) *Cap. V, num.* 1, *pag.* 44.

Pag. 162. (*164*) Na sua *Asia, Dec. I. Liv. V, cap. I, fol.* 86 *v.*

Pag. 162. (*165*) Pera que lhe aproveitou muito as instrucções que lhe ficaram del rei dom João e seus regimentos pera esta navegação. » CASTANHEDA na *Hist. dos desc. e conq. da India pelos port Liv. I, II, pag.* 9. *V. a Revista do Instituto tomo I, da* 1.ª *serie, n.º* 1 *pag.* 99.

Pag. 162. (*166*) No logar já citado, sob nota 77.

Pag. 163. (*167*) BASILIO DA GAMA, no seu bello poema *Uruguay, cant. II, pag.* 26, *edição de* 1844.

Pag. 163. (*168*) ALEXANDRE DE HUMBOLDT, *Cosmos, Tome deuxième, II partie, chap. VI, pag.* 321. Quanto ás viagens de João Vaz Côrte Real e Alvaro Martins Homem e a empreza de Gaspar Côrte Real, que pretendeu de novo reconhecer as costas visitadas por seu pai em 1463 e descobrir atravéz dos gelos do polo Arctico um caminho para a India, consulte-se além do que dizem RAMUSIO, ANTONIO GALVÃO, DAMIÃO DE GOES, JERONYMO OSORIO e outros, o *Ensaio sobre os descobrimentos e commercio dos Portuguezes em as terras septentrionaes da America por* SEBASTIÃO FRANCISCO DE MENDO TRIGOSO nas *Memorias de litteratura portugueza da Academia real de sciencias de Lisboa, tomo* 8.º, *pag.* 305 *e seguintes.*

Pag. 163. (*169*) Maffei, *Hist. indic. liv. II, pag.* 31 *da edição florentina de* 1588, ou *pag.* 26 *da edição veneziana de* 1589.

Pag. 163. (*170*) DAMIÃO DE GÓES na sua *Chronica Part. I, cap. IV, pag* 51.

Pag. 163. (*171*) « Le recit naïf et sincère. » *Le Brésil* na collecção *L'Univers ou histoire de tous les peuples, Paris,* 1 *vol. in*-4.º, 1839, *pag.* 2, *col.* 2.

Pag. 164. (*172*) V. a sua *carta* na *Corographia Brasilica* por MANOEL AYRES DO CASAL, *tomo I, Introducção, pag.* 10, *nota.*

Pag. 164. (*173*) Na mesma *carta*, logo ao pricipio.

Pag. 164. (*174*) CAMINHA na sua *carta.*

Pag. 164. (*175*) *Dec. I, liv. V, cap. II, fol.* 87 *v.*

Pag. 164. (*176*) Na sua *Chronica* já citada, *part. I. cap. LV. pag.* 51.

Tambem estão concordes, dando por motivo da separação da náu de Luiz Pires, os historiadores: MAFFEI, que diz que chegára ás ilhas de Cabo-Verde combatido dos mares e ahi déra por falta do navio, que arribou a Lisboa. *Hist. indic, lib. II, pag.* 31 *da edição florentina de* 1558; CASTANHEDA, que affirma que aos 24 de março se apartou da frota com tormenta Luiz Pires, que arribou a Lisboa, *Liv. I, cap.* 3.º, *pag.* 160; e FARIA, que noticia que desferidas as velas e navegando prosperamente doze dias, correram fortuna á vista de Cabo-Verde, com que Luiz Perez arribou a Lisboa. *Asia portugueza, tomo I, part. I. cap. V, num.* 2, *pag.* 45.

Pag. 164. (*177*) *Navegação do capitão Pedro Alvares Cabral* na *Collecção de not. para a hist. e geogr. das naç. ultr. Tomo II, num. III, cap. I, pag.* 107.

Pag. 164. (*178*) Admira que para a expedição de Pedro Alvares Cabral se não tomassem as mesmas providencias que se tomaram para a de Vasco da Gama, ordenando-se que si algum dos navios se perdesse dos outros procurasse as ilhas de Cabo-Verde, onde os mais se lhe iriam reunir; tanto assim que CASTANHEDA commemora que,sobrevindo uma noite atravéz do rio do Ouro, foi a cerração e tormenta tamanha, que se perdêram uns dos outros, e assim apartados foram se ajuntar a Cabo-Verde. *Hist. do desc. e conquist. da Ind. pelos port. Liv. I. cap. II, pag* 11.

Pag. 165. (*179*) *Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel dedicados ao cardeal Dom Henrique, seu filho, vertidos em portuguez pelo padre* FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO. *Lisboa* 1804, *tom. I, liv. II, pag.* 143.

Pag. 165. (*180*) Na obra já citada.

Pag. 165. (*181*) *Pag.* 11 *da Introducção da Corographia Brazilica, tomo I.*

Pag. 165. (*182*) *Pag.* 35.

Pag. 165. (*183*) « Desapparecida a caravella de Luiz pirez esperou Pedraluarez cabral por ela dous dias, e aos 24 Dabril que foy derradeyra oytaua da Paschoa foy vista terra, e que era outra costa oposta á de Africa e domoraua a loeste, e reconhecida a terra pelo mestre da capitania que la foy, mandou Pedraluarez surgir pera fazer agoada e descobrir, e por ho porto em que surgio ser bom lhe pos nome porto seguro. » *Hist. do desc. e conq. da Ind., Liv. I. cap. XXXI, pag.* 161.

Pag. 165. (*184*) Diz elle que a navegação foi feliz até as ilhas de Cabo Verde, dando por falta de um dos navios, esperou Cabral dous dias inutilmente e proseguiu. « Mais il prit, exprime-se assim o illustre jesuita francez, tellement au large pour eviter les calmes des côtes d'Afrique, que le 24 d'avril, il se trouva à la vûë d'une terre inconnuë, située à l'Ouest. » *Conqête des port. dans le nouveau monde. Tome I, liv. II, pag.* 123.

Pag. 165. (*185*) Escreveo que Cabral partiu em 9 de março, em tres dias chegou ás canarias, d'onde passou adiante a ilha de Santo Iago a 22. Teve depois tormenta que apartou alguns navios da conserva, entre os quaes uma ca-

ravella de Luiz Pires, que depois de muitos perigos arribou a Lisboa, Junctaram-se os navios com serenar o tempo, e rodeando grande espaço para não dai nos baixos de Guiné e para passar bem o cabo da Boa Esperança. Detiveram-se até este ponto cousa de um mez, ao termo do qual descobriram com prazer e grita a nova terra. *Historia general de la India oriental. Los descubrimientos y conquistas que han hecho las armas de Portugal en el Brasil y en outras partes de Africa y de la Asia: y de la delatacion del santo Evangelo por aquellas grandes prouinças, desde sus principios hasta el ano de* 1557. *Valladollid,* 1 *vol. in-fol.*, 1603. *Lib. I, cap. XI, pag*, 56.

Pag. 165. (*186*) « Entretanto Cabral vagava em pleno mar seguindo a mesma derrota do Gama. Uma tempestade dispersou a frota e desarvorou uma embarcação, que força foi arribar a Lisboa (*). Serenada a tormenta reuniu Cabral os navios, e pôs as prôas ao oeste. A 24 de maio os pilotos descobriram terra, com grande espanto, não crendo que pudesse havê-la d'esse lado. Depois de muitos perigos evitados, chegou Cabral ao logar que chamou *Porto Seguro* (**). » *Histoire générale de Portugal, Paris*, 2 *vols. in-fol.* 1735. *Tome I, liv. XIV, pag.* 568, *col.* 2.ª.

Pag, 165. (*187*) « E hauendo ja um mez que iam naquella uolta, nauegando com uento prospero, foram dar na costa desta prouinça; ao longo daqual cortaram todo o dia, parecendo a todos que era algua grande ilha que alli estaua, sem haver pilotos nem outra pessoa algua que tiuesse noticia della, nem que presumisse que podia estar por aquelle parte occidental. » *Historia da provincia Santa Cruz, cap. I. fol.* 6.

Pag. 165. (*188*) « Esta provincia do Brazil é conhecida no mundo com o nome de America, que com mais razão houvera de ser pela terra de Santa Cruz, por ser assim chamada primeiramente de Pedro Alvares Cabral que a descobriu em tal dia, na segunda armada que el-rei D. Manuel, de gloriosa memoria, mandava á India, e *acaso* topou com esta terra, não vista, nem conhecida até então no mundo. » *Dialogo das grandezas do Brazil.* V. *Iris, periodico collaborado por muitos homens de lettras, redigido por* J. F. DE CASTILHO BARRETO E NORONHA. *Tomo III, pag.* 179, 1.ª *col.*

Pag. 165. (*189*) « Foi este descobrimento no anno de 1500, e porque o capitão mór Pedro Alvares Cabral tinha que fazer sua derrota para a India aonde navegava com a armada, antes de dar á vela, quiz dar a boa nova a Portugal, de como ao seu real sceptro se accrescentava aquelle formosa cruz, qu tinha tomado posse d'esta grande parte do mundo novo, em nome de Chris e de el-rei D. Manuel, seu senhor. » *Chronica da companhia de Jesu na pr vincia de Portugal, Part. I, Liv. III. cap. I, pag.* 430, *col. I.*

Pag. 165. (*190*) « O qual (Pedro Alvares Cabral) partindo de Lisboa p aquellas partes da India com uma frota de treze náus em março de 1 chegou com prospera viagem ás ilhas das Canarias; porém passadas estas

(*) Desarvorada ?

(**) Em 1501 ! . . .

arrebatado de força de ventos tempestuosos e derrotados seus navios. Um d'elles, o do capitão Luiz Pires, destroçado, tornou a arribar a Lisboa, os outros doze engolfados demasiadamente em o Oceano austral, depois de quasi um mez de derrota, aos 24 de abril, segunda oitava de Pascoa, (segundo o computo de João de Barros, Luiz Coelho e outros) vieram a ter vista de uma terra nunca antes sabida de outro mareante: esta reputaram por ilha ao principio, mas depois de navegar alguns dias junto ás praias, averiguaram ser terra firme. » *Noticia das cousas do Brazil, Liv. I pag.* 8, *n.º* 7.

Pag. 165. (*191*) Na vida de Colombo já por vezes citada, Tom. I, liv. XIV, cap. II, pag. 129 da traducção franceza de DEFAUCONPRET FILS.

Pag. 195. (*192*) « Partindo de Lisboa a 14 de março, e continuando sua viagem, foi tal sua ventura que a 24 do seguinte abril depois de uma espantosa tormenta que lhé pôs a mão na vida, por descanço d'ella e para recuperação da eterna, que infinitos barbaros tinham em perdição, descobriu a provincia do Brazil, terra conjuncta com a do Perú e novo mundo muito fertil e fresca, e tão sadia, que a vida de seus habitantes mais lhes falta polos desamparar a natureza, que por enfermidade alguma que os persiga. » *Dialogo de varia historia dial. IV, cap. VIII, fol.* 186 *v.*

Pag. 165. (*193*) « Tinha já dado o sol 5552 voltas ao zodiaco, pela mais apurada chronologia das annos, quando no de 1500 da nossa redempção (oito depois que Christovão Colon levou a especulação a demandar as Indias) trouxe a tempestade a Pedro Alvares Cabral a descobrir o Brazil. Já este illustre e famoso capitão (primeiro que depois de D. Vasco da Gama, passeava do Tejo ao Indo e Ganges), governando uma formosa armada de treze poderosas náus, com que partiu aos 9 de março, e navegando ao principio com prospera viagem, experimentou aos doze dias tão contraria fortuna, que arribando um dos bateis a Lisboa, os outroa correndo tormenta, perdidos os rumos da navegação, e conduzidos da altissima Providencia, mais que dos porfiados ventos, na altura do polo antartico, 16° 1/2 da parte do sul, 24 de abril, avistou ignorada terra, e jámais surcada costa. » *Hist. da America port. Liv. I, pag,* 6 *num.* 5.

Pag. 165. (*194*) Porro hœc Regis, si Herrera d mus, primum auspiciis regum catholicorum fui detecta à Vicentio Joannis Pinçono & mox á Didaco de Lepe anno eis is. *Catrabis* autem et odem tempore auspiciis regis Portugalliæ ad illam casu delatus (quippe cum classe in Indiam Orientalem contendens, & longius in altum provectus ut Guinæ littoral vitaret, ad oppositam Australis Americæ continentem ventorum violentia & fluctuum impulsu fuit deductus) provinciæ Sancta Crucis nomen imposuit; quod posterior ætas in Brasiliæ etymon vertit, ob rubri illius ligni, toti jam Europae notissimi copiam at que præstantiam, quæ huic regioni pene singularis. »

Pag. 165. (*195*) Diz MAFFEI que para evitar as calmarias da costa de Africa e dobrar mais facilmente o cabo da Boa Esperança, engolfou-se Cabral em demasia no alto mar, e cerca de um mez depois foi pelo furor dos ventos transportado á vista de terra, que ao principio lhe pareceu ilha, mas navegando ao longo viram que era terra firme. « Cæteri post modum ex errore ac trepidatione collecti, ad vitandam Guinæ malaciam & superandum Bonæ spei promontorum,

longiore ambitu capto, cum se in altum dedissent, post mensen circiter, in telluris conspectum ventis ferentur quam insulam initiorati, continuata dies, aliquot secundu littus navigatione, continente n sine dubio esse comperiant. *Hist. Ind. Lib. II, pag.* 31 *da edição Florentina de* 1588 *ou pag.* 26 *da edição Veneziana de* 1589.

Pag. 165. (*196*) « Entre varias tormentas e bonanças, registando differentes pontos de terra, em altura do pólo antartico, da parte do sul 10°, viram gente nua de côr baça, pello liso e rosto chato. Quizeram communicar com ella, mas vendo-a fugir e logo firmar-se unida em ponto eminente, lhe fallaram em varias linguas e por acenos. Porém, sendo tudo em vão, correram adiante e chegaram vespera de Pascoa a um porto que chamaram *Seguro*, por haver sido para elles. » *Asia portugueza, tom. I, part. I, cap. V, num.* 2, *pag.* 45.

Pag. 165. (*197*) « Partiu a armada em 9 de março, e passando pelas ilhas de Cabo-Verde lhe deu um rigido temporal, com que uma das treze náus arribou a Lisboa, e as outras se engolfaram tanto, que a 24 de abril viram terra não descoberta, que é a que dizemos *Brazil*, cujo primeiro nome depois de seu descobrimento foi *provincia de Santa Cruz*, chamada assim pelo dia em que foi vista, que se contaram 3 de maio em que a igreja celebra a invenção da cruz de Christo. » *Compendio de las historias de los descubrimientos, conquistas y guerras de la India orientale y sus islas. Lib. III, cap. III, pag.* 126.

Pag. 165. (*198*) « Faltava só a Portugal hastear seu estandarte na America, cujo descobrimento e conquista desprezára não aceitando as offertas de Colombo que instou por lhe dar, mas *casualmente* veio pouco depois a ter dominio n'ella d'esta maneira: seguia Cabral para o Oriente quando levantou-se de improviso furiosa tempestade que o obrigou a descahir para o oeste, ao sul da equinocial. Agitado assim da tormenta descobriu a 24 de Abril com pasmo dos pilotos, e alguma costa e terra até então não vista, na altura de 16 gráus e 30 minutos, 450 leguas occidentaes da costa de Africa. » *Historia delle guerre del regno del Brasile. Tom. I, part. I, liv. I, pag.* 5.

Pag. 165. (*199*) « Cabral navegando em demanda da india oriental com a armada que lhe confiou o rei D. Manoel de Portugal, deu desbaratado n'ellas no anno de 1500. » *Politica indiana, lib. I, cap. II, col. I, pag* 4.

Pag 165. (*200*) « No anno seguinte de 1500, a 9 de Março, sahiu do porto de Lisboa Pedro Alvares Cabral, senhor de Azurara, com a segunda armada, que el-rei mandou á India, e obrigado de um temporal descobriu o Brazil, a quem a piedade de seu primeiro descobridor deu o nome de Santa Cruz, e a ambição converteu depois no de Brazil, pela estimação do páu assim chamado. » *Hist. geneal. da casa real port. Tomo III, liv. IV, cap. V, pag.* 168.

Pag. 165, (*201*) « Descoberta esta parte da America em 3 de Maio (!) de 1500 pela mysteriosa porfia das tempestades, que impediram a derrota a treze náus, com que o serenissimo rei D. Manuel mandava Pedro Alvares Cabral a succeder no governo da India ao seu primeiro descobridor Vasco da Gama: arrebatando-as a Providencia divina por mares ignorados, á um porto (cuja altura do fundo e tranquillidade das aguas lhe merecera o nome de Seguro) para

ao mesmo tempo serem os Portuguezes que levassem a luz evangelica á gentilidade das regiões mais septentrionaes da Aurora e mais austraes do Occidente. » *Descrip. topogr. eccles. civ. e nat. do Est. do Brasil. MS. in-fol.* V. *Barbosa Machado, Bibliotheca Lusitana. Revista do Instituto hist. e geogr. br.*, 1.ª *Ser.*, *tomo* 4.º, *num.* 15, *pag.* 378.

Pag. 165. (*202*) Na vida de Pedro Alvares Cabral, que vem na *Bibliotheca lusitana, tom. III, pag.* 554, e foi transcripto na *Revista trimensal* do nosso Instituto, 1.ª *Ser.*, *Tom.* 5.º, *num.* 20, *pag.* 496. « Sahiu de Lisboa a 9 de Março de 1500 em uma armada composta de treze náus, e guarnecida de 1200 homens. Tendo navegado o espaço de dezeseis dias se converteu na altura de Cabo-Verde a bonança em tão horrivel tempestade, que, arribando um dos navios a Lisboa, foram os outros vagamente decorrendo sem rumo, até que, conduzido da Divina Providencia á altura do pólo antartico em 19° 1/2 da parte do sul, se avistou a 24 de Abril uma terra, até áquelle tempo ignorada, cuja perspectiva causou excessivo jubilo aos navegantes, assim pela frondosa verdura das arvores, como pela eminente elevação dos montes e dilatada extensão dos campos. »

Pag. 165. (*203*) Partindo Pedro Alvares Cabral, diz elle na sua *Historia da guerra brazilica*, e correndo tormenta, por descahir muito a loeste da equinocial para o sul, a 24 de Abril foi registando e vendo as praias e nunca vistas de 10 a 16° 1/2, 450 leguas occidentaes á costa de Africa, pela estimação dos pilotos e com espanto d'elles. Porque passados tantos seculos que se contavam 5552 annos (*), da creação do mundo achou agora outro novo Pedro Alvares, a 1500 do nascimento de Christo. *Liv. I, num.* 18, *pag.* 12.

Pag. 165. (*204*) « Porque sahindo do porto de Lisboa em 9 de Março d'este anno, arrebatados das furias dos ventos e impellidos de asperas tormentas, perdida a carreira da India, vieram a dar em 24 de Abril, segunda oitava de Pascoa, em um continente, que estimado primeiro por ilha e depois por terra firme nunca d'antes vista, nem agora conhecida, ao longo da qual, depois de varias consultas e opiniões, tendo corrido por alguns dias a sua costa, que iam vendo com sobrada admiração, deram fundo em um logar d'ella, que pelo acharem com capacidade sufficiente para n'elle ancorar, e por serem livres ali dos passados perigos lhe deram o nome de Porto Seguro. » *Orbe seraphico novo brasilico, Part. I, da Chronica dos frades menores da provincia do Brazil, Lisboa,* 1 *vol. in-fol.* 1761. *Precmb, Degr. I, Est. I, num.* 3, *pag.* 2. « Já fica dito foi este o primeiro porto, (Porto Seguro) em que deu fundo Pedro Alvarez Cabral, chamando-lhe *Seguro*, por se achar assim n'elle, depois de gravemente combatido das furias dos mares, quando impellido de ventos contrarios á navegação da India, para onde fazia viagem, descobriu por derrota as costas do Brazil. *It, Preamb. Digr. II, pag.* 49, *num.* 69.

Pag. 165. (*205*) « Elle (Pedro Alvares Cabral) se fez de vela a 9 de

---

(*) Conforme o computo do padre Salianos nos seus *Annaes*.

Março de 1500, e teve a immortal gloria de descobrir o Brazil em 21 de Julho (!) do mesmo anno, avistando um alto monte ao sul de Porto Seguro, que lhe deu o nome de *Monte Pascoal*, em razão do dia de Pascoa em que o reconheceu, e de *Terra de Santa Cruz* onde fundeou. » *Annaes do Rio de Janeiro, Tomo I, part. I, liv. I. cap. I* § 1, *pag.* 4. Pedro Alvares Cabral por casualidade em 1500 na viagem para a India descobriu a Terra de Santa Cruz da Provincia de Porto Seguro. » *It. in nota.*

Pag. 165. (*206*) « Casualmente descobriu Pedro Cabral o Brazil em 1500, indo por capitão mór de uma armada, que navegava para a India no tempo do venturoso Rei D. Manuel. » *Noticia dos annos em que se descobriu o Brazil.* V *Revista trimensal, I Ser., tomo II, num.* 8 *pag.* 427. V. igualmente *Memorias para a historia da capitania de S. Vicente, Liv. I, num* 6, *pag.* 3.

Pag. 165. (*207*) « Sahiu para a India com segunda armada em 9 de Março de 1500, Pedro Alvares Cabral, filho de Fernão Alvares Cabral, senhor de Azurára, alcaide mór de Belmonte, e adiantado da Beira, que avistou Canarias a 14 do dito mez de Março; a 22 passou a ilha de S. Iago, e obrigado de um temporal avistou a 24 de Abril, ultima oitava da pascoa, terra que era opposta á costa da Africa e demandava a Poeste, e reconhecida pelo mestre da capitania, que lá foi, mandou Cabral surgir a um porto, que por ser bom lhe ficou o nome de *Porto Seguro*, e se metteu por padrão uma cruz e se chamou *Terra de Santa Cruz.* » *Hist. da cap. de S. Vicente.* V. *Revista trimensal, Ser. II, tom. II, num.* 6, *pag.* 139.

Pag. 166. (*208*) « Lê-se no *I tomo* a *pag.* 166 do *Diccionario geogr. hist. e descrip. do Imperio do Brazil*, na palavra *Brazil:* Sabido é que o descobrimento d'este paiz foi um effeito do acaso, e que Pedro Alvares Cabral, tendo dobrado o Cabo da Boa Esperança fazendo viagem para a India, fôra ali lançado por uma tempestade em 1500. » Lê-se no *II tomo* a *pag.* 254 do mesmo *Diccionario geographico*, palavra *Pascoal:* « Defronte d'este monte surgio Pedro Alvares Cabral em 1500, quando fazendo derrota para a India descobriu o Brazil, e porque ali aportou n'uma das oitavas da pascoa, pôz a este monte o nome que ainda hoje conserva. »

Pag. 166. (*209*) CAMINHA.

Pag. 166. (*210*) Dizem geralmente: « A fortuna de Cabral, o feliz Cabral, o venturoso Cabral », sem duvida por se attribuir o seu descobrimento a um acaso porquanto, como é sabido, o illustre capitão mór foi mais feliz que venturoso.

Pag. 166. (*211*) *Tome IV, liv. IX, pag.* 236.

Pag. 166. (*212*) « O Brazil que o acaso e a fortuna de Cabral haviam dado á corôa portugueza . . , » Na *introducção* dos *Annaes da provincia de S. Pedro, (edição de Paris), pag.* 1. « Este immenso torrão massiço denominado ao depois a *terra de Santa Cruz*, circumvallado e retalhado pelos maiores rios do mundo, debaixo de um céo ameno e puro, o acaso o deu ao venturoso Cabral, o qual fugindo á morte, achou um imperio: foi em principio destinado para logar

de-degredo e para receber o enxurro de suas povoações: todas as povoações se dirigiam então para as Indias Orientaes, onde as fortunas eram mais promptas e gloriosas; a nova descoberta ficou abandonada e exposta á depredação do estrangeiro que ali foi contrabandear, &c. » *Resposta ás breves annotações que á memoria do visconde de S. Leopoldo fez o Sr. conselheiro José Maria da Costa e Sá.* V. *Memorias do Inst. hist. e geogr. braz. Tomo I, pag.* 235.

Pag. 166. (*213*) « Foi no anno de 1500 que Pedro Alvares Cabral navegando de Lisboa para a India, descobriu acaso a terra que habitamos, e que elle denominou da Vera Cruz. São passados desde então mais de tres seculos, e ainda agora parece aos olhos do observador que a civilisação do paiz se esforça por sahir do estado da infancia, &c., *pag.* 1.

Pag. 167· (*214*) Ao que chamou Fr. Gio Guiosepe de S. Thereza. « Anzione generosa del Cabral; però, diz elle, teneava in maggior conto i servigi, che i premij, prosegiu in dirittura il destinato viaggio. » V. *Historia delle guerre del regno del Brasile accadute tra la corona di Portogallo e la republica di Olonda.* 2 *vols. in-fol. Roma,* 1698. *Tom. I, part. I, lib. I, pag.* 6. Brito Freire diz que elle estranhou mais do que ouvio a instancia de alguns companheiros que com a derrota do tempo e descobrimento da terra, o persuadiam que arribasse ao reino. *Nova Lusitania, liv.* 1, *num.* 24, *pag.* 15, *&c.*

Pag. 167. (*215*) O jesuita Balthasar Telles assim se expressa a esse respeito: « Mui festejada foi em toda a côrte a alegre nova do novo descobrimento d'esta grande parte do mundo novo. E como o felicissimo rei D. Manuel em seu grande coração e na esphera de sua empreza comprehendesse o mundo todo, acudiu com muita pressa a este mundo que de novo se lhe accrescentava. » *Chronica da companhia de Jesus na provincia de Portugal. Lisboa,* 2 *vols. in-fol.*, 1645. *Tomo I, part. I, liv. III, cap. I, num.* 4, *col.* 2, *pag.* 430. V. entre outros Fr. Gio Guiosepe de S. Thereza, *Hist. delle guerre del regno del Brasile, part. I. lib, I, pag.* 7. *Collec. de not. para a hist. e geogr. das nac. ultr. num.* 3, *introducção á Navegação de Pedro Alvares Cabral, &c.*

Pag. 167. (*216*) « A nova de tão grande descobrimento foi festejada muito do magnanimo rei, e um astrologo que n'aquelle tempo no nosso Portugal havia de muito nome, por esse respeito alevantára uma figura, fazendo computação do tempo e hora em que se descobriu esta terra por Pedr'alvez Cabral. E outro sim do tempo e hora que teve el-rei aviso de seu descobrimento, e achára que a terra novamente descoberta havia de ser uma opulenta provincia, refugio e abrigo da gente portugueza. » Tal é o que se lê n'um manuscripto attribuido a Bento Teixeira Pinto, um dos primeiros auctores nascido no Brazil no seculo decimo sexto. V. *Dialogo das grandezas do Brazil*, publicado no *Iris, periodico collaborado por muitos homens de lettras, redigido por* J. F. de Castilho, *Rio de Janeiro,* 3 *vols.* 1848—49, *tomo III, pag.* 179, *I col.* O Sr. F. A, de Varnhagen apresenta algumas duvidas sobre o ser Bento Teixeira Pinto, o auctor do supracitado *Dialogo.* V. *Reflexões critica sobre o escripto do XVI seculo, impresso com o titulo de Notícia do Brazil, Lisboa,* 1, *vol.*, 1839. *Observação F., pag.* 98. V. igualmente as observações que fiz a respeito. *Revista trimensal do Inst.hist. e geogr. braz. Ser., II, tomo* 6°, *num.* 18, *pag.* 274 e a declaração do Sr. Varnhagen, na mesma *Revista, n.°* 19, *pag.* 402.

Pag. 166. (217) *Nova Lusitania, Liv. I, num.* 41, *pag.* 23.

Pag. 167. (218) A esta phra-e: « La cual parece que nuestro Senor milagrosamente quiso que se hallase. » Deu sem duvida o illustre Navarrete a interpretação de ser o descobrimento do Brazil casual. « Tenemos á la vista, diz elle, una carta del rey D. Manuel de Portugal á sus suegros los reys católicos, fecha en Santarem á 29 de Julio de 1501, dando-les cuenta de esta jornada y casual descubrimiento. » *Col. de los viag. y desc. Tomo I, itas trac. VIII, pag. CXXXIX.*

Pag. 167, (219) Foi esta carta escripta de Santarém, por ventura patria de Pedro Alvares Cabral, o original existia em Saragoça no archivo da antiga deputação de Aragão, destruido na guerra da independencia. V. NAVARRETE *Col. de los viag. y desc. Tomo III, num. XIII, pag.* 94.

Pag. 167. (220) *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos, pag.* 39.

Pag. 168. (221) *Decadas da Asia, Dec. I, liv. V, cap. II, fol.* 87 *v.*

Pag. 168. (223) *Chronica do felicissimo rei D. Manuel, Part. I, cap. LV, fol.* 51.

Pag. 168. (223) Na sua obra *De Rebus Emmanuelis.* V. a já citada traducção de FRANCISCO MANUEL *(Filinto Elysio) Tomo I, liv. II, pag.* 143.

Pag. 168. (224) *Cap. I, pag.* 108.

Pag. 169. (225) *Revista trimensal do Inst. hist. e geogr. Serie I, tom. V. num.* 19, *pag.* 342.

Si o mappa-mundo de que falla o mestre JOÃO, physico do rei D. Manuel, na sua *carta* datada de Vera Cruz a 1 de Maio de 1500, communicando-lhe a noticia do descobrimento do Brazil, e pelo qual, accrescentava elle, poderia o mesmo monarcha ver a altura da terra descoberta, mas que todavia não certificava ser habitada, contra a sua expectativa, comprova a asserção dos reis catholicos na *carta* que dirigiram a Christovão Colombo, datada de Barcelona a 5 de Setembro de 1493, na qual diziam que os Portuguezes projectavam intervir no descobrimento do novo mundo, pois pensavam na possibilidade de haver ilhas, e ainda uma terra firme, situadas no meio da distancia que ia da ponta ou Cabo da Boa Esperança até a raia que o almirante quizera que viesse na bulla do papa Alexandre VI, e que, a ser assim, era de necessidade emenda-la; tambem a existencia de um tal mappa-mundo não deixa de ser confirmada pelo testemunho da historia, que falla de dous antigos mappas geographicos, um que pertenceo ao infante D. Pedro, irmão do illustrado infante D. Henrique, e outro que foi do cartorio real do mosteiro de Alcobaça, tão celebre outr'ora pelos seus preciosos e afamados manuscriptos, e que talvez algum d'entre elles fosse o mappa-mundo mencionado pelo astronomo e medico da frota do grande e magnanimo Pedro Alvares Cabral.

A tradição da existencia d'esses mappas mereceo tanta attenção ao erudito poeta ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS, que sobre elles escreveo a excellente *Memoria* que a Academia Real das Sciencias de Lisboa publicou no *tomo* 8.°

das Memorias de litteratura portugueza, de pag. 275 *a pag.* 304, o qual sobre elles se expressa assim no *cap.* 1.°, *pag.* 275:

« Os estudos da geographia e da nautica tendo começado de reviver no seculo XV em muitas partes da Europa, não deixaram tambem de excitar em Portugal a curiosidade de alguns dos nossos para se darem aos conhecimentos d'estas sciencias ou procurarem have-las dos estranhos; d'esta nossa applicação scientifica n'aquelles tempos, bons testemunhos foram os dous mappas de que se falla em nossa historia, um do infante D. Pedro, duque de Coimbra e regedor do reino na menoridade do Sr. D. Affonso V, e de que dizem se servira seu irmão o infante D. Henrique para seus gloriosos descobrimentos maritimos, e outro que fôra do precioso cartorio de Alcobaça, que veiu ás mãos do infante D. Fernando, filho do Senhor rei D. Manuel; e porque elles eram notaveis pelas augustas mãos em que estiveram, e pelas singulares demarcações que n'elles vinham do Cabo da Boa Esperança e da terra do novo mundo, antes dos descobrimentos de Bartholomeu Dias e de Colombo, entendemos ser materia curiosa e interessante para d'ella se fallar em beneficio da nossa historia, dizendo alguma cousa da sua existencia e demarcação; e removendo, quanto em nós está, alguma duvida que póde haver n'esta materia. »

Quanto ao auctor da Memoria, cujas palavras acabo de transcrever, o primeiro mappa ou carta geographica de que faz menção a historia portugueza é a que o infante D. Pedro levou a Portugal de volta de suas peregrinações e viagens, e communicou a seu irmão o infante D. Henrique, e suppõe elle que o houve dos Venezianos, de quem recebeo o *Livro das viagens á Asia do celebre* MARCO PAULO, o qual existia na casa do thesouro de Veneza, como consta do que expõe VALENTIM FERNANDES no *prefacio* da traducção portugueza do mesmo *Livro das viagens*, impresso em Lisboa em 1502, e JOÃO BAPTISTA RAMUSIO no seu *Discurso sobre a primeira e segunda carta de André Corsali*, na *Collecção das navegações, tomo I, fol.* 176 *v., terceira edição*. D'este mappa dão noticia: 1.° ANTONIO GALVÃO no seu *Tratado dos descobrimentos antigos e modernos*, na confecção do qual examinou muitos documentos e adquiriu grande somma de conhecimentos, e n'elle refere como o infante D. Henrique se havia aproveitado de tão importante padrão; 2,° o Dr. GASPAR FRUCTUOSO na sua obra manuscripta *Saudades da terra*, em que trata dos descobrimentos das ilhas: 3.° o infatigavel MANUEL DE FARIA E SOUZA na sua *Europa portugueza*, e 4.° o padre CORDEIRO na sua *Historia insulana*.

—

O segundo mappa parece ser, pelas pesquisas importantes do sabio academico, o mesmo que existiu no cartorio de Alcobaça, d'onde passou ás mãos do infante D. Fernando, filho de D. Manuel, que o tinha em 1528, e como se dizia então que era feito ha mais de cento e vinte annos, é natural que o fosse pelos annos de 1408. Não duvida o autor da sua existencia pelas pessoas que figuram n'este facto, e que tanta consideração lhe merecem, como o infante D. Fernando, inclinado ás lettras e dado ao estudo da historia, e que tantas sommas despendêra em haver uma rica collecção de livros e manuscriptos que lhe ajunctou e trouxe de Flandres o sabio Damião de Goes, sendo o mesmo infante quem obtivera o mappa do cartorio de Alcobaça, e que como cousa notavel o mostrára a Francisco de Souza Tavares; tal é pelo menos o que se colhe de

ANTONIO GALVÃO no seu *Tratado dos descobrimentos, a pag.* 22; devendo notar-se que o padre CORDEIRO e FARIA DE SOUZA o dão ainda por mais antigo, pois o padre CORDEIRO o põe cento e setenta annos antes, isto é, em 1358, e FARIA E SOUZA em 1380.

O autor no mesmo *cap.* 1.º, ignora si elles eram originaes ou copias, e aonde, quando e por quem foram delineados, mas crê não serem copiados um do outro, como pareceu ao padre CORDEIRO, por não combinarem entre si em as demarcações, e ainda mais que, feita a conta, o de Alcobaça já existia em 1408, sendo portanto anterior ao do infante D. Pedro, que só poderia tê-lo levado para Portugal em 1438, quando voltou áquelle reino, e teria sido confeccionado talvez muito antes; nem o d'este poderia ter sido copia d'aquelle, pois que é sabido que o infante o trouxera de fóra, tendo-o adquirido em suas peregrinações.

Suspeitára em outro tempo o illustre ANTONIO RIBEIRO DOS SANTOS no mesmo *cap.* 1.º, que o mappa-mundo de Alcobaça seria o que havia feito o famoso cosmographo Fr. Mauro, monge camaldulense do mosteiro de S. Miguel de Murano, juncto a Veneza, e lhe fôra encommendado por ordem da côrte portugueza, e remettido a Lisbda por Estevam Trevisano ou Tervigiani, que correu com as despezas, seguindo o que se lê no *Livro da historia forasteira, nota* 273, *pag.* 420, e no *Extracto das cartas de* VILLOISON *ao conde Carli, tomo* 2.º, *pag.* 521. Comtudo, o mappa-mundo de Fr. Mauro foi remettido em 1459, como consta dos assentamentos d'aquelle mosteiro, e não podia ser o de Alcobaça, porque este foi visto em 1528, e todavia dizia-se feito cento e vinte annos antes, e assim muito anterior ao de Fr. Mauro.

A noticia da existencia de semelhantes documentos não deixa de ser muito importante para que passe desapercebida; o descuido porém, com que os nossos antepassados escreveram das cousas mais notaveis da nossa historia, invertendo muitas vezes a veracidade dos factos, foi causa a que por muito tempo se olhasse com pouca importancia para ella e se recebesse o que estava escripto sem mais criterio, sem que se notasse nas encontradas asserções com que se contradiziam a cada passo, tal qual succede com o descobrimento do Brazil, que cada um attribue ás causas que mais acertadas lhe pareceram a poder produzir tão extraordinario acontecimento nos annaes portuguezes; e fez cahir em esquecimento esses padrões. A rapidez tambem com que escrevi o presente desenvolvimento do programma, para o que S. M. I. se dignou escolher-me e as circumstancias que o acompanharam, não me deixaram tempo sufficiente para dar a extensão que o assumpto exigia, e como fôra então de meu dssejo: recorri pois ao expediente de supprir com um grande numero de notas um tal inconveniente, o que de todo em todo não me póde satisfazer, sendo para sentir que o objecto da presente nota não entrasse no corpo da obra.

—

No pouco espaço e tempo que ainda tenho que dispôr, será bom que continue a aproveitar-me das importantes indagações e conjecturas do erudito academico, forrando-me assim ao trabalho a que me daria, e que indubitavelmente seria assaz inferior ao seu.

O autor nota, *cap. IV, pag.* 294, que o infante D. Henrique, perito nas mathematicas e cosmographia, presidindo a uma assembléa de doutos reu-

nidos em Sagres para promoverem o progresso d'estes estudos e da sua pratica em a navegação, meditando tudo o que os antigos tinham escripto a respeito, não era pessoa que se deixasse seduzir sem alguns motivos, e que tentasse uma empreza tão dispendiosa e arriscada, e isto com tanto afinco, sem ter uma quasi certeza de seu feliz resultado, e nada lhe podia dar esse conhecimento senão as razões e autoridades que deixa ponderadas, as quaes faziam uma especie de tradição, que não se achando escripta nos livros só poderia vir a seu conhecimento pelos modos que elle indica.

Estas considerações do illustre academico mais e mais confirmam a minha opinião; e nem de outra sorte Pedro Alvares Cabral se abalançaria a amarar-se tanto para oeste, desviando-se da rota traçada pelo immortal Vasco da Gama, que nem por alongar-se, evitando as calmarias da costa de Africa, foi arrebatado das correntes, como se pretende a respeito da frota do descobridor da terra da Cruz; e si os historiadores que de mais perto procuraram eternisar o grande feito que se diz todo filho do acaso, nas paginas da historia de Portugal, o deixaram envolto nas trevas do mysterio e da duvida, taes como João de Barros, Damião de Goes e outros, assaz demonstrado fica no texto do presente trabalho, o como elles se acham em contradicção com as testemunhas oculares no relatar do descobrimento do paiz, que por tanto tempo havia de ser inexgotavel fonte de thesouros para a mãi patria, como bem disse um geographo portuguez (*). Nem sempre João de Barros, Damião de Goes e outros illustres escriptores de tão grande nomeada beberam nas melhores fontes ou tiveram cabaes informações das cousas que historiaram, tanto assim, que o sabio autor da *Memoria sobre os dous mappas geographicos do infante D. Pedro e do cartorio de Alcobaça* procura defende-los da falta em que incorreram, deixando de consignar nas suas obras a tradição de sua existencia: quanto a Barros pondera elle no *cap.* 5.°, *pag.* 302 e 303, que quando ainda tivera informações dos dous mappas geographicos deixaria de fallar d'elles no curso de suas *Decadas*, e é que por ventura reservaria esta materia para a obra singular da *Geographia Universal de todo o descoberto* em que tratára do que pertencia á navegação e mui largamente do astrolabio, como elle diz na *Decada I, liv.* 1.°, *cap.* 1.°, e no *liv.* 4.°, *cap.* 2.° É de crer que n'essa obra, a que tantas vezes se remette, e que com grande falta e quebra da historia portugueza se perdeo, teriam logar estas noticias, com que bem e devidamente podia fornecer e ornar o seu *Tratado* e já tambem na intitulada *Africa*, que era a segunda parte de toda a obra da conquista de que faz menção no mesmo *cap.* 1.° e 2.° em que tinha tambem logar esta materia.

Quanto ao silencio de Damião de Goes, nota o autor no mesmo *cap.*, *pag.* 303, que elle podia ignorar a particularidade d'estes dous mappas, ou mesmo que podia deixar de fallar n'elles ainda quando fosse sabedor, pois que nem na *Chronica do Sr rei D. Manuel*, nem na *Vida do Sr. D. João II*, sendo principe, tratou em particular e de profissão das circumstancias dos descobrimentos do reino, posto que d'elles escrevesse em geral, para ali ter necessario assento as singulares e miudas noticias d'estes mappas.

(*) J. P. C, Casado Giraldes no seu *Compendio de Geographia historica antiga e moderna*, *Paríz*, 1 *vol. in-fol.*, 182.

É certo que como disse o addicionador (*) do *Resumo da historia do Brazil do Sr.* FERDINAND DENIS, *pag.* 42, *segunda edição*, o descobrimento do Brazil, ainda quando inteiramente filho de circumstancias independentes do plano, só podia caber a quem ousado sulcava o oceano em tão longinquas paragens. Todavia os Portuguezes se tem honrado mais com torna-lo obra do acaso, que do atrevimento da empreza, incitado não só pelo raciocinio e conjecturas, como até pelo conhecimento bebido n'esses mappas que enthusiasmaram os sabios de Sagres, presididos pelo seu principe o grande infante D. Henrique, ou que o celebre astronomo Toscanelli enviára ao conego Martinez, além de outros comprados a peso de ouro, e que infallivelmente teriam visto muitas vezes estudado os Bartholomeus Dias, os Vascos da Gama e os Pedro Alvares Cabral, sem fallar n'aquelles que os precederam na aurora dos descobrimentos, nem n'aquelles que se lhes seguiram, e para os quaes « nasciam novas terras com o nascer dos dias », como ante a Universidade de Coimbra se exprimiu o nosso famoso poeta SANTA RITA DURÃO.

Pag. 169. (*226*) V. NAVARRETE, *Col. de los viag. y desc. tom. II. col. diplom., num. I, pag.* 1.

Pag. 169. (*227*) *Mappe-munde pour servir à l'histoire des découvertes et conquêtes des Portugais dans le noveau monde.* V. *Conquète des Portugais dans le nouveau monde, tom. I.*

Pag. 169. (*228*) Citado com honra por MARTIUS na sua dissertação *Como se deve escrever a historia do Brazil.* V. *Revista trimensal do Inst. hist. e geograph. braz. Serie I, tomo VI, num.* 24, *pag.* 388.

Pag. 169, (*229*) *Le Brésil, pag.* 2, *col. I.*

Pag. 170. (*230*) V. em NAVARRETE, *Col. de los viag. e desc. Tom. I, Primer viagi de Colon, pag.* 14. Ou como disse FR. ANTONIO DE SAN ROMAN: « Parece aquela terra parayso de deleytes. » *Hist. gen. de la Ind. orient. Liv. I, cap. XI, pag.* 58. Ou como Rocha Pitta na viva pintura que faz na sua *America portugueza, Liv. I. num. I, pag.* 31. Ou como La Puente: « Tierra fresca y fertil de todo lo necessario à la vida humana, de lindos y saludables ayres y aguas. *Compendio de las Hist., liv. III, cap. III, pag* 125, *&c.*

Pag. 170· (*231*) *Historia do desc. e conquista da India pelos Portuguezes. Liv. II, cap. I, pag.* 1.

Pag. 170 (*232*) BARBOSA MACHADO, *Bibliotheca lusitana.*

Pag. 170. (*233*) *Liv. I, num.* 17, *pag.* 12.

Pag. 170· (*234*) O Brazil foi dividido em capitanias por D. João III em 1534. A morte de Pedro Alvares Cabral, segundo o Sr. Francisco Adolpho de Varnhagen, foi pelos annos de 1527 a 1545. A capitania de Porto Seguro foi dada a Pedro de Campos Tourinho.

(*) H. L. DE NIEMEYER BELLEGARDE.

Pag. 170. (235) O Sr. F. A. de Varnhagen. V. *Revista trimensal do Inst. hist. e geog. brazil. Ser. I, tom. II, num.* 5, *pag.* 137. È cousa notavel diz o Exm. Sr. A. DE M. VASCONCELLOS DE DRUMOND, que seja um Brazileiro quem descobrisse o jazigo onde repousam as cinzas do descobridor do Brazil, ignorado trezentos annos de seus proprios! » *Carta ao* 1.° *secretario perpetuo do nosso Instituto.* V. a *Revista trimensal* no logar citado.

DOCUMENTO N.º 1

CARTA DE MESTRE JOÃO

1 de maio de 1500

Señor—O bacherel mestre Johan fisico e çerurgyano de vosa alteza beso vosas reales manos. Señor porque de todo lo aca pasado largamente escriuieron a vosa alteza asy arias correa como todos los otros, solamente escreuire dos puntos Señor ayer segunda feria que fueron 27 de abril desçendimos en terra yo e el pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de touar e tomamos el altura del sol al medio dia e fallamos 56 grados e la sonbra era septentrional por lo qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinoçial por 17 grados, e por consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados, segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno, por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adiante de mi en tanto que pero escolar va adiante 150 leguas e otros mas e otros menos: pero quien dise la verdad non se puede çertyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa espe rança e ally sabremos quien va mas çierto ellos con la carta, o yo con la carta e con el estrolabio: quanto

Señor al sytyo desta terra mande vosa alteza traer un napamundi que tyene pero vaaz bisagudo e por ay podra ver vosa alteza el sytyo desta terra, en pero aquel napamundi non çertyfica esta terra ser habytada, o no: es napamundi antiguo e ally fallara vosa alteza escrita tan byen la mina: ayer casy entendimos per aseños que esta era ysla e que eran quatro e que de otra ysla vyenen aqui almadias a pelear con ellos e los lleuan catiuos: quanto Señor al otro puncto sabra vosa alteza que çerca de las estrellas yo he trabaado algo de lo que he podido pero non mucho a cabsa de una pyerna que tengo mui mala que de una cosadura se me ha fecho uma chaga mayor que la palma de la mano, e tan byen a cabsa de este navio ser mucho pequeno e mui cargado que non ay lugar pera cosa ninguna. solamente mando a vosa alteza como estan situadas las estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresçe ser inposible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso e por poco que el nauio enbalançe se yerran quatro, o çinco grados, de guisa que se non pue.e fazer synon en terra, e otro tanto casy digo de las tablas de la India que se non pueden tomar con ellas sy non con mui mucho trabajo, que si vosa alteza supyese como desconçertauan todos en las pulgadas reyrya dello mas que del estrolabio porque desde lisboa ate as canarias unos de otros desconçertauan en muchas pulgadas que unos desian mas que otros tres e quatro pulgadas, e otro tanto desde las canarias ate as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jusgauan quantas pulgadas eran por la quantpdad del camino que les paresçia que avyan andado quen no

el camino por las pulgadas: tornando Señor al proposito estas guardas nunca se escon-

den antes syenpre andan en deredor sobre el orizonte, e aun esto dudoso que non se qual de aquellas dos mas baxas sea el polo antartyco, e estas estrellas prinçipalmente las de la crus son grandes casy como las del carro, e la estrella del polo antartyco, o sul es pequena como la del norte e muy clara, e la estrella que esta en riba de toda la crus es mucho pequena: non quiero mas alargar por non yn-

portunar a vosa alteza, saluo que que do rogando a nosso Señor ihesu christo la la vida e estado de vosa alteza acresçiente como vosa alteza desea. Fecha en uera crus a primero de maio de 500. pera la mar mejor es regyrse por el altura del sol que non por ninguna estrella e mejor con estrolabio que non con quadrante nin con otro ningud estrumento.
do criado de vosa alteza e voso leal servidor

Johannes

artium et medicine bachalariu : (?). 1

1 Arch. nac. da Torre do Tombo, Corpo chron. part, 3.ª, maç. 2 doc. n.º 2. Esta carta é a mais exacta, segundo o original, e mais correcta do que a que se lê na *Chorographia Historica, Chronographica, Genealogica, Nobiliaria e Politica* do Imperio do Brazil pelo Dr. Mello Moraes (A. I. de)

DOCUMENTO N.º 2

CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA

1 de maio de 1500

Senhor—posto que o capitam moor desta vossa frota e asy os outros capitaães screpuam a vossa alteza a noua do achamento desta vossa terra noua que se ora neesta nauegaçom achou, nom leixarey tambem de dar disso minha comta a vossa alteza asy como eu milhor poder aimda que pera o bem contar e falar o saiba pior que todos fazer, pero tome vossa alteza minha inoramçia por boa vomtade, a qual bem çerto crea que

por afremosentar nem afear aja aquy de poer mais ca aquillo que vy e me pareçeo. da marinhajem e simgraduras do caminho nom darey aquy conta a vossa alteza porque o nom saberey fazer e os pilotos deuem teer ese cuidado e por tanto Senhor do que ey de falar começo e diguo:

que a partida de belem como vosa alteza sabe foy seguuda feira IX de março, e sabado XIII do dito mes amtre as VIII e IX oras nos achamos antre as canareas mais perto da gram canarea e aly amdamos todo aquele dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e domingo XXII do dito mes aas X oras pouco mais ou menos ouuemos vista das ilhas do cabo verde, a saber, da ilha de sam nicolaao, segundo dito de Pero escolar piloto e a noute seguimte aa segunda feira lhe amanheçeo se perdeo da frota Vaasco datayde, com a sua naao sem hy auer temdo forte nem contrairo pera poder seer. Fez o capitam suas deligençias pera o achar a huuas e a outras partes e nom pareçeo mais. E asy seguimos nosso caminho per este mar de lomgo ataa terça feira doitauas de pascoa que foram XXI dias dabril que topamos alguus synaaes de tera seemdo da dita ilha segundo os pilotos diziam obra de VI^c IX ou IXX legoas, os quaaes heram muita camtidade deruas compridas a que os mareantes chamam botelho e asy outras a que tambem chamam rrabo dasno. E aa quarta feira seguimte pola manhaã topamos aves a que chamam fura buchos, e neeste dia a oras de bespera ouuemos vista de tera, a saber, primeiramente d huu gramde monte muy alto e rredomdo e doutras serras mais baixas ao sul dele e de tera chaã com grandes aruoredos, ao qual monte alto o capitam pos nome o monte pascoal e aa tera a

tera da Vera cruz. mandou lamçar o pruma acharam XXV braças e ao sol posto obra de VI legoas de terra surgimos amcoras em XIX braças amcorajem limpa. aly jouuemos toda aquela noute, e aa quimta feira pola manhaã fezemos vella e seguimos direitos aa terra e os nauios pequenos diante himdo per XVII XVI XV XIIII XIII XII X e IX braças ataa mea legoa de terra omde todos lançamos amcoras em direito da boca d huu rrio e chegariamos a esta amcorajem aas X oras pouco mais ou menos e daly ouuemos vista d homees que amdauam pela praya obra de VII ou VIII segundo os nauios pequenos diseram por chegarem primeiro. aly lançamos os batees e esquifes fora e vieram logo todolos capitaães das naaos a esta naao do capitam moor e aly falaram, e o capitam mandou no batel em terra nicolaao coelho pera veer aquelle rrio e tamto que ele comecou pera la dhir acodiram pela praya homees quando dous quando tres de maneira que quando o batel chegou aa boca do rrio heram aly XVIII ou XX homees pardos todos nuus sem nenhuua cousa que lhes cobrise suas vergonhas. traziam arcos nas maãos e suas seetas. viinham todos rrijos pera o batel e nicolaao coelho lhes fez sinal que posesem os arcos, e eles os poseram. aly nom pode deles auer fala nem entendimento que aproueitasse polo mar quebrar na costa, soomente deulhes huum barete vermelho e huua carapuça de linho que leuaua na cabeça e huu sombreiro preto. E huu deles lhe deu huu sombreiro de penas daues compridas com huua copezinha pequena de penas vermelhas e pardas coma de papagayo e outro lhe deu huu rramal grande de comtinhas brancas meudas que querem pareçer daljaueira as quaaes peças creo que o capitam manda a vossa alteza. e com isto se

volueo aas naaos por seer tarde e nom poder deles auer mais fala por aazo do mar.
a noute seguimte ventou tamto sueste com chuuaçeiros que fez caçar as naaos e especialmente a capitana. E aa sesta pola manhaã aas VIII oras pouco mais ou menos per conselho dos pilotos mandou o capitam levamtar amcoras e fazer vela e fomos de lomgo da costa com os batees e esquifes amarados per popa comtra o norte pera veer se achauamos alguua abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha, nom por nos já minguar mas por nos acertarmos aquy. e quamdo fezemos vela seriam já na praya asentados jumto com o rrio obrra de IX ou IXX homees que se jumtaram aly poucos e poucos. Fomos de lomgo e mandou o capitam aos nauios pequenos que fosem mais chegados aa terra e que se achasem pouso seguro pera as naaos que amaynasem. E seendo nos pela costa obra de X legoas domde nos leuamtamos acharam os ditos nauios pequenos huu arreçife com huu porto dentro muito boo e muito seguro com huua muy larga entrada e meteramse dentro e amaynaram, e as naaos arribaram sobreles, e huu pouco amte sol posto amaynarom obra d huua legua do arreçife e ancoraramse em XI braças. E seendo Affonso lopez nosso piloto em huu daqueles nauios pequenos per mandado do capitam por seer homem viuo e deestro pera isso meteose loguo no esquife a somdar o porto demtro e tomou em huua almaadia dous dalesque homees da terra mançebos e de boos corpor, e huu deles trazia huu arco e VI ou VII seetas e napraya amdauam muitos com seus arcos e seetas e nom lhe aproueitaram. trouueos logo ja de noute ao capitam omde foram rrecebidos com muito prazer e festa.

a feiçam deles he seerem pardos maneira dauermelhados de boõs rrostros e boos narizes bem feitos, amdam nuus sem nenhuua cubertura, nem estimam nenhuua coussa cobrir nem mostrar suas vergonhas, e estam açerqua disso com tamta inocemçia como teem em mostrar o rrostro. traziam ambos os beiços de baixo furados e metidos per eles senhos osos doso bramcos de compridam d huua maão travessa e de grosura d huu fuso dalgodam e agudo na ponta coma furador, metemnos pela parte de dentro do beiço e o que lhe fica antre o beiço e os demtes he feito coma rroque denxadrez, e em tal maneira o trazem aly emcaxado que lhes nom da paixam nem lhes torna a fala nem comer nem beber. os cabelos seus sam coredios e andauam trosquiados de trosquya alta mais que de sobre pemtem de boa gramdura e rrapados ataa per cima das orelhas, e huu deles trazia per baixo da solapa de fonte a fonte pera detras huua maneira de cabeleira de penas daue amarela que seria de compridam d huu couto, muy basta e muy çarada que lhe cobria o toutuço e as orelhas, a qual amdaua pegada nos cabelos pena e pena com huua comfeiçam branda coma çera e nom no era, de maneira que amdaua a cabeleira muy rredo ada e muy basta e muy igual que nom fazia mingoa mais lauajem pera a levantar. o capitam quando eles vieram estaua asentado em huua cadeira e huua alcatifa aos pees por estrado e bem vestido com huu colar douro muy grande ao pescoço, e sancho de toar e simam de miranda e nicolaao coelho e aires corea e nos outros que aquy na naao com ele himos asentados no chaão per esa alcatifa. acemderam tochas e emtraram e nom fezeram nenhuua

mençam de cortesia nem de falar ao capitam nem a ninguem, pero huu deles pos olho no colar do capitam e começou daçenar com a maão pera a terra e despois pera o colar como que nos dezia que havia em tera ouro e tambem vio huu castical de prata e asy meesmo acenaua pera a tera e entam pera o castical como que avia tambem prata. mostraranlhes huu papagayo pardo que aquy o capitam traz, tomaramno logo na mãao e acenaram pera a terra como que os avia hy. mostraranlhes huu carneiro nom fezeram dele mençam. mostraranlhes huua galinha casy aviam medo dela e nom lhe queriam poer a maão e despois a tomaram coma espamtados. deranlhes aly de comer pam e pescado cozido, confeitos fartees mel e figos pasados, nom quiseram comer daquilo casy nada e alguua coussa se a prouauam lamçauamna logo fora. trouneranlhes vinho per huua taça, poseranlhe asy a boca tam malaues e nom gostaram dele nada nem o quiseram mais. trouueranlhes agoa per huua albarada tomaram dela senhos bocados e nom beberam, soomente lauaram as bocas e lamçaram fora. Vio huu deles huuas contas de rrosairo brancas açenou que lhas desem e folgou muito com elas e lançouas ao pescoço e despois tirouas e embrulhouas no braço e acenaua pera a terra e entam pera as contas e pera o colar do capitam como que dariam ouro por aquilo. Isto tomauamonos asy polo desejar mos, mas se ele queria dizer que leuaria as contas e mais o colar, isto nom queriamonos emtender porque lho nom aviamos de dar e despois tornou as contas a quem lhas deu e entam estiraranse asy da costas na alcatifa a dormir sem teer nenhuua maneire de cobrirem suas vergonhas as quaaes nom eram fa-

nadas e as cabeileiras deas bem rrapadas e feitas. o capitam lhes mandou poer aas cabeças senhos coxiis e o da cabeleira precuraua asaz polla nom quebrar e lançaranlhes huu manto em cima e eles consentiram e jouueram e dormiram.

Ao sabbado pola manhaã mandou o capitam fazer vella e fomos demandar a emtrada a qual era muy largua e alta de VI VII braças e entraram todalas naaos dentro e amcoraram-se em V VI braças, a qual amcoragem dentro he tam grande e tam fremossa e tam segura que podem jazer dentro neela mais de IIc nauios e naaos. e tamto que as naaos foram pousadas e amcoradas vieram os capitaães todos a esta naao do capitam moor, e daquy mandou o capitam a nicolaao coelho e bertolameu dias que fosem em terra e leuasem aqueles dous homees e os leixasem hir com seu arco e seetas, aos quaaes mandou dar senhas camisas nouas e senhas carapuças vermelhas e dous rrosairos de contas brancas doso que eles leuauam nos braços e senhos cascauees e senhas canpainhas, e mandou com eles pera ficar la huu mançebo degradado criado de dom joham teelo a que chamam affonso Ribeiro pera amdar la com eles e saber de seu viner e maneira e a mym mandou que fose com nicolaao coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya, aly acodiram logo obra de IIc homees todos nuus e com arcos e seetas nas maãos. aqueles que nos leuauamos acenaramlhes que se afastasem e posesem os arcos e eles os poseram e nom se afastauam muito. abasta que poseram seus arcos e emtam sairam os que nos leuauamos e o mancebo degradado com eles, os quaaes asy como sairam nom pararam mais nem esperaua huu por outro senom a quem mais coreria e pasaram huu rrio que per hy core dagoa doçe de muita agoa.

que lhes daua pela braga e outros muitos com eles e foram asy corendo aalem do rrio entre huus moutas de palmas onde estauam outros e aly pararom e naquillo foy o degradado com huu homem que logo ao sair do batel ho agasalhou e leuouo ataa la e logo ho tornaram a nos e com ele vieram os outros que nos leuamos os quaaes vinham ja nuus e sem carapuças. E entam se comeyaram de chegar muitos e emtrauam pela beira do mar pera os batees ataa que mais nom podiam e traziam cabaaços dagoa e tomauam alguus bariis que nos leuauamos e emchianos dagoa e trazianos aos batees. nom que eles de todo chegasem a bordo do batel, mas junto com ele lançauamno da maão e nos tomauamolos e pediam que lhes desem alguua coussa. leuaua nicolaao coelho cascauees e manilhas e huus daua huu cascauel e a outros huua manilha, de maneira que com aquela emcarua casy nos queriam dar a maão. Dauamos daqueles arcos e seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por qualquer coussa que lhes homem queria dar. daly se partiram os outros dous mançebos que nom os vimos mais.

amdauam aly muitos deles ou casy a maior parte, que todos traziam aqueles bicos doso nos beiços e alguus que andauam sem eles traziam os beiços furados e nos buracos traziam huus espelhos de paao que pareciam espelhos de boracha e alguus deles traziam tres daqueles bicos, a saber huu na metade e os dous nos cabos. e amdauam hy outros quartejados de cores, a saber, deles a meetade da sua propia cor e a meetade de timtura negra maneira dazulada e outros quartejados descaques. aly andauam antreles tres ou quatro moças bem moças e bem jentiis com cabelos muito pretos conpridos pelas espadoas e suas vergonhas tam altas e tam çaradinhas

e tam limpas das cabeleiras que de as nos muito bem olharmos nom tinhamos nenhuua vergonha. aly por emtam nom ouue mais fala nem entendimento com eles por a berberia deles seer tamanha que se nom emtendia nem ouuia ningem. acenacmoslhe que se fosem e asy o fezeram o pasaranse aalem do rrio e sairam tres ou quatro homees nosos dos batees e emcheram nom se quantos bariis dagoa que nos leuauamos e tornamonos aas naaos. e em nos asy viindo acenaramnos que tornasemos. tornamos e eles mandarom o degradado e nom quiseram que ficasse la com eles, o qual leuaua hua baçia pequena e duas ou tres carapuças vermelhas per dar la ao Senhor se o hy ouuese. nom curaram de lhe tomar nada e asy o mandaram com tudo e entam bartolameu dias o fez outra vez tornar que lhes dese aquilo e ele tornou e deu aquilo em vista de nos aaquelle que o da primeira agasalhou e entam veosse e trouuemolo. este que o agasalhou era ja de dias e amdaua todo por louçaynha cheo de penas pegadas pelo corpo que parecia asceetado coma sam sebastiam. outros traziam carapuças de penas amarelas e outros de vermelhas e outros de verdes. e huua daquelas moças era toda timtada fumdo a cima daquela timtura a qual certo era tam bem feita e tam rredomda e sua vergonha que ela nom tinha tam graçiosa que a muitas molheres de nossa terra veendolhe taes feiçõis fezera vergonha por nom teerem a sua como ela. nenhuu deles nom era fanado mas todos asy coma nos e com isto nos tornamos e eles foramsse. aa tarde sayo o capitam moor em seu batel com todos nos outros e com os outros capitaães das naaos em seus batees a folgar pela baya a caram da praya mas ninguem sayo em tera polo capitam nom querer sem embargo de ninguem neela estar soomente sayo ele com

todos em huu ilheco grande que na baya esta que de baixamar fica muy vazio pero he de todas partes cercado dagoa que nom pode nimguem hir a ele sem barco ou a nado. aly folgou ele e todos nos outros bem huua ora e meya e pescaram hy amdando marinheiros com huu chimchorro e mataram pescado meudo nom muito e entam voluemonos aas naaos ja bem noute.

ao Domingo de pascoela pola manhaã detreminou o capitam dhir ouuir misa e preegaçam naquele ilheeo, e mandou a todolos capitaães que se corejesem nos batees e fosem com ele e asy foi feito. mandou naquele ilheeo armar huu esperauel e dentro neele aleuantar altar muy bem coregido e aly com todos nos outros fez diser misa a qual dise o padre frey amrique em voz entoada e oficiada com aquela meesma voz pelos outros padres e sacerdotes que aly todos heram, a qual misa segundo meu pareçer foy ouuida per todos com muito prazer e deuaçom. aly era com o capitam a bandeira de christos com que sayo de belem a qual esteue sempre alta aa parte do auamjelho. acabada a misa desuestiosse o padre e posese em huua cadeira alta e nos todos lamcados per esa area e pregou huua solene e proueitossa preegaçom da estorea do auanjelho, e em fim dela trautou de nossa viinda e do achamento desta terra conformandose com o sinal da cruz so cuja obediencia vimos a qual ueo muito a proposito e fez muita deuaçom.

em quanto esteuemos aa misa e aa pregaçom seriam na praya outra tanta jente pouco mais ou menos como os domtem com seus arcos e seetas os quaaes amdauam folgando e olhandonos e asentaramse. e despois dacabada a misa aseentados nos aa pregaçom aleuantaranse muitos deles e tanjeram corno ou vozina e começaram a saltar e dançar huu pedaço, e alguus deles se metiam

em almaadias duas ou tres que hy tiinham as quaaes nom sam feitas como as que eu ja vy, soomente sam tres traues atados jumtas e aly se metiam IIII ou V ou eses que queriam nom se afastando casy nada da terra senom quanto podiam tomar pee. acabada a pregacom moueo o capitam e todos pera os batees com nosa bandeira alta e embarcamos e fomos asy todos contra terra pera pasarmos ao longo per ondeles estauam hindo bertolameu dias em seu esquife per mandado do capitam diante com huu paao d huua almaadia que lhes o mar leuara pero lho dar e nos todos obra de tiro de pedra tras ele. como eles viram o esquife de bertolameu dias chegaramse logo todos a agoa metendose neela ataa onde mais podiam. acenaranlhes que posesemos arcos e muitos deles os hiam logo poer em terra e outros os nom punham. amdaua hy huu que falaua muito aos outros que se afastasem mas nom ja que mamym parecese que lhe tiinham acatamento nem medo. este que os asy amdaua afastando trazia seu arco e seetas e amdaua timto de timtura vermelha pelos peitos e espadoas e pelos quadriis coxas e pernas ataa baixo, e os vazios com a bariga e estamego era da sua propia cor e a timtura era asy vermelha que a agoa lha nom comya nem desfazia, ante quando saya da agoa era mais vermelho. sayo huu homem do esquife de bertolameu dias e amdaua antreles sem eles emtenderem nada neelle quanta pera lhe fazerem mal, senom quanto lhe dauam cabaaços dagoa e acenavam aos do esquife que saisem em terra. com isto se volueo bertolameu dias ao capitam e viemonos aas naaos a comer tanjendo tronbetas e gaitas sem lhes dar mais apresam e eles tornaramse a asentar na praya e asy por entam ficaram. neeste ilheo omde fomos ouuir misa e pregaçam espraya muito a

agoa e descobre muita area e muito cascalhaao. foram alguus em nos hy estando buscar marisco e nom no acharom, e acharam alguus camaroões grosos e curtos, antre os quaaes vinha huu muito grande camaram, e muito grosso que em nenhuu tempo o vi tamanho. tambem acharom cascas de bergoões e dameijeas mas nom toparam com nenhuua peça inteira. e tamto que comemos vieram logo todolos capitaães a esta naao per mandado do capitam moor com os quaaes se ele apartou e eu na conpanhia e preguntou asy a todos se nos pareçia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a vosa alteza pelo nauio dos mantiimentos pera a milhor mandar descobrir e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por hirmos de nosa viajem e antre muitas falas que no caso se fezeram foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem, e nisto comcrudiram. e tamto que a comcrusam foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huu par destes homees pera os mandar a vossa alteza, e leixar aqui por eles outros dous destes degradados. a esto acordaram que nom era necesareo tomar per força homees, porque jeeral costume era dos que asy leuauom per força pera alguua parte dizerem que ha hy todo o que lhe preguntam, e que milhor e muito milhor enformaçom da terra dariam dous homees destes degradados que aquy leixasem, do que eles dariam se os leuasem por seer jente que nimguem emtende nem elles tam cedo aprenderiam a falar pera o saberem tambem dizer que muito milhor ho estoutros nom digam quando ca vossa alteza mandar, e que por tamto nom curasem aquy de per força tomar ninguem nem fazer escandolo pera os de todo mais amansar e apaceficar, senom soomente leixar aquy os dous degradados quando daquy partisemos.

e asy por milhor pareçer a todos ficou detremínado.
acabado isto dise o capitam que fosemos nos batees em terra e veersia bem o rrio quejando era, e tam bem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em tera armados e a bandeira comnosco. eles amdauam aly na praya aa boca do rrio omde nos hia os e ante que chegasemos, do emsino que dantes tiinham poseram todos os arcos e acenavam que saisemos e tanto que os batees poseram as proas em terra pasaramse logo todos aalem do rrio o qual nom he mais ancho que huum jogo de manqual e tanto que desenbarcamos alguus dos nosos pasarom logo o rrio e foram antrelles, e alguus aguardauam e outros se afastauam. pero era a cousa de maneira que todos amdauam mesturados. eles dauam deses arcos com suas seetas por sonbreiros e carapuças de linho e por quallquer cousa que lhes dauam. pasaram aalem tamtos dos nosos e amdauam asy mesturados com eles, que eles se esquiuauam e afastauanse e hianse deles pera cima onde outros estauam e entam o capitam fezese tomar ao colo de dous homees e pasou o rrio e fez tornar todos. a jente que aly era nom seria mais ca aquela que soya, e tanto que o capitam fez tornar todos vieram alguus deles a ele nom polo conhecerem por senhor ca me pareçe que nom entendem nem tomauam disso conhecimento, mas por que a jente nossa passava ja pera aquem do rrio. aly falauam e traziam muitos arcos e continhas aquelas ja ditas e rresgatauam por qualquer cousa, em tal maneira que troueram daly pera as naaos muitos arcos e seetas e comtas e entam tornouse o capitam aaquem do rrio e logo acodiram muitos aa beira dele. aly veriees galantes pimtados de preto e vermelho e quartejados asy pelos corpos

como pelas pernas, que certo pareciam asy bem. tambem andauam antreles IIII ou V molheres moças asy nuas que nom pareciam mal antre as quaaes amdaua huua com huua coxa do giolho ataa o quadril e a nadega toda tinta daquela tintura preta e o al todo da sua propria cor. outra trazia anbolos giolhos com as curuas asy timtas e tambem os colos dos pees, e suas vergonhas tam nuas e com tamta inoçemcia descubertas que nom avia hy nehuua vergonha. tam bem andaua hy outra molher moça com huu menino ou menina no colo atado com huu pano nom sey de que aos peitos que lhe nom pareçia senom as perninhas, mas as pernas da may e o al nom trazia nenhuu pano. e despois moueo o capitam pera cima ao longo do rrio que anda senpre a caram da praya e aly esperou huu velho que trazia na maão hua paa dalmaadia. falou estando o capitam com ele perante nos todos sem o numca ninguem emtender nem ele a nos quanta cousas que lhomem perguntaua douro que nos desejauamos saber se o havia na terra. trazia este velho o beiço tam furado que lhe caberia pelo furado huu gram dedo polegar e trazia metido no furado huua pedra verde rroim que çarava per fora aquele buraco e o capitam lha fez tirar e ele nom sey que diaabo falaua e hia com ela pera a boca do capitam pera lha meter. esteuemos sobriso huu pouco rreinando e entam enfadouse o capitam e leixouo, e huu dos nosos deulhe pola pedra huu sonbreiro uelho nom por ela valer algua coussa, mas por mostra, e despois a ouue o capitam, creo pera com as outras cousas a mandar a vosa altesa. andamos per hy veendo a rribeira a qual he de muita agoa e muito boa, ao longo dela ha muitas palmas nom muito altas em

que a muito boos palmitos, colhemos e comemos deles muitos. entam tornouse o capitam pera baixo pera a boca do rrio onde desenbarcamos e aalem do rrio amdauam muitos deles damçando e folgando huus ante outros sem se tomarem pelas maãos e faziamno bem. pasouse emtam aalem do rrio diego dias almoxarife que foy de sacauem que he homem graçioso e de prazer e levou comsigo huu gayteiro noso com sua gaita e meteose com eles a dançar tomandoos pela maãos e eles folgauam e rriam e amdauam com ele muy bem ao soom da gaita. despois de dançarem fezlhe aly amdando no chaão muitas voltas ligeiras e salto rreal de que se eles espantauam e rriam e folgauam muito, e com quanto os com aquilo muito segurou e afaagou, tomauam logo huua ezquiueza coma monteses e foranse pera cima. E entam o capitam pasou o rrio com todos nos outros e fomos pela praya de longo himdo os batees asy a caram de terra e fomos ataa huua lagoa grande dagoa doçe que esta jumto com a praya por que toda aquela rribeira do mar he apaulada per cima e saay a agoa per muitos lugares e depois de pasarmos o rrio foram huus VII ou VIII deles amdar antre os marinheiros que se rrecolhiam aos batees e leuaram daly huu tubaram que bertolameu dias matou e leuaualho e lançouo na praya. abasta que ata aquy como quer que se eles em alguua parte amansasem logo d huua maão pera a outra se esquiuauam coma pardaes de ceuadoiro e homem nom lhes ousa de falar rrijo por se mais nom esquiuarem e todo se pasa como eles querem polos bem amansar. ao velho com que o capitam falou deu huua carapuça vermelha e com toda a

fala que com ele pasou e com a carapuça que lhe deu, tanto que se espedio que começou de pasar o rrio, foise logo rrecatando, e nom quis mais tornar do rrio pera aquem. os outros dous que o capitam teue nas naaos a que deu o que ja dito he nunca aqui mais apareçeram, de que tiro seer jente bestial e de pouco saber e por ysso sam asy esquiuos. eles porem comtudo andam muito bem curados e muito limpos e naquillo me pareçe aimda mais que sam coma aves ou alimareas monteses que lhes faz ho aar milhor pena e milhor cabelo que aas mansas, porque os corpos seus sam tam limpos e tam gordos e tam fremosos que nom pode mais seer e isto me faz presumir que nom teem casas nem moradas em que se colham e o aar a que se criam os faz taaes, nem nos ainda ata agora nom vimos nenhuuas casas nem maneira delas. mandou o capitam aaquelle degradado affonso Ribeiro que se fosse outra vez com eles, o qual se foy e andou la huu boom pedaço e aa tarde tornouse que o fezeram eles viinr e nom o quiseram la consentir e deramlhe arcos e seetas e nom lhe tomaram nenhuua cousa do seu, ante dise ele que lhe tomara hnu deles huuas continhas amarelas que ele leuaua e fogia com elas e ele se queixou e os outros foram logo apos ele e lhas tomaram o tornaranlhas a dar e emtam mandaramno viinr. dise ele que nom vira la antre eles senom huuas choupaninhas de rrama verde e de feeitos muito grandes coma damtre douro e minho e asy nos tornamos aas naaos ja casy noute a dormir.

aa segunda feira depois de comer saiimos todos em terra a tomar agoa. aly vieram emtam muitos, mas

nom tamtos coma as outras uezes e traziam ja muito poucos arcos e esteueram asy huu pouco afastados de nos, e despois poucos e poucos mesturaranse comnosco, e abracauamnos e folgauam e alguus deles se esquiuauam logo. aly dauam alguus arcos por folhas de papel e por algua carapucinha velha e por qualquer cousa, e em tal maneira se pasou a cousa que bem xx ou xxx pesoas da nosas se toram com elles onde outros muitos deles estauam com moças e molheres e trouueram de la muitos arcos e baretes de penas d aues deles verdes e deles amarelos de que creo que o capitam hade mandar amostra a vossa alteza, e segundo deziam eses que la foram folgauam com eles. neeste dia os uimos de mais perto e mais aa nosa vontade por andarmos todo casn mesturados, e aly deles andauam daquelas timturas quartejados outros de meetades outros de tanta feiçam coma em panos darmar e todos com os beiços furados e muitos com os osos neeles e deles sem osos. traziam alguus deles huus ouriços verdes daruores que na cor queriam pareçer de castinheiros senom quanto heram mais e mais pequenos, e aqueles heram cheos dhuus graãos vermelhos pequenos que esmagandoos antre os dedos fazia timtura muito vermelha da que eles amdauam timtos e quanto se mais molhauam tanto mais vermelhos ficauam. todos andam rrapados ataa cima das orelhas, e asy as sobrancelhas e pestanas. trazem todos as testas de fonte a fonte timtas da timtura preta que pareçe huua fita preta ancha de dous dedos. E o capitam mandou aaquele degrado aftonso Ribeiro e a outros dous degradados que fosem amdar la antreles e asy a diego dias por seer ho-

mem ledo com que eles folgauam. e aos degradados mandou que ficasem la esta noute. Foramse la todos e andaram antreles e segundo eles deziam foram bem huua legoa e meia a huua pouoraçom de casas em que averia IX ou X casas as quaaes deziam que eram tam compridas cada hua come esta naao capitana. e heram de madeira e das ilhargas de tauoas e cubertas de palha de rrasoada altura e todas em huua soo casa sem nenhuu rrepartimento tiinham de dentro muitos esteos e desteo a esteo huua rrede atada pelos cabos em cada esteo altas em que dormiam e debaixo pera se aquentarem faziam seus fogos e tinha cada casa duas portas pequenas huua em huu cabo e outra no outro. e deziam que em cada casa se colhiam XXX ou XXXX pesoas e que asy os achauam e que lhes dauam de comer daquela vianda que eles tiinham. a saber. muito inhame e outras sementes que na terra ha que eles comem. e como foy tarde fezeramnos logo todos tornar e nom quiseram que la ficasse nenhuu e ainda segundo eles deziam queriamse viinr com eles. Resgataram la por cascauees e por outras cousinhas de pouco ualor que leuauam papagayos vermelhos muito grandes e fremosos. e dous verdes pequeninos e carapuças de penas verdes e huu pano de penas de muitas cores maneira de teçido asaz fremoso segundo vosa alteza todas estas cousas vera porque o capitam volas hade mandar segundo ele dise. e com isto vieram. e nos tornamonos aas naaos.

aa terça feira depois de comer fomos em terra dar guarda de lenha e lauar rroupa. estauam na praya quando chegamos obra de LX ou LXX sem arcos e sem nada. tamto que chegamos vieramse logo pera nos sem se

esquiuarem, depois acodiram muitos que seriam bem II.C todos sem arcos, e mesturaramse todos tanto com nosco que nos ajudauam deles a acaretar lenha e meter nos batees e luitavam com os nosos e tomauam muito prazer. E em quanto nos faziamos a lenha faziam dous carpenteiros huua grande cruz dhuu paao que se omtem pera ysso cortou. muitos deles viinham aly estar com os carpenteiros e creo que o faziam mais por vereem a taramenta de ferro com que a faziam, que por veerem a cruz porque eles nom teem cousa que de fero seja e cortam sua madeira e paaos com pedras feitas coma cunhas metidas em huu paao antre duas talas muy bem atadas e per tal maneira que andam fortes segundo os homees que omtem as suas casas deziam *(sic)* porque lhas viram la. era ja a conuersaçam deles com nosco tanta que casy nos toruauam ao que aviamos de fazer. E o capitam mandou a dous degradados e a diego dias que fosem la a aldea e a outras se ouuesem delas nouas e que em toda maneira nom se viesem a dormir aas naos, ainda que os eles mandasem e asy se foram. em quanto andauamos neesa mata a cortar a lenha, atrauesauam alguus papagayos per esas aruores deles verdes e outros pardos grandes e pequenos de maneira que me pareçe que avera neesta terra muitos pero eu nom veria mais que ataa IX ou X. outras aves entam nom vimos somente alguuas pombas seixas e pareceramme mayores em boa camtidade ca as de portugal. alguus deziam que viram rrolas mas eu nom as vi mas segundo os aruoredos sam muy muitos e grandes e dimfimdas maneiras nom dovido que per ese sartaão ajam muitas aues. E açerqua da noute nos voluemos pera as naaos com nossa lenha. eu creo Senhor que nom dey aimda aquy conta a vosa alteza da feiçam de seus arcos e see-

tas. os arcos sam pretos e conpridos e as seetas conpridas e os feros delas de canas aparadas segundo vosa alteza vera per alguus que creo que o capitam a ela ha demuiar.
aa quarta feira nom fomos em terra porque o capitam andou todo o dia no navio dos mantimentos a despejalo e fazer leuar aas naaos isso que cada huua podia leuar. eles acodiram aa praya muitos segundo das naaos vimos que seriam obra de III.c segundo sancho de toar que la foy dise. diego dias e affonso Ribeiro o degradado a que o capitam omtem mandou que em toda maneira la dormisem volueranse ja de noute por eles nom quererem que la dormisem e trouueram papagayos verdes e outras aues pretas casy coma pegas senom quanto tiinham o bico bramco e os rrabos curtos. e quando se sancho de toar rrecolheo aa naao querianse viinr com ele alguus mas ele nom quis senom dous mancebos despostos e homees de prol. mandouos esa noute muy bem pemsar e curar e comeram toda vianda que lhes deram e mandoulhes fazer cama de lençooes segundo ele disse e dormiram e folgaram aquela noute e asy nom foy mais este que pera screpuer seja.
aa quimta feira deradeiro de abril comemos logo casy pola manhaã e fomos em terra por mais lenha e agoa e em querendo o capitam sair desta naao chegou sancho de toar com seus dous ospedes e por ele nom teer ainda comido poseranlhe toalhas e veolhe vianda e comeo. os ospedes asentaramnos em senhas cadeiras e de todo o que lhes deram comeram muy bem, especialmente lacam cozido frio e arros, nom lhes deram vinho por sancho de toar dizer que o nom bebiam bem. acabado o comer metemonos todos no batel e eles com nosco. deu huu gromete a huu deles huua armadura grande de

porco montes bem rreuolta e tamto que a tomou meteoa logo no beiço e porque se lhe nom queria teer deramlhe huua pequena de cera vermelha e ele corejeolhe detras seu aderemço pera se teenr e meteoa no beiço asy rreuolta pera cima e viinha tam comtente com ela como se tevera huua grande joya. e tamto que saymos em terra foise logo com ela que nom pareçeo hy mais. andariam na praya quando saymos VIII ou X deles e dhi a pouco começaram de viinr, e pareçeme que viinriam este dia aa praya IIII^c ou IIII^c L. traziam alguus deles arcos e seetas e todolos deram por carapuças e por qualquer cousa que lhes dauam. comiam com nosco do que lhes dauamos e bebiam alguus deles vinho e outros o nom podiam beber mas pareceme que se lho avezaram que o beberam de boa vomtade, andauam todos tam despostos e tam bem feitos e galamtes com suas timturas que pareciam bem. acaretauam desa lenha quamta podiam com muy boas vomtades e leuauamna aos batees e andauam ja mais mansos e seguros antre nos do que nos andauamos antreles. foy o capitam com alguus de nos huu pedaço per este aruoredo ataa huua rribeira grande e de muita agoa que a noso pareçer era esta meesma que vem teenr aa praya em que nos tomamos agoa. ali jouuemos huu pedaço bebendo e folgamdo ao longo dela antrese aruoredo que he tamto e tamanho e tam basto e de tamtas prumajees que lhe nom pode homem dar comto. ha antrele muitas palmas de que colhemos muitos e boos palmitos. quando saymos do batel dise o capitam que seria boo hirmos direitos aa cruz que estaua emcostada a huua aruore junto com o rrio pera se poer de manhaã que he sesta feira e que nos posesemos todos em giolhos e a beijasemos pera eles veerem ho acatamento que lhe tiinhamos, e asy

o fezemos. E estes x ou xii que hy estauam acenaram-lhes que fezesem asy e foram logo todos beijala. pareçeme jemte de tal inoçencia que se os homees emtendese e eles a nos, que seriam logo christaãos porque eles nom teem nem emtendem em nenhuua creemça segundo parçe. E portamto se os degradados que aqui am de ficar aprenderem bem a sua fala e os emtenderem, nom douido segundo a santa tençam de vosa alteza fazerem-se christaãos e creerem na nosa samta fe, aa qual praza a nosso Senhor que os traga, porque çerto esta jente he boa e de boa siinprezidade, e enpremarsea ligeiramente neeles quallquer crunho que lhes quiserem dar, e logo lhes nosso Senhor deu boos corpos e boos rrostros coma a boos homees, e ele que nos pera aquy trouue creo que nom foy sem causa e portanto Vosa alteza pois tamto deseja acreçentar na santa fe catolica, deue emtender em sua saluaçam e prazera a deos que com pouco trabalho sera asy. eles nom lauram nem criam nem ha aquy boy nem vaca nem cabra nem ovelha nem galinha nem outra nenhuua alimarea que costumada seja ao viuer dos homees nem comem senom dese inhame que aquy ha muito e desa semente e fruitos que a tera e as aruores de sy lançam, e com isto andam taaes e tam rrijos e tam nedeos que o nom somo nos tanto com quanto trigo e legumes comemos. em qunto aly este dia amdaram senpre ao soom dhuu tanbory nosso dançaram e bailharam com os nosos, em maneira que sam muito mais nosos amigos que nos seus. se lhes homem acenava se queriam viinr aas naaos fazianse logo prestes pera isso em tal maneira que se os homees todos quisera comuidar, todos uieram. porem nom trouuemos esta noute aas naaos senom iiii ou v, a saber, o capitam moor dous e simão de miranda huu que trazia ja por paje,

e aires gomes outro asy paje. os que o capitam trouue era huu deles huu dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouueram, o qual veo oje aquy vestido na sua camisa e com ele huu seu irmaão os quaaes foram esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como de cama de colchoões e lençooes polos mais amansar.

E oje que he sesta feira primeiro dia de mayo pola manhaã saymos em terra com nossa bandeira e fomos desenbarcar acima do rrio contra o sul onde nos pareçeo que seria milhor chantar a cruz pera seer milhor vista, e aly asiinou o capitam onde fezesem a coua pera a chantar. E emquanto a ficaram fazendo, ele com todos nos outros fomos pola ┼ abaixo do rrio onde ela estaua. trouuemola daly com eses rreligiosos e sacerdotes diante cantando maneira de precisam. heram ja hy alguus deles obra de LXX ou LXXX e quando nos asy viram uiinr, alguus deles se foram meter debaixo dela ajudarnos. pasamolo rrio ao longo da praya e fomola poer onde avia de seer que sera do rrio obra de dous tiros de beesta. aly andando nysto viinriam bem CL ou mais. chentada a cruz com as armas e deuisa de vosa alteza que lhe primeiro pregarom armaram altar ao pee dela, aly dise misa o padre frei amrique a qual foy camtada e ofeçiada per eses ja ditos. aly esteueram com nosco a ela obra de L ou LX deles asentados todos em giolhos asy coma nos e quando veo ao avanjelho que nos erguemos todos em pee com as maãos leuantadas, eles se leuantaram com nosco e alçarom as maãos, estando asy ataa seer acabado, e entam tornaranse a asentar coma nos. E quando leuantarom a deus que nos posemos em giolhos, eles se poseram todos asy como nos estauamos com as maãos leuantadas, e em tal maneira asesegados

que. certefico a vosa alteza que nos fez muita deuaçom. esteueram asy com nosco ata acabada a comunham e depois da comunham, comungaram eses rrelegiosos e sacerdotes e o capitam com alguus de nos outros. alguus deles por o sol seer grande em nos estando comungando aleuantaramse e outros esteueram e ficarom. huu deles homem de L ou LV anos ficou aly com aqueles que ficaram. aquele em nos asy estamdo ajumtaua aqueles que aly ficaram e ainda chamaua outros. este andando asy antreles falandolhes acenou com o dedo pera o altar, e depois mostrou o dedo pera o ceeo coma que lhes dizia alguua cousa de bem e nos asy o tomamos. acabada a misa tirou o padre a vestimenta de cima e ficou na alua e asy se sobio junto com ho altar em huua cadeira e aly nos preegou do auanjelho e dos apostolos cujo dia oje he trautando emfim da preegaçom deste voso proseguimento tam santo e vertuoso que nos causou mais deuaçam. eses que aa preegaçam sempre esteueram estauam asy coma nos olhando pera ele. e aquele que digo, chamaua alguus que viesem pera aly. alguus viinham e outros hiamse e acabada a preegaçom trazia nicolaao coelho muitas cruzes de estanho com cruçufiços que lhe ficarom ainda da outra viinda e ouueram por bem que lançasem a cada huu sua ao pescoço. pola qual cousa se asentou o padre frey anrique ao pee da cruz e aly a huu e huu lançaua sua atada em huu fio ao pescoço fazendolha primeiro beijar e aleuantar as maãos. viinham a isso muitos e lançarammas todos que seriam obra de XXXX ou L. e isto acabado era ja bem huua ora depois de meo dia, viemos aas naos a comer onde o capitam trouue comsigo aquele meesmo que fez zos outros aquela mostramça pera o altar e pera o ceeo e huu seu irmaão com elle ao qual fez muita homrra e deulhe huua camisa mou-

risca e ao outro huua camisa destoutras e segundo o que a mym e a todos pareçeo, esta jemte nom lhes faleçe outra cousa pera seer toda christaã ca entenderemnos, porque asy tomauam aquilo que nos viam fazer coma nos meesmos, per onde pareçeo a todos que nenhuua idolatria nem adoraçom teem. E bem creo que se vosa alteza aquy mandar quem mais antreles de vagar ande, que todos seram tornados ao desejo de vosa alteza. e pera isso se alguem vier nom leixe logo de viinr clerigo pera os bautizar porque ja emtam teeram mais conhecimento de nossa fe pelos dous degradados que aquy antreles ficam os quaaes ambos oje tambem comungaram. antre todos estes que oje vieram nom veo mais que huua molher moça a qual esteue senpre aa missa, aa qual deram huu pano com que se cobrise e poseramlho darredor de sy, pero ao asentar nom fazia memorea de o muito estender pera se cobrir. asy Senhor que a inoçemcia desta jemte he tal que a dadam nom seria mais quanta em vergonha. ora veja vosa alteza quem em tal inocemçea viue, ensinamdolhes o que pera sua saluaçom perteeçe, se se conuerteram ou nom. acabado isto fomos asy perante eles beijar a cruz e espedimonos e viemos comer.

creo Senhor que com estes dous degradados que aquy ficam, ficam mais dous grometes que esta noute se sairam desta naao no esquife em terra fogidos, os quaaes nom vieram mais e creemos que ficaram aquy porque de manhaã prazendo a deos fazemos daquy nosa partida. esta terra Senhor me pareçe que da pomta que mais contra o sul vimos ata a outra pomta que contra o norte vem de que nos deste porto ouuemos vista, sera tamanha que auera neela bem xx ou xxv legoas per costa traz ao lomgo do mar em alguuas partes grandes barei-

ras delas vermelhas e delas bramcas e a terra per çima toda chaã e muito fremosa. pelo sartaão nos pareceo do mar muitc grande porque a estender olhos nom podiamos veer senom tera e aruoredos que nos pareçia muy longa tera. neela ata agora nom podemos saber que aja ouro nem prata, nem nenhuua cousa de metal nem de fero, nem lho vimos. Pero a terra em sy he de muito boos aares asy frios e tenperados coma os dantre doiro e minho por que neste tenpo dagora asy os achauamos coma os de la. agoas sam muitas imfimdas. Em tal maneira he graciosa que querendoa aproueitar darsea neela tudo per bem das agoas que tem. pero o milhor fruito que neela se pode fazer me pareçe que sera saluar esta jemte, e esta deue seer a principal semente que vosa alteza em ela deue lamçar. E que hy nom ouuese mais ca tener aquy esta pousada pera esta nauegaçom de calecut, abastara, quanto mais desposiçam pera se neela conprir e fazer o que vossa alteza tamto deseja, a saber, acrecentamento da nosa santa fe.

—

E neesta maneira Senhor dôu aquy a vosa alteza do que neesta vosa terra vy *(sic)* e se a alguu pouco alonguey, ela me perdoe, ca o desejo que tiinha de vos tudo dizer mo fez asy poer pelo meudo. E pois que Senhor he çerto que asy neeste careguo que leuo como em outra qualquer coussa que de vosso seruiço for uosa alteza ha de seer de mym muito bem seruida, a ela peço que por me fazer simgular merçee mande viinr da ilha de sam thomee jorge do soiro meu jenrro, o que dela receberey em muita merçee. beijo as maãos de vosa alteza. deste porto seguro da vosa ilha da vera cruz oje

sesta feira primeiro dia de mayo de 1500.—*Pero uaaz de caminha (1).*

---

(1) Copiada com a maxima exactidão do original que existe no *Arch. Nac. da Torre do Tombo*, gav. 8. maç. 2 n.º 8. Foi publicada, mas incorrecta, no IV tomo da *Collecção de noticias para a Historia e Geographia das Nações Ultramarinas que vivem nos dominios portuguezes;* na *Corographia Brazilica* do P.e Ayres de Casal e nas *Memorias Historicas e Politicas da Provincia da Bahia* por Ignacio Acioli de Cerqueira e Silva, nascido em Coimbra em 1808 e fallecido em 1.º de Agosto de 1865 no Rio de Janeiro. Com ortographia mais regular e menos antiquada, o Visconde de Porto Seguro offereceu esta mesma carta ao Inst. Hist. e Geographico Brazileiro, que fel-a publicar na *Revista* Tomo XL, parte segunda, de 1877.

OBSERVAÇÃO

No original desta carta as palavras nenhuua, alguu, alguua, huu, huua homees etc., algumas têm a ultima e outras a penultima letra accentuada por um til, circumstancia que deixou de ser assignalada nesta edição, por falta de caracter proprio nas officinas em que foi impresso este livro.

O DESCOBRIMENTO DO BRASIL

POR

PEDRO ALVARES CABRAL

De Mauritania os montes, e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuio,
Deixando à mão esquerda; *que á direita*
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

CAMÕES, *Luc.*, Canto v, est. IV.

Sete annos e meio depois de Christovam Colombo ter demandado as Antilhas, realisou-se outra descoberta não menos importante, comprehendida no mesmo periodo iniciador das primeiras explorações maritimas que deram a conhecer praticamente a verdadeira distribuição das terras e dos mares sobre o globo.

Colombo, genovez ao serviço de Casteslla, descobre terra da America central; Cabral e Corte Real, portuguezes e ao serviço de Portugal, descobrem terras da America austral e septentrional; fundindo estes tres descobrimentos fundamentaes em um unico, que torna conhecido um Novo Mundo ao occidente da Europa e Africa.

Colombo encontra terra a oeste; Corte Real procura-a ao noroeste; e Cabral explora-a ao sudoeste, irradiando todos tres da parte mais avançada da Peninsula sobre o grande oceano Atlantico.

Pedro Alvares Cabral parte do Tejo, com destino á India, a 9 de março de 1500, seguindo o primeiro exemplo pratico, dado por Vasco da Gama em 1497, de cortar a linha a oeste do meridiano das Ilhas de Cabo Verde, para evitar as calmas do norte do equador e utilizar os ventos geraes, facto aproveitado e vulgarisado por todos os navegadores portuguezes que se lhe succederam; e desvia-se ainda mais para oeste, não só por vantagem da navegação, mas tambem porque pretende na passagem reconhecer os mares occidentaes, onde ha toda a probabilidade de encontrar terra; a qual realmente descobriu, avistando a 21 de abril o Monte Pascal, em terras de Vera Cruz, que abordou e de que solemnemente tomou posse em nome de El-Rei de Portugal, continuando em seguida a sua derrota para a India, depois de ter enviado para Lisboa, com a noticia d'este acontecimento, um navio que para este fim levava na expedição.

A demonstração do proposito em que ia Pedro Alvares Cabral de procurar terra ao sudoeste, em frente da Africa, faz-se hoje com toda a exactidão historica e scientifica, e fundamenta-se com documentos authenticos d'essa epocha e com resultados rigorosos deduzidos dos conhecimentos que ha sobre as tempestades, ventos e correntes maritimas do oceano Atlantico.

Tres unicas hypotheses se podem estabelecer ácerca da descoberta do Brasil por Pedro Alvares Cabral:

I.— *Que os navios da expedição foram arrastados para*

oeste pela acção forçada e insuperavel do meio em que navegavam;

II — *Que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação;*

III — *Que a expedição se dirigiu para oeste propositadamente.*

Provando que as duas hypotheses **I** e **II** são destituidas de fundamento, o que chamaremos—*demonstração negativa*—teremos que admittir forçosamente a hypothese **III**; restando unicamente determinar a natureza do proposito de ir para oeste, que podia ser motivado por presupposta vantagem da navegação, proporcionando uma descoberta fortuita, ou por intenção de procurar terra a oeste, o que constituirá para o nosso caso a—*demonstração positiva*—do verdadeiro caracter que revestiu este descobrimento.

DEMONSTRAÇÃO NEGATIVA

I — *Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pela acção forçada e insuperavel do meio em que navegavam.*

Esta hypothese desdobra-se em duas outras:

1.ª *Que os navios da expedição foram impellidos para oeste pelas correntes atmosphericas;*

2.ª *Que os navios da expedição foram arrastados para oeste pelas correntes maritimas.*

A 1.ª hypothese é inadmissivel pelos factos e razões seguintes:

a) Não consta da descripção minuciosa d'esta viagem, feita por Pero Vaz Caminha, que ia a bordo, que depois de passadas as ilhas de Cabo Verde sobreviesse tempestade; facto notavel que não ficaria de certo omittido na carta d'este escriptor se tivesse determinado tão inesperado acontecimento. *(1)*.

b) Refere Pero de Magalhães de Gandavo, na sua *Historia da Provincia de Santa Cruz,* que passadas as Ilhas de Cabo Verde, foi o vento prospero até avistarem a costa d'aquella provincia. (*2*).

c) Independentemente das informações authenticas d'aquella epocha, sabe-se que as tempestades da costa do Brasil, na estação do anno considerada, sopram do noroeste e do sudoeste, afastando portanto da costa para o largo em sentido contrario ao que seguiu a expedição. *(3)*

(*1*) « . . . que a partida de belem com vossa alteza sabe foy segunda feira IX de março: e sabbado XIIII do dito mez amtre as VIII e IX oras nos achamos amtre as canareas mais perto da grąm canarea e aly amdamos todo aquelle dia em calma a vista delas obra de tres ou quatro legoas, e domingo XXII do dito mez, e as X oras pouco mais ou menos ouuemos vista das Ilhas de cabo verde a saber da Ilha de Sam njcolaao, segundo dito de Pero Escobar, piloto, e a noute seguymte da segunda feira lhe amanheceo se perdeo da frota Vaasco d'atayde com a sua naao sem hy auer tempo forte, nem contrairo pera poder ser. fez o capitam suas deligencias pera o achar a huumas e outras partes e nom pareçeo mays, e asy seguimos vosso * caminho per este mar de comgo atãa terça feira doitauas de pascoa que foram XX dias dabril que topamos alguuns synaaes detera seemdo da dita Ilha segundo os pilotos diziam obra de bj e lX ou lXX legoas ». Carta de Pero Vaz de Caminha, 1 de maio de 1500 Arch. Nac. da Torre do Tombo, gav, 8, maç. 2, n.º 8.

* ? ! .

(*2*) « . . . e havendo já um mez que iam n'aquella volta navegando com vento prospero foram dar na costa desta Provincia». — Pero de Magalhães de Gandavo, *Historia da Provincia de Santa Cruz*, 1575. Bibl. Pub. de Lisboa, B, 14. 25, pag. 1.

(*3*) As *Monções* são determinadas pelo Equinocio, a do S. reina de Março até Setembro, e a do N. de Setembro até Março; os Ventos geraes na primeira são E. S. E. e S. S. E, e os da segunda são E. N. E. N. N. E.; porém isto

d) Para o desvio ser causado por temporal e este atirar os navios para o lado da costa, deveria a tempestade provir dos quadrantes de fóra, pelo menos comprehendida entre os rumos de NE e SE, durar alguns dias e apartar os navios; circumstancias estas que não se verificam n'aquella zona, nem aconteceram á expedição, visto que a frota aportou unida e completa até á costa. (*4*).

---

regula sómente ao largo, porque a experiencia nos mostra que a visinhança das terras perturba repetidas vezes este Lei; por exemplo: os navegadores praticos destas Costas contam com ventos de E., e os encontram nos mezes de Outubro, Novembro, e Dezembro, mezes que pertencem á *Monção* do N. Na *Monção* do S. desde a *Lagóa dos Patos* até *Cabo Frio* ás vezes tambem se encontram Ventos dos S. E. ao S. O. soprando com violencia. Os furacões denominados *Pampeiros* (porque a sua maior força se experimenta quando o Vento toma a direcção que passa pelo paiz dos *Pampas*) que com frequencia se encontram defronte do *Rio da Prata* e Costas visinhas, tem seus prognosticos; por exemplo: os Ventos soprarão com força do S. ao ao S. O., se o Sol, quando se põe, está cercado de nuvens e nevoas: se as terras apparecem muito claras, e parecem approximar-se ao Expectador: felizmente a duração destes furacões he tanto menor quanto, maior he sua violencia; de sorte que sendo furiosos, raras vezes duram mais de 48 horas, e sua força diminue á proporção que se avança para o N. Quando as Brizas do S. E. ao S. O. na *Monção* do S, são moderadas, ellas alargam para o largo, durante o dia, e rondam para a terra de noite.»—*Roteiro geral do globo*, publ. pela Ac. R das Sciencias de Lisboa, 1839, parte XI, sec. 1.ª, pag. 1.

(*4*) *Vents et moussons*—La côte du Brésil, entre Bahia et Rio-Janeiro, est encore comprise dans la limite des alizés, et ce sont en effet les vents de la partie de l' E. qui y règnent le plus fréquemment· mais, comme on approche déjà de la limite Sud de ces vents, ils y subissent de grandes perturbations, et les moussons de N. E. et S. O. y sont bien caratèrisées, surtout dans le voisinage de la côte. *Mousson de S. O.*—La direction moyenne de l'alizé varie de trois quarts entre l'été et l'hiver, et, dans cette dernière saison d'avril à septembre, dite mousson de S. O., les vents généraux sont souvent remplacés par des vents variables du S. à l'O., qui sont les derniers souffles des pampeiros régnant à cette époque de l'année sur les côtes de la Plata. Ils amènent des tempes sombres, de la pluie et un peu de mauvais temps: mais arrivés par cette latitude, Ils ont perdu toute leur force; ils sont tièdes, légers sur les voiles, et il est rare qu'ils forcent à prendre plus d'un ris aux huniers. Ils ne durent jamais plus de deux ou trois jours; le plus généralement même ce ne sont que des grains de quelques heures, auxquels succèdent des calmes et du beau temps, si le vent tourne au S. E. et à l'E. Outre ces grains de S. O., on reçoit aussi assez souvent des grains

e) Não se conhece documento nem funda ento, que mencione, ou justifique ter-se dado uma tempestade, que desviasse a expedição para oeste; mas existem duas cartas de bordo, nas quaes não se refere ter havido temporal; assim como se sabe que as condições metereologicas d'aquella região, durante a monção do SW, são contrarias á confirmação de tal caso de força maior; circumstancias e razões estas, todas decisivas, para pôrem de parte e não authorizarem esta hypothese. (5)

A 2.ª hypothese menos se pode tambem admittir, em vista dos fundamentos seguintes:

f) Das observações astronomicas feitas em terra pelo bacharel mestre Johan, physico de el-rei, não resultam differenças nas situações calculadas a bordo durante a viagem e estas feitas á chegada, o que deveria succeder se houvesse corrente attendivel, e não deixaria de ser mencionado na carta que elle dirigiu a el-rei, por isso que

de S. E. aux environs des Abrolhos, et des orages du N. O. avec pluie et tonnerre qui arrivent également tout le longe de la côte, mais s'étendent en général assez peu au large. En résumé, pendant tout l'hiver ou mousson de S. O., entre les deux équinoxes (avril, mai, juin, juillet, août), on trouve sur la côte du Brésil, entre Rio et Bahia, jusqu'à 30 ou 40 lieues au large, des petits temps très-variables, des grains pluvieux de S. O., des orages de N. O. et des brises inégales de l'E. au Sud».—*Les côtes du Brésil*, IIe section, pages 8. Dépot des cartes e plans de la marine, Paris, 1864.

« . . . aly jouuemos toda aquela noute, e aa quimtafeira pola manhãa fezemos vella e segujmos direitos aa terra e os nauios pequenos diaute himdo per XVIJ, XVJ, XV, XVIIIJ, XIIJ. XIJ, X, e IX braças ataa mea legoa de terra onde todos lamçamos amcoras em direito da bocca de huum Rio e chegariamos a esta amcorajem aas X oras pouco mais ou menos. . . »—Carta (citada) de Pero Vaz Caminha, 1 de maio de 1500.

(5) Carta de Pero Vaz Caminha.—Carta de mestre Johan, fisico e cirugyano de El-Rei D. Manuel.—Roteiros já citados.—Effectivamente não ha nada que documente ou explique a existencia de uma tempestade, e portanto esta hypothese não tem fundamento algum, e até está banida pelos principaes e mais profundos historiadores e notaveis hydrographos.—*Corografia Brazilica do padre Cazal*. *Roteiro do Brazil* de M. Ernest Mouchez, nota (*a*), pag. 115.

n'ella se occupa das differenças que ha entre as derrotas estimadas pelos diversos pilotos da expedição, comparadas com a derrota por elle calculada. (*6*).

g) O grande circuito maritimo do oceano Atlantico Sul, caminha de leste para oeste ao longo do equador; inflecte para o sudoeste na altura da Ilha de Fernando de Noronha; desvia-se successivamente para o sul de Pernambuco em deante; dirigindo-se depois gradualmente para sueste e leste até ao Cabo da Boa Esperança; e corre além d'isto muito ao largo da costa oriental da America do sul; circumstancias estas que bem demonstram a nenhuma influencia que este circuito pode ter sobre a atterragem do navios. (*7*).

h) A corrente da costa do Brazil, que se destaca d'este grande circuito, corre para SSW parallelamente

---

(*6*) « . . . senor ayer segunda feira que fueron 27 de Abril descendymos en terra yo e el pyloto do capitan moor e el pyloto de Sancho de tovar e tomamos el altura del sol al medyodya e fallamos 56 grados e la sontra era septentrional per io qual segund las reglas del estrolabio jusgamos ser afastados de la equinocial por 17 grados e per consyguiente tener el altura del polo antartico en 17 grados segund que es magnifiesto en el espera e esto es quanto alo uno por lo qual sabra vosa alteza que todos los pylotos van adyante de mi en tanto que pero escolar va adyante 150 leguas e otros mas e outros menos pero quien dyse la verdad non se puede certyficar fasta que en boa ora allegemos al cabo de boa esperança e ally sabremos quien va mas cierto ellos com la carta o yo con la carta e el estrolabio, . . . » —Carta de mestre Johan, 1 de maio de 1500. Arch. Nac. da Torre do Tombo, Corpo Chron., parte 3.ª, maço 2, doc. n.º 2.

(*7*) *Courant général au large.* Il existe à 40 ou 50 lieues, au large de la côte du Brésil, un courant général descendant parallèlement à cette côte du N. N. E. au S. S. O., et qui n'est que la branche Sud du grand courant équatorial se bifurquant sur le cap Saint-Roque. Ce courant a une vitesse moyenne de 10 á 15 milles par 24 heures; il perd de sa force en avançant vers le S., et varie d'áilleurs selon les saisons et la force du vent. Il n'est plus guère sensible au delà du tropique. Ce courant, combiné avec la dérive produite par les vents alizés du S E., se modifie souvent et porte vers la côte au S. O. et à l'O. S. O. »—*Les côtes du Brésil* (ja citado), pag. 11. Veja-se tambem a *Chart of the World on Mercators projection*, constructed by Hermann Berghaus and Fr. v. Stülpnagel. Gotha: Justus Perthes.

á terra e a curta distancia d'ella, com pequena velocidade, não tendo acção sobre os navios senão na zona costeira, na qual a existencia da terra já está assignalada muito por fóra. (8).

i) Os navios da frota, que eram veleiros e de panno latino, podiam facilmente ganhar caminho para barlavento, vencendo qualquer d'estas correntes, mesmo que ellas fossem contrarias, quanto mais sendo fracas e derivando á feição para o largo ou parallelamente á costa, se o destino da derrota, com vento prospero, vizasse unicamente a montar o Cabo da Boa Esperança para seguir para a India. (9).

---

(8) « *Curants près de terre*. Entre le courant dont nous venons de parler et la côte, le mouvement des eaux est entièrement soumis aux vents régnants dès que la brise souffle 24 heures de la même direction, soit du N. E. ou du S. O. Le courant s'établit en conséquence et proportionnellement à la force des vents; aussi pendant la saison des vents de N. E., surtout d'octobre à janvier, les courants portent au S. O. avec une vitesse qui peut atteindre 25 à 30 milles par heurs. C'est sourtout près des points saillants, tels que les caps Saint-Augustin, le Rio Doce, les caps Saint-Thomé et Frio, que la vitesse est la plus grande. Les navires qui atterrissent dans cette saison à Pernambouc et Bahia doivent compter sur une différence d'au moins 1 mille par heure et manœuvrer en conséquence: beaucoup de navires sont portés de 36 à 40 milles au S. O. dans les 24 heures. Mais, nous le répétons, ces courants cessent avec la cause qui les produit et sont loin d'opposer à la navigation un obstacle semblable à celui que l'on rencontre le long de la côte ferme, quand on veut remonter à contre-courant et contre-mousson de Sainte-Marthe à Curaçao ou à la Guayra. A l'exception des trois ou quatre mois d'été, novembre, décembre et janvier, où les vents de N. E. sont dans toute leur force, ces courants sont assez faibles et très-variables. Pendant la mousson de S. O., ils portent au N., et sont également faibles et variables; c'est en juin et juillet qu'ils acquièrent la plus grande force ». — *Les côtes du Brésil* (já citado), pag. 12.

(9) A expedição compunha-se ao argar de Lisboa de tres naus e dez caravellas. « *Caravelle*: Le navire de ce nom, qui eut une véritable célébrité aux XVe et XVIe siécles; le navire dont se servirent les Portugais pour leur voyages de découvertes, et Christophe Colomb pour sont aventureuse navegation á l'oueste, était un petit bâtiment de la famille des vaisseaux ronds, mais plus fin de forme que les nefs ses contemporaines, et ayant des façons plus pinçés. Ainsi était-il plus rapide, meilleur manœuvrier, et plus propre á toutes les expéditions qui demandait de la célérité dans la

II. — *Que os navios foram desviados para oeste por erro commettido na navegação.* (*10*).

Esta hypothese tambem se decompõe em duas, egualmente destituidas de fundamento:

1.ª *Erro commettido no rumo ou orientação da derrota;*

2.ª *Erro na latitude ou na estimativa da distancia percorrida.*

A 1.ª hypothese não podia dar-se pelas razões seguintes:

j) As posições e orientação da costa occidental da Africa e a situação do Cabo da Boa Esperança já eram bem conhecidas pelas viagens anteriores de Diogo Cam, Bartholomeu Dias e Vasco da Gama, e portanto os pilotos sabiam perfeitamente soltar o rumo para ir dobrar o Cabo. (*11*).

k) Orientando-se a derrota pela agulha magnetica e experimentando esta uma variação para leste, com-

---

marche et une grande rapidité dans les évolutions».—*Glossaire Nautique* par A. Jal, Paris MDCCCXLVIII, pag. 419,

(*10*) Vaz de Camina, qui donne beaucoup de détails sur ce voyage, n'indique nulle part ce motif (éviter les calmes de la côte d'Afrique) comme cause de la déviation dans l'O. de la route de Cabral, et nulle par nom plus on ne lui voit invoquer le motif d'une tempête par 15° ou 16° de latitude pour expliquer ce grand écart de route et la découverte de la terre. Dés qu'on s'avance au S. de l'équateur, les alizès adonnent continuellement, et si l'on peut doubler la partie la plus orientale du continent, un peut au S. du cap Saint-Roque, l'on ne peut que s'éloigner de plus en plus de la côte qnand on cherche á doubler le cap de Bonne-Espérance, puisque, d'un côté, les vents permettent de faire plus d'E., et que, de l'autre, la côte s'éloigne vers l Ouest. Il est donc á peu prés impossible de donner un autre motif plausible de l'arrivée de Cabral en vue de terre par 16° de latitude qu'une erreur de route commise par ce navigateur.—*Les côtes du Brésil* (já citado), nota *a*, pag. 115.

(*11*) Veja-se: *Vida do Infante D. Henrique de Portugal*, por Richard Henry Major; *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama*, por A. Herculano e o Barão do Castello de Paiva; e as chronicas escriptas pelos historiadores portuguezes do seculo XVI.

prehendida entre 5° e 10°, na região considerada e na epocha em questão, não podia a pequena differença do rumo da agulha, mesmo que não fosse attendida a variação, que já era conhecida, influir no grande desvio que a frota teve para oeste. (*12*).

l) Tendo a expedição partido do Tejo com rumo feito ás Canarias, dado pelas agulhas de bordo experimentando estas uma variação egualmente comprehendida entre 5° e 10° para a leste, passou entre ellas não commettendo erro de orientação. Largando depois d'aqui para as Ilhas de Cabo Verde, nas mesmas condições, tambem deparou com este archipelago sem erro de rumo. E portanto continuando a regular-se pelas mesmas agulhas e dentro dos limites da mesma variação, não se pode admittir, nem ha documento algum que prove, ter-se dado erro de rumo proveniente da falsa indicação das agulhas. (*13*).

A 2.ª hypothese tambem não tem fundamento:

m) Porque qualquer erro commetido na latitude calculada pela observação do sol, ou na distancia estimada pelos pilotos, devia ter sido accusada pelas observações feitas em terra por mestre Johan, facto que não se deu, porquanto não consta da carta d'este physico, que especialmente se occupa do assumpto, notando até certas particularidades do rigor das observações feitas

---

(12) Ensaio de um mappa das linhas de egual declinação (linhas isogonicas) no seculo XVI, *Roteiro de Lisboa a Goa* por D. João de Castro, annotado por João de Andrade Corvo, 1882, est. XIII.

(13) Ensaio de um mappa das linhas de egual declinação no seculo XVI, (já citado). Carta de Pero Vaz Caminha. *Historia da Provincia de Santa Cruz* por Gandavo (tambem já citada). Por estes ultimos documentos sabe-se que a expedição passou entre as Canarias e depois entre as Ilhas de Cabo Verde.

durante a viagem, pelo sol e pelos astros, e das differenças que se encontravam por um e outro processo. (*14*).

n) Porque conhecendo as latitudes e os rumos, navegando em uma paragem de fracas correntes maritimas, e com vento prospero, não era possivel commetter erro sensivel no calculo ou estimativa do caminho andado, que desviasse a expedição tantos graus para oeste. (*15*).

* * *

Como acaba de ser demonstrado, tambem a 2.ª hypothese, attribuida a erro commettido na navegação, não tem fundamento algum, tanto no que diz respeito a falsa orientação da agulha magnetica, como a erronea determinação das latitudes diarias e das distancias percorridas em cada singradura, factos que ainda menos podem ser acceites desde que na expedição iam navegadores

---

[14] « . . . solamente mando a vossa alteza como estan situadas as estrellas del, pero en que grado esta cada una non lo he podido saber, antes me paresce ser impossible en la mar tomarse altura de ninguna estrella porque yo trabaje mucho en eso por poco que el navio enbalance se yerran quatro o cinco grados de guisa que se non puede fazer sy non en terra e otro tanto casy dygo de las tablas de la Indya que se non pueden tomar com ellas sy non con muy mucho trabajo, que sy vosa alteza supiese como desconcertavan todos en las pulgadas reyria dello mas que del estrolabio, porque desde de lisboa até as canarias unos de otros desconcertavan en muchas pulgadas que unos desyam mas que outros tres e quatro pulgadas e otranto desde las canarias até as yslas de cabo verde, e esto resguardando todos que el tomar fuese a una misma ora, de guisa que mas jusgavan quantas pulgadas eran por la quantydad del camino que les parescia que avyan andado que non el camino por las pulgadas, . . . »

(*15*) Cortando a linha a oeste das Ilhas de Cabo Verde e seguindo para o sul muito ao poente pelo meridiano de 30° a oeste de Greenwich, com destino a montar o Cabo da Boa Esperança, seria precisa uma corrente constante, ou um erro systematico, para oeste, de 10 milhas por dia, durante uns 15 dias, para desviar a frota tanto para o occidente: circumstancia inadmissivel, porque não existe tal corrente, nem as derrotas estabelecidas pelá pratica e traçadas nas cartas maritimas modernas se afastam para oeste do meridiano de 30°. —Veja-se a *Chart of the World on Mercators projection* (ja citada).

tades do Cabo da Boa Esperança (cabo tormentoso) fazendo a viagem muito pelo largo. (*18*).

r) Os conhecimentos determinantes d'estas instrucções, em relação aos ventos, calmas e correntes maritimas do Atlantico, tinham sido adquiridos durante as viagens anteriores feitas pelos navegadores portuguezes entre os quaes se tornaram mais notaveis: Diogo Cam, Bartholomeu Dias, Vasco da Gama e todos os pilotos que foram na primeira viagem á India. (*19*).

A 2.ª hypothese tambem hoje se demonstra sem deixar duvida alguma, porque:

s) Já em 1498, havia el-rei D. Manuel encarregado Duarte Pacheco, cavalleiro da sua casa, notavel pelo valor pessoal, de ir procurar terra ao occidente da Africa. (*20*).

---

[18] A nota anterior, evidenceia a circumstancia principal de evitar as calmarias e trovoadas da costa d'Africa, como motivo do desvio da frota para o occidente; devendo-se-lhe acrescentar o proposito de passar ao largo do cabo das Tormentas, tão temido dos navegadores, que já o conheciam pelos seus effeitos tempestuosos, como eram Bartholomeu Dias e Vasco da Gama.

(*19*) As viagens portuguezas de exploração, obedeciam todas a um plano systematico de estudo e investigação, recolhendo dados experimentaes derivados da pratica e observação das condições do meio, que pouco a pouco ia sendo conhecido, o que explica o arrojo de Vasco da Gama em soltar o rumo a meio do mar tenebroso, derivando pelo Atlantico sul a grande distancia da costa africana, abandonando o primitivo processo de exploração, costa a costa, dos navegadores que o precederam· Pedro Alvares Cabral, melhor informado das condições meteorologicas e maritimas do Atlantico, ia procurar ao largo correntes atmosphericas e maritimas favoraveis á sua derrota.

(*20*) « . . . e por tanto bem aventurado Principe temos sabido e visto como no terceiro anno de Vosso Reinado do hano de nosso senhor de míl quatrocentos e noventa e oito donde nos vossa alteza mandou descobrir a parte ocidental passando alem a grandesa do mar oceano honde he hachada e navegada huma tam grande terra firme com muitas e grandes Ilhas ajacentes a ella que se estende a satenta graaos de ladeza da linha equinocial contra o polo artico e posto que seja asaz fora he grandemente ponorada, e do mesmo circulo equinoxial torna outra vez e vay alem de vinte e oito graaos e meo de ladeza contra o pollo antartico e tanto se dilata sua grandeza e corre çom muita longura que de huma parte nan de outra nom foi visto nem sa-

t) Refere Duarte Pacheco que era esta a terra da quarta parte deoconhecida do mundo que el-rei D. Manuel mandou descobrir. (*21*).

u) Diz Pero Vaz de Caminha, na sua carta, que a frota seguiu o caminho que el-rei mandou que seguisse. (*22*).

v) Levava Pedro Alvares Cabral na expedição um

---

bido o fim e cabo della pello qual segundo ha hordem que leva he certo que vay em cercoyto per toda a Redondeza, asim que temos sabido que das prayas e costa do mar destes Reynos de Porrugual e do promontorio de finisterra e de qualquer outro lugar da europa e d africa e d azia hatravessando alem todo ho oceano direitamente ha oucidente ou a loest segundo hordem de marinharia por trinta e seis graaos de longura que seram seiscentos e quarenta e oito leguoas de caminho contado ha de soy to leguoas por graao, e ha luguares algum tanto mais longe ha hachada esta terra nom navegada pellos nauios de vossa alteza e por vosso mandado e licença os dos vossos vassallos e naturaes » e findo por esta costa sobredita do mesmo circulo equinocial em diante fez vinte e oyto graaos de ladeza contra o pollo antartico ha hachado nella muito fino brazil com outras muitas cousas de que os nauios nestes Reynos uem grandemente carregados, e primeiro muitos annos que esta costa fose sabida nem descoberta dise Vicente estorial no seu primeiro livro que se chama espelho das istorias no capitolo cento e satenta e sete « Além das tres partes do orbe ha quarta parta he alem do mar oceano interior em ho meo dia em cujos termos os antipodas dizem que habitam »—*Esmeraldo de situ orbis*. 1505, pag.as 22. 23 e 24.

(*21*) « . . . e outros antigos cosmographos que a mesma terra por muitos annos andorom e doutras pessoas que isso mesme psr uerdadeira emformaçam ha souberom em tres partes notaveis ha diuidirom » e na quarta parte que Vossa alteza mandou descobrir aleem do oceano por a elles ser uicognygta cousa algumo nom falorom « as quaes tres Asya, Europa, e Africa som chamadas cujos nomes de seu antiguo principio atee agora ionguamente sempre durarom »—*Esmeraldo de situ orbis*, 1505 pag.a 27.

(*22*) « . . . e asy seguimos vosso caminho per este mar de comgo atãa terça feira doitauas de pascoa que foram XX dias d abril que topamos algunns synaaes de tera . . . . . » Carta de Pero Vaz de Caminha, 1 de maio de 1500 (já citadr). « Esta communicação de Oaz de Caminha a el-rei D. Manuel. relatando que a frota seguiu o caminho indicado de antemão (*vosso caminho*). relaciouada de mais a mais com a referencia de terem topado os primeiroo signaes da terra, mostra claramente o proposito com que a expedição se afastou para oeste. trilhando uma derrota traçada em instrucções positivas que Pedro Alvares Cabral levava comsigo (nota 17) e dando conta do bom resultado que obtiveram em seguir essas instrucções que el-rei scientemente lhes ordenou.

navio destinado a voltar para traz, dando conta do resultado da exploração ao occidente, que era a nau dos mantimentos. (23).

x) Fazendo-se os geraes de SE. na estação considerada, muito para E. depois de passar a linha para o sul, e justificando-se o desvio para oeste unicamente por vantagem da navegação, tinha a frota aproveitado aquella circumstancia favoravel do alargamento do vento, para barlaventear na direcção do Cabo da Boa Esperança; o que não fez, porquanto arribou para o occidente em direcção opposta áquella que deveria seguir pretendendo simplesmente montar o Cabo da Boa Esperança. (24).

y) Além das instrucções conhecidas dadas a Pedro Alvares Cabral, nenhuma prova ha de que elle não levasse tambem instrucções verbaes e confidenciaes; é mesmo evidente que deviam existir para tão delicada empreza, e, portanto, estar entre estas incluida a de pro-

(23) « . . . e tanto que comemos vieram logo todolos capitãaes a esta naao per mandado do capitam moor, com os quaes se ele apartou, e eu na companhia, e preguntou asy a todos se nos parecia seer bem mandar a noua do achamento desta terra a Vosa alteza pelo nauio dos mantimentos, pera a milhor mandar descobrir, e saber dela mais do que agora nos podiamos saber por hirmos de nosa viajem e antre muitas falas que no caso se feseram, foy per todos ou a mayor parte dito que seria muito bem, e nisto comcrudiram, . . . » *Carta de Pero Vaz Caminha* (já citada)—Na primeira viagem á India tinha Vasco da Gama mandado desfazer a náo dos mantimentos.—« Em vinte e cinquo dias do dito mês de novenbro, huum sabado á tarde dia de Santa Caterina, entrámos em a angra de Sam Brás, onde estevemos treze dias, porque nesta amgra desfezemos a naoo que levava os mantimentos e os rrecolhemos aos nauios »—*Roteiro da Viagem de Vasco da Gama* (já citado).—N'esta segunda expedição, porém, tudo leva a crer que Vasco da Gama, tendo em vista não perder o navio, tivesse incluido nas instrucções nauticas que deu a Cabral, a indicação de aproveitar a náo dos mantimentos para voltar para traz, dando conta da investigação que a frota ia fazer ao occidente na sua passagem para o Cabo da Boa Esperança.

(24) Vejam-se as notas (4) e (10).

curar terra ao occidente na sua travessia tão amarada do continente Africano.

z) A unica objecção até hoje apresentada contra a existencia de instrucções verbaes ou confidenciaes para procurar terra a oeste, é a de que em relação a este descobrimento, nada explica o segredo que d'ellas se fez anteriormente, nem a falta de referencia posterior; mas esta razão contradictoria carece de fundamento, encontrando pelo contrario completa explicação na reserva que deveria haver nas explorações maritimas, desde que outras nações procuravam combater pela concorrencia a notavel expansão de Portugal sobre o globo.

A 3.ª hypothese fica evidentemente prejudicada em face dos fundamentos que justificam a hypothese anterior.

* * *

Portanto em vista dos factos e razões apresentadas no decurso d'esta memoria, julgamos ter demonstrado com authenticidade e fundamento: que Pedro Alvares Cabral descobriu o Brazil porque levava instrucções de se desviar para oeste, não só por vantagem da navegação, como tambem para na sua passagem explorar os mares occidentaes, onde havia toda a probabilidade de existir terra.

Lisboa 7 de maio de 1892.

O illustre Sr. Baldaque da Silva, não prestando a devida attenção ao modo por que está escripta a palavra «Nosso» ou «Noso» na carta de Caminha, claudicou, entendendo-a por «vosso,» e assim externou uma opinião,

que não se firma na verdade historica, dando isso logar á falsa exposição de que se serviu para fundamentar um juiso erroneo.

Eis os differentes topicos de varios escriptores referentemente ao periodo em que vem consignada a expressão de Caminha:

« . . . e assim seguimos NOSSO caminho por este mar de longo até terça-feira, oitava da Pascoa, que foram 21 de abril, que topamos alguns signaes de terra, sendo da dita ilha . CARTA DE VAZ DE CAMINHA, copiada do original, na Torre do Tombo, por Porto Seguro—Revista do Instituto Historico do Brazil, tomo XL, parte 2.ª, pags. 14.

« . . . e asy seguimos NOSO caminho per ese mar de lomgo ataam terça feyra Doitavas de Pascoa, que foram 21 dias da Abril, que topamos alguuns synaaes de terra, seendo da dita ilha ». CARTA DE VAZ DE CAMINHA, imp. na *Corographia Brasilica*, de Ayres de Cazal, tomo I, pags. II, em nota.

« . . . e asy seguimos NOSSO caminho per este mar de lomgo ataa terça feira doitauas de pascoa que foram XXI dias dabril que topamos alguñs synaaes de tera seendo da dita ilha . CARTA DE PERO VAZ CAMINHA, imp. no *Centenario do descobrimento d America, Lisboa, 1892:* parte terceira do escripto do sr. Aragão, doc. n. 2. Esta copia foi restaurada pelo paleographo sr. J. Basto.

Não ha muito tempo, em artigo inserto na «A Provincia do Pará , o Sr. Bertino de Miranda, sob o pseudonymo de Mephisto, fez igual reparo, de que me sirvo hoje no mesmo intuito de destruir tão erronea affirmativa.

O lendario João Ramalho

Sobre tão illustre personagem correm diversas versões, dignas de attenção, e que parecem demonstrar o conhecimento da existencia do Brazil muito antes de Pedro Alvares Cabral.

E como seja interessante o assumpto a que se prende a lendaria figura desse mysterioso personagem, darei noticia dos documentos e da historia que correm a seu respeito.

Em testamento feito a 3 de Maio de 1580, em as notas do tabellião Lourenço Vaz, da villa de S. Paulo, e na presença do Juiz ordinario Pedro Dias e de quatro testemunhas dignas de fé, declarou João Ramalho que estava no Brazil desde 1490, portanto a noventa annos. (*a*) (Vide carta do P.e M.e Frei Gaspar da Madre Deus, publicada na Revista do Instituto Hist. e Geographico do Brazil de 1840, vol. 2.º).

Segundo uma memoria escripta pelo P.e Jorge Moreira no meio do seculo passado, em companhia de Ramalho veio Antonio Rodrigues, que casou com uma filha do cacique *Piquiroby* da aldeia dos Ururahys.

(*a*) Em uma de suas *Memorias* publicadas na *Revista do Inst. Hist. e Geographico do Brazil*, tomo XL, disse o fallecido Dr. Candido Mendes.

.....

Mas, e é nossa conjectura, se o fallecimento de João Ramalho não foi

A existencia, se é real, de João Ramalho e de seu companheiro no Brazil em época anterior a 1500, em que foi descoberto o nosso paiz, prova talvez o naufragio de alguma embarcação, que se dirigisse a paragens conhecidas pelos portuguezes, vindo dar á costa de Santos por effeito de alguma tempestade, como aconteceu com outras embarcações de que não se teve mais noticia no reino. (a)

Ramalho gosava de grande prestigio entre os povos indigenas que habitavam a vasta região por elle conhecida, e acostumado a viver entre elles de longa data ena-

---

em 1558, por certo não ultrapassou de 1560, quando muito: e com toda probabilidade na sua villa de S. André. Nessa época o velho degradado devêra contar de oitenta e seis a oitenta e oito annos, calculando em trinta a sua edade presumivel, quando em Janeiro de 1502 aportou em Cananéa. E não era deficiente esse termo de existencia em razão da vida trabalhosa que curtiu.

O referido Dr. Candido Mendes, em suas notaveis *Memorias*, combate as affirmativas de fr. Gaspar da Madre de Deus (no seculo Gaspar Teixeira de Azevedo, paulista) acerca da existencia de João Ramalho no Brazil, antes do descobrimento da America.

(a) Beauchamp diz que João Ramalho naufragou na costa de Santos durante a expedição de Gonçalo Coelho em 1503, e na qual se perderam 4 navios.

O Dr. Joaquim Manoel de Macedo da o naufragio de Ramalho em 1512.

O fallecido senador do Imperio Candido Mendes admitte como mais fundada a conjectura de ter João Ramalho feito parte da expedição de Americo Vespucio, com a frota lusitana de que era cabo D. Nuno Manoel ou André Gonçalves, e que desembarcou em S. Vicente a 22 ou 25 de Janeiro de 1502.

O Dr João Mendes pensa serem João Ramalho e Antonio Rodrigues com nomes mudados, os dous grumetes referidos por Pedro Vaz de Caminha, os quaes ficaram em Porto Seguro, quando d'ali sahiu a armada de Cabral, e que emigraram para o sul com os *tupi-nà-ki*.

Ha tambem supposição de ter sido deixado com Antonio Rodrigues no porto de Cananéa, quando ali esteve a expedição de André Gonçalves, que partiu de Portugal em 1501; e outros pensam que elles fossem deixados nas praias de S. Vicente no tempo em que vieram ao Brazil João Dias Solis em 1513, e Fernão de Magalhães em 1519.

morou-se da filha de Tebyreçá, chefe dos Guayanazes, de nome Bartira (*a*) e com ella casou-se.

Quando Martim Affonso de Souza no dia 22 de Janeiro de 1532 entrou na barra da Bertioga, (*b*) levando á terra o sequito que o acompanhava, assignalados serviços prestou-lhe Ramalho, que assim conquistou a estima dos novos dominadores.

Em attenção do seu devotamento a Martim Affonso de Souza, foram-lhe dispensadas muitas distincções, chegando a exercer os cargos de capitão-mor, alcaide-mor e vereador.

Em 1562 foi proclamado pelo povo e pela camara de S. Paulo capitão do troço de gente, que tinha de combater os indios *Tupininquins* no sertão, os quaes, em suas correrias, já tinham atacado a villa de Piratininga.

O illustrado Dr João Mendes de Almeida, no seu interessante livro — *Algumas Notas Genealogicas* — occupando-se da individualidade de Ramalho, não abona-lhe o caracter, considera-o analphabeto, (*c*) e diz que foi excommungado e tolhido de frequentar as igrejas, por ser debochado e viver em constantes relações illicitas com diversas indias; e além disso tornou-se até ingrato ao cacique Tebyreçá. « Costumava sahir seguido da numerosa caterva dos filhos bastardos, *mamelucos*, gente ruim e desalmada, que se derramavam a fazer alvorotos e a injuriar e calumniar os padres jezuitas. »

(*a*) No baptismo teve o nome de Izabel e *Tebyreçá* o de *Martim Affonso*

(*b*) Corrupção do nome *Buriquí-óca*, que quer dizer—morada de bugios.

(*c*) O illustrado historiador Visconde de Porto Seguro, em carta mandada imprimir no tomo 2.° da Revista do Inst. Hist. e Geographico do Brazil, referindo-se a Ramalho, disse:

« No archivo da Camara Municipal (S. Paulo) acham-se livros bem anti-

Já de Antonio Rodrigues não se fala desse modo; ao contrario, elogia-se o seu caracter e a estima em que era tido pela sua conducta exemplar.

E' delle descendente o celebre Amador Bueno da Ribeira.

O Padre Simão de Vasconcellos, na sua *Chronica da Companhia de Jesus*, liv. 1, n. 77, relata:

« Havia em S. Vicente um João Ramalho, homem *por graves crimes infame*, e actualmente excommungado. Mandou-lhe o padre Leonardo pedir com cortezia fosse servido sahir-se da igreja, porque podesse elle celebrar sacrificio, pois não podia em sua presença: fel-o assim, e celebrou o padre.

Porém dous filhos seus mamelucos, dados por affrontados, determinárão castigar no servo do Senhor a injuria que tinhão por feita ao pae; etc. »

O allemão Ulrico Schmidel de Straubing, na sua *Historia verdadeira de uma viagem curiosa na America ou Novo Mundo, pelo Brazil e Rio da Prata, desde o anno de 1534 até 1554*, a qual foi publicada em Francfort sobre o Meno em 1567, confirma os conceitos do P.e Simão de Vasconcellos ácerca de Ramalho.

A' vista de tão variadas opiniões não se póde portanto firmar a verdade historica, que corre a respeito

---

gos, cuja letra já pertence á paleographia. Entre estes deve-se contar o caderno que contém as vercanças da extincta villa de S. André, dos annos de 1555 a 1558, nos quaes por vezes se acha a *assignatura* de João Ramalhó, *o qual não sabia escrever*, e por seu *signal* usava de um risco com volta de ferradura aberta para o lado esquerdo, em que ia o seu nome de baptismo, seguindo-se o appellido.

Vê-se do mesmo livro que elle era capitão e alcaide-mór do campo, e que depois foi vereador da Camara.

Tambem consta de *outro livro* o sitio em que tinha sua sesmaria, mas nada obtive a respeito da época *da sua vinda*, de mais além do que consta das cartas dos jesuitas da bibliotheca publica dessa cidade (Côrte).

de João Ramalho, por isso que diversos historiadores são concordes em explicar a sua existencia no Brazil, depois do descobrimento desse paiz por Pedro Alvares Cabral.

E assim ficamos todos na duvida, por falta de provas seguras das affirmativas de quem abalançou-se a collocal-o na precedencia do descobrimento da America por Christovão Colombo.

D'onde procede a denominação de AMERICA

A procedencia desse nome tem dado logar a varias opiniões, que presentemente ainda não se acham bem esclarecidas, pelas divergencias de diversos escriptores, tornando-se por esse facto difficil o conhecimento da verdade sobre a origem do vocabulo, de que me occupo.

Em todo o caso, exponho ao juizo do leitor o que existe ácerca desse assumpto, para que assim possa firmar a opinião que melhor convenha em face das justas apreciações e do criterio historico.

Acreditam alguns escriptores de nota—que o nome *America* por que é conhecido o continente do Novo-Mundo, não tem a origem até hoje acceita por quasi todos os historiadores, que attribuem-na a Americo Vespucio; e sim á formação de raizes gregas, cuja lingua foi outr'ora muito estudada pelos sabios europeus, e d'ahi nasceu a crença de ter vindo a palavra *America* do termo *Ameirogaia*, que quer dizer—terra mui remota do antigo mundo, pois a sua composição é esta:

— *Meiró* — dividir.

— *Myrios* — muito grande, muito distante.

— *Gaia* — terra. (*a*)

. . . . . .

O escriptor inglez Warden julga que a denominação de *America* não provém de Americo Vespucio, e sim do vocabulo *tupy maraca*, termo este que os indigenas pronunciaram ao verem os primeiros navios, que pareciam-lhes *objectos ôcos*, dando isto logar a que os navegadores julgassem ser esse nome o da terra descoberta.

A referida palavra indigena significa um arbusto de espinho.

Em 1507, Martin Ualtzemüller (Hylacomylus) na *Cosmographia Introductio*, publicada em Saint Dié, propoz o nome de America ao Novo-Mundo, na reunião do «Gymnase Vosgien,» grupo de sabios constituido sob a protecção do duque de Lorraine, o qual só foi adoptado depois da morte de Americo Vespucio, que falleceu em Sevilha a 22 de Fevereiro de 1512.

Depois o astronomo Johan Schoner de Bamberg em 1515, e Vadianus (Joaquim de Uatt) em 1518, acceitaram a mesma denominação, mais tarde repetida no mappa mundi de Appianus (Pedro Bienewitz), gravado em 1520.

O Dr. Pedro Margallo *(b)* no livro *Phisices Compendium*, publicado em 1520, acceitou essa denominação, que é espalhada pelos edictores da geographia de Pto-

---

(a) M. *von der* Hagen, profundo literato allemão e versado no estudo das linguas, diz que esse nome é de *origem germanica*.

(b) Era portuguez, natural de Elvas, e occupou os logares de lente nas Universidades de Salamanca e de Coimbra. Era doutor em Theologia pela Universidade de Paris, e em direito canonico pela de Salamanca. Falleceu na era de 1556, e em Portugal exerceu cargos de alta importancia.

lomeu, impressa em 1522 em Strasbourg e popularisada por Abrahão Ortelio, o *Theatrum Orbis Terrarum*, publicado em 1570.

Antes dessas datas, em 1509, appareceu em Strasbourg um tratado geographico em brochura, sob o titulo de *Globus Mundi declaratio, sive descriptio mundi et totius orbis terraram*, no qual pela primeira vez foi empregada a denominação de *America*, para designar o Novo-Mundo, acceitando assim o seu auctor a lembrança de Hylacomylus em 1507.

O sabio Lourenço Phrisius, admirador de Vespucio, inscreveu na edição da geographia de Ptolomeu, em 1522, o nome de *America* sobre um mappa mundi, prestando assim o seu reconhecido apreço ao illustre navegador.

Na opinião de abalisados historiadores, a denominação de *America* procede do nome de baptismo de *Americo* (Vespucio), o que parece indicar a verdade historica entre outras origens em que se firmam não menos distinctos escriptores.

O P.e Ayres de Casal, na *Chorographia Brazilica*, diz na introducção: *(a)*.

(a) O P.e Manoel Ayres de Casal, presbytero secular do grão priorato do Crato, auctor do magistral trabalho «Corographia Brazilica», publicado em 1817 na Imprensa Regia do Rio de Janeiro, e que para isso teve privilegio por 14 annos, segundo Alvará de D. João VI, nasceu em Portugal em 1754, na opinião de Innocencio da Silva.

Era investigador profundo e antes de escrever a sua obra viajou muito pelo Brazil, adquirindo assim conhecimento verdadeiro dos pontos historicos de que se occupou mais tarde.

Desejando publicar a segunda edição do seu trabalho, mais ampliada e corrigida, á vista de novas observações e das que foram suggeridas por José Bonifacio de Andrada, secretario perpetuo da Academia de Sciencias de Lisboa, nesse intuito dirigiu-se a Portugal, embarcando na esquadra que conduziu D. João VI em regresso á patria.

Infelizmente, antes de realisar a intenção que ali o levára, falleceu em casa

«A America, segunda das quatro partes da terra em grandeza, e que por si só forma um hemisferio, ou a metade do globo terrestre, deriva o nome d'Americo Vespucio, piloto Florentino, que fez a este paiz duas viagens no serviço de Castella, e outras duas, se houvermos de lhe dar credito, por mandado d'El Rey D. Manoel».

Tambem se diz que os indigenas — *Camericanuaras [?]* tinham por habito bater com os pés e as armas no chão ao modo de quem amassa a terra, quando se entregavam a exercicio de guerra *(mai aná c'america)* e que Colombo de volta para a Hespanha *amassou barro* com pés e mãos *(oc' america ana)*, tendo construido antes um pequeno forte no novo-continente, conhecido na lingua indigena por — *mucana o'ca merim.* —

Com essa palavra os escriptores modernos fazem a composição do seguinte nome. *Muc'*-A-*na*-meri-*m o* ca, de onde surge em letras sublinhadas a denominação — *A-meri-ca.* —

Se não fôsse uma ficção, verdadeiro paradoxo, seria caso para reflexão e estudo da parte dos que procuram dar a verdadeira origem do nome por que hoje é conhecido o Novo-Mundo.

---

de frei Joaquim Damaso, bibliothecario da casa real, cargo este que tambem occupara na bibliotheca publica do Rio de Janeiro.

Consoante Saint Hilaire, o P.e Ayres de Casal falleceu em Lisboa na indigencia, sem poder publicar a segunda edição de sua excellente obra sobre o Brazil.

Silvio Romero presume ter elle fallecido pouco depois de 1821.

Quando o Conselheiro Drumond chegou a Lisboa em 1838, não encontrou vivos o P.e Casal e frei Joaquim Damaso, e, por noticia de um sobrinho deste com loja de gravador na rua do Ouro, soube que os documentos historicos e mais papeis pertencentes aos referidos sacerdotes, tinham sido vendidos a diversos taverneiros da cidade. E assim perderam-se ricos mananciaes da nossa historia!

Entretanto, Humboldt, que foi um observador profundo dos costumes e da ethnographia dos povos americanos, não consigna nenhuma apreciação sobre essa palavra indigena; apenas manifesta que o nome de America, á vista de suas pesquizas, foi imaginado e espalhado pelos antigos geographos e historiadores, sem que para isso fossem influenciados por Americo Vespucio.

Um escriptor illustre, conhecido sob diversos pseudonymos, sendo um d'elles o de *Lambert*, pensa que o nome de America deve ter uma origem mais elevada, e que deve provir de uma palavra dos *Inca*, significando o «Grande paiz do Sol» ou «Terra Santa».

Julio Marcou diz que essa palavra é americana e significa *terras altas* ou *cadeias de montanhas*.

Post-scripto

Na edição d'*A Provincia* de 21 de Abril do corrente anno, em artigo redactorial, sob a epigraphe—*Duas Datas Celebres*—o seu auctor, fazendo ligeiras considerações, contestou ser o dia 3 de Maio a verdadeira data do descobrimento do Brazil, não obstante ter sido ella reconhecida na lei basica da Republica, e por isso consagrada como dia de feriado nacional.

Sobre esse assumpto publiquei na *Folha do Norte*, em dia posterior, a reproducção das primeiras paginas deste livro, concernentes á materia de que se occupou o articulista, o que deu logar a inserção das seguintes linhas n'*A Provincia* de 23 do citado mez:

A DESCOBERTA DO BRAZIL

Externamos a nossa opinião ácerca da data do descobrimento do Brazil, entregando-a á apreciação do doutos.

Sahio a campo o sr. Candido Costa, refutando o nosso odo de vêr a respeito da questão, finalisando o seu arrazoado, com as seguintes palavras:

«Assim, pois, 22 de abril de 1500 corresponde «perfeitamente hoje a 3 de maio, a contar do anno «de 1582, observando-se o augmento de dez dias, «e mais dois nos annos seculares de 1700 e de 1800, «que não foram considerados bissextos.

Ora, segundo o mesmo articulista, ainda não será bissexto o anno de 1900, o que se collige desta citação:

«Sobre este assumpto diz o dr. Teixeira de Mello, «em suas *Ephemerides Nacionaes:* para que o erro «não tornasse a reproduzir-se, a mesma bulla orde«nou que, no espaço de quatro seculos, trez annos «que deveriam ser bissextos não o fossem, a saber: «os annos de 1700, 1800 e 1900».

O seu pensamento mais se esclarece no topico da nota que vem abaixo:

«O papa estabeleceu o novo calendario pela bulla «de 24 de fevereiro de 1582, dispondo: que a) para «remediar o erro actual se tirassem dez dias ao mez «de outubro de 1582, passando o dia cinco a con«tar-se por 15; b) para evitar de futuro a continua«ção do erro, se tirassem trez dias, em cada quatro«centos annos, de fórma que, dos annos seculares «ou ultimos de cada seculo, que todos são bissextos,

«só um o fosse de quatrocentos em quatrocentos «annos. Assim, ficando bissexto o anno de 1600, «primeiro secular depois da reforma, deixariam de o «ser os de 1700, 1800, 1900, tornando a sêl-o o «de 2000, e assim successivamente».

Se, portanto, 1900 não é bissexto, é claro que o descobrimento do Brazil foi a 4 de maio e não 3.

Pódem objectar-nos que o anno de 1900, ainda não chegou. Pouco importa. Chegado que seja, o descobrimento do Brazil passará a ser celebrado a 4 de maio.

Onde, pois, ficará a exactidão nas datas historicas? Aonde nos arrastarão essas continuas mudanças?.

O sr. Candido Costa veio provar ainda mais, que, apezar de todos os esforços, é impossivel explicar o erroneo uso pela correcção gregoriana, facto posterior cuja invocação não se deu nem se dá com relação a outras datas anteriores a 1582.

*

Distincto cidadão, que emprega uma bôa parte de sua actividade na investigação de assumptos historicos, obsequiou-nos hontem com as interessantes linhas que abaixo publicamos.

Trata-se de uma questão que reputamos aberta á luz de todo elucidação. Assim é com prazer que abrimos espaço ao seguinte:

«Sr. Redactor d'*A Provincia do Pará*,—O artigo publicado hoje na *Folha do Norte*, sob o titulo—A data da descoberta,—veio arraigar em meu espirito a convicção de ser o dia 3 de maio a data em

que deve celebrar-se o descobrimento do Brazil, sendo por isso correcta a sua consagração official.

Por *descoberta* ou *descobrimento* de uma terra, no sentido historico, entende-se não unicamente—*ter vista della*—porque nesse caso Hojeda e Vicente Pinson teriam direito á primazia, com relação ao Brazil, mas o facto de entrar na dita terra, com o animo de demorar-se nella, e entreter relações com os naturaes.

Assim, segundo as informações de Pero Vaz Caminha, Cabral encontrou primeiramente signaes de terra—é provavel que pela côr das aguas—na terça-feira, 21 de abril. Na quarta feira 22, tiveram os navegantes vista de terra, para a qual se dirigiram, ancorando ás dez horas da manhã de 23, quando começavam a apparecer os indigenas.

D'ahi, contando os dez dias da correcção gregoriana, chegamos exactamente ao dia 3 de maio, que é a data geral e correctamente admittida.

Não comprehendo por que razão devem ser addicionados os dois dias excluidos dos annos seculares bissextos, e o proprio sr. Candido Costa se embaraça no calculo, contado de 22 de abril a 3 de maio doze dias, quando não ha senão onze.

Se o descobrimento teve logar no dia 22, a correcção gregoriana exacta traz-nos ao dia 2 de maio, e a addição dos dois dias, nos annos seculares, a 4 de maio. Em qualquer dos casos a affirmação do sr. Candido Costa parece portanto incorrecta. A verdade é que no dia 3 de maio, tal qual contamos hoje, o Sol se encontra em relação á Terra, na mesma posição em que se achava no dia 23 de abril, antes da correcção gregoriana.

Se v. s. achar que isto interessa aos seus leitores, queira dar publicidade a estas despretenciosas notas, obsequiando assim — *Um antigo assignante*.

Eis a minha resposta:

A data da Descoberta *(a)*.

Um collaborador d'*A Provincia*, querendo contraditar o meu arrazoado ácerca do assumpto que serve de thema á discussão, que tem por fim esclarecer a verdadeira data do descobrimento do Brazil, mas correspondente hoje á sua consagração official (que é 3 de Maio), deixa de acceitar a minha opinião, em face das rasões que assignala.

Não pretendo polemicar, por faltar-me tempo para isso, á vista dos trabalhos que tenho em mão; entretanto, não deixarei passar sem reparo as enunciações dos articulistas de hontem sobre a materia já referida.

Assim, direi que as considerações externadas por mim no artigo que publiquei na *Folha*, são o resultado e o reflexo de opiniões valiosas, expostas com estudo e competencia, e por isso não tive o menor escrupulo de acceital-as, firmando-me dest'arte na opinião esclarecida dos doutos.

Não ha por ahi quem possa pôr em duvida a intelligencia mascula do illustre brazileiro dr. Americo Braziliense, ha pouco roubado do mundo dos vivos, com grande magua para a Patria. Pois bem: elle, como mestre, e profundo investigador dos factos

---

(a) Este titulo foi dado pela redacção.

Em seu livro notavel—Lições de historia patria — que é um thesouro de investigações constantes, diz o illustre morto:

. . . . . .

O anno foi no tempo de Romulo dividido em 10 mezes, contendo 304 dias.

Numa Pompilio accrescentou os mezes de Janeiro e Fevereiro, fazendo que o anno tivesse 355 dias.

Julio Cesar, considerando imperfeito este kalendario, o reformou, ouvindo um astronomo celebre do seu tempo, e tendo adoptado como base a opinião desse astronomo, que dava ao anno solar 365 dias e 6 horas completas. Gregorio XIII, tendo acceitado por base o anno solar de 365 dias, 5 horas e 49 minutos, reformou o kalendario Juliano. — Em 1582 começou a vigorar a *correcção* ou kalendario Gregoriano.

Se, como se crê, a differença entre os dois estylos é de *12 dias* (é meu o grypho), fica bem claro que as datas dos annos anteriores a 1582 serão alteradas, quando tomadas ou consideradas em face do novo kalendario, que é o acceito pelas nações

---

1900—2099—22	«	10+3	4	«
2100—2199—22	«	10+4	5	«
2200—2299—22	«	10+5	6	«
2300—2499—22	«	10+6	7	«
2500—2599—22	«	10+7	8	«
2600—2699—22	«	10+8	9	«
2700—2899—22	«	10+9	10	«

catholicas, e tambem pelos protestantes, depois de longa opposição.

—Agora, ouçamos a palavra auctorisada e competente do dr. Luiz de Queiroz Mattoso Maia em seu livro—Lições de Historia do Brazil—proferidas no internato do Gymnasio Nacional, onde é professor de reconhecido merito.

Eil-a:

«Deve merecer nova consideração uma observação judiciosamente feita por alguns auctores, e entre elles pelo sr. dr. Americo Braziliense nas suas bellas lições, ha pouco publicadas em S. Paulo, e vem a ser que quando dizemos que o Brazil foi descoberto a 22 de Abril de 1500, não devemos esquecer que a éra então se calculava pelo kalendario *Juliano*, e não ainda pelo *Gregoriano*; por esta ultima reforma tem-se de accrescentar no presente seculo mais 12 dias».

O cavalheiro que discretea n'*A Provincia*, sob tão honrosos conceitos da digna redacção, participa da minha convicção, quanto á data de *3 de Maio* (no presente seculo dia do descobrimento do Brazil), discordando apenas do calculo de 12 dias, que, no seu entender, não é exacto, achando-se assim, portanto, em opposição a mais de um historiador.

E' verdade que a esse respeito as opiniões são desencontradas, mas o que não resta duvida é que o dia da consagração official do descobrimento do Brazil foi sanccionado pela Constituinte da Republica, figurando nella homens de saber e de provados conhecimentos.

Não posso furtar-me ao desejo de transcrever o

que disse o illustrado maranhense dr. João Mendes de Almeida com relação a Pedro Alvares Cabral, no seu bem elaborado livro—*Algumas Notas Genealogicas:*

«Segundo a carta de Pero Vaz Caminha, escrivão da armada, foram vistos signaes de terra no dia 21 de Abril de 1500. No dia 22 foi avistada a terra, e lançadas as ancoras, ao sol posto; e o grande monte foi denominado *Monte Paschoal*, e a terra tomou o nome de *Vera Cruz:*—era quarta-feira santa.

No dia 23, houve o desembarque de Nicolau Coelho e de alguns homens da armada; e, encontrando indigenas na praia, com elles entretiveram-se:—era quinta-feira santa. Nesse dia, conforme a commemoração da Egreja, Jesus-Christo era descido da cruz, na qual expirára.

Se attendermos á correcção feita no kalendario Juliano (então em vigor) pelo papa Gregorio XIII em 1582, e se considerarmos que esse grande facto occorreu já depois de passado o dia 29 de Fevereiro, isto é—depois de tornado bissexto o anno de 1500, verificaremos que o dia 23 de Abril desse anno (o do desembarque) não era verdadeiramente senão no dia 3 de Maio, no qual a Egreja deveria estar celebrando a *Invenção da Santa Cruz,* se estivera já então em vigor a correcção Gregoriana.

O já citado João de Barros, por uma inspiração inexplicavel, diz que Pedro Alvares Cabral, ao levantar ancora, no dia *3 de Maio,* deu á terra descoberta o nome de *Santa Cruz.*

Como, pois, approximou elle os dois dias, então *diversos* (23 de Abril e 3 de Maio), segundo cada

tou provar que o actual Porto Seguro é o mesmo que serviu de ancoradouro á frota de Cabral.

Cingindo-nos ao resumo apresentado pelo historiografo José de Vasconcellos, no seu livro *Datas celebres e factos notaveis da historia do Brasil*, diremos que o primitivo local se acha a dua leguas de distancia, para o norte, do que assim se conhece presentemente, conforme escreveram — Pedro de Magalhães Gandavo, em 1576; o jesuita José de Anchieta, em 1584; Gabriel Soares de Sousa, em 1587; o padre Fernão Cardim, em 1590, Manoel Pimentel, em 1752. Esse logar é indicado hoje por — Enseada da Corôa Vermelha ou Porto Santa Cruz, — que o geografo Aires do Casal planeou mudar para Bahia Cabralia, como religioso preito á memoria inolvidavel de Pedro Alvares Cabral. Esta transformação, oriunda de um amante da justiça e da sciencia incontroversa, só foi adoptada por monsenhor Pisarro, visconde de Cairú e contra-almirante francez, o proficiente Mouchez, que assim a designou nas suas obras concernentes á costa do Brasil.

Nesta hora, ao recordar a temeraria jornada que desvendou aos povos cultos as vastissimas plagas brasilicas, tolda-nos a alma um veu de intenso negrume. Doe-nos o ver que, transcorridos longuissimos tresentos e noventa e seis annos, exactamente quando se projecta a celebração do quatri-centenario da descoberta do

---

francas symbolisações de respeito, por isso que foi um dos mais operosos investigadores e profundo analysador da nossa historia patria; e, como perenne testemunho do seu entranhado amor ao trabalho, ahi estão os seus notaveis escriptos, e como monumento grandioso da musculatura do seu infatigavel espirito — A Historia Geral do Brazil.

Esse livro, que consubstancia as mais profundas investigações, é o maior *padrão* de sua gloria immortal.

Brasil, ainda não houvesse quem prestasse uma ligeira homenagem ao audacioso navegante. *(a)*

Fala-se em dar á nova capital da Republica Brasileira o nome de CABRALIA. Mas a edificação tarda e esse acto de reconhecimento, esse respeito pela abnegação e pelo heroismo, sepultar-se-ão talvez no limbo das idéas nocivas

Conformemo-nos. A commemoração do quarto centenario da descoberta do Brasil trará o restabelecimento da authenticidade historica, jorrando luz sobre a dubiedade de muitas asseverações, cujo defeito está na desagregação dos esforços e na cegueira de alguns argumentadores, os quaes ainda não se compenetraram de que a sciencia paira em região superior aos convencionaes limites demarcados pela diplomacia.

Esperamos dos iniciadores da ampla festa o testemunho de apreço que a civilisação universal já concedeu a Christovão Colombo, Vasco da Gama, Fernão de Magalhães. A gloria destes grandes capitães não offusca a de Pedro Alvares Cabral e seus companheiros, que revelaram um dos maiores e mais ricos paizes da Terra, atravessando incontaveis perigos.

As gerações futuras, reverenciando os feitos dos seus antepassados, além de a renderem a trilhar o verdadeiro caminho, ennobrecem-se e honram-se!

FRANCISCO PACHECO.

(a) Em Portugal, o Snr Capitão de artilharia Zeferino Brandão, já teve idéa de levantar nesse paiz um monumento em honra de Cabral.

E' certamente digno de reparo não se ter no Brazil levantado uma estatua, em memoria do ousado almirante, que aos povos cultos patenteou o vasto paiz em que habitamos.

Acredito, porém, que, embora tardio, esse preito de reconhecimento ser-lhe-ha prestado por algum patriota brazileiro, ou pelo governo do meu paiz.

INDEX

Ao leitor 7
A America antes do descobrimento de Colombo 17
Templo prehistorico 41
Christovão Colombo 83
Pedro Alvares Cabral 129
O Descobrimento do Brazil por Pedro Alvares Cabral foi devido a um mero acaso 177
Sobre o descobrimento do Brazil . 237
Carta de Mestre João 327
Carta de Pero Vaz Caminha 330
O descobrimento do Brazil (Memoria de Baldaque) 357
O lendario João Ramalho 375
Donde procede a denominação de America 379
Post-scripto 383

ERRATA

PAG.	LINHA	ERROS	EMENDAS
18	13	Harbefeue	Harlsefue
32	13	Diodoro Siculo	Diodoro de Sicilia
33	2.ª [nota]	ventureiros	aventureiros
62	30	enviada	enviou
75	20	ter	terem
91	1.ª [nota]	Portu	Portugal
131	11	lhe á	lhe dá
255	2.ª [nota]	e 1455	a 1545

Além destes, ha outros erros de facil correcção pela boa leitura.

OBSERVAÇÃO

O marechal do Imperio Raymundo José da Cunha Mattos falleceu a 23 de Fevereiro de 1839, como se vê da sua necrologia publicada no «Despertador», n.º 273, de 28 do mesmo mez e anno; e não em 2 de Março de 1837, como se lê nas «Datas historicas» publicadas no «Jornal do Brasil» desse mez do corrente anno, dando lugar ao erro da nota (a) pag. 63 deste livro.

UNIVERSITY OF MICHIGAN
3 9015 03596 2540